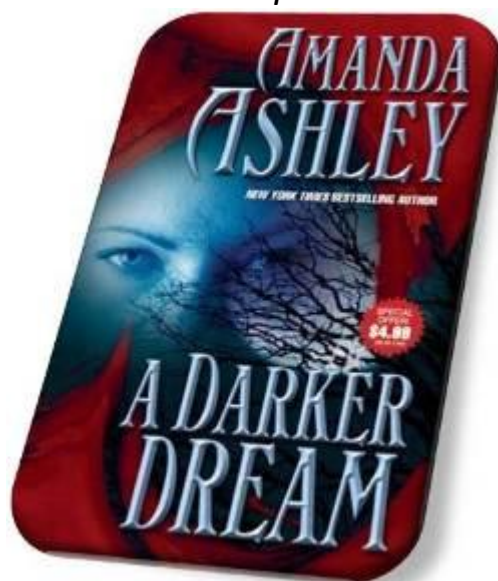


Tiamat-World apresenta:



O Coração da Escuridão

A Darker Dream

Amanda Ashley

Em quatrocentos anos, Rayven nunca conheceu uma mulher como Rhianna McLeod. Ela é uma visão de luz e calor, tudo o que ele não é... Nem pode ser. Condenado a viver para sempre na escuridão e a solidão, ele conhece muito bem todos os riscos de estar perto dela, tem fome dela com uma intensa paixão que jurou não permitir-se sentir nunca. O pai de Rhianna a vende a Rayven para poder levar comida a sua mesa... Então não tem mais opção que ir com o escuro desconhecido. Para sua surpresa, Ele dá tudo o que ela quer: a roupa mais fina, educação e o manejo do castelo... Quer dizer, tudo menos seu contato. Embora ela percebe o perigo sob sua maneira suave de falar e apesar de que o próprio Rayven a adverte que se mantenha longe, sente-se atraída por esta criatura da noite, e o ama como não pode amar a outro.

Nota da Revisora Lu Avanço: Meninas que lindo é esse livro, é de vampiro mas totalmente diferente dos que nós estamos acostumadas, vale a pena vcs vão se apaixonar por esse casal e o sofrimento que ele passa para proteger sua amada dele proprio. E vão se surpreender com o final . Ah esse livro não é hot, ele é sensual

Nota da Revisora Tessy: Adorei o livro. A historia é diferente das outras de vampiros que ja li... pois acontece o inverso, ao inves da mocinha virar vampiro é o mocinho que volta a ser humano!





O CORAÇÃO DA ESCURIDÃO

Na escuridão da lua cheia
Seu espírito só e perdido vagou durante séculos
Nunca sob a luz do novo dia
Sempre nas horas da meia-noite
vagou.

A escuridão reclama sua alma atormentada
O passado persegue suas horas de vela;
Então, como um raio de sol
Ela veio a lhe reclamar
Comovendo sentimentos durante longo tempo enterrados
Revivendo esperanças, prometendo amor.

Só se pudesse atrever-se a acreditar.
Só se pudesse alcançá-la
Tomar o que necessitava.
Afastando a tristeza, a vacuidade
Só sentir por uma noite
Sua temperada mão e suas doces carícias
Poderiam afugentar a noite interminável.

Poderia o amor romper a escuridão
Viver nela?
Acredita, Lorde Rayven, só acredita
E o amor, a felicidade, e a paz
Encontrarão-o.

PRIMEIRA PARTE

Prefácio

Ele sempre tinha amado a noite. Seus passatempos favoritos – a bebida, os jogos de azar, a companhia de belas mulheres- transcorriam preferivelmente durante as horas noturnas.

Os melhores momentos de sua vida os tinha passado em salões fracamente iluminados, casas de jogo clandestino fumegantes, ou em dormitórios iluminados pela suave luz das velas. Mas

isso tinha sido muito tempo atrás.

Logo agora que começava a entender tudo o que tinha perdido quando a luz lhe tinha sido arrebatada. Porque ela era como a luz do sol, brilhante, quente, e bela. E, como o sol, nunca poderia ser dele.

CAPÍTULO UM

Escondo-me nas sombras
E desejo a luz
Pois sou um Vampiro
Apanhado para sempre na noite.

Vale De Millbrae, 1843

Rayven se recostou em sua cadeira, tentando dissimular sem êxito seu desgosto enquanto presenciava o intento de Vincent McLeod de leiloar a mais velha de suas cinco filhas. Com a cabeça inclinada e os braços pendurando a ambos os lados do corpo, a moça permanecia de pé em silêncio, como se de um animal a ponto de ser levado ao matadouro se tratasse. O despenteado cabelo loiro, caía desordenado sobre os ombros, ocultando seu rosto da mesma forma que o sujo vestido cinza escondia sua figura.

– Veja Lorde Rayven disse Montroy. Não podemos ter um pouco mais de luz?

Rayven negou com a cabeça. A sala estava escuro, e gostava assim, com as paredes revestidas de madeira escura, tapetes de uma cor verde escura cobriam o chão, grosas cortinas a jogo penduravam das janelas, e como sempre, os abajures iluminavam tenuamente o salão. Qualquer que tivesse compartilhado com ele a alcova do botequim de Cotyer sabia que sempre evitava a luz brilhante. Era uma de suas muitas raridades, que os jovens ricos do povoado suportavam para poder permanecer em sua mas bem duvidosa companhia.

– Então, se não podermos ter mais luz, faremos que a garota se dispa disse Lorde Tewksbury do fundo do quarto – Nego-me a puxar por algo ou alguém sem poder vê-lo suficientemente bem.

– Tem razão concordou Nevel Jackson – Diga à garota que tire esses farrapos para que possamos ver o que compramos.

O comentário foi secundado por todo a sala. Vincent McLeod vacilou, e depois murmurou algo à garota. Com a cabeça ainda inclinada, começou a desatar o sutiã de seu vestido.

Rayven a observava com olhos entreabertos, notando a forma em que suas mãos tremiam

enquanto desabotoavam a andrajosa camisa. Embora não podia ver seu rosto, sabia que suas bochechas estavam avermelhadas pela vergonha, e que seu coração pulsava tão rápido como o de um cervo apanhado nas mandíbulas do lobo.

– Já chega. Foi uma só palavra, suavemente murmurada, mas que ressonou em todo o quarto.

– Mas Lorde Rayven – Pprotestou Tewksbury – Eu acredito...

Rayven o silenciou com um olhar de recriminação – A garota é minha – Disse, tendo decidido comprá-la nesse mesmo instante, embora ainda não tinha visto seu rosto.

– Procurando uma nova amante? – Perguntou Lorde Montroy.

– Não.

– Uma criada, talvez?

Rayven olhou fixamente Montroy. Dallon Montroy era um homem alto, bonito, quase tão rico como Rayven. De todos os homens com os que Rayven tinha estado jogando, Montroy era o que mais se parecia com um amigo.

Ignorando a pergunta do visconde, Rayven fez um gesto com a mão ao velho – Traga-a aqui.

– Sim, milord. Vincent McLeod agarrou precipitadamente a sua filha pelo braço e a arrastou através da sala – Não se sentirá enganado milord. Lhe servirá bem.

– Sim – murmurou Rayven – É obvio que o fará.

Colocando a mão em seu bolso, tirou um maço de bilhetes e os estendeu ao outro homem – Tem nome?

– É obvio, milord. chama-se Rhianna, mas responderá a qualquer outro com o que você deseje chamá-la.

– Sabe onde vivo?

– Sim, senhor.

Todo mundo conhecia o castelo de Rayven. Localizado no alto da montanha da Árvore do Diabo, era como uma escura sombra abatendo-se sobre o povoado, alto e misterioso, como seu dono.

– Leve-a ali. Meu criado cuidará dela.

– Sim, milord.

Rayven sacudiu sua mão com um gesto de demissão. Retornando ao jogo, recolheu seus naipes – Perde de novo, Montroy – Disse murmurando suavemente, e espalhou suas cartas sobre a mesa.

Dallon Montroy depositou seus naipes sobre a mesa – Parece que esta é sua noite de sorte – Comentou com bom aspecto.

Rayven grunhiu suavemente – Talvez tenha razão filosofou enquanto olhava à garota que seguia o velho McLeod para a porta. Talvez.....

Rhianna se amassou no estreito assento do carro ao lado de seu pai, incapaz de controlar os tremores de seu corpo, e tentando aceitar o fato de que seu pai a tinha vendido a um homem como Lorde Rayven, um homem do qual se dizia tinha muitos estranhos e incomuns costumes.

As torres do Castelo de Rayven surgiram ameaçadoramente ao longe, um escuro montículo se elevava sobre a névoa cinza que envolvia a montanha da Árvore do Diabo tanto no verão como no inverno.

Com cada milha que passava, os tremores aumentavam. Pensou em um instante em saltar do carro e arriscar-se com os animais selvagens que espreitavam no bosque.

Estava reunindo coragem, decidindo que a morte seria preferível a uma vida de servidão com o misterioso Lorde Rayven, quando sentiu uma mão que segurava seu braço.

– Lorde Rayven me pagou uma substancial soma por você – Disse McLeod, com tom suave em comparação com a força com que a segurava – Ficaré com ele todo o tempo que deseje e fará o que te peça sem reclamar – Entende o que te digo?

– Sim, pai.

McLeod assentiu. Momentos mais tarde, parou o carro na frente do castelo – Vai, garota.

Rhianna olhou a seu pai, tentando não odiar pelo que fazia, tentando sentir algum tipo de satisfação ao pensar que com o dinheiro que seu pai tinha recebido compraria comida para sua mãe e suas irmãs menores.

– Não havia nenhuma outra saída moça – Disse Vincent McLeod a modo de brusca desculpa.

Rhianna assentiu. Provavelmente, nunca voltaria a vê-lo. Tinha vivido no vale de Millbrae durante toda sua vida. E não desconhecia as histórias que se contavam do escuro senhor do castelo.

– Adeus, pai.

– Adeus, moça – McLeod lhe devolveu o olhar por um breve momento, depois o desviou. Sabia que muitos o condenariam por vender a alguém de seu mesmo sangue, mas ela estaria melhor com Lorde Rayven. Ao menos teria o suficiente para comer – Sempre me senti orgulhoso de você, Rhianna – Disse bruscamente – Agora, segue você sozinha.

Piscando para conter as lágrimas, Rhianna desceu do carro. Endireitando os ombros, subiu

pelas estreitas escadas de pedra até a grande porta, inspirou profundamente, e levantou a pesada aldaba de latão.

Momentos mais tarde, a porta chiou ao abrir-se, e Rhianna se encontrou cara o rosto com um par de olhos cor café.

– Senhorita McLeod, suponho.

– S... Sim – Gaguejou, sobressaltada de que o desconhecido soubesse seu nome, e a tivesse estado esperando. Como tinha sabido que ela chegaria?

– Sou Bevins.

O homem se afastou, fazendo um gesto para que entrasse. Era um homem alto, com cabelo brancos, nariz bem afilado e finos lábios. Levava um par de calças de cor café claro, uma camisa branca, e uma jaqueta de lã escura. Parecia tão velho como seu pai.

Sentindo-se abandonada e muito só Rhianna, atravessou a soleira. O saguão era frio e escuro. Tremeu enquanto Bevins fechava a pesada porta atrás dela.

– Tenho-lhe um banho preparado, senhorita.

– Obrigado.

– Me siga.

Com o pulso enlouquecido pelo medo, seguiu-o por um amplo vestibulo, subindo um lance de escadas até um quarto grande iluminado com uma grande vela branca.

– Encontrará a tina ali dentro – Disse Bevins, assinalando uma porta ao outro lado do quarto

– Por favor deixe suas roupas aqui, no chão. Me ordenou que as queime.

– As queimar! Mas são as únicas tenho.

– Sem dúvida Lorde Rayven a proverá de um adorno adequado, senhorita. Há cobertas lindas na cama. O cordão do timbre está ali, se por acaso me necessita durante a noite.

Muito atordoada para falar, Rhianna assentiu.

– Boa noite, senhorita. Que durma bem.

Esperou até que ele abandonou o quarto, depois foi até a porta e a fechou. Despindo-se, deixou cair suas roupas no chão, e entrou no outro quarto. A luz de uma dúzia de velas iluminava uma grande tina de água quente, uma barra de sabão perfumado, e uma grande toalha.

Olhou a água fumegante. Nunca em toda sua vida tinha tido ocasião de tomar um banho só para ela. Em sua casa, os banhos eram incomuns. No verão, banhava-se no rio. Só durante o inverno se banhavam dentro da casa e então devia aguardar seu turno. E quando por fim lhe tocava, a água estava quase sempre fria e suja.

Entrou cuidadosamente na tina e se sentou, um suspiro de prazer escapou de seus lábios quando se inundou na água deliciosamente quente. Talvez não seria tão mau viver aqui. Os quartos que tinham dado eram maiores que toda a cabana que compartilhava com seus pais e irmãs.

Lavou o cabelo três vezes, duas vezes o corpo, e ainda permaneceu um comprido momento na água, deleitando-se com seu calor, até que se esfriou.

Saiu da tina, secou-se completamente, envolveu-se em uma toalha e entrou no dormitório. A primeira coisa que notou foi que suas roupas tinham desaparecido. E depois viu a camisola. Destacava sobre a cama como uma pincelada de branco em contraste com a colcha azul escura. Incapaz de resistir tocou a malha. Deixando cair a toalha, colocou a camisola, suspirando com gosto enquanto o objeto desceu roçando sua pele nua.

Passou o olhar ao redor do quarto, esperando encontrar um espelho, curiosa por ver como sentava uma camisola tão bonita, mas foi em vão.

Cruzando a habitação, afastou as pesadas cortinas da janela e olhou seu reflexo no vidro. A malha aderida como uma segunda pele, desenhando os seios, e as curvas de seus quadris.

– Seda disse incrédula, passando uma mão sobre a camisola – Parece como se fosse de seda.

–E é – Soltando as cortinas, Rhianna girou abruptamente, com as mãos sobre seu peito em um feminino gesto de sobressalto – Senhor, não o ouvi entrar.

– Gosta da camisola?

-S... Sim – Gaguejou – M... Muito.

Rayven a olhou com olhos especulativos.

Limpa, com o cabelo caindo em suaves ondas por suas costas, era a coisa mais preciosa que tinha visto em toda sua vida.

Dando um passo adiante elevou sua mão para tocar sua suave bochecha.

Com um pequeno grito, ela se apertou contra a parede.

Rayven baixou sua mão imediatamente – Não te machucarei – Disse suavemente.

Rhianna engoliu seco, fascinada por sua voz. Era profunda e suave, mas estranhamente autoritária, igual ao seus olhos. Olhos negros insondáveis que pareciam velhos além de seus anos. Olhos que pareciam capazes de ver o interior de sua alma. Caminhando lentamente, cobriu a distância que os separava, detendo-se um sopro de distância. Não tinha dado conta de quão alto era. Elevava-se sobre ela, com seu cabelo negro emoldurando seu rosto como se fosse uma nuvem escura. Ia todo vestido de negro à exceção da camisa e de uma gravata vermelha como o sangue

frouxamente atado. Uma branca e fina cicatriz dividia em duas sua bochecha esquerda. Seu nariz era reto e aristocrático, seus lábios cheios e sensuais. Aparentava ter ao redor de uns trinta anos.

Como a um camundongo fascinado pela serpente, seguiu com o olhar o movimento de sua mão ascendente, sentiu como as pontas de seus dedos acariciavam sua bochecha. Seus dedos eram suaves e frescos.

– Quantos anos tem moça?

– Quinze, sua Senhoria.

Rayven praguejou baixo. Embora conhecia muitas garotas de sua idade que já estavam casadas e tinham vários filhos, não tinha acreditado que fosse tão jovem. Não é que isso importasse. Ele não desejava seu corpo por muito suave e atraente que pudesse ser.

– Devo... Devo me colocar na cama, Sua Senhoria?.

– Sim, se o deseja.

Observou subia o rubor por suas bochechas, enquanto olhava para a cama.

– Eu, deveria... Engoliu seco, o rubor em suas bochechas se propagou por seu pescoço – Deveria me despir?.

Rayven elevou uma sobrancelha, depois negou com a cabeça – Não tenho nenhuma intenção de te levar a cama, moça.

– Não?

O alívio em sua voz causou uma dor aguda no profundo de um coração o qual acreditava imune a todo tipo de sentimento – Não.

– Então por que... – Suas bochechas avermelharam ainda mais – Acreditei que...

– Comprei-a por minhas próprias razões, doce Rhianna – Respondeu, sua voz tão sedosa como o traje de noite que tinha posto.

– Posso perguntar quais são essas razões?

– Não. – Se voltou de costas, suas mãos fechadas fortemente a ambos os lados. – Pode percorrer todo o castelo, exceto os quartos da torre do leste. Nunca deve ir ali.

– Sim, sua Senhoria.

– Bevins te subministrará algo que deseje. Só tem que pedir.

– Tudo? Perguntou.

– Tudo. Se quer pintar, ele te subministrara o tecido e as escovas. Se deseja tocar o piano, ensinará-te. Se quer passar o dia lendo, tenho uma extensa biblioteca.

– Não sei pintar, nem tocar o piano, nem ler sua Senhoria – Desviou seu olhar – Não sei fazer

nada.

Ele se voltou para olhar a de frente, uma luz de curiosidade brilhando em seus olhos – Você gostaria de aprender?

- Sim, Sua Senhoria – Disse ansiosamente – Muitíssimo.
- Bevins te ensinará tudo que deseje aprender.
- Obrigado, Sua Senhoria.

Rayven ficou olhando fixamente à moça. Seus olhos eram azuis, como um céu do verão, como o lago do povoado onde tinha crescido. De um tom azul escuro, cheios de uma vez de temor e excitação.

O temia. Esse pensamento o feria profundamente, embora não podia culpá-la por isso.

- Bevins te levará amanhã a compras. Compre tudo que necessite.
- É você muito generoso, sua Senhoria.
- Em modo algum, doce Rhianna, a recompensa vale a pena.

Seus olhos se aumentaram diante a ameaça dissimulada em sua voz. Agarrou-se fortemente ambas as mãos que tremiam violentamente.

- Não tem nada que temer de mim – Disse ele – Depois desta noite, não voltará a me ver.

O medo de seus olhos deu passo ao desconcerto – Sua Senhoria?

- Vá dormir, moça.

Rhianna se meteu na cama, com o coração golpeando grosseiramente sob seu peito, enquanto o agasalhava com as mantas. Permaneceu olhando-o fixamente, assustada e confusa, mas fascinada ao mesmo tempo. Que homem tão estranho era. Tinha o estranho pensamento de que a tinha comprado simplesmente para salva-la da vergonha de despir-se em uma sala cheia de homens a metade deles bêbados. Era educado e de boas maneiras, mas notava um indício de violência cuidadosamente controlada espreitando sob sua suave fachada e umas perigosas e mortíferas emoções que ardiam em seu interior, algo que não podia definir. Era isso o que mais a assustava.

- Descansa, doce Rhianna – Disse Rayven.

Apagou de um sopro a vela e se foi.

CAPÍTULO DOIS

A lua é meu sol
A noite é meu dia
O sangue é minha vida
E você é minha presa.

Rhianna despertou lentamente, e no momento em que abriu os olhos, acreditou que ainda estava sonhando.

Incorporou-se, deixando os travesseiros atrás dela. Ontem à noite, não tinha reparado no quarto. Agora, contemplou o quarto com ofegante admiração. Um papel de raias azuis e brancas adornava a parede. Pesadas cortinas de damasco azul cobriam as janelas; Uma colcha a jogo estava dobrada ao pé da cama. Havia um tapete grosso no chão, tecida a raias azuis.

Estava a ponto de sair da cama quando ouviu um golpe na porta.

– Senhorita Rhianna...?

– Sim, entre.

Subiu as cobertas até seu peito, enquanto Bevins abria a porta e entrava no quarto.

– Lorde Rayven me ordenou que esta manhã depois do café da manhã a levasse às compras.

Rhianna assentiu. – Sim, isso me disse.

– Trouxe-lhe umas roupas para colocar – Disse, depositando uma grande caixa em cima da mesinha de noite. – Por favor desça a tomar o café da manhã quando estiver vestida.

– Assim o farei, obrigado.

– Deseja alguma outra coisa?

Rhianna negou com a cabeça.

– Muito bem, senhorita. Espero-a dentro de digamos meia hora?

– Esta bem.

– A menos que deseje tomar o café da manhã na cama.

– Na cama? Não estou doente.

Um leve sorriso titilou em seus lábios – Dentro de meia hora, então – Disse, e deixou o quarto, fechando a porta silenciosamente.

– Tomar o café da manhã na cama – Rhianna murmurou sorrindo – Imagine isso....

Levantando-se, abriu a caixa, maravilhada ao ver o que havia dentro. O vestido era de tafetán marrons e laranja, um pescoço a jogo e mangas amolgadas. Um buquê de seda amarela adornava a cintura. Passou suas mãos sobre a roupa interior, incapaz para acreditar em seu

aprimoramento. Era toda de fino fio de algodão com delicados bordados em rosa, tão bonita, que desejou poder levá-la posta por cima da roupa. Não havia possuído uns objetos tão finos jamais em toda sua vida.

Vestiu-se devagar, inspecionando cada objeto. Passou de novo o olhar ao redor do quarto, esperando com ilusão poder olhar-se em um espelho. Em sua casa, um espelho se considerava um luxo além de seu alcance, mas certamente Lorde Rayven devia ter muitos.

Era estranho, pensou enquanto descia pelas escadas. Mas por outro lado, rumores de estranhas atividades no castelo de Lorde Rayven corriam por toda a cidade. Uns quantos diziam que o lugar estava enfeitiçado; Outros que sabiam de mulheres que tinham ido ali e que nunca tinham sido vistas de novo. Mas eram só rumores, e ela nunca tinha dado muito crédito aos falatórios. Depois de tudo, as pessoas diziam que seu pai bebia muito e que batia em sua esposa e seus filhos, mas Rhianna sabia que isso não era certo. Vincent McLeod podia não ser o mais amável e carinhoso dos pais, mas tampouco era o monstro que diziam.

Quando chegou o andar de baixo, perambulou de sala em sala descobrindo: céus rasos abovedados, paredes cobertas de escura madeira, pesadas cortinas nas janelas, custosas tapeçarias e belas pinturas nas paredes, numerosas estátuas e esculturas de prata, madeira e bronze. Espadas cruzadas seguras em cima de umas maciças lareira de pedra. Os tapetes caro importados de lugares exóticos. Mas nenhum espelho. Franziu o cenho. Tampouco havia nenhum relógio na casa.

A sala de jantar, como os outros cômodos da casa, era grande, escuro e custosamente mobiliado.

Uma grande toalha de fino linho cobria a grande mesa com um par de candelabros de prata situados no centro. Umas quantas velas brancas e finas iluminavam tenuamente o quarto. Verdes cortinas de veludo cobriam as janelas. Havia uma pintura de uma cena de caça em uma parede, era de um pôr-do-sol com remarcados raios de luz de uma cor rosada avermelhada.

Só havia um serviço de talheres sobre a mesa. O prato era de porcelana da China debruado com ouro, o copo para beber água era de fino cristal, o faqueiro era de ouro. Assombrada diante tal opulência, sentou-se.

Momentos mais tarde, Bevins entrou na sala, com uma bandeja tampada. Quando a destampou, uma variedade de substanciosos aromas encheu a sala. Havia presunto coberto em rodela, ovos esquentados, esponjosos pãozinhos, suave manteiga, uma jarra de geléia de marmelo, um tigela de mingau de aveia, morangos frescos e pêssegos cortados em rodela, e uma

taça de chá.

– Espero que tudo seja de seu agrado, senhorita – Disse.

– OH, sim. – Ela nunca tinha visto tal quantidade de comida junta – Acompanhará-me...?.

Quererá Lorde Rayven me acompanhar para tomar o café da manhã?

– Não, senhorita.

Deveria haver-se sentido aliviada. Em vez disso, sentiu uma quebra de onda de decepção.

– Deseja alguma outra coisa senhorita?.

– Não, obrigado.

– Muito bem, senhorita. Trarei o carro quando você estiver pronta para sair.

Rhianna assentiu, afligida pela riqueza ao seu redor, e a quantidade de comida apresentada.

Certamente, não poderia comer tudo, mas provaria de tudo um pouco, e quando vinte minutos depois se reclinou na cadeira, maravilhou-lhe ver que não ficava nada. Tinha comido tudo.

Passou o resto da manhã na casa de Madame Sofia. Sem saber que tecidos e estilos escolher, Rhianna se submeteu aos gostos da costureira, quem, depois de tomar suas medidas, despediu-se de Rhianna com a promessa de que três vestidos de dia iam ser entregues na seguinte tarde, e o resto dentro de uma semana, junto com toda a roupa interior necessária, e todos os chapéus, sapatos, luvas, e guarda-sóis que uma senhorita necessitava.

A cabeça de Rhianna dava voltas enquanto retornavam ao castelo.

Bevins preparou uma comida abundante, e depois de que Rhianna desse obrigado, sugeriu-lhe que subisse a tomar uma sesta.

Rhianna sorriu. Uma sesta na metade do dia! Nunca tinha permitido esse luxo antes. Embora soava tentador, mas não estava cansada.

– Poderia dar um passeio pela casa?

– Certamente senhorita. Esta é agora sua casa. Pode explorar quanto queira. Todos os quartos estão abertos salvo os desta torre.

– Obrigado, Bevins.

– A que hora gostaria de jantar, senhorita?.

– Não sei. A que hora janta normalmente Lorde Rayven?.

– Lorde Rayven raramente janta em casa.

– OH. – Sentiu uma nova quebra de onda de decepção ao recordar que Lorde Rayven havia dito que não o voltaria a ver. Embora a assustava, também acreditava que era o homem mais

fascinante que tinha conhecido em toda sua vida.

- Às sete em ponto, senhorita?
- O que? OH, sim, esta bem. Obrigado.

Passou o resto de dia explorando o castelo e acreditou que nunca encontraria o caminho de volta, tantos eram os quartos, escadas e corredores pelos que andou.

Passeou pela parte mais antiga, onde, em outros tempos, tinha estado o celeiro e onde se armazenavam as caixas e barris de provisões.

O segundo andar alojava os aposentos dos habitantes do castelo e as salas comuns. A cozinha de Bevins estava situada ali, junto a uma despensa grande, e bem sortida.

Um corredor conduzia até um quarto onde dormiam as donzelas do castelo. Ocorreu a Rhianna que seu quarto, que era o quarto maior de todos os que tinha visto, por isso devia ter sido o aposento do Senhor e a Senhora do castelo. Essa segurança lhe fez perguntar-se novamente onde estava o quarto de Lorde Rayven.

Passeou por outro corredor, contente de que tivesse ocorrido trazer um abajur, pois os corredores estavam muito escuros. Nunca tinha sido dada a fazer voar a imaginação e não ia começar agora, embora, se as pessoas não acreditassem em fantasmas e duendes, o castelo da montanha da Árvore do Diabo seria o lugar perfeito para começar a fazê-lo.

Fez uma pausa, admirando as pinturas e as suntuosas tapeçarias que penduravam das paredes.

O primeiro quarto ao que chegou era uma biblioteca com mais livros dos que poderia ler em toda uma vida. Rhianna passou seus dedos pelos lombos. Agarrou um pesado volume de outra prateleira e o abriu, olhando fixamente e com admiração as letras delicadamente impressas nas brilhantes pagina. Viu belos desenhos de querubins e cavalos alados.

Passando as páginas, encontrou desenhos de lobos, corvos, morcegos, e uma esquelética figura com uma capa negra, um anjo escuro que segurava uma caveira em uma mão e um cálice de prata no outro.

Perturbada pelas imagens, fechou o livro e o devolveu à prateleira.

Entrou em um grande salão. Era um cômodo, onde alguma vez deviam ter jantado os donos do castelo, estava provido de uma larga mesa e uma só cadeira alta de madeira negra. Olhando com atenção, viu que o respaldo da cadeira estava lavrado com formas que desenhavam a figura de um corvo com as asas estendidas. Armas de todos os tipos imagináveis, decoravam as paredes.

Um solarium localizado na parte leste da casa estava invadido pelas plantas selvagens.

Distraída explorando o castelo, passaram mais de três horas, sem que apenas se desse conta.

Permaneceu alguns minutos no sala de música, roçando com seus dedos as teclas amareladas de um pequeno piano. Frequentemente tinha desejado saber tocar, mas não tinha tido tempo para aprender, nem a ninguém que a ensinasse. Sorriu ao recordar que Lorde Rayven tinha prometido que receberia lições de música. Uma elegante harpa permanecia em um canto da sala. Encontrou um violino descansando em uma caixa poeirenta em cima de uma mesa igualmente poeirenta.

No terceiro andar, contou doze quartos que deduziu uma vez tinham sido quarto para os meninos do senhor e seus serventes. Todos estavam vazios, e cobertos de uma grossa capa de pó.

Subiu outro lance de escadas e se encontrou em um quarto redondo que era a torre do castelo, de onde se divisava o rio e o bosque ao longe.

Baixou vários estreitos e serpenteantes lances de escadas, e se encontrou em uma masmorra. Enrugando seu nariz pelo aroma de umidade e a mofo seguiu seu abajur mais alto e caminhou uns poucos passos, suas pegadas amortecidas pelo duro chão de terra. Longas filas de grades de ferro delimitavam celas a ambos os lados do corredor.

Enquanto permanecia em silêncio, notou uma repentina sensação de maldade.

Muitos homens tinham morrido aqui. Quase podia ouvir seus gritos ressoando entre as cinzas paredes de pedra, saborear seu medo enquanto encontravam uma morte violenta... .

Com um grito de temor, trocou de direção e saiu da masmorra. Subiu as escadas de dois em dois, seu coração pulsando loucamente enquanto fantasmais imagens alagavam sua mente, imagens grotescas de sangue e horror, de homens sendo torturados, de terror e dores intoleráveis.

Ofegava quando chegou a seu quarto. Fechou de um golpe a porta, e passou a chave. Apagou de um sopro a vela, e se meteu na cama, tentando que seu coração deixasse de golpear amalucado e seu pulso voltasse para seu ritmo normal.

Não havia nada errado na masmorra, nada de que temer. Somente era porque antes nunca tinha estado longe de sua casa e que junto com sua vívida imaginação, tinham-na feito correr assustada. Tinha sorte de estar aqui, neste lugar. Pela primeira vez em sua vida, tinha um quarto só para ela, comida suficiente e belos vestidos. E, se devia acreditar em Lorde Rayven, então tudo que desejasse, teria-a.

Confortada por esse pensamento, ficou adormecida.

Rayven estava sentado diante da enorme lareira que dominava seu quarto, seus cotovelos

apoiados nos braços da poltrona, seu queixo descansando sobre suas mãos dobradas. Estava olhando fixamente as chamas, mas era a imagem da moça a que encheu sua visão. Vivos olhos azuis, de um azul mais profundo que o de qualquer oceano. Belos olhos azuis, cheios de medo. Pálidos lábios rosados. Sua pele da cor do mel silvestre. O cabelo loiro dourado, que recordava a luz do sol que não tinha visto durante quatro séculos.

Ela tinha se aseado muito bem, filosofou. Possivelmente muito bem. Nunca antes havia trazido a sua casa alguém tão jovem, bela e inocente. Por um instante, pensou em enviá-la de volta. Mas foi só por um momento.

Olhou para a janela, pensando na hora que era. A estas horas, seguro que já estaria dormindo.

Umedeceu-se os lábios enquanto levantava-se da cadeira.

Em um instante esteve ao lado de sua cama. Por um momento, ficou contemplando-a, enfeitiçado por sua beleza, sua inocência. Dormia de lado, sua bochecha descansando sobre uma mão. Seu cabelo esparsa através do travesseiro como um raio de luz, tentando-o a tocá-lo.

Movendo-se lentamente, agarrou uma mecha de seu cabelo. Suave, pensou, era tão suave. Deixou que os finos fios deslizassem por seus dedos e depois, incapaz de conter-se, acariciou sua bochecha, deixou que as pontas dos dedos deslizassem ao longo de seu fino pescoço roçando ligeiramente o lugar onde seu pulso pulsava compassado e com força. Um abrasador calor se filtrou pelas pontas de seus dedos. Ah, sim, teria que ser extremamente cuidadoso com ela. Despertava muito mais que sua odiosa fome.

Resmungando um juramento, afastou sua mão.

Ela se moveu na cama no momento em que ele se sentou a seu lado.

– Dorme, doce Rhianna – Disse – Dorme seus sonhos de moça. Afastou uma mecha de cabelo de seu pescoço, posou suas mãos ligeiramente em seus ombros.

- Descansa tranquila. Não tem nada que temer.

Lentamente, dobrou sua cabeça para ela, sua língua acariciando sua pele. Ela gemeu brandamente quando seus dentes raspavam sua garganta.

– Sonha, sonha, pequena – Sussurrou – Não tem nada que temer. É só um sonho...

À manhã seguinte, Rhianna despertou faminta e estranhamente sonolenta depois de toda uma noite de sono reparador. Ao recordar que perdeu o jantar, atribuiu isso a razão de sua fome assim como também de seu cansaço.

Ao levantar-se, sentiu-se fracamente tonta – Muito sono e pouca comida – Resmungou

enquanto deslizava suas pernas sobre a borda da cama e se levantava.

Olhou para o cordão do timbre, indecisa por chamar Bevins, perguntando-se se conseguiria alguma vez acostumar-se a ter alguém que cumprisse cada um de seus desejos.

– Nenhum momento melhor que agora, para começar a acostumar-se a isso – Raciocinou, e estirou o cordão.

Minutos mais tarde, Bevins deu um suave golpe na porta.

– Entre.

– Bom dia, senhorita – Percorreu-a com o olhar, e Rhianna acreditou ver uma sombra de piedade em seus olhos, mas desapareceu em seguida, e pensou que tinha estado equivocada.

– Eu poderia... ? Isto é, eu gostaria de tomar um banho, por favor.

– Em seguida, senhorita. Esta esquentando a água. Saiu do quarto, somente para reaparecer um momento mais tarde, com uma bandeja em suas mãos.

– Pensei que esta manhã gostaria de tomar o café da manhã em seu quarto.

– Sim, eu gostaria, obrigado.

– Deseja alguma outra coisa, senhorita?

Rhianna negou com a cabeça, perguntando-se se ele podia adivinhar todos seus pensamentos

– Seu banho estará preparado em seguida.

– Obrigado, Bevins. Fez uma pausa, franzindo o cenho – Como entrou aqui?

– Pela porta, é obvio.

– Mas, eu... Estava fechada com chave, não é verdade? Olhou para a porta. – Estou segura de que ontem à noite a fechei.

– Você deve estar enganada.

Rhianna negou com a cabeça – Não, estou segura de que estava fechada com chave quando fui à cama.

– Quer alguma outra coisa, senhorita?

– Não, obrigado.

Sentindo-se um pouco aturdida, Rhianna afastou a bandeja e se levantou da cama. Ontem à noite estava muito cansada. Talvez não tinha fechado com chave a porta. Com uma sacudida de cabeça, desprezou pensar nisso de novo.

Tomou lentamente seu café da manhã, depois um longo banho, e passou mais de uma hora provando suas novas roupas, desejando que houvesse algum espelho na casa para poder ver como

ficavam.

Mais tarde, pediu a Bevins se podia lhe conseguir um.

– Sinto muito, senhorita – Disse Bevins, com expressão impassível – Sua Senhoria proíbe ter algum em casa.

Rhianna franziu o cenho.

–Mas, por que?.

– Sinto muito, senhorita. Temo-me que isto é algo que deve discutir com Lorde Rayven.

– Como posso fazê-lo, se nunca o vejo?

– Sinto muito, senhorita. Há alguma outra coisa que possa fazer por você?.

– Lorde Rayven disse que me ensinará a tocar piano e a ler.

– Estaria encantado de poder ajudá-la, senhorita.

Rhianna sorriu. – Obrigado, Bevins. Eu gostaria de começar esta tarde, se não se importar.

– Será um prazer, senhorita. Reuniremo-nos na biblioteca às três em ponto.

Durante as semanas seguintes, os dias de Rhianna transcorriam em uma prazerosa rotina.

Quando o clima o permitia, passava as manhãs passeando pelo campo; se chovia, ficava em casa bordando. Como todas as jovens, em seguida tinha aprendido a costurar ou a reparar um rasgão, mas nunca tinha tido tempo suficiente para sentar-se e aprender o que sua mãe chamava trabalho de fantasia.

Almoçava tarde, tomava uma sesta, e depois passava o resto da tarde sob a tutela de Bevins. Ensinou-lhe a tocar piano; a ler, e a escrever. E quase gritou de puro deleite a primeira vez que escreveu seu nome sem ajuda alheia. Rhianna McLeod. Senhorita Rhianna McLeod. R. McLeod. Escreveu-o uma e outra vez, pensando o bonito que se via, quão maravilhoso era poder escrever seu nome. Depois de jantar, passava uma hora repassando suas lições, e logo se retirava a dormir.

Uma tarde antes de ir-se à cama, disse a Bevins que desejaria ter um horta; No dia seguinte, encontrou uma grande variedade de sementes sobre um banco no pátio lateral.

À medida que os dias passaram, deu-se conta de que Bevins era um homem notável. Não havia outros serventes no castelo. Bevins era o cozinheiro, o mordomo, o ajudante de câmara, e a governanta, todos em um. Além disso, efetuava as compras e para levava as roupas, cuidava das terras e atendia aos cavalos.

Nunca se entrometia em sua privacidade, mas sempre estava ali quando o necessitava. Verdadeiramente, era o homem mais assombroso que jamais tinha conhecido.

Já levava várias semanas no castelo quando começaram os pesadelos, eram sonhos escuros

cheios de uma sensação de iminente perda, horríveis sonhos cheios de morte e presas manchadas de sangue. Outras noites, despertava sentindo-se querida e desejada, com seu coração pulsando loucamente ao recordar a imagem de uma mão fantasma acariciando suavemente sua bochecha, o contato era estranhamente erótico. E sempre, depois desses sonhos, despertava cansada e faminta.

Expressou sua preocupação a Bevins, perguntando se devia ir ver o doutor, mas lhe assegurou que estava perfeitamente bem, que só era as mudanças no regime de comidas e a atmosfera do castelo que causavam desassossego, e que logo se adaptaria. Havia piedade em seus olhos ao dizer isto, e evitava olhá-la diretamente.

- Ocorre algo? – Perguntou – Há algo que você não me diz?
- Estou sendo tão honesto com você como posso, senhorita.
- Voltarei alguma vez a ver de novo Lorde Rayven?.
- Não sei, senhorita. Espero que não – Respondeu, e saiu do quarto.

CAPÍTULO TRÊS

Desejo o que perdi
Por algo que nunca poderei ser.
Encubro o horror do que sou
E reza para que você nunca me possa ver.

Ele estava sentado em sua cadeira favorita diante do fogo, contemplando as chamas, sem as ver. Ela tinha invadido sua casa, seus pensamentos, seus sonhos. Nunca antes uma mulher o tinha afetado desse modo, Apanhando-o durante cada instante de vigília, atormentando-o com sua cercania. Passava suas noites rodando perto de seu quarto, observando-a, escutando sua respiração, os batimentos de seu coração, o som do sangue fluindo através de suas veias. Sempre cheirava a flores. Mesmo que a fome jazia adormecida dentro dele, sentia-se tentado mais à frente do limite de seu controle para poder resistir a tocar a suavidade de sua bochecha, para passar seus dedos sobre seus lábios e imaginar sua boca neles.

Ela era tão bela, essa menina-mulher que brincava de correr por sua casa durante o dia e mantinha em vigília durante a noite. Conhecia seus pensamentos, ouvia as lágrimas que algumas vezes derramava de noite. Agradava-lhe satisfazer cada uma de suas necessidades, vesti-la com roupas finas, lhe prover as melhores comidas e vinhos que pudesse comprar o dinheiro.

orgulhava-se de sua habilidade para aprender, e ordenou comprar os livros e a música que acreditava que gostaria.

Era o mínimo que podia fazer, pois lhe dava a vida, e não importa quanto fizesse, nunca poderia recompensá-la por isso.

Soube o instante em que ficou adormecida. Ouviu a mudança em sua respiração, sentiu uma mudança na casa mesma, como se a vida se apagasse enquanto dormia.

Não iria a ela esta noite. Iria às ruas e aliviaria ali seu desejo. No momento em que o pensamento cruzou pela cabeça, soube a mentira que era. Já se estava encaminhando para ali, sua inocência o chamando, a única luz na escuridão de sua existência.

Silenciosamente, subiu as escadas e abriu a porta de seu quarto. Cada noite fechava com chave sua porta, mas nenhum ferrolho o impediria de entrar.

E imediatamente, estava de pé ao lado de sua cama, contemplando-a. Era uma noite quente, e tinha afastado os lençóis. Sua camisola tinha subido, expondo suas compridas e delicadas coxas.

Seu corpo ressuscitou à vida, a fome e o desejo açoitando-o enquanto se sentava a seu lado na cama.

Estava inclinando-se sobre ela quando se deu conta de que estava acordada e o olhava fixamente.

Segura de estar sonhando, Rhianna fechou seus olhos e os voltou a abrir. A figura alta e escura ainda estava ali, abatendo-se sobre ela, como se fosse uma sombra na noite.

– Lorde Rayven?. Não poderia ver seu rosto na escuridão, mas de algum jeito sabia que era ele.

– Dorme, Rhianna– Disse – Esta muito cansada. Suas pálpebras pesam tanto, que já não pode mantê-los mais tempo abertos.

– Não.

– Dorme, doce Rhianna. Dormir é o que necessita.

Sua voz, era profunda e melódica, envolvendo-a como se tratasse de um suave casulo.

Suas pálpebras caíram pesadamente, e se encontrou seguindo um estreito atalho através da escuridão. Tentou recuar, mas seus pés não a obedeciam. Seu coração pulsava velozmente; podia ouvir o murmúrio de seu sangue correndo pelas veias enquanto se aproximava, perguntando-se quem a aguardaria esta noite entre as sombras, o homem que a estreitava entre seus braços e a segurava como se fosse um precioso presente, ou o que devorava sua carne. despertaria sentindo-se amada e protegida ou soluçando de terror? Ou talvez seria esta a noite da que já jamais

despertaria? ... Despertou ante o som de seus próprios soluços. Desorientada, olhou a seu redor, seu pulso acalmando-se gradualmente quando se precaveu de que o pesadelo tinha terminado e estava a salvo em seu quarto.

Olhou para a porta. A chave estava ainda no ferrolho. Só tinha sido um sonho, mas realmente tinha sido tão vívido, que teria jurado que Lorde Rayven esta noite tinha entrado em seu quarto, que se tinha despertado e tinha encontrado sentado a seu lado na cama, resplandecendo seus olhos com uma luz sinistra enquanto a contemplava e se inclinava sobre ela.

Rhianna negou com a cabeça para esclarecer as imagens de sua mente. Simplesmente tinha sido um sonho. Isso era tudo o que tinha sido, simplesmente um sonho. Afastou uma mecha de cabelo de seu pescoço quando seus dedos se detiveram os encontraram um pouco parecido à picada de um inseto.

Passou o dia em seu quarto e tratou de estudar suas lições, mas não podia concentrar-se. Tratou de tomar uma sesta, mas o sono a evitou. Não tinha apetite para almoçar.

Bevins passou por seu quarto várias vezes, sua testa enrugada com preocupação. Uma vez, pediu que olhasse as marcas em seu pescoço. Uma sombra passou por cima de seus olhos enquanto examinava as diminutas feridas. Não é nada, senhorita, tinha-lhe assegurado. Uma picada de algum inseto. Perfeitamente inofensivo.

Ao entardecer, deixou a um lado sua letargia, tomou um banho, e se vestiu para jantar.

Bevins tinha terminado de servir o primeiro prato quando Rhianna sentiu um repentino formigamento. Olhando por cima de seu ombro, viu lorde Rayven de pé na soleira da porta, vestido como sempre de negro impecável.

– Sua Senhoria. Começou a levantar-se, sobressaltada por sua inesperada aparição, inquieta pelo fato de que ele era um homem que possuía títulos e propriedades, e ela não era nada mais que sua criada, não importava que nunca tivesse que lhe servir.

Fez um gesto para que permanecesse sentada enquanto ele também se sentava no outro extremo da mesa frente a ela – Importa se te acompanho?.

– Claro que não. Depois de tudo esta em sua casa.

Ela brincou com seu guardanapo enquanto ele reclinava em sua cadeira. Um momento mais tarde, Bevins entrou no quarto com uma jarra de cristal e uma taça, que depositou frente a Rayven.

– Obrigado, Bevins – Disse Rayven – Isso é tudo.

– Como você goste, Sua Senhoria. boa noite, senhorita.

Quando estiveram sozinhos de novo, Rayven estudou o rosto da moça, notando as profundas olheiras debaixo de seus olhos.

– Encontra-se bem?

– Sim, Sua Senhoria.

– É feliz aqui?

Enquanto desviava seu olhar disse: – Não estou descontente, Sua Senhoria. – Assinalando as bandejas cheias de carne e aves de caça no centro da mesa, disse: – Deseja comer algo, Sua Senhoria? Bevins é muito bom cozinheiro. Sentiu que suas bochechas se avermelhavam – Embora suponha que não é necessário que eu o diga.

Um sorriso débil gravitou sobre seus lábios – Não, obrigado. Como vão suas lições?.

– Bastante bem, acredito. Bevins diz que tenho um talento inato para a música, mas é a leitura o que eu mais gosto.

– De verdade?.

– OH, sim! Os contos de valentes cavalheiros e belas damas, de terras longínquas, dragões e bruxos.

As mãos de Rayven se fecharam com força em seu colo enquanto observava seu rosto, tão cheio de vida, tão expressivo. Tão jovem. O calor fluiu através dele enquanto ela continuava falando, com sua voz cheia de excitação por seus muitos descobrimentos. Alguma vez em toda sua vida, tinha sido ele, tão jovem, tinha estado tão faminto por aprender?

Rhianna mordeu os lábios, repentinamente consciente do olhar de Rayven fixo em seu rosto. Seus olhos, escuros como a névoa de meia-noite, pareciam chegar até o mesmo fundo de sua alma.

– Eu... Sinto muito – Gaguejou – Não queria o aborecer com minhas histórias. Devo lhe parecer uma tola.

– Não. Talvez... Ele aspirou profundamente. Queria esta tarde ler algo para mim em voz alta?.

– OH, eu... Ainda estou aprendendo. Temo-me que você logo se aborreceria.

– Agradaria-me muito, Rhianna.

– Muito bem então, se você estiver seguro.

– Muito seguro.

– Queria tomar um copo de vinho, Sua Senhoria?

Quando assentiu, ela levantou a jarra e encheu seu copo, notando, pela primeira vez, que o

vinho era vermelho escuro. Como o sangue.

As pontas de seus dedos roçaram os seu quando ele tomou o copo de sua mão. Sentiu-se alarmada ao notar como saltavam pequenas faíscas de calor de sua pele a dela, desordenadas imagens encheram sua mente, imagens de um homem contorsionando-se pela dor, sangrando, gritando.

Tão rapidamente como tinham aparecido, foram-se, deixando-a perguntando-se se o tinha imaginado tudo.

Rayven se reclinou em sua cadeira, olhando fixamente seu rosto. Também a tinha notado ela, a faísca que tinha saltado entre eles? Tinha vislumbrado um manancial de esperança em seu interior, um desejo por uma casa e uma família própria, nostalgia pela casa que tinha deixado atrás. Mas o que era o que ela tinha percebido dele?

Rhianna tomou um profundo fôlego, insegura pela tensão entre eles.

– Importa-lhe se compartilhar seu vinho?.

– Duvido que você goste.

Ela olhou o escuro líquido da jarra, então agarrou um copo, e o encheu de água.

– Termina seu jantar Rhianna – Disse. – Precisa manter suas forças.

– Por que? Nunca faço nada mais extenuante que tocar o piano.

– Mas tem fome.

Obedientemente, agarrou seu garfo e começou a comer. Depois de tudo, realmente tinha fome.

Mais tarde, ele se sentou em uma cadeira diante o fogo, sorvendo de sua taça, enquanto ela lia em voz alta. Uma e outra vez, ela olhava em sua direção, esperando que desse sinais de estar aborrecido ou dormido, mas sempre o encontrava observando-a, seus olhos negros insondáveis ardendo com um estranho fogo, um calor mais quente e mais penetrante que o que irradiavam as rangentes chamas da lareira.

– Me fale de você disse – Assombrando a ambos.

-Há poucas coisas que contar, Sua Senhoria. Tenho quatro irmãs, todas mais jovens que eu – Sua voz se voltou amarga – Meu pai me vendeu. Certamente isso diz a você tudo o que precisa saber.

– Isso me diz que ele necessitava o dinheiro.

– Pôdia ter vendido seu cavalo.

Um sardônico sorriso curvou os lábios de Rayven – E arrastaria você o arado no lugar do

cavalo?

Ela levantou seu queixo provocadoramente – Já o tenho feito antes.

Sua admissão pulsou uma fina corda em seu interior. Orgulhosa, apesar de sua pobreza era orgulhosa.

– Nunca terá que fazê-lo de novo.

– Por que você me comprou?

Rayven se encolheu de ombros, incapaz de admitir a verdade – Por que você acha?

– Não sei. – Seu olhar se desviou do dele – Acreditei que... Acredito...

- Continue, o que foi que acreditou?

– Nada.

– Diga-me isso .

Ela ouviu a fria ordem sob suas palavras expressas com delicadeza.

– Acreditei que você me comprou para que não tivesse que me despir diante de outros.

– É muito perceptiva doce Rhianna.

– Se não foi por isso, então por que? Você nunca... O rubor subiu por suas bochechas, e agachou sua cabeça olhando o livro.

– Nunca vou a sua cama?.

Ela não elevou a cabeça, mas assentiu.

– E isso te incomoda?

– OH, não –Disse rapidamente. Não a incomodava, não realmente, embora tocava um pouco em seu orgulho, pensar que a encontrava tão desagradável que era completamente indesejável.

– Rhianna, me olhe.

Lentamente, elevo seu olhar, fixando-a em seu rosto.

– É uma mulher muito bela –Disse baixo – Mas é muito jovem. Muito jovem para mim. Suas mãos se fecharam com força em seu colo – Se alegre de que não vá a sua cama – Um calafrio a percorreu enquanto seu olhar a apanhava.

– Se o fizesse, você não gostaria do que ocorreria.

Ela ficou olhando seus olhos fixamente, apanhada em sua escuridão, em uma gelada escuridão, mas que de uma vez era mais quente que uma chama. Foi como investigar a eternidade, pensou em uma escura lacuna mental interminável cheia de tal desejo que quis chorar.

Resmungando um juramento, Rayven ficou de pé.

– Vai dormir, Rhianna – Disse de maneira concisa.

Assustada pelo revôo fervente em sua voz, levantou-se e correu para seu quarto. O pânico emprestou asas a seus pés, e subiu rapidamente as escadas até seu quarto. Dentro, fechou com chave e caiu na cama, sentindo que tinha escapado, de algo, embora não tinha certeza do que.

CAPÍTULO QUATRO

Obscurece-se meu olhar em sua presença
E reza para que nunca possa formar parte
da fome que dá pancadas a meus órgãos vitais
do mal que enegrece meu coração.

Rayven a seguiu com o olhar, suas mãos em punhos apertados. Tinha sido um engano, unir-se a ela durante o jantar. Antes nunca tinha passado o momento com as mulheres que havia trazido. Usava-as tanto como era seguro, depois as pagava amplamente e as despachava longe, com a advertência de que nunca mais voltassem. Nunca tinha vigiado tão avidamente a nenhuma das demais enquanto dormiam, ou tinha ardido com tanto desejo por tocar seu corpo.

Exceto com Rhianna. .. O atraía de uma forma que não entendia. Não era diferente às demais. Todas tinham sido jovens. Todas tinham sido belas. Embora nenhuma tinha sido tão jovem nem tão bela, como Rhianna. Todas tinham nascido pobres e ignorantes. Mas nenhuma tinha expresso tal ânsia por aprender.

Deveria despachá-la agora, antes que fosse muito tarde.

Mas sabia que não o faria.

Agarrou a capa da cadeira, emitindo um profundo suspiro. Cravou os olhos no líquido granada durante um longo momento, repentinamente se sentiu adoecer pela mistura de sangue e vinho que tinha sustentado durante quatrocentos anos. Com um juramento, jogou a taça na lareira e saiu da sala.

Rhianna se recostou sobre seus calcanhares, com um sentimento imenso de satisfação enquanto examinava seu trabalho. Havia custado horas de árduo esforço, mas os jardins do castelo tinham florescido com um alegre colorido. Meses atrás, não tinha havido nada ali, só terra ressecada e uns quantos restolhos. Agora, havia flores de todas espécie e cores, samambaias e arbustos.

Em sua casa, tinha passado muitas horas trabalhando na parcela de horta, cavando com o enxadão, arrancando as más ervas pela raiz, arando. Não havia tempo nem lugar para desperdiçá-lo plantando flores.

Levantando-se, pressionou as costas com sua mão. Mas agora... Fechou seus olhos, deleitando-se no calor do sol, com a intoxicante fragrância que a rodeava. Tinha sido um trabalho agradável. Também tinha plantado algumas verduras, mas só as que ela gostava.

Tirando o chapéu de aba larga, andou pelo estreito atalho bordeado de flores. Além de flores, tinha plantado árvores frutíferas, pensando que não só acrescentariam beleza aos olhos, e um lugar de sombra ao sol, mas também obteria uma abundante colheita.

Quando arrumou todo o jardim, ficou olhando ao labirinto que levantava perto do muro do castelo. Os sebes de proteção que formavam o labirinto eram os únicos na horta que não tinha necessitado cuidado. Tinha vagado pelo bordo do labirinto várias vezes, mas nunca tinha encontrado a coragem para entrar. Havia algo detestável no lugar, embora não podia dizer o que. Talvez era seu medo de perder-se em seu interior por muito irracional que fosse.

Com um suspiro, sentou-se em um dos bancos de mármore espalhados através do jardim. Tinham passado três meses da noite em que Lorde Rayven se uniu a ela na sala de jantar. Por que a tinha procurado essa noite? E por que não havia de novo procurado sua companhia?

Por volta de quase seis meses que vivia no castelo. Tudo que desejava era dela. Tinha todas as roupas que poderia necessitar em toda uma vida. Converteu-se em uma ávida leitora e tinha descoberto que tinha um talento inato para tocar piano, e pintar. Na verdade, tinha tudo o que podia querer na vida, tudo exceto alguém com quem compartilhá-lo.

Quando estava aborrecida, Bevins a levava ao mercado do povoado vizinho para fazer as compras e logo, como uma sombra silenciosa, seguia em qualquer lugar que fosse. Tinha sido entretido comprar tudo o que quisesse e comer nas estalagens, se não tivesse sido pelos olhares atrevidamente curiosos que lhe dirigiam. À exceção dos lojistas, ninguém mais lhe falava, embora quem cruzava com ela, saudavam-na amavelmente. Assombrava-lhe que as intrigas de seu pequeno povoado tivessem chegado ao povoado vizinho, já que todo mundo que encontrava parecia saber que vivia no Castelo de Rayven. Algumas vezes ela ouvia mencionar o nome de Rayven, mas sempre em silenciosos sussurros, sempre seguido do sinal da cruz. Isso lhe produzia uma sensação de amarga solidão.

Uma vez, tinha perguntado a Bevins se podia convidar a sua mãe e suas irmãs ao castelo. Ele tinha respondido – Não, senhorita, não pode – Em um tom tal, que não o pediu nunca mais.

Ocasionalmente, perguntava se lhe permitiria ir visitar sua família, mas nunca reuniu coragem suficiente para fazer a pergunta.

Algumas vezes, sentia-se como uma princesa de um conto de fadas, presa em um castelo mágico o mais afastado do resto do mundo.

E sempre, espreitando no fundo de sua mente como uma escura sombra, estava Rayven. Nunca o via, nunca ouvia sua voz, somente em seus sonhos. Perguntava-se o que era que fazia durante todo o dia, inclusive estava no castelo. Por isso sabia, ele podia ter abandonado o castelo fazia meses. Rayven. Era como uma adivinhação sem resposta, um mistério que não podia ser solucionado. Por que havia a trazido aqui?

Era um pensamento que prevalecia em sua mente durante todo o dia, e a acompanhou ao deitar-se essa noite.

Ele estava em um dos quartos da torre, olhando pela janela, para o pátio debaixo. Banhadas pelos raios prateados da lua, as brancas rosas resplandeciam como flores etéreas plantadas em algum místico jardim. Sentia um repentino anseio por entrar entre as plantas durante a luz do dia, por ver as inumeráveis cores das flores que Rhianna tinha plantado, por tocar as pétalas que suas mãos haviam tocado. Na escuridão, as brilhantes cores do arco íris pareciam opacos, sem vida.

Voltando-se de costas à janela, colocou a capa e as luvas. Possivelmente lhe acalmaria um passeio a meia-noite; Se não o fazia, iria a Cotyer e passaria as horas restantes de escuridão nas mesas de jogo e se misturaria, embora fosse por umas poucas horas, em uma biografia de normalidade.

Saindo do quarto, jogou o cadeado à porta, depois passou velozmente com o passar do escuro vestíbulo e desceu as escadas.

Seus passos se detiveram quando se aproximou dos estábulos. Abruptamente, deu meia volta e foi até o pátio lateral. Envolveu-o a fragrância de centenas de flores, de terra fresca recém arada, de erva e árvores, enquanto caminhava lentamente pelos estreitos atalhos, parando às vezes para acariciar a brandura aveludada de uma rosa. Rhianna fazia isto, tinha convertido a fealdade em beleza. Perguntou-se se em caso de que tivesse a oportunidade poderia ela obrar o mesmo milagre com sua vida.

Um sussurro no ar, o perfume de pele quente, alertou-lhe de sua presença. Se aproximou rapidamente, seu olhar fixo perfurando a escuridão.

– Saia – Disse – Sei que esta aqui.

Ela deu um passo adiante fora das sombras que a ocultavam, suas bochechas avermelhadas,

suas mãos segurando as dobras de sua capa. A luz da lua provocava reflexos prateados em seu cabelo, refletindo sua pele de alabastro.

– O que esta fazendo aqui fora a estas horas da noite? Perguntou.

–Eu...

– Fala sem temor, moça. Não tenha medo.

– Vi-o de minha janela, e me perguntei o que estava fazendo aqui fora a esta horas.

– Pensava em você – Admitiu.

Suas palavras enviaram uma corrente de excitação por sua coluna vertebral.

– O fazia, Sua Senhoria?

Ele assentiu, olhando-a fixamente de acima a baixo. Ela levava uma grossa capa de veludo de cor pêssego. Umas plumas brancas emolduravam seu rosto. Seus pés estavam descalços e estranhamente provocadores.

– Por que não estas dormindo, doce Rhianna?.

– Porque, pensava em Sua Senhoria – Respondeu francamente

– De verdade? Surpreso por sua candura, e contente por saber que tinha estado em seus pensamentos, deu um passo mais perto – O que estava pensando?

– Perguntava-me o que tinha feito para o desagradar.

– Agrada-me muito, Rhianna – Muito para a tranquilidade de meu espírito, pensou, colocando suas mãos nos bolsos para abster-se de tocá-la, de tomar aquilo do que estava tão faminto.

– Não o vi durante meses, Sua Senhoria – Deveria alegrar-se por isso, pensou, pois ele era misterioso, e, algumas vezes, um pouco atemorizante. Mas os poucos momentos que tinha passado em sua presença tinham sido embriagadores.

– Deveria se alegrar de não ter tido que me ver – Respondeu intempestivamente.

-Deveria?

Ele olhou no profundo de seus olhos, indagando seus pensamentos, sentindo seu isolamento, sua confusão.

Ela era uma jovem a borda da feminilidade, desejando algo que não entendia. Como um violino, aguardando o toque da mão do professor para pôr de manifesto a música que havia dentro dele.

Explorando nas profundidades de seus olhos, aproximou-se dela. Precisando tocá-la, com o temor de ser rejeitado, tirou as luvas e os jogou a um lado. Um ofego ou isso era um suspiro?

Escapou de seus lábios, quando sua mão acariciou sua bochecha.

– Sua Senhoria? Ele ouviu sua incerteza no estremecimento de sua voz.

– Não te machucarei – Disse Rayven, rogando que fosse verdade – Somente quero te tocar.

Sua pele é tão suave, doce Rhianna. Tão suave... Dobrando sua cabeça, cobriu seus lábios com os seus – Doce disse – Tal como imaginava que seriam.

Ela ficou olhando-o fixamente, apanhada no fundo de seus olhos, enquanto um tremor de prazer a atravessava. Havia tal fogo em seu toque, tal magia em seu beijo, que a fez sentir trocada para sempre.

Com um suave gemido, ele deu um passo para trás, com a fome e o desejo rugindo em seu interior.

Tomando a pela mão, introduziu-se no labirinto.

Um sentimento de temor encheu o coração de Rhianna ao ultrapassar a entrada. Com um grito mudo, puxou fortemente sua mão.

– O que ocorre? Ele perguntou.

– O labirinto. Ela negou com a cabeça – Assusta-me.

– Não há nada que temer. Ela o olhou, seus olhos iluminados pela luz da lua. Sua mão era pequena e quente na dele.

Ele podia ver os batimentos de seu coração correndo a toda velocidade por sua garganta.

– Vêem, Rhianna – Murmurou, com voz baixa e sedutora – Não tenha medo.

Como se estivesse hipnotizada, caminhou atrás dele. Olhando nervosamente da direita a esquerda à medida que se inundavam nas profundidades do labirinto. Logo, os altos sebes de proteção se levantaram por toda parte, envolvendo-a em um mundo de verdor silencioso .

Perdeu a noção do tempo até que pareceu que tinha caminhado pelo labirinto durante horas. Rayven a seu lado era uma figura alta e escura. A lua lançava raios de prata que se refletiam em seu cabelo. Sua capa negra flutuava sobre seus ombros como se de uma grossa capa de névoa se tratasse. Nunca tinha visto uma capa como a dele. Parecia viva em certa forma, movia-se quando ele se movia, lhe rodeando com suas dobras protetoras. Seu perfil era afiado, todo ângulos e duros planos, mas curiosamente belo. Perguntou-se, se era assim como se percebia a morte, escura e sedutora.

Tomou um momento precaver-se de que ele tinha deixado de caminhar. Dando uma olhada ao redor, viu o que uma vez tinha sido um jardim de rosas, mas que entretanto agora tudo o que ficava dele eram algumas plantas mortas. No centro do pequeno jardim havia uma estátua de

bronze representando um lobo uivando, e a seu lado, a figura de um corvo esculpido em mármore negro.

Um tremor de ansiedade desceu por sua coluna vertebral. Uma estranha escolha para ornamentação de um jardim, pensou.

Consciente do olhar fixo de Rayven, voltou seu rosto para ele – Eu... Estou segura de que alguma vez isto foi um lugar muito formoso.

Ele enrugou sua testa, seus lábios curvados em sardônica diversão – Você acha?

– Não sei. Acredito que poderia havê-lo sido.

Lhe deu as costas e olhou as estátuas, notou a escuridão levantando-se em seu interior, ouviu o instinto da fera selvagem chamando-o em voz alta, urgindo a despojar do fino verniz de humanidade e correr nu e selvagem através da noite.

– Sua Senhoria?.

O medo subjacente em sua voz, tirou-o da borda da escuridão. Sentindo-se como se também ele fosse frio como o mármore, girou-se para ela.

– Pode fazer um milagre aqui, doce Rhianna? – Perguntou suavemente – Pode mudar esta fealdade em beleza?.

Rhianna indagou em seus olhos, perguntando-se se ele falava do jardim, ou de si mesmo.

Pôs um dedo sob seu queixo e elevou o rosto – Poderia fazê-lo, doce Rhianna?.

–Tentarei, Sua Senhoria.

–Quer me beijar, moça?

– Se você o desejar.

– Não, porque eu o deseje Rhianna. Quero que me rodeie com seus braços e me beije por vontade própria.

Ele estava sozinho, pensou, tão só como ela.

O tempo parou, e tomou plena consciência de tudo o que havia a seu redor. Sentiu a fresca umidade da erva sob seus pés ao aproximar-se dele, até que seus corpos quase se tocaram. Ao pôr suas mãos sobre seus ombros notou que sua capa era suave sob seu tato. As aletas de seu nariz se encheram de sua essência, um perfume selvagem, almiscarado que recordava a erva úmida e chuva.

Então ficou nas pontas dos pés e o beijou. Seus lábios eram frescos e firmes. Quando começou a afastar-se, seu braço se curvou ao redor de sua cintura e a segurou mais perto dele. Notou os pequenos calafrios que sacudiam seu corpo, suspeitando que ele mantinha bem a raia

suas emoções, sentindo a força subjacente que morava nele.

Seus olhos se fecharam, quando passou sua língua por seu lábio inferior, e logo a introduziu em sua boca. Calor e o fogo explodiram dentro dela, irradiando para fora, até que sentiu como se derretesse entre seus braços. Imagens distorcidas invadiram sua mente, um lobo encurvando-se sobre sua presa, um enorme pássaro negro bebendo sangue escuro em uma taça de cristal, uma espessa névoa cinza movendo-se pelas escuras ruas de um povoado.

Ouviu Rayven praguejar baixo enquanto a soltava.

As imagens desapareceram repentinamente, como se tratasse de uma piçarra a que tivessem apagado totalmente, olhou-o aturdida e como se a tivessem privado de algo.

– Rhianna? Rhianna!.

– Sim, Sua Senhoria?

– Está bem?

-Eu... Não sei. Acreditei que vi...

–O que?.

Ela negou com a cabeça. – Não me lembro.

Amaldiçoando baixo, rodeou-a com seus braços, seu queixo descansando ligeiramente sobre sua cabeça.

– Rogo que me perdoe, doce Rhianna – Murmurou roucamente.

– O perdoar, Sua Senhoria? Mas por que? O que é que tem feito?

– Espero que nunca descubra – Respondeu, com voz angustiada.

Abraçou-a durante muito tempo, deixando que seu poder fluísse sobre ela, acalmando-a. Ela fechou seus olhos, apaziguada, como um menino pela constante pulsação do coração de sua mãe sob sua bochecha.

Vendo que o sono se apoderava dela e murmurando seu nome, elevou-a em braços. Com os olhos fechados e a luz de lua brilhando tenuamente em seu rosto parecia uma princesa de conto de fadas.

Invadiu-o uma quebra de onda de ternura enquanto a tirava do labirinto para a silenciosa escuridão do castelo.

Em seu quarto, deitou-a vestida na cama e a agasalhou. Era a inocência personificada, e pela primeira vez durante anos, odiou ser o que era, porque lhe negava toda esperança de ter uma vida normal, de desfrutar do amor. Nunca teria uma esposa, nunca conheceria a alegria de sustentar um filho dele.

A ternura deu passo ao arrependimento, o arrependimento à irritação e a irritação ardeu profundamente nele. Depois de ser transformado se resignou a viver em solidão. Sabia que este tipo de coisas sempre lhe estariam proibidas, e tinha deixado de albergar qualquer desejo em seu coração, de ter uma casa e família própria.

Acreditou-se contente e feliz, até que conheceu Rhianna. O vê-la, abraçá-la, tinha despertado sentimentos e desejos que tinham permanecido adormecidos em seu interior durante séculos.

Com um fraco grunhido, inclinou-se para ela, odiando-a pelo poder que exercia sobre ele, pela debilidade que sentia quando a olhava. Sua mão afastou uma mecha de cabelo de seu pescoço.

Seu perfume encheu as janelas de seu nariz, avivando sua fome, acendendo seu desejo. Se isto era tudo o que ele poderia ter dela, então que só fosse isto, e soltou à besta que morava em seu interior.

CAPÍTULO CINCO

Investigo seus olhos
E o perdão encontro
E por um momento
Um momento breve, doce e brilhante
Vejo um fim a meu desespero.

Tinha sido um engano tocá-la, beijá-la. Uma vez tinha provado a doçura de Rhianna, não poderia pensar em nada mais. Buscou-a a hora de jantar, ele bebia de sua taça enquanto a observava comer, a escutava com entusiasmada atenção enquanto explicava como tinha passado o dia. Tinha uma mente brilhante, um intelecto agudo, e um senso de humor encantador. Bevins havia dito que aprendia rapidamente e que fazia notáveis progressos.

Rayven via os resultados por si mesmo cada noite quando lia, tal e como o estava fazendo agora.

Ele estava sentado em sua cadeira favorita, frente às chamas de um fogo que pouco fazia para esquentar o frio de seu interior, escutando como lia. O som de sua voz ondulava sobre ele como o sedoso brilho de sol, mais suave e quente que as chamas que dançavam na lareira. Observava-a com os olhos entreabertos, perguntando-se como era possível que cada dia que

passava estivesse mais bela. Suas bochechas floresciam com fino rubor, seus olhos cintilavam, sua pele resplandecia de juventude e de vida. A luz do fogo lançava sombras douradas em seu perfil. Fascinado como um adolescente cheio de amor, deleitava-se em sua cercania, com o som de sua voz.

Passaram vários minutos antes de que ele se desse conta de que ela tinha finalizado a leitura, enquanto ela ficou olhando.

–Acontece algo, doce Rhianna?.

– Não, Sua Senhoria.

– Por que deixou de ler?.

Um débil sorriso brincou em seus lábios – Faz um momento que me detive.

Ele franziu o cenho.

– Por que?

– Porque a história terminou, Sua Senhoria.

Ele a olhou durante um longo momento, sentindo-se muito tolo, e depois riu.

Rhianna cravou os olhos nele. Raramente o tinha visto sorrir, nunca o tinha ouvido rir. Era um som maravilhoso, profundo e enriquecedor. E contagioso. Sentiu uma quebra de onda de risada em resposta à sua, até que as paredes ecoaram do som.

E depois, sem saber muito como, ele estava ajoelhado ante ela, e a risada morreu em sua garganta.

– Rhianna. Agarrou suas mãos com as suas e as beijou.

– Sabe quanto tempo fazia que não ria tão a gosto?.

– Não, Sua Senhoria.

– MUITÍSSIMO tempo – Respondeu, com seu olhar fixo ardendo na dela – Mais tempo de que possa imaginar.

– Então me alegre de tê-lo feito rir.

– O que posso fazer por você, em troca?.

– Sua Senhoria?

– Um novo vestido que faça jogo com a cor de seus olhos? Um colar de ouro?.

– Não quero nada, Sua Senhoria. Você já me deu muitas coisas. E Eu... Ela afastou o olhar – Não lhe dei nada em troca.

A culpa, mais afiada que os espinhos das rosas que ela tanto amava, aguilhoou sua consciência. ela tinha dado muito mais do que supunha. Mais do que ele tinha direito a tomar.

– Pede algo, doce Rhianna. Só tem que nomeá-lo e é seu.

– Tudo que queira? De verdade?.

– De verdade.

– Desejaria enormemente, ter um espelho em meu quarto.

Ele se recostou em seus calcanhares, seus olhos escuros voltados repentinamente misteriosos e frios – Um Espelho?

Ela assentiu, com expressão ansiosa.

– Você me deu tantas coisas belas. Quero ver como luzo.

– Muito bem disse – Com fria voz – Terá um.

– Disse algo incorreto? Perguntou com os olhos cheios de confusão.

Ele negou com a cabeça, depois se levantou – Vai dormir, meu doce.

Ela ficou de pé. Como sempre, seu tamanho a assombrava. Ele se movia com tal sigilo, falava com tal quietude, que freqüentemente se esquecia de quão grande era. Abatia-se sobre ela, alto e largo de ombros – Dirá-me o que disse ou fiz para lhe causar tanto desgosto?.

Voltou-se de costas, olhando fixamente para o fogo.

– Vai para cama. Sua voz era áspera, fria como o gelo.

– Muito bem, Sua Senhoria.

Escutou o som de seus passos, amortecidos pelo grosso tapete, enquanto cruzava o quarto.

– Boa noite, Sua Senhoria.

Podia notar como o olhava fixamente, esperando uma resposta, logo a ouviu suspirar, abrir a porta e sair da sala.

Rayven ficou com o olhar fixo nas chamas. Podia sentar-se neste quarto e fingir que era um homem como qualquer outro. Podia fingir que ela era dele, que estava ali porque o desejava. Podia rodear-se de riquezas, mas não podia esconder-se da verdade mais do que podia caminhar sob a luz do sol, ou ver seu reflexo em um espelho. Estas simples coisas, estavam-lhe negadas para sempre.

O espelho que Bevins depositou no quarto de Rhianna a tarde seguinte era a coisa mais deliciosa que tinha visto em toda sua vida, um espelho de grande tamanho emoldurado em um marco dourado. E em um canto, gravadas no cristal, estavam suas iniciais.

– OH, é muito bonito disse passando as mãos sobre o marco, e suas iniciais gravadas.

– Lorde Rayven estará contente de que goste.

– OH, certamente que eu gosto! Está em casa? Devo lhe dar obrigado.

- Não é possível vê-lo, senhorita.
- Nunca está aqui durante o dia – Disse Rhianna, fazendo careta. – Aonde vai?
- Não saberia dizer-lhe ao certo.
- Você não sabe?
- Não, senhorita. A vacilação em sua voz fez suspeitar que mentia.
- Descerá para comer, senhorita?.
- Acredito que não. Voltou as costas ao espelho – Acredito que tomarei uma sesta.
- Muito bem, senhorita. Com uma breve reverencia, Bevins saiu do quarto.

Rhianna foi até a janela e ficou olhando ao jardim. Levava aqui uns quantos meses e até agora não se deu conta de que nunca tinha visto Rayven durante o dia. Por que tinha mentido Bevins? Estava Rayven aqui? Vamos, possivelmente?

Curiosa, abriu a porta de seu quarto e caminhou às escondidas. Não havia sinais de Bevins. Andando nas pontas dos pés se dirigiu para baixo até o corredor da torre do leste.

O som de passos ressonava fortemente enquanto subia pela estreita e serpenteante escada. Noventa e nove degraus. Estava ofegando quando chegou ao último.

Fazendo uma pausa para recuperar o fôlego, olhou para o comprido corredor. Não havia nenhuma luz filtrando-se pelas portinhas das janelas das grossas paredes de pedra.

Nas pontas dos pés, foi caminhando pelo escuro corredor. Deteve-se na primeira porta, com mão tremula tratou de elevar o trinco. A porta se abriu sem um só som.

Olhando com atenção para dentro, viu que o quarto estava cheio de móveis, os sofás estofados com brocados descoloridos. Havia mesas de todos os tamanhos e formas, cadeiras de carvalho escuro e mogno, tamboretas delicadas e cômodas cobertas com mármore. Tudo estava coberto de uma capa de pó, como se não se utilizou durante décadas.

Fechando a porta, cruzou o corredor por volta do quarto de frente. Também, estava abarrotado com todo tipo de mobiliário.

O quarto seguinte estava cheio de obras de arte: estátuas, pinturas, candelabros de bronze, jarros de cristal e porcelana, figurinhas de porcelana da China, uma escultura enorme de um corvo esculpida em madeira grafite de negro. Também todas cobertas de pó e dúvidas.

Mais adiante estava o próprio quarto da torre. Até sem sabê-lo, estava segura de que era o quarto de Rayven. Caminhando com precaução, aproximou-se da porta. Pressionou sua orelha contra a suave madeira, e ao não ouvir nenhum som, pôs a mão no trinco.

Com seu coração martelando fortemente, abriu a porta e deu um passo ao interior. Não

havia nenhuma só luz em todo o quarto. Pesadas cortinas de veludo negro cobriam as janelas. Cruzando o quarto, foi para as cortinas, e as afastou, depois se virou e olhou a seu redor. O quarto estava vazio.

Desconcertada, deixou de novo as cortinas em seu lugar. Por que Rayven tinha proibido que viesse aqui? Que razão podia ter, para não lhe permitir que visse todos estes quartos cheios de velhos móveis, ou este outro vaziou da torre?

De repente teve a fria sensação de que não estava sozinha. Um pânico irracional surgiu dentro dela, e saiu precipitadamente do quarto.

Passou correndo pelo corredor, baixou as escadas com silenciosos soluços em sua garganta enquanto imagens de escuridão e morte formavam redemoinhos em sua mente.

Foi correndo cegamente pelo castelo até que chegou a seu quarto. Fechou a porta e abriu as grandes janelas. Torno-se na cama sujeitando um travesseiro fortemente contra seu peito e cravou os olhos na luz do sol que se filtrava pela janela, esperando que isso afugentasse a escuridão que parecia envolvê-la como fumaça negra, empapando sua alma. E no centro dessa escuridão, sentiu uma solidão tão profunda, que rompeu seu coração.

Rayven estava sentado na mesa frente a Rhianna, formando ociosos redemoinhos com o líquido de sua taça, observando como o cristal apanhava a luz das velas

– A semana que vem iremos à ópera. Quero que saia e compre um pouco adequado que te pôr.

– Não necessito mais trajes de noite, Sua Senhoria.

– Faz-o para me agradar. Algo azul, que faça jogo com seus olhos.

– Muito bem, Sua Senhoria, como você deseje.

– O que esteve fazendo hoje?.

Rhianna engoliu seco, afastando seu olhar da dele – Hoje, Sua Senhoria?

– Sim, hoje.

– Eu... Bevins me trouxe uma nova peça musical.

– Tocará-a para mim?

– Se você o desejar, embora ainda não a ensaiei.

– É uma criatura muito obediente, doce Rhianna.

– Sua Senhoria? O olhou de esguelha, não sabendo se a estava elogiando ou queixando.

Rayven a olhou por sobre o cerco de seu copo. Nunca tinha conhecido uma mulher que fosse tão complacente, que não pedisse nada, e que parecesse sentir genuíno prazer com sua

companhia. Agradava sua vaidade masculina o pensar que se interessava por ele, embora somente fosse um pouco. As demais lhe tinham devotado seus favores, mas sempre tinha sido consciente do medo no fundo de seus olhos, do interesse pelo que sua riqueza poderia lhes oferecer. Tinha-lhes dado tudo o que tinham pedido, havia-as coberto de presentes jóias, peles, custosos vestidos parecendo que era um preço pequeno a pagar pelo que ele tomava.

Inclinou sua cabeça, olhando-a com os olhos entreabertos. Ao despertar esta tarde, tinha notado sua presença na torre, tinha cheirado a persistente fragrância de seu perfume, de seu ser. Nunca tinha conhecido a uma mulher que se atreveu a desafiá-lo. Por esse ato de coragem, compraria-lhe um colar de safiras para que fizesse jogo com seu novo traje de noite.

– O que outras coisas fez hoje? Perguntou suavemente.

O medo subiu por sua garganta. Ele sabe, pensou freneticamente. Ele sabe o que tenho feito, e agora me castigará.

– Já faz algum tempo que vive aqui – Comentou nesse mesmo tom de voz enganosamente suave.

– Sim.

– Com certeza que já deve ter explorado o castelo.

– Você disse que podia passear por todo o castelo, Sua Senhoria – Respondeu, com um tremor em sua voz.

– Assim é. Exceto pela torre do leste.

Rhianna inclinou a cabeça, incapaz de emitir uma só palavra, enquanto o medo se enroscava em seu interior.

– Recorda minha advertência?.

Assentiu, cruzando fortemente as mãos sobre seu colo, para que não notasse como tremia.

– De novo vejo que faz caso omisso de meus desejos.

– Sim, Sua Senhoria.

Ele sorriu sobre o cristal de sua taça enquanto esvaziava seu conteúdo de um gole. Levantando-se, ofereceu-lhe sua mão.

– Vêem – Disse – Desejo que toque para mim.

– Obrigado, Sua Senhoria.

Suas sobrancelhas elevadas em um gesto que ela tinha chegado a reconhecer com suave diversão – Por que, doce Rhianna?.

– Por não estar furioso comigo. Por ser tão amável.

– Amável? Riu suavemente, um som cheio, enriquecedor que a enchia de um sensual prazer

– Essa é uma qualidade que ninguém em toda minha vida me tinha adjudicado.

– Seriamente, Sua Senhoria?

– De verdade, meu doce.

– Então o direi freqüentemente, se isso o agradar.

– Você me agrada – Respondeu. Agachou sua cabeça e cobriu sua boca com a sua, beijando-a com uma intensidade que a privou de toda a força em suas extremidades ao mesmo tempo que pareceu lhe tirar todo o ar de seus pulmões.

Quando afastou seus lábios, ficou olhando-o fixamente, sentindo-se estranhamente tonta.

Rayven sorriu, a escuridão ardendo em seus olhos.

– Nunca duvide do muito que me agrada.

Bastante tempo depois que Rayven a tivesse deixado, ainda podia sentir o calor de seus lábios, a dureza de seu corpo contra o seu. Embora nunca tinha conhecido a um homem, não era completamente ignorante da forma em que os homens e as mulheres se emparelhavam, mas jamais sonhou com que isso comportasse tal prazer. As mulheres no povoado murmuravam sobre os baixos instintos dos homens, do ter que suportar o trato sexual entre casados. Mas nunca tinham mencionado o prazer que isso comportava, a comoção que provocava em seu interior.

Mas tarde, tinha-a escutado enquanto tocava o piano, descartando seus enganos com um gesto de sua mão. Era uma partitura fácil; Normalmente, haveria-a tocado sem titubear. Mas não podia esquecer seu beijo, suas mãos não podiam deixar de tremer ao recordar como se sentou entre seus braços. Inclusive agora, ainda parecia ter o rastro de seu duro corpo impresso no seu.

Mover-se parecia um grande esforço, mas ao mesmo tempo se sentia flutuar enquanto subia pelas escadas.

Em seu quarto, tirou seus sapatos e as meias, deixou o vestido sobre uma cadeira, e se meteu silenciosamente na cama.

Sonhou com ele essa noite, sonhou que estava ali, em seu quarto, sentado a seu lado na cama, sua capa escura flutuando a seu redor como um sudário enquanto dobrava sua cabeça para ela. Na luz incerta de seu quarto, seus olhos pareciam resplandecer como carvões ardendo a fogo lento. Notou como suas mãos se posavam sobre seus ombros, sentiu seus lábios em sua garganta, sentiu a familiar sensação de debilidade quando seus dentes raspavam a branda pele de seu pescoço. Um sensual prazer se uniu à dor. Gemeu brandamente enquanto suas mãos sujeitavam seus braços. E logo ouviu sua voz, sussurrando em seu ouvido.

-Só é um sonho, doce Rhianna – Disse, sua voz hipnotizando-a com seu poder – Só é um sonho...

Suas pálpebras se fecharam, mas não antes de que o visse levantar-se da cama como uma névoa escura. Encolheu-se de medo e ele se foi como se nunca tivesse estado ali.

Mas, claro, só era um sonho.

CAPÍTULO SEIS

Seu toque me deixou indefeso
Sua confiança dilui as correntes do passado.
Atreverei-me a acreditar no amor que ela me oferece?
Ao final, encontrei um fim a esta escuridão?

Os olhos de Rhianna se alargaram quando entrou no teatro da ópera. Exceto pelas ocasiões nas que Bevins a tinha levado às compras ao povoado vizinho, era a primeira vez que saía do vale aonde tinha nascido, a primeira vez que ia à cidade. Não poderia deixar de olhar às muitas belas mulheres, com seus ostentosos trajes de noite de seda e raso.

Levantou seu queixo desafiante, tentando fingir que era uma delas, que pertencia a esse mundo. Seu traje de noite era igual de custoso e ia tão na moda como elas. As safiras em sua garganta eram adequados para uma rainha. Mas, embora o tentava, não podia evitar sentir-se como uma criada vestida com as roupas de sua senhora.

Uma vez que seu temor inicial passou, se deu conta de que muitas pessoas olhavam a Rayven. Ouviu retalhos de conversa enquanto Rayven a escoltava subindo pelas escadas para seu camarote privado.

– É Rayven...

– Não o tinha visto por aqui durante anos...

– ... Uma nova amante...

–... Tão jovem...

–É preciosa...

–... Não é obstáculo... Ele nunca se altera...

Estava segura de que suas bochechas estavam vermelhas de vergonha quando chegaram ao camarote. Sentando-se, escondeu seu rosto atrás de seu leque.

–Não faça conta, doce Rhianna – Disse Rayven sentando-se a seu lado com um gesto de

aborrecimento em seu rosto.

– Falam de nós.

– Deixa-os. Disse quão bonita esta com este traje?. E certamente, estava-o. O veludo azul escuro contrastava com a suavidade cremosa de sua pele e para parecer ainda mais escuros seus olhos.

Rhianna inclinou a cabeça, desejando poder desaparecer. Nunca antes tinha sido objeto de tantas falações e especulações. Não tinha que ouvir as palavras, para saber que as pessoas estavam pensando que era a amante de Rayven.

Olhou para o camarote que havia em frente, e se tornou rapidamente para trás quando reconheceu o homem alto e loiro. Ele tinha estado na casa de Cotyer a noite em que seu pai a leiloou ao melhor preço.

Ele também a tinha visto, com um sorriso inclinou a cabeça em sua direção e logo lhe soprou um beijo.

Ouviu Rayven resmungar algo baixo e logo, para seu alívio, abriu-se a cortina do cenário e a função começou.

Rhianna nunca tinha visto ou nem tinha ouvido nada igual, os trajes, os atores, a música, o baile. Embora não podia entender a linguagem, não teve nenhum problema em seguir a história que falava de um jovem rico apaixonado por uma camponesa.

No descanso, Lorde Montroy apareceu por seu camarote. Esboçou uma saudação em direção a Rayven e depois se inclinou e beijou respetuosamente a mão de Rhianna.

– Boa noite, querida – Disse, e ela notou o indício de um sorriso em sua voz. –Você esta muito bem esta noite.

– Obrigado.

Montroy se sentou em uma das cadeiras, com suas largas pernas estiradas negligentemente ante ele.

– Não posso recordar a última vez que vi Rayven na ópera comentou – Você deve ser uma boa influência para ele.

–Eu.. . Ela negou com a cabeça. V Foi idéia de Lorde Rayven, não minha. Um sorriso iluminou seu rosto.

– Mas não foi maravilhoso?.

– Então esta desfrutando-a?.

– OH, sim, é uma peça teatral maravilhosa. Nunca vi nada igual.

Rayven se recostou em sua cadeira, com os braços cruzados sobre seu peito enquanto Montroy falava com Rhianna. Seu desinteresse se voltou rapidamente em irritação, ao ver como Montroy paquerava com Rhianna, elogiando seu penteado, comparando o azul de seus olhos com o do colar de safiras que levava. Observou como Rhianna se ruborizava, enquanto lhe dava obrigado educadamente. Suas mãos se fecharam com força em punhos apertados, a cólera convertendo-se rapidamente em fúria para ouvi-la rir brandamente sobre algo que Montroy lhe havia dito.

– Suficiente. – A palavra, dita com voz suave, terminou com os floridos cumprimentos de Montroy como se de uma faca se tratasse.

Com preguiçosa graça, Montroy ficou de pé, murmurando uma despedida enquanto se inclinava para beijar a mão de Rhianna, logo se dirigiu a Rayven.

– Verei-lhe depois no Cotyer, Sua Senhoria?

– Não.

Montroy olhou a Rayven com um sorriso zombador – Certamente essa foi uma pergunta idiota – Disse – Boa noite, Sua Senhoria.

– Montroy.

Rhianna se abanou, não atrevendo-se a olhar a Rayven. Não tinha passado despercebido o indício de cólera em sua voz, embora não entendia a razão do mesmo.

Quando a obra se reatou, sentiu-se agradecida.

Rayven tinha visto a ópera muitas vezes, e era o rosto de Rhianna o que observou durante os últimos momentos da função. Tal como tinha suspeitado, ela chorou quando a protagonista se suicidou em vez de continuar vivendo sem o herói, entretanto o por que uma mulher podia chegar a amar a um homem tão fraco de caráter como o herói, era algo que estava além de sua compreensão.

Quando baixou o pano de fundo, ofereceu-lhe seu lenço – Seque os olhos, doce Rhianna. depois de tudo, só é ficção.

– Mas é tão triste. Amavam-se tanto!.

– Frescuras! Se ele a tivesse amado, teria desobedecido a seu pai e se casado com ela em vez de outra mulher a que não amava.

– Sim – Disse Rhianna– Suponho que deveria havê-lo feito.

Levantando-se, Rayven pôs sua capa sobre seus ombros.

– Pronta?.

Assentindo, Rhianna ficou de pé e lhe estendeu a mão. Com a cabeça bem alta abandonou o camarote e saiu ao exterior.

Era uma noite iluminada pela lua cheia. Uma lua amarela brilhava sobre o céu infinito. Caminhava ao lado de Rayven, consciente das pessoas ao seu redor, consciente de seus olhares de curiosidade, de suas palavras murmuradas conjecturando sobre sua relação com o escuro Lorde do castelo.

Sentiu-se aliviada ao chegar Bevins com a carruagem.

Quande Rayven a ajudou a subir ao interior, notou sua mão em seu braço. Seu toque era firme e fresco. Espalhou suas saias ao redor enquanto ele entrava pela outra porta e se sentava a seu lado. Havia algo muito íntimo em estar a sós com um homem em uma carruagem fechada. A dura coxa de Rayven roçou a sua, enquanto trocava de posição no assento. O perfume de sua colônia invadiu o ar.

Deu um golpe no teto, e a carruagem arrancou. Permaneceram em silêncio durante vários minutos. Rhianna olhava pela janela, admirando o campo iluminado pela lua.

– Montroy te acha muito atraente, meu doce.

Rhianna girou sua cabeça para lhe olhar, assombrada por seu comentário.

– Sua Senhoria?

– Não se faça de tímida comigo moça, vi a forma em que te olhava. E a forma que você o olhava.

– Não sei o que quer dizer.

– Não sabe?.

Rhianna lhe devolveu seu olhar, surpreendida pela cólera no fundo de seus olhos, pelo bordo afiado do ciúmes em sua voz.

– Se tiver algum plano para ver ele às escondidas, esquece-o.

– Sua Senhoria, você me julga mau! – Rhianna exclamou, horrorizada de que ele pensasse tal coisa. – Não tenho nenhum interesse nesse homem.

– Não?

– Não.

– Me desculpe, doce Rhianna – Queixou-se, assombrado por sua reação ao pensar nela com outro homem. Antes nunca tinha sido possessivo com as mulheres que trazia para casa, mas antes nenhuma tinha sido tão preciosa ou tão inocente como Rhianna McLeod.

– Por favor não fique zangado comigo, Sua Senhoria.

Rayven soltou de repente o fôlego e agarrou suas mãos as beijando uma a uma. – Nunca posso estar furioso contigo. Nem com o Montroy suponho. Não posso culpar ao homem por sentir-se atraído para você.

Ele beijou de novo o dorso de sua mão direita; E logo, muito lentamente, tirou-lhe a luva, inclinou sua cabeça e lambeu sua palma. Rhianna ficou sem fôlego enquanto um calor abrasador subia por seu braço.

Com o coração pulsando loucamente, olhou nos olhos, sentindo que o fogo que ardia neles a engolia – Sua Senhoria...

Lenta e inexoravelmente, atraiu-a para seus braços até que seu rosto monopolizou todo seu campo de visão. Inclinando sua boca sobre a dela, beijou-a, seus dentes raspando seus lábios, sua língua explorando a suave carne interior até que ela ficou ofegante, quase enjoada pelo tumulto de emoções que formavam redemoinhos em seu interior. Sua pele estava tensa, notando cada uma de suas terminações nervosas.

Apenas consciente do que estava fazendo, com um suave gemido se apoiou nele, apertando seus seios contra seu torso masculino.

– Rhianna, ah, Rhianna. – Ele gemeu suavemente – Sabe o que me está fazendo? Suas mãos deslizaram de cima abaixo por suas costas, erráticas como os batimentos de seu coração.

Abraçou-a mais forte, mais próxima, sua boca derramando beijos em seus olhos, em seu nariz, na curva de sua bochecha. Sua língua lambeu seu pescoço, seus dentes mordiscaram seu lóbulo, depois rasparam a carne branda sob sua orelha.

Um gemido retumbou profundo em sua garganta e depois, abruptamente, afastou-a à força.

Deslumbrada, se esquivou e se aproximou dele, querendo que a beijasse outra vez, para continuar com a estranha magia que seu toque contribuía a seus sentidos.

– Não faça isso. O tom de sua voz a golpeou como uma bofetada.

Com um gemido amortecido, afastou-se para o canto do assento seu coração golpeando grosseiramente, não com desejo, e sim com temor. O que tinha feito? por que a estava olhando assim, seus olhos antes ardendo agora de repente frios como o aço?

O resto da viagem passou em silêncio. Rhianna com a cabeça encurvada, abatida, suas mãos apertadas em seu colo.

Quando chegaram a casa, Rayven virtualmente saiu voando da carruagem. O seguiu com o olhar, desejando pedir que voltasse, mas ele foi tragado rapidamente pela escuridão, tão completamente que parecia como se tivesse desaparecido nela.

Bevins a ajudou a descer da carruagem, logo a precedeu para o castelo, iluminando os abajures dos quartos de abaixo.

– Gostaria de tomar uma xicara de chá, senhorita? Perguntou – Ou possivelmente um pouco de chocolate?

– Chocolate, por favor. Traga-me isso no salão.

– Como você deseje, senhorita.

Tirando a capa e as luvas, Rhianna entrou no salão e se sentou no sofá, tentando compreender o que tinha acontecido na carruagem. Era uma novata quanto ao desejo, mas não estava equivocada ao pensar que Rayven a desejava. O céu sabia que também o tinha desejado, e que lhe teria entregue sua virtude ali, dentro da carruagem, se ele o tivesse pedido. Fazia algo que o tinha aborrecido, mas o que?

– Deseja que acenda o fogo, senhorita? Perguntou-lhe Bevins enquanto entregava uma xicara de chocolate quente.

– Sim, por favor. Faz muito frio aqui dentro.

Bevins assentiu, e foi ocupar-se do fogo.

– Retornou já Lorde Rayven?. Perguntou.

– Não, senhorita. Eu se fosse você não o esperaria.

– Sabe aonde foi?

Bevins vacilou – Não, senhorita. Deseja alguma outra coisa, senhorita?.

– Não, Bevins. Muito obrigado.

– Boa noite, então.

– Boa noite.

Olhando fixamente as chamas, Rhianna bebeu o chocolate, sentindo-se mais relaxada. Tinha graça a vida, filosofou. Tinha-lhe dado medo vir a este lugar, temerosa de afastar-se de sua casa, assustada de Rayven, mas todos seus medos tinham resultado ser infundados. Não havia nada do que temer no castelo. Estava bem alimentada e levava postas belas roupas. Tinha aprendido a ler e a escrever, apreciar a poesia, a tocar o piano, pintar. Inclusive o temor que causava Rayven tinha sido injustificado. À exceção destas últimas semanas, apenas o tinha visto. Algumas vezes, parecia como se fosse ele quem a temesse.

Afastando a xicara, ocultou os pés sob sua saia. Por que havia trazido aqui Rayven? Se não a desejava como amante ou criada, para que a queria? até agora, não tinha feito nada que justificasse o dinheiro que tinha pago para ela.

Rayven. Por que não estava casado? Era rico. Era bonito. Nem a cicatriz em sua bochecha podia subtrair a sua aparência. O recordar quão atrativo era a fez cobrar vida, esquentou seu sangue e fez tremer seu estômago com desejo. Certamente não poderia ser tão mau deitar-se com ele apesar do que sua mãe tinha advertido sobre estas coisas... .

O calor que impregnava suas bochechas por seus caprichosos pensamentos, não tinha nada que ver com o calor produzido pelas chamas do fogo. Com um suspiro, fechou seus olhos, vendo-o em sua imaginação, a frente alta, o nariz perfeito, seus belos olhos escuros que a faziam arder com um só olhar, seus lábios cheios...

Sentiu seu corpo arder nos lugares que ele a havia tocado. Se não a tivesse afastado à força...

Rayven estava de pé ao lado do sofá, observando-a enquanto dormia. Seu cabelo se soltou dos alfinetes e jazia esperso pelo braço do sofá como um rio de seda de ouro. Suspirava em sonhos, seus lábios rosados docemente curvados em um sorriso que era doce e sedutor. O que, ou com quem, estava sonhando?

Incapaz de evitá-lo, ajoelhou-se a seu lado, olhando fixamente os batimentos do coração lentos e constantes do pulso na base de sua garganta. Fechou seus olhos e tomou um profundo fôlego, aspirando seu perfume. Cheirava a sabão e a perfume, a rosbife e pudim Yorkshire que tinha tomado para jantar, a chocolate. Pôs a ponta de seu dedo em cima do pulso que pulsava em sua garganta, sentiu o sangue correndo através de suas veias, notou como se fazia água a boca ao recordar o sabor quente e doce de seu sangue.

Inclusive antes de abrir os olhos, soube que ela estava acordada e o estava olhando. Percebeu a mudança em sua respiração, o acelerar de seus batimentos do coração.

– Sua Senhoria – Disse – Sinto se o ofendi em algo.

– Ofendeu-me?.

– Na carruagem.

– Não fez nada que pudesse me ofender, doce Rhianna.

– Então por que...

– Não quero te machucar, Rhianna.

– Você não estava me machucando. – O rubor subiu por seu pescoço e suas bochechas – Realmente foi ao contrário, Sua Senhoria.

– Ah, moça – Queixou-se Rayven, acariciando sua face – Se você soubesse.

– Saber o que?.

Tiamat World

– Nada. Não te assustarei com meu passado, nem te aborrecerei com meu presente.

– Não entendo.

– Não há nenhuma necessidade de que me entenda. Tudo o que precisa saber é que eu gosto muito de você.

– Então, beijará-me de novo? Viu a negativa em seus olhos e pressionou as pontas de seus dedos sobre seus lábios – Só um beijo, Sua Senhoria.

Agarrando a mão de sua boca, beijou sua palma. Quando a olhou de novo havia um brilho de diversão em seus olhos escuros – Agradaria-te muito?.

– OH, sim.

– Um beijo, e depois irá à cama.

Ela assentiu, baixando suas pálpebras quando seus lábios encontraram os seus. Havia tanta doçura em seu beijo, tanto desejo. Relutante a soltá-lo, rodeio o pescoço fortemente com seus braços e aprofundou o beijo, esperando que notasse quanto o desejava.

Agarrou-a entre seus braços, levantou-a do sofá e a depositou em seu colo, sua boca arrasando a dela na forma mais doce possível.

Ela se afogava de prazer, derretendo-se no desejo, e então, em sua mente apreciou um brilho de escuridão, mas não era a escuridão tal e como a conhecia, e sim uma ausência total de nada, e em meio da escuridão um sentimento de dor e angústia tão vívido que o sentiu como se fosse dela.

Retorceu-se em seu abraço, sentindo que seus braços a sujeitavam hermeticamente. Tratou de abrir seus olhos, mas a escuridão aumentada, e se viu a si mesma absorvida nesse horrível negrume. .

– Rhianna?

– Não. Não, não... Por favor.

– Rhianna, abre os seus olhos. Não há nada que temer.

O olhou piscando, sentindo-se como se acabasse de sair de um pesadelo.

– O que aconteceu?.

– Nada.

– Mas...

– Foi só um sonho, meu doce, nada mais.

– Mas estava acordada!.

– Não. Ficou adormecida em meus braços. Olhou-a com um tenso sorriso, em seus escuros e

convincentes olhos – Levarei-te para cama – Disse, e se levantou com ela em seus braços como se não pesasse absolutamente nada.

– Posso caminhar, Sua Senhoria.

– Não há nenhuma necessidade.

Sem esforço algum, levou-a escada acima até seu quarto.

– Descansa, minha doce Rhianna.

– Boa noite, Sua Senhoria.

Ele assentiu, depois abandonou o quarto, sua capa negra formando redemoinhos ao redor de seus tornozelos como se fosse fumaça.

CAPÍTULO SETE

Fundo nas profundidades de um negro e amargo desespero, Rayven estava de pé diante a lareira, olhando fixamente as chamas. Já não a podia reter por mais tempo, não sem pôr em perigo sua vida. Já era suficiente com que tomasse essência de sua vida. Não tomaria sua alma, também.

Mas, como podia deixá-la partir? Frequentemente tinha invadido seus sonhos, perdendo-se em sua doçura, em sua pureza. Graças a seus sonhos, podia caminhar de novo à luz do sol, sentir seu calor em seu rosto. Podia ver o mundo iluminado pela luz, em vez da escuridão. Caminhando a seu lado, podia fingir que era humano de novo, um homem.

Agora estava sonhando e em seus sonhos o levava pela borda de um rio azul brilhante, detendo-se para recolher um ramalhete de brilhantes papoulas, passando cuidadosamente através da água brilhante pelo sol, e ele caminhava a seu lado, sentindo a luz em seu rosto como uma bênção.

Afastou sua mente da dela. Era perigoso deixar que seus pensamentos se misturassem com os dela. Se o fazia cada vez mas difícil controlar-se, manter sujeita sua fome, separar sua diabólica sede de seu desejo. Não podia, não o faria, não a profanaria

Com um suspiro, voltou-se de costas para fogo.

Esta noite seria a última vez.

Estava ali, ao lado de sua cama, a mesma forma escura que tinha vindo a ela tantas vezes antes. A capa de veludo negro delineada em seda azul ondulava a seu redor, como as asas de um

corvo. Não podia ver seu rosto, mas reconheceu seu toque.

Notou como seus lábios se moviam por sua testa, suas bochechas, sua têmpora, roçando-a com o calor de sua língua, deixando um caminho de fogo enquanto se deslizava até seu pescoço. Afastou sua cabeça para um lado, suas mãos agarraram seus braços, suas pálpebras se fecharam enlevados ao raspar seus dentes sua carne suave.

Ouviu seu grunhido baixo, como o de um lobo, sentiu a dolorosa dentada de seus dentes, seguido pelo toque de sua língua acariciando seu pescoço. E depois chegaram as palavras, palavras raramente familiares, a voz agradável e hipnótica que a atraía profundamente para a escuridão do sono, do esquecimento... .

Rhianna despertou com um grito, sentando-se de repente na cama. Passando seu olhar ao redor do quarto.

Era o amanhecer, e estava sozinha.

Mas o sonho tinha parecido real. Subiu uma mão tremendo até seu pescoço, aterrada do que encontrasse. Seu fôlego saiu de seus pulmões com um suspiro de alívio quando seus dedos só encontraram suave pele.

Fracou pelo alívio, caiu para trás sobre os travesseiros. Não havia marcas de dentes em seu pescoço.

Depois de tudo, só tinha sido um sonho.

Despertou para ouvir o som de um golpe em sua porta. Seu primeiro pensamento foi que era Rayven mas ouviu Bevins pedir permissão para entrar.

– Sim, entre – Disse.

– Bom dia, senhorita, disse Bevins com voz cuidadosamente modulada.

– Bom dia. O que está errado?

– Errado? Não, senhorita. vim a lhe informar que Lorde Rayven tem previsto que viaje a Paris.

– Paris? Mas, para que?.

– Deve estudar ali. Parece que Lorde Rayven acredita que eu já ensinei a você tudo o que podia. Deseja que aprenda algo mais que a ler e a escrever. Deseja que aprenda etiqueta e outras artes femininas.

Rhianna só poderia cravar os olhos nele. Que ela soubesse, nenhuma mulher em seu povo tinha recebido uma educação tão formal, só umas quantas afortunadas sabiam ler e escrever seus nomes.

Durante um momento, permitiu-se pensar em todas as possibilidades que isso lhe brindaria, mas depois negou com a cabeça – Não quero sair daqui.

– Sinto muito, senhorita. Os planos já parecem.

– Quando partirei?.

– No domingo da semana que vem, senhorita. Lorde Rayven me ordenou que a leve ao povoado para comprar o que você acha que possa necessitar. Foi aberta uma conta em seu nome no banco perto da escola.

– É muito generoso – disse, piscando para conter as lágrimas.

– A mim também sempre me pareceu isso.

– Obrigado, Bevins.

– O café da manhã estará preparado quando você deseje.

Rhianna negou com a cabeça – Não tenho apetite esta manhã.

– Entendo, senhorita.

la ao estrangeiro para aprender. Era algo com o que nunca se atreveu a sonhar. Mas o pensamento de abandonar este lugar, de deixar Rayven, encheu-a com uma inexplicável tristeza.

Os dias passaram rapidamente, e de repente chegou sua última noite no castelo. Depois da tarde que passaram na ópera, tinha esperado que Rayven a fosse procurar de novo, mas nunca o fez.

Essa noite, jantando, perguntou ao Bevins se Rayven estava em casa.

– Acredito que sim, senhorita.

– Levaria-me ante ele?

– Temo-me que isso é impossível.

– Por que?.

– Porque sim.

– Mas vou pela manhã. Quero dizer adeus e... E dizer obrigado por sua bondade.

– Sei, senhorita. Sinto-o muito.

Ele realmente o sentia. Podia-o ver em seus olhos, ouvi-lo em sua voz.

Levantando-se da mesa, saiu para fora. Sentiria falta deste lugar, pensou enquanto passeava pelo jardim. Tinha sido feliz aqui. Muito mais feliz do que jamais tivesse esperado. Perguntou-se como estaria sua mãe, se suas irmãs pensavam alguma vez nela. Sem dúvida tinham perdido sua ajuda na casa e os campos, Mas acreditavam que a tinham perdido para sempre? Ela não os tinha sentido falta tanto como tinha esperado. Em realidade mal tinha pensado em sua família em

todos estes meses. Pensar neles vivendo insuficientemente enquanto ela vivia amplamente, resultava-lhe muito doloroso. No mesmo instante no que se permitia pensar em sua casa, sentia um entristecedor cargo de consciência, embora não entendia por que. Não tinha abandonado voluntariamente a sua família. Depois de ter sido vendida ao Rayven sua vida tinha dado um giro inesperado a melhor, e isso era mais do que tivesse podido imaginar em toda sua vida. Para muito tempo que tinha perdoado a seu pai por vendê-la. Rayven tinha sido amável com ela, generoso, sem lhe exigir nada em troca.

Apenas consciente do que estava fazendo, dirigiu-se para o labirinto. Já não a assustava. Passando o xale ao redor de seus ombros, caminhou até o centro do mesmo.

Rayven levantou a vista sobressaltado ao ver Rhianna contemplando-o.

Dirigiu-lhe um sardônico sorriso. – Nenhum mortal me aproximou em toda a vida tão inadvertidamente como você o tem feito – Comentou.

– Nenhum mortal? perguntou, confusa por sua estranha escolha de palavras.

– Obrigado por isso – Disse, ignorando sua pergunta. Assinalando as rosas e as plantas que cresciam com profusão ao redor das estátuas, de forma que o lobo e o corvo pareciam surgir de muito vermelho colorido – É muito formoso.

Rhianna assentiu. Tinha passado toda a semana passada arrumando-o, querendo deixar algo de si mesma ali, algo que ele recordasse. Tinha plantado dúzias de roseiras de cor vermelha sangue intercalando-os com delicadas samambaias. O resultado era espetacular e em certa forma masculino. Pensou que entoava à perfeição com Rayven.

– Vou amanhã – Disse baixo.

– Sei. – OH, sim, pensou, ele claro que sabia. Inclusive agora o pensar em sua partida o destroçava por dentro.

– Por que me está me mandando embora?.

– É o melhor.

– O melhor para quem?.

– Para você. Para mim.

– Não quero ir .

Ele se levantou, abatendo-se sobre ela, seus olhos escuros resplandecendo. Era alto e magro, de largas ombros, e braços musculosos. Viu que a cicatriz em sua bochecha tinha forma do V. Era curioso que não o tivesse notado até então.

Cedendo a um inexplicável desejo, riscou com a ponta de seus dedos a fina linha branca,

sentindo uma sacudida em seu coração quando sua mão cobriu a sua.

- Rhianna.
- Por favor, Rayven, por favor, não me mande embora.
- Ah, Rhianna, se pudesse te conservaria comigo para sempre.
- E eu ficaria. Só me diga que fique, e o farei.

Ele negou com a cabeça – Não.

Sua mão se fechou sobre a dela, enquanto as lágrimas fluíam por suas bochechas. À luz da lua, suas lágrimas cintilavam como diamantes perfeitos, mas eram muito mais preciosas para ele que as jóias. Denotavam afeto, um afeto voluntariamente entregue, e pelo qual ele sempre a amaria. E porque a amava, deixava-a partir.

- Algum dia me agradecerá isso, doce Rhianna.
- Nunca – Disse, soluçando.

Separou-se dele, seus olhos azuis cheios de lágrimas – Nunca o perdoarei. Nunca! – Chorou, edepois se foi correndo, levando com ela a luz de sua vida, deixando-o na vazia escuridão da noite, sozinho, tal e como sempre tinha estado.

Pensou em abandonar o castelo, agora não podia ficar ali, não podia caminhar pelos quartos pelos que ela tinha caminhado, respirar o ar que ela tinha respirado, e saber que nunca a voltaria a vê-la.

De todos os modos, logo teria que ir-se. Tinha ouvido em Cotyer sem querer aos homens falando dele, perguntando-se por que nunca o tinham visto durante o dia, por que nunca tinha unido para jantar, por que sua aparência nunca trocava, por que não parecia envelhecer.

Mas, inclusive sabendo que deveria ir-se soube que não o faria. O castelo estava cheio de sua essência e por muito doloroso que fosse recordar sua presença, isso era melhor que esquecê-la.

Riu suavemente, cruelmente. Como se alguma vez em toda a vida pudesse esquecê-la.

SEGUNDA PARTE

QUATRO ANOS MAIS TARDE

CAPÍTULO OITO

Vale De Millbrae, 1847

Piscando para conter as lágrimas, Rhianna levantou-se da tumba de seu pai. Logo que recebeu a notícia de que seu pai estava morrendo, tinha abandonado a escola de monjas, mas tinha chegado tarde para lhe dar o último adeus.

Permanecendo de pé, recordou o amável e alegre que sempre tinha sido quando era uma menina, antes de que os tempos se voltassem duros e a risada desaparecesse para sempre de seus olhos. Uma vez, tinha pensado que era duro e insensível. E embora tinha entendido suas razões, tinha-lhe odiado por vendê-la a Rayven, mas fazia muito tempo que o tinha perdoado por isso. Desejou haver podido dizer. Murmurou as palavras, esperando que as pudesse ouvir.

Percorreu com o olhar a suas irmãs, que estavam de pé no lado contrário da tumba. Da última vez que as tinha visto, tinham trocado de lindas meninas a preciosas jovens. Aileen, a maior, estava comprometida para casar-se na primavera. Rayven tinha dado um abundante dote que permitiria a ela e a seu futuro marido comprar um pedaço de terra e construir uma casa própria.

Tinha-lhe surpreendido ver o bem que se viam todos. Suas roupas eram novas e na moda. A casa de campo, antes não mais que um pequeno barracão, estava agora em bom estado e ampliada. Adicionaram-se dois grandes quartos. Um pequeno estábulo se construiu atrás da casa, que alojava três vacas de leite, uma cabra, várias ovelhas, e dois cavalos.

Quando tinha perguntado a sua mãe pelas mudanças em suas condições de vida, Ada tinha explicado que Lorde Rayven tinha remodelado a casa de campo e construído o celeiro. Cada ano lhes passava uma abundante pensão.

-Foi tão amável de sua parte pensar em nossas necessidades, Rhianna, sua mãe disse – Especialmente depois de que seu pai vendesse.

– Eu não tive nada que ver com isto – Respondeu Rhianna, embora é obvio em certo modo sim o tinha.

– Então por que terá feito ele tudo isto? Perguntou sua mãe – Não somos nada para ele.

Tinha-o feito por ela, pensou Rhianna, e soube que nunca poderia o recompensar por sua bondade com sua família, pela educação que lhe tinha proporcionado.

O serviço do funeral foi breve. Quando a última oração foi feita, sua mãe deixou cair um punhado de terra sobre o singelo caixão de madeira, e depois cada filha, começando pela mais jovem, fez o mesmo. Rhianna pensou que esse era um som que jamais esqueceria.

Rodeando com o braço os ombros de sua mãe, afastou-a longe da tumba.

Na casa, Rhianna fez chá para as duas e depois se sentou na mesa frente a sua mãe. Rhianna segurou com ambas as mãos sua xícara, esperando que o calor aliviasse o frio que se instalou em seu interior desde que tinha abandonado o convento.

– Como esta Lorde Rayven? Perguntou ao cabo de um momento.

– O que sei eu? Ouvi que abandonou o castelo pouco depois de te enviar a Paris.

– Não está aqui?.

O frio que tinha invadido seu corpo transpassou seu coração. Ele se tinha ido. Fazia quatro anos, que sonhava lhe vendo de novo. Embora tinham passado pouco tempo juntos, tinha estado em seus pensamentos todas as horas de seus dias e todas as noites em seus sonhos.

– Um homem estranho, esse – Sua mãe filosofou --Só o vi uma vez. Ada tremeu – -Uns olhos tão frios. Nunca vi olhos tão frios.

– Frios?. Rhianna negou com a cabeça. Não lhe tinha parecido frio absolutamente. Só. Isolado, sim. Mas não frio. Tinha visto calor nesses olhos. O calor do desejo. A chama da paixão.

– Disse ele aonde ia? Quando retornaria?.

– Não que eu recorde. – Ada sorveu seu chá – O fez... Me perdoe, Rhianna. Disse que não perguntaria, mas devo sabê-lo – Manchou-te, filha?.

– Não, mãe. Foi muito amável comigo.

– Amável?.

Rhianna assentiu – Tive o melhor de tudo enquanto estive com ele. Enviou a melhor escola de Paris, assegurou-se de que cada ano tivesse roupas novas. Era a única garota que tinha um quarto para mim sozinha. Enviava-me uma pensão cada mês para que tivesse meu próprio dinheiro para gastar. Na verdade, foi mais que generoso comigo. E parece ser que também com você.

– Sim. Estou contente de que tenha retornado, filha. vai ficar em casa?.

Rhianna pensou em como o que seria viver de novo no povoado. Perderia Paris, perderia a suas companheiras de escola. Mas esta era a casa de Rayven. Certamente um dia ele retornaria. E ela estaria aqui quando o fizesse.

– Sim decidi – Vim aqui para ficar .E soube que de todas formas teria tido que ficar. Sua mãe que nunca tinha sido forte; Agora se via débil.

Ada sorriu. Colocando sua xícara sobre a mesa, levantou-se – Estou cansada. Acredito que irei um momento me deitar.

– Que descanse bem, mãe.

– Bem-vinda a casa, filha. Dando a Rhianna um carinhoso apertão no ombro, saiu da sala.

Logo entraram suas irmãs. Aileen, a maior, tinha agora 17 anos. Lanna 15, Brenna quase 14, e Bridgitte acabava de cumprir os 12. Abatidas pelo enterro, sentaram-se à mesa, recordando o passado e a seu pai, recordando os bons tempos e ignorando os maus.

– Ele nunca se perdoou pelo que te fez – Aileen comentou – Embora o dinheiro de Lorde Rayven pôs comida em nossa mesa. Fez uma pausa, seus dedos brincando com a borda de seu vestido – Foi horrível, viver com Lorde Rayven?

– Não – Rhianna percorreu com o olhar a pequena casa de campo. Pensou em quão diferente parecia. Mas inclusive agora, embora estava limpa e o poço funcionava, ainda parecia um barracão em comparação com as opulentas estadias do castelo. Passou a tarde com sua mãe e suas irmãs, recordando o passado e escutando seus planos para o futuro.

Mais tarde, quando todos se foram à cama, Rhianna selou um dos cavalos e foi até o castelo de Rayven.

O castelo estava tal como o recordava, um escuro e solitário sentinela gravitando sobre o povo. A névoa constante, cobrindo como uma túnica a montanha do Diabo, deixando sozinho as altas torres visíveis de longe.

Ele não estava ali. Ela sabia, mas precisava ver o castelo de novo, passear entre os jardins, dar o último adeus... .

Desmontou na porta lateral, atou ao cavalo em uma árvore, abriu a porteira, e entrou no jardim. Tinham morrido as belas flores que tinha plantado, as samambaias, as roseiras. As árvores, uma vez florescentes, agora eram secos esqueletos.

Com um peso no coração, vagou pelos estreitos e serpenteantes atalhos. Todo seu árduo trabalho para nada.

Só os arbustos que formavam os atalhos do labirinto permaneciam verdes em contraste com as cinzas paredes de pedra.

Com um suspiro, retornou à porta lateral e tomou as rédeas de seu cavalo. Era hora de ir-se. Tudo o que tinha planejado, tudo pelo que uma vez tinha tido esperanças, evaporou-se, era como um pesadelo.

Ela estava aqui. Escondido entre as sombras da noite, ele a observava andar pelos caminhos iluminados pela lua. Tinha mudado durante os últimos quatro anos. As jovens curvas tinham maturado. Movia-se com graça feminina e confiança em si mesma, ele a observava com um

sentimento de orgulho, sabendo que tinha sido, em parte, responsável pelo que ela se transformou, embora sua beleza interior sempre tinha estado ali.

Rhianna. Seu nome surgiu em sua mente, desterrando séculos de escuridão. Rhianna... Por que retornou? Vem a me atormentar novamente? A me recordar o que nunca pôde ser? Rhianna... Minha bem amada... Como suspiro por você... Sonho contigo... Rhianna...

– Sua Senhoria? Ela deu a volta, esperando o ver de pé atrás dela, sua capa escura formando redemoinhos ao redor dele como fumaça, mas ali não havia ninguém.

Confusa, olhou com atenção nas sombras. Tinha ouvido sua voz tão claramente, que não a pôde ter imaginado.

Soltando as rédeas do cavalo, correu com o passar do estreito caminho de pedra que conduzia à frente do castelo e bateu na porta.

Esperou. Escutou. Depois chamou de novo.

Depois do que pareceu uma eternidade, a porta se abriu chiando.

– Boa noite, senhorita, disse Bevins.

– Bevins! O que você faz aqui?. Ele estava quase igual, pensou, embora seu cabelo parecia mais cinza que antes, mais fino com o passar do tempo.

Elevou as sobrancelhas – Por que me pergunta isso, vivo aqui, senhorita.

– Mas acreditei que Lorde Rayven se foi.

Bevins inclinou sua cabeça para um lado, e teve a estranha impressão de que estava escutando uma voz que só ele podia ouvir.

– Bevins? Ele se foi, não é verdade?.

– Sim, senhorita. Foi logo depois de você ir Paris.

– E você não se foi com ele?.

– Não, senhorita. Meu lugar está aqui.

– É que ele... ?Acredita que ele vai retornar?.

– Não sei, senhorita. Posso lhe perguntar porque abandonou Paris?.

– Meu pai morreu. Voltei para casa pelo enterro.

– Sinto muito, senhorita Rhianna. Por favor aceite minhas condolências.

– Obrigado, Bevins. Com um suspiro, voltou-se para ir mas depois parou.

– Você esta seguro de que não esta aqui?.

– Por que me pergunta isso?.

– Por nada. Quero dizer, que acreditei o ouvir chamando meu nome.

Bevins a olhou com evidente assombro em seus olhos – Você ouviu sua voz?.

Rhianna assentiu – Pelo menos acredito que o fiz. Ele... Ele parecia tão triste. Suponho que devo ter imaginado.

– Sim, senhorita.

– Pois bem, então, será melhor que vá. Se tiver notícias de Lorde Rayven, por favor lhe dê minhas lembranças e meu agradecimento, por ser tão amável com minha família.

– Farei-o, senhorita. E devo dizer que Paris lhe sentou maravilhosamente, pois se transformou em uma preciosa jovem. Sei que Lorde Rayven estaria encantado com isso.

– Obrigado, Bevins. Boa noite.

– Boa noite, senhorita.

Rhianna correu para seu cavalo com os ombros cansados. Era uma solene tolice claro, mas tinha acreditado ouvir sua voz. Tinha sentido saudades tanto durante estes quatro anos! Sentido saudades, e sonhado com ele.

Da porta lateral, contemplou as janelas da torre do leste – Rayven – Murmurou, – Sei que esta aqui.

Escondido entre as sombras de uma solitária habitação na torre, um homem escutava sua súplica, e ouvia derramar suas lágrimas.

Retornou a seguinte noite e outras, caminhando pela horta durante horas, esperando que ele viesse a seu encontro, esperando que sentisse sua presença e soubesse que estava ali.

Mas ele não foi procura-la.

Algumas vezes, como agora, sentava-se em um dos bancos de pedra, contemplando ensimesmada esta torre, perguntar-se onde estava, o que estaria fazendo, perguntando-se pelo desejo entristecedor que de noite a atraía a este lugar, com a certeza de que ele estava perto. Era estranho, que tivesse poucas vontades de vir aqui durante o dia. Isso era porque alguma vez tinha visto Rayven quando o sol estava no alto? Que mistério se escondia nele, escuro e misterioso como a noite mesma.

Levantando-se, dirigiu-se para o labirinto, os batimentos de seu coração se aceleravam à medida que se aproximava.

– Não há nada que temer ali dentro. Disse em voz alta esperando reforçar sua frouxa coragem. Não há nada na escuridão diferente ao que há na luz do dia. Inclusive, no mesmo momento em que as palavras saíam de seus lábios se perguntava se isso era certo.

Endireitando os ombros, tomou um profundo fôlego e avançou lentamente para o labirinto.

O verdor se levantava ao seu redor, envolvendo-a, abraçando-a. Sentindo como se uma mão invisível guiasse seus passos, caminho para frente com segurança, apressando seus passos, até que alcançou o coração do labirinto.

Parou repentinamente, e deu um olhar a seu redor. Tinha esperado ver rosas dentro do labirinto, mas estavam mortas, somente havia arbustos verdes. Permaneceu muito tempo olhando fixamente as estátuas, o lobo de bronze e o corvo negro esculpidos em metal e mármore.

Tremendo, rodeou a cintura com os braços. Esta noite havia algo malévolo nas estátuas. Tinha o estranho sentimento de que o lobo e o corvo a observavam, esperando uma oportunidade para apanhá-la repentinamente.

Estava dando meia volta para sair, quando viu um brilho de movimento em um canto. Olhou por cima do seu ombro, sua mente dizendo que de novo estava imaginando coisas.

Mas desta vez não foi sua imaginação.

Rayven se materializou entre as sombras perto da estátua do lobo, a luz da lua brilhando em seu cabelo negro, sua capa envolvendo-o como se estivesse viva.

— Sua Senhoria — Disse, ofegando de repente.

— Boa noite, Rhianna. — Suas palavras pronunciadas com suavidade, atrasando-se em seu nome, fazendo-a tremer, como se a tivesse acariciado.

— Você está aqui. Olhou para a estátua do lobo. Parecia diferente em certa forma — Bevins disse que não estava aqui.

— Por que está você aqui, doce Rhianna?.

— Meu pai...

Ele negou com a cabeça — Já sei por que voltou para casa. Mas por que está aqui?

— Estava com saudades, Sua Senhoria. Estar aqui, no castelo, em sua terra, faz-me me sentir mas perto de você.

— Você sentiu saudades de mim?.

Rhianna assentiu — Por que parece tão difícil de acreditar?.

Ele riu, mas não havia humor no som — Encontro-o quase impossível de acreditar.

— Pois é a verdade. Sinto se isso o desagrada.

— Não me desagrada, doce Rhianna — Respondeu baixo — Quanto tempo estará por aqui?.

— No castelo?.

— Em Millbrae.

— OH. vim para ficar .

— Não. Não deve fazê-lo.

Rhianna o contemplou, assombrada pela veemência em sua voz — Parece que minha presença o desagrada tanto como minha lealdade, Sua Senhoria.

— Nada em você me desagrada, doce Rhianna. É só em seu bem-estar no que penso.

— Sua Senhoria?

— Seu futuro, Rhianna. Eu gostaria de vê-la casada com um homem digno de você, não com algum camponês, que te fará envelhecer antes de tempo, e que plantará um bebê em seu ventre cada ano, e te conduzirá a uma morte cedo.

— Deseja que me case?

— Não é esse também seu desejo?

— Sim, claro, mas...

Seu intenso olhar segurou o dela — Mas?

— Não quero me casar por dinheiro, Sua Senhoria, mas sim por amor.

— Amor. A palavra era um sussurro, um desejo não completo, um sonho de futuro.

— Você alguma vez esteve apaixonado, Sua Senhoria?.

Negou lentamente com a cabeça, seus olhos escuros cheios de uma dor e uma solidão tão grandes, que ela quis chorar. Era só sua imaginação, ou sua capa parecia envolvê-lo mais estreitamente, o confortando?

—E você? — Ele perguntou — Encontrou em sua curta vida, o amor?.

— Sim, Sua Senhoria, embora temo que ele não me corresponde.

— Então é um idiota!

Um débil sorriso curvou os lábios de Rhianna. — Ao menos nisso, estamos de acordo.

Rayven lutou contra sua cólera. O desejo de destruir o miserável que não correspondia seu amor se rebelou dentro dele, junto com um ciúmes possessivos.

— Quem é esse homem?

— Não o supõe? — Rhianna respondeu, sua voz apenas um sussurro.

Rayven fechou seus olhos, a dor atravessando-o. Se sobrevivesse durante outros quatrocentos anos, nunca poderia esquecer este momento, o amor brilhando claramente em seus olhos, a admiração por ele.

Um trêmulo suspiro escapou de sua garganta e depois abriu os olhos.

— Vai daqui, Rhianna — Disse, com voz brusca, seus olhos frios como o gelo —Abandona minha casa e não retorne nunca.

Ela deu um passo para trás como se a tivesse esbofeteado, a dor em seus olhos abrasou sua alma.

—Vai — Disse — E reza para que nunca volte a vê-la.

— Como você desejar, Sua Senhoria — Disse Rhianna e dando meia volta, fugiu sem olhar para trás.

Atrás dela, um lobo negro uivou melancólico à noite.

CAPÍTULO NOVE

Chorou durante muitas horas depois de retornar e todo o tempo recriminava a si mesma por ser tão estúpida. Nunca lhe tinha dado nenhuma razão para acreditar que sentia algo mais que um leve carinho por ela. Divertia-se com sua inocência, nada mais. Tinha despido seu coração ante ele, e a tinha desprezado.

Não se humilharia de novo. Casaria-se por amor, ou não se casaria com ninguém.

Com este pensamento em mente, ficou adormecida.

O labirinto surgia na noite, uma parede serpenteante de verdor que a separava do resto de mundo. Em seu coração, sentiu um tombo quando se aproximou da estátua do lobo de bronze. Aspirou profundamente e as janelas de seu nariz se encheram com o perfume das rosas. Só depois percebeu que não eram vermelhas.

As dúzias de flores que cresciam nas roseiras eram negras.

Curiosamente, escolheu uma, ofegou ao perceber a espetada de um espinho em seu dedo. Uma gota de sangue vermelho brilhante apareceu na ferida, e repentinamente Rayven estava ali, abatendo-se diante ela, seus olhos escuros ardendo com uma luz malvada enquanto agarrava sua mão e lentamente lambia o sangue de seu dedo... Não! O som de seu atemorizado grito, despertou de seu sonho e se incorporou, percorrendo com olhar assustado todo o quarto — Só é um sonho, murmurou enquanto se encolhia sob as cobertas de novo — Só é um sonho.

As familiares palavras invadiram sua mente.

-É só um sonho...

Fechou seus olhos, mas o sono a evitava. Com um suspiro descontente, levantou-se, caminhou até a janela, com a mente cheia de imagens de Rayven tal e como o tinha visto esta noite, seus olhos negros insondáveis cheios de tortura. Ele estava sozinho, muito sozinho. Por

que? Era um homem de aparência agradável. Um homem rico. Por que não se casou e formou uma família? Por que vivia nesse frio castelo, sozinho? por que a tinha afastado de seu lado?

Tinha aprendido muito durante os quatro anos que tinha estado ausente. Em algumas ocasiões tinha paquerado com homens jovens. Em Paris, tinha aprendido o poder de um olhar, de um tímido sorriso, de um olhar insinuante. Sabia quando um homem a desejava. E Rayven a desejava. Tinha-a desejado desde o começo. Então, por que, tinha a rejeitado? E em primeiro lugar, por que a tinha comprado? Tinha imaginado que para esquentar sua cama. Agora se perguntava se a tinha comprado só para lhe fazer companhia. Mas um homem como Rayven certamente não tinha nenhuma necessidade de comprar companhia feminina.

Pensou em todos os estranhos rumores que tinha ouvido a respeito dele, a respeito de seus peculiares hábitos. Desde sua volta a casa, tinha ouvido coisas, histórias sussurradas que falavam do mal, de pactos com o diabo. Era possível que as pessoas do povo acreditasse em tais contos? Seus amigos e vizinhos eram pessoas humildes, supersticiosas, temerosas do que não compreendiam, nem podiam explicar-se.

Encolhida sob as cobertas, fechou seus olhos de novo. Embora tinha chegado a amar Paris, não ia retornar.

Esta era sua casa. Era aqui onde tinha um lugar, e não permitiria que ninguém a jogasse, nem sequer o dono do castelo.

No dia seguinte era dia de mercado. Com a lista de sua mãe na mão, Rhianna agarrou a carruagem que Rayven tinha comprado a sua família e se dirigiu para o povoado. Dava gosto ver de novo rostos familiares. Graças à generosidade de Rayven, pôde comprar pão tenro, umas libras de carne, e uma garrafa de vinho tinto.

Estava sentada em um salão de chá, perguntando se Rayven absorveria para sempre seus pensamentos quando viu Dallon Montroy. Ele a viu ao mesmo tempo. Inclinando a cabeça, cruzou a estrada, com um amplo sorriso em seu rosto. Seguia sendo tão de aparência agradável como recordava. Várias mulheres se fixaram nele com franca admiração em seus olhares. Levava um casaco de veludo verde escuro, calças de cor carmuça, e botas negras. Sua camisa de linho branco estava impecável; Um alfinete com um diamante cintilava em sua gravata.

— Boa tarde, Senhorita McLeod. Inclinou-se respeitosamente para beijar sua mão. Posso me unir a você?.

— É óbvio.

— Fazia muito tempo que não nos víamos — Disse Dallon, percorrendo-a com o olhar, com

afeto e aprovação — Sua estadia em Paris parece lhe haver sentado muito bem.

— Obrigado, Senhor — Respondeu Rhianna, consciente da admiração em seus olhos.

— Senti muito por seu pai — Disse Montroy — Há algo que possa fazer por você ou por sua família?.

— Não, obrigado. Lorde Rayven foi muito generoso.

— Sericamente! — Montroy se recostou em sua cadeira — Você vai retornar logo a França?

Rhianna negou com a cabeça — Não. Embora eu adorava Paris, decidi ficar aqui. Depois de tudo, esta é minha casa. E Rayven está aqui.

Um lento sorriso se estendeu pelo rosto de Montroy — São muito boas notícias — Disse — Estréia uma nova peça de teatro. Eu gostaria muito de levá-la.

— De verdade?.

Montroy riu suavemente — Sim, se lhe agrada ir. E se acha poder tolerar minha companhia durante toda a tarde.

— Certamente me agradaria muito — Respondeu Rhianna. Na verdade, não seria nenhuma moléstia passar a tarde com o Montroy. Moreno de olhos azuis era realmente um dos homens mais apresentável que tinha visto em toda sua vida e havia visto muitos durante os últimos quatro anos.

— Bem, então. Recolherei-a na sábado às seis.

— Estarei preparada.

— Muito bem — Ficando de pé, agarrou sua mão e disse — Sinto deixá-la, mas tenho uma entrevista de negócios — Beijou sua mão — Até o próximo sábado, então senhorita McLeod..

— Até no sábado.

Montroy chegou às seis em ponto. Rhianna sorriu abertamente enquanto apresentava a suas irmãs. Todas e cada uma delas, cravaram seus olhos nele e foram incapazes de falar coerentemente enquanto se inclinava respeitosamente para lhes beijar a mão.

Inclusive sua mãe parecia impressionada.

— Sinto como se comportou minha família — Rhianna comentou mais tarde, na carruagem — É que nunca conheceram ninguém como você. Minha irmã menor me perguntou se você era um príncipe.

— E o que lhe disse?.

— Que é obvio que é.

Dallon riu suavemente enquanto agarrava a mão e lhe dava um apertão — Dificilmente posso

sê-lo.

Durante um momento, rodaram em silêncio. Montroy estudava à mulher que tinha a seu lado. Era ainda mais bela do que recordava. Quatro anos na escola a tinham gentil, tinham-lhe dado um aura de confiança em si mesma da que antes carecia. Lhe ocorreu que já era hora de casar-se e ter um herdeiro.

Esteve meditando durante toda a representação teatral. Nenhuma das mulheres que conhecia podia comparar-se com a jovem sentada a seu lado. Era verdade, que vinha de uma família pobre, mas ele era um homem rico e o fato que não tivesse dote não importava absolutamente. Somente podia encontrar um inconveniente e era o fato de que todo mundo no vale sabia que o pai de Rhianna a tinha vendido a Lorde Rayven, e que tinha tido que viver em sua casa. A Dallon não importava nem um pingaço o que a gente de Millbrae Valley pensasse, mas provavelmente sim causaria desassossego em sua família se alguma vez o descobriam.

Mas já enfrentaria isso quando chegasse o momento.

Depois da peça teatral, levou-a a tomar um jantar tardio. Continuava enfeitiçando com sua franqueza, com sua candura. O coquete era natural nela; não era algo que tivesse aprendido na escola, ou estudado diante de um espelho.

Quando sua carruagem parou frente a sua casa, sua decisão já estava tomada.

— Obrigado por esta preciosa tarde — Disse Rhianna.

— Foi um prazer — Respondeu Dallon. Beijou sua mão e depois, incapaz de conter-se estreitou entre seus braços e a beijou.

Rhianna fechou seus olhos enquanto seus lábios tocavam os seus. Foi um beijo agradável, cortês, terno. Inesperadamente pensou que o beijo de Montroy era apazível mas não tinha paixão. Comparar o beijo de Montroy com os de Rayven era como comparar a luz de uma vagalume com a do sol.

Com os braços a seu redor, antes de soltá-la, perguntou.

— Posso vê-la amanhã de noite?

— Se você o desejar.

— Às sete?

Rhianna assentiu.

— Boa noite, senhorita McLeod.

— Boa noite, Senhor.

Ele chegou pontual às sete, essa e todas as seguintes noites da semana. Foram juntos para

jantar em Tewksbury, a outra peça teatral e à ópera.

Embora desfrutava da companhia de Montroy, não podia deixar de pensar que não era de sua classe social. Jantavam com barões e marqueses. Uma vez, encontrou-se dançando com um conde. Exteriormente, sabia que parecia que era esse seu lugar. O traje de noite que Rayven tinha comprado era igual de custoso e na moda como os de todas as outras mulheres. Graças à educação que tinha recebido no convento, sabia como comportar-se na mesa, quais talheres usar, quando falar, como responder, mas em seu interior ainda era uma camponesa, insegura de si mesma, temerosa das pessoas de alta linhagem que eram da mesma classe social de Montroy.

Ela o disse uma noite, durante o jantar.

— Isso é absurdo — Exclamou Montroy — Não deve sentir vergonha por ter nascido pobre.

— Mas...

— Não quero falar mas disso — Disse Dallon firmemente. Agarrando-a pela mão disse — É mais bela que qualquer delas, Rhianna. Não deve sentir-se inferior porque seu pai foi um camponês e não um conde. Se lembre de que Gaskell que não sempre foi um conde. Não todos nascemos com títulos.

Rhianna sorriu, reconfortada, ao menos no momento — Verei-te amanhã de noite? — Perguntou.

Dallon negou com a cabeça —Temo que não. Vou com o Tewksbury e Rayven no Cotyer's.

A mera menção de seu nome causou uma dor aguda em seu coração.

— O que aconteceu? — Montroy perguntou — ficou palida de repente.

— Agarrou-me uma enxaqueca repentina— Disse Rhianna — Importaria-se que retornássemos a casa?.

— É obvio que não — Chamou o garçom, encarregou-se da conta, e lhe pôs a capa ao redor dos ombros.

Minutos mais tarde, quando esteve acomodada no carro com uma manta em seu regaço, fechou seus olhos recusando qualquer conversa enquanto que em sua mente voltava a recordar Montroy dizendo que ia encontrar se com Rayven amanhã de noite. Desejou ter o atrevimento de seguir Montroy a Cotyer para poder vê-lo de novo, embora somente fosse de longe.

Deu boa noite a Montroy e entrou na casa. Olhando pela janela, viu como sua carruagem se afastava. Assaltada por uma terrível tristeza, tirou-se a capa e entrou no quato que compartilhava com Lanna. Gostava de Montroy mas embora pedisse sua mão em casamento, soube que nunca o amaria como amava a Rayven.

Por que a tinha ando embora? Depois de viver no convento em Paris, entendia o que era estar sozinho, ser diferente dos outros. Conhecia os rumores que tinha ouvido e recordava coisas que Rayven havia dito de si mesmo de que se sentia afastado da sociedade, embora não entendia o por que. Tinha havido algum incidente em seu passado que lhe tinha feito sentir um marginalizado?

Disse a si mesma que não tinha importância, que isso não importava. Ele a tinha jogado, primeiro a Paris, e depois fora do castelo, tinha-a expulso e tinha ordenado que nunca retornasse.

Assim seja, pensou, piscando para conter as lágrimas que se negava a derramar. Se ele não a queria, então sabia de alguém que sim o fazia.

Na seguinte semana e por convite de Lady Tewksbury, Montroy acompanhou Rhianna a um baile de mascara em Tewksbury House.

Dallon se vestiu de Robin Hood, com arco e boina com plumas. Por isso parecia lógico que Rhianna fosse disfarçada da jovem Marian.

Chegaram às oito e jantaram às nove. Foi passadas as dez quando Dallon a levou ao salão de baile. Um enorme lustre de cristal lançava luzes suaves sobre os bailarinos. A orquestra estava meio escondida atrás de uma parede de samambaias...

Dançou com Dallon, e com Tewksbury, e depois com o Dallon de novo. Ele paquerou com ela desavergonhadamente, lhe dizendo que era a mulher mais bela do salão. Sua mão acariciou seus ombros nus, seus lábios roçaram suas bochechas e suas pálpebras.

Animada, pelo vinho, e só porque Rayven a tinha rejeitado deu a Dallon permissão para beijá-la. Devolveu o beijo, dizendo a si mesma que não tinha nenhuma importância. Rayven não a queria. E lhe havia dito que se casasse com algum outro. Por que não se casava com o Montroy? Era jovem e de aparência agradável, rico, e a adorava. Ele nunca a rejeitaria.

Ao final da valsa, Montroy a deixou sozinha durante um momento para ir procurar uma taça de champanha.

Repentinamente se sentiu acalorada dentro do salão e saiu fora ao terraço em direção ao exótico jardim. Uma brisa ondulava suas saias e esfriava suas bochechas excitadas.

Fora ao longe, podia ver as altas torres do castelo de Rayven. Apesar de sua resolução de não pensar nele, perguntou-se que seria o que estaria fazendo Rayven nesse momento, se pensaria alguma vez nela.

Um repentino calafrio acariciou sua nuca, e com ele a sensação de que já não estava sozinha.

Girou-se rapidamente, ficando sem fôlego ao ver um homem alto no portal. Ia todo vestido

de negro exceto pela máscara de esqueleto branca com a que cobria seu rosto. Levava um chapéu negro de bordo largo adornado com uma pluma negra frisada. Uma capa de fino veludo negro ondeava a seu redor.

Estendeu-lhe a mão — Concede-me esta dança, minha senhora?.

Sua voz a acariciava, evocando imagens de rosas e noites iluminadas pela lua. Nunca teria ocorrido rejeitá-lo, por isso depositou voluntariamente sua mão na sua.

Sustentou-a perto, com cada giro seu corpo roçava intimamente o dela. Apanhada na rede de seu olhar, seguiu dançando a valsa pela terraço. A música se desvanecia na distância. A massa de pessoas dentro do salão de baile deixou de existir. Só estavam eles dois, dançando sob um céu cheio por milhares de estrelas, e a consciência do outro, que rangia entre eles, como uma lasca ao roçar um copo.

Olhou fixamente a seus olhos, olhos negros insondáveis ficando presa neles, olhos nos que ardiam o mesmo fogo do inferno.

Com um repentino ofego, murmurou seu nome.

Seu braço se apertou ao redor de sua cintura, atraindo-a mais perto. Seu corpo ardia com sua cercania; Seu coração golpeava furiosamente.

Era ele?

Tinha que sê-lo.

Lentamente, ele agachou sua cabeça para a dela, até que os olhos escuros ocultos pela metade pela máscara apagaram todo o resto de sua visão, até que não viu nada, não se deu conta de nada, exceto o homem que a segurava. Levantou seu rosto para receber seu beijo, sentiu o toque de seus lábios frescos formar um caminho brilhante para seu coração e sua alma.

Quando afastou sua boca da dela, ficou olhando-o fixamente, com suas extremidades frouxas em curiosa letargia. Desde não ser pela força dos braços que a seguravam, acreditou que podia haver-se derretido a seus pés, como a manteiga muito exposta ao sol.

Não foi consciente de que a música tinha acabado até que viu o Montroy parado no portal.

Seu companheiro se inclinou de modo respeitoso sobre sua mão e depois, com sua capa formando redemoinhos a seu redor se afastou para desaparecer na escuridão no extremo mais afastado da terraço.

— Quem era? — Perguntou Rhianna embora estava segura, em seu coração, de que tinha side Rayven.

Montroy procurou com o olhar ao homem da capa e chapéu negro — Não sei.

Tiamat World

—Acreditei...

— Que acreditou?

—Acreditei que era Rayven.

— Rayven? Aqui? — Montroy riu suavemente enquanto lhe entregava sua taça de champanha — Odeia os bailes de mascaras. Odeia as festas de qualquer tipo. Nunca soube que fora a nenhuma.

—Viu-o recentemente no Cotyer?

Dallon assentiu —Maldito homem! É impossível ganhar, sabe às vezes penso que conhece os naipes que tenho antes inclusive que eu mesmo.

— Seriamente?. Estava nas pontas dos pés tratando de ver por cima das cabeças da multidão.

—Vêem — Disse Montroy. Deixou seu copo no balcão, depois segurou sua mão e disse — Acredito que esta é minha dança.

Durante a noite sonhou com o Rayven, sonhou que entrava em seu quarto, que permanecia a seu lado na cama, sua capa negra envolvendo-o como em um abraço, uma máscara horrível escondia seu rosto. Não era a máscara branca que tinha levado posta durante o baile, era uma máscara com olhos cor vermelha chamejante e com sangue gotejando de suas presas.

Despertou com um grito em seus lábios. Estava de novo sonhando? Encolheu-se com temor pela escuridão. Estava ele ali, no canto, ou era sozinho uma sombra provocada pela luz da lua?

Com o coração martelando fortemente em seu peito, e a boca seca, ficou olhando fixamente à escuridão de seu quarto.

— Sua Senhoria?.

—Durma, doce Rhianna.

— Me deixe ver seu rosto.

— Você não gostaria de ver o que há nele. Dorme agora. Tem tanto sono, tanto sono, durma...

Lutou por permanecer acordada, mas não pôde resistir o hipnótico som de sua voz. Sentia as extremidades pesadas; Suas pálpebras se fechavam voluntariamente.

— Por favor venha para mim — Implorou, embora pensar e falar constituíam um grande esforço — Sei que você está aqui.

— É só um sonho, Rhianna. Só um sonho...

Como pode ser um sonho, perguntou, se lhe estava ordenando que dormisse?

E logo estava dormindo realmente, ou era que em realidade estava sonhando que dormia? Confusa, tratou de chamá-lo por seu nome, tentando liberar da letargia que a arrastava para a escuridão, para dentro, de um nada.

Despertou decidida a vê-lo de novo.

Apesar de sua resolução, custou-lhe uma semana reunir o suficiente coragem para subir pelo estreito e serpenteante caminho que levava até a montanha da Árvore do Diabo ao castelo de Rayven.

Vestiu-se cuidadosamente para sua viagem. O traje que escolheu era de veludo azul marinho. O sutiã tinha um decote quadrado, as mangas eram largas e rodeadas, a saia era acampanada. Segurou seu cabelo com dois pentes de prender cabelos adornados com jóias.

Cobrindo-se com sua volumosa capa de cor café, deu uma última olhada ao espelho para examinar sua aparência antes de abandonar seu quarto.

Não querendo que sua mãe ou suas irmãs a vissem, andou nas pontas dos pés até a porta traseira, selou um dos cavalos, e saiu pelo pátio traseiro.

Era um pouco atemorizante, cavalgar de noite até o castelo de Rayven. As árvores emitiam luminosas sombras no caminho. Sentiu um sobressalto no coração quando uma coruja passou voando perto de sua cabeça.

Escuras nuvens se abatiam no alto do céu, tampando a lua e as estrelas. Um vento frio descia da montanha, como se um fúnebre lamento varresse a terra.

Tremia quando chegou ao castelo. Desmontou e atou a correia do cavalo a uma árvore, subiu as escadas e bateu na porta.

Minutos mais tarde, a porta se abriu com um chiado.

— Senhorita McLeod exclamou Bevins — O que esta fazendo aqui?.

— Vim visitar a Lorde Rayven.

Bevins ficou olhando-a com estupor — Aqui nunca veio ninguém a fazer visitas comentou com assombro — Lorde Rayven esta esperando-a?.

— Não. Ele esta aqui?

Bevins vacilou um momento, depois assentiu.

— Posso vê-lo?.

Bevins franziu o cenho — Em realidade senhorita, não sei o que fazer.

— Aconteceu algo?

Bevins deu um passo adiante — Ele esteve de muito mau humor ultimamente, senhorita

disse, baixando a voz conspiradoramente — Não estou seguro de que lhe ver agora, seja uma boa idéia.

— Bevins!

Rhianna com um pulo deu um passo para trás, seus olhos aumentados pela surpresa ao ver Rayven entrar no vestíbulo.

Muito lentamente, Bevins deu a volta para confrontar a seu senhor — Senhor?.

— Pode retirar-se, Bevins — Disse Rayven, com voz fria como o gelo.

— Sim, Sua Senhoria. Boa noite, senhorita Rhianna.

— Boa noite Bevins.

— Com permissão sua Senhoria — Disse Bevins. Depois dirigiu um olhar a Rhianna que quis ser reconfortante, e se encaminhou apressadamente para o vestíbulo.

Como duas estátuas, Rhianna e Rayven permaneceram olhando-se fixamente um ao outro, até que o som dos passos de Bevins desapareceu.

— O que faz aqui? — Perguntou Rayven com voz cuidadosamente controlada. Seus olhos, esses olhos negros como poços sem fundo, mantinham-na cativa de seu olhar.

— Eu... Isto é... Eu... Ela não podia falar, não podia pensar coerentemente, com ele olhando a dessa forma.

Umedeceu-se os lábios repentinamente secos. Parecia tão zangado, com essa posição tão rígida diante dela. Ia de negro, sempre ia de negro, pensou. Equivocou-se ao vir até aqui? Tinha estado equivocada no baile? depois de tudo, possivelmente não tinha sido Rayven o da mascasse.

Aproximou-se caminhando pelo vestíbulo, cortando rapidamente a distância entre eles, até que ficaram separados sozinho por um pequeno espaço.

— Disse-te que nunca mais retornasse.

Rhianna assentiu. Colocou as mãos nos bolsos de sua capa e as fechou com força para acalmar seus tremores

— Sim, assim o fez, Sua Senhoria.

— Então por esta aqui?.

Ela levantou seu queixo, recusando-se a deixar-se intimidar — Se não queria ver-me de novo, por que foi ao baile de mascara? Por que dançou comigo?. Tomou fôlego profundamente — Por que me beijou?.

Ele ficou rígido. Ela viu suas mãos com os punhos fortemente apertados, e soube que não o fazia para acalmar seus tremores e sim para refrear sua cólera.

— Sei que era você — Disse Rhianna — Não tente negá-lo.

— Sai de minha casa — Disse Rayven, cuspiendo as palavras — Sai agora mesmo, enquanto pode.

Rhianna o olhou serenamente nos olhos. Sob a cólera que espreitava neles, sob o timbre rude de sua voz, sentiu a solidão que o rodeava.

— Senti saudades, Sua Senhoria — Disse humilde — Esperava que você também tivesse sentido saudades.

Um músculo se moveu em sua mandíbula. Somente esse sinal exteriorizou a tensão que subia vertiginosamente através dele. Inalou profundamente, e sua fragrância invadiu as janelas do nariz o sabão com o que se banhou, a carne de cordeiro e o queijo que tinha jantado, o perfume de seu cabelo e de sua pele. Podia cheirar o nervosismo que fazia pulsar seu coração grosseiramente, cheirar o sangue fluindo por suas veias.

Um frio sopro de ar fez oscilar a capa de Rhianna, fazendo-a tremer. Um momento mais tarde, caiu um relâmpago segador, seguido por um forte trovão, e depois começou a chover.

Rayven praguejou sob seu fôlego. Inclusive os elementos pareciam conjurar-se em seu contrário. Afastou-se para que ela pudesse cruzar a soleira.

— Entra — Disse, embora não houve nenhum calor em sua voz, nenhuma bem-vinda em seus olhos.

— Meu cavalo...

— Bevins se encarregará dele — Disse Rayven intempestivamente.

— Entra.

Temerosa de que pudesse trocar de idéia, Rhianna rapidamente fez o que pedia. Desabotoou sua capa, sentindo as mãos de Rayven em seus ombros ao tirar-lhe e pendurá-la no cabide, depois fechou a porta.

Sem pronunciar nenhuma palavra, caminhou diante dela.

Ela vacilou só um momento, depois o seguiu pelo vestíbulo até a biblioteca. Quantas horas tinha passado sentada neste comodo, lendo para ele? Perguntou-se. Quantas vezes o tinha observado, desejando que a agarrasse entre seus braços, e a beijasse como desejava ser beijada? Tinha sabido ele como se sentia ela? Era por isso pelo que a tinha jogado?

Deteve-se na porta quando um horrível pensamento lhe passou pela cabeça. Talvez ele estava apaixonado por alguma outra mulher. Talvez não tinha querido dar importância a seu absurdo amor. Dizendo-se que o que ela sentia por ele era só uma teimosia de menina.

Ele se sentou em sua cadeira favorita, de costas a ela — Entra, Rhianna — convidou-a suavemente.

Sentindo-se repentinamente assustada, cruzou a sala e tomou assento em uma cadeira frente a ele. Parecia estranho estar sentada ali, como se ela fosse sua igual. A maioria das noites, tinha estado sentada sobre o chão de costas para à lareira.

Passou o olhar ao redor da sala, encontrando-o igual à última vez que o tinha visto, quatro anos atrás. Uma antiga espada pendurava sobre a lareira. A grande mesa de carvalho junto às altas vidraças e cristal. Uma prateleira de carvalho escuro que continha várias figurinhas de estanho em forma de corvos voando e lobos uivando. Não havia nenhum outro mobiliário no quarto exceto duas cadeiras apartadas.

— Não deveria ter vindo aqui — Sua voz era baixa e suave.

— Sinto muito se minha presença o contraria.

Inclinou um canto de sua boca em um frio sorriso — Não tem idéia o que sua presença me provoca.

— Estou muito contente de vê-lo de novo, Sua Senhoria — Disse Rhianna francamente — Esperava que você sentisse o mesmo.

— Rhianna, tive saudades nestes passados quatro anos de uma forma em que nem sequer pode supor.

Ela negou com a cabeça — Então por que você está tão zangado com comigo?.

— Não estou zangado.

Ele se via aborrecido, pensou. Suas mãos apertavam os braços da cadeira, com os nódulos brancos pela tensão. Sua postura era rígida, inquebrável. Quase podia sentir a tensão irradiar dele.

— Então o que é está acontecendo? Perguntou.

— Temo que aqui não está a salvo.

— Por que não estou segura?

Ele olhou ao longe, ouvindo a chuva tamborilando no teto. ia chover toda a noite, filosofou desoladamente. Não haveria forma de poder envia-la de retorno a sua casa, não agora.

Seu olhar desceu a seu rosto e sua figura. Era tão bela. Sua pele era da cor de mel; Seu cabelo caía sobre seus ombros em suaves ondas da cor dos raios do sol. O observava com seus diretos e cândidos olhos azuis, seu afeto por ele refletido em seu olhar.

Não podia ficar aqui. Os anos passados sem ela não tinham diminuído seu desejo. Desejava-a, ardia por ela, ansiava-a de mil formas todas desconhecidas para o homem mortal.

A fome bramava através dele. Estava sedento de seu toque, do mesmo ser de sua vida.

Sentia a besta rebelar-se do mais profundo, pedindo ser alimentada, sentia a sede dando nós em suas vísceras. Sua cercania, sua recordada doçura, exagerava seu desejo, sua necessidade desta mulher por cima de todas as outras.

Suas unhas se afundaram nos braços da cadeira, arranhando a madeira. Sua respiração se voltou superficial errática.

— Rhianna.

— Sua Senhoria? — Inclinou-se para frente, seus olhos se entrecerraram enquanto estudava seu rosto — Está bem, Sua Senhoria? Posso-lhe trazer um copo de vinho?.

— Vai para seu quarto.

— Mas...

— Vai!.

Ela não replicou, não perdeu o tempo lhe dando as boa noite. Afastando sua cadeira de repente, saiu correndo do quarto e subiu velozmente as escadas até a habitação que uma vez tinha sido dela.

Uma vez dentro, fechou a porta, e depois apoiou suas costas nela, com seu fôlego entrecortado.

Já tinha fugido anteriormente. Recordava-o claramente como se tivesse ocorrido ontem mesmo em vez de anos atrás. Recordava o sentimento como se tivesse escapado de um destino terrível.

Agora se sentia da mesma forma.

Quando sua respiração voltou para a normalidade, viu que o quarto estava tal como o tinha deixado. Caminhando até o armário, abriu as portas elaboradamente desenhadas. Dentro estavam quão vestidos tinha deixado, quando partiu com destino a Paris. Tinha lamentado deixar tantos objetos, mas Rayven lhe tinha comprado mais vestidos dos que qualquer mulher tivesse podido usar em toda uma vida. Fechando as portas, foi ao penteadeira e abriu a gaveta que tinha contido suas camisolas. Selecionou um, despiu-se e a pôs.

Estava a ponto de meter-se na cama quando viu que o espelho de corpo inteiro que Rayven lhe tinha dado estava coberto por um tecido escuro.

Era estranho, pensou enquanto afastava o tecido e contemplava seu reflexo. Tinha quinze anos a última vez que se olhou neste espelho. Agora, era mais alta, sua figura estava mais arredondada, mais feminina, mas além disso, via-se quase igual. Desejou ser bela, ter o cabelo

vermelho encaracolado como sua amiga do convento, Leanna, que seus olhos fossem verde esmeralda em vez deste tom de azul comum, que seus seios fossem maiores e sua cintura mais estreita. Não era estranho que Rayven a tivesse jogado. por que a escolheria quando podia escolher entre muitas mulheres belas?

Dando as costas ao espelho, separou as cobertas e se meteu na cama. Se os rumores eram certos, ele tinha tido a muitas mulheres, mas não se casou com nenhuma. Não podia deixar de perguntando-se por que. Certamente um homem de sua riqueza e situação desejaria ter um herdeiro.

Um bebê, pensou sonhadoramente, um filho com os olhos e o cabelo negro de Rayven. Fechando os olhos, imaginou como a esposa de Rayven, a mãe de seus filhos.

Tal como o tinha feito inumeráveis vezes no passado, permaneceu ao lado de sua cama, observando-a dormir. A pureza de sua pele lhe tentava a tocá-la, mas fechou suas mãos fortemente para evitar acariciar sua bochecha. Que bela era! E como a adorava. Os anos sem ela tinham sido a pior tortura de toda sua vida. Tinha pensado nela diariamente, a cada instante, recordando seu rosto, sua risada, lhe atormentando mais que qualquer dor que o calor do sol pudesse lhe ocasionar. A doçura de seus lábios, o néctar de seu ser, tinha estragado para sempre o sabor de qualquer outra.

Ah, como ardia por ela, com um desejo em seu interior mais doloroso que a fome escura que lhe alagava. Rhianna.

Ele tinha visto o Montroy dançando com ela no baile de mascara de Tewksbury, e tinha desejado matar o homem, rasgar o coração de seu peito. Nunca durante seus quatrocentos e trinta e um anos tinha experimentado um ciúmes tão engehecadores, tal ódio, um desejo tão intenso de destruir. Tinha sabido que seria um engano ir ao baile, do que se inteirou jogando em Cotyer uma partida com o Montroy, este tinha mencionado que iriam. Tinha ido só para vê-la. Mas vê-la não tinha sido suficiente. Tinha querido, tinha necessitado, sustentá-la entre seus braços.

Suas unhas se cravaram nas palmas de suas mãos, enquanto resistia a rodeá-la com seus braços e beijar a suave curva de sua bochecha, a passar sua língua ao longo de seu pescoço...

Uma névoa vermelha de desejo nublou seus olhos. A fome subiu por seu estômago e correu como lava derretida através de suas veias. Sentiu que suas presas se alargavam, sentiu o desejo aumentando em seu interior, a besta voraz urgindo ser liberada.

— Não. A palavra foi murmurada através de seus lábios. Não o faria. Não podia.

O medo o levou até a porta.

— Sua Senhoria?.

Ele parou, suas mãos apertadas com força aos lados.

— Sua Senhoria? É você?.

— Durma, Rhianna — Disse. Lentamente, olhou-a por cima de seu ombro, com um olhar devastador — Volta a dormir, meu doce, e sonha os sonhos de uma jovem enquanto possa.

Ela contemplou as profundidades escuras de seus olhos e sentiu estendêr-se a familiar lassidão através dela. Suas pálpebras se voltaram insuportavelmente pesados. Com um suspiro suave, fechou seus olhos.

Pouco antes de que o sono a reclamasse, pensou que tinha ouvido o solitário uivo de um lobo.

CAPÍTULO DEZ

Pela manhã, como sempre, Rayven não podia ser encontrado em nenhum lugar.

Bevins sorriu alegremente enquanto cruzava o salão de jantar, lhe servindo seu café da manhã favorito, uma xícara de chocolate — Dormiu bem, senhorita?

— Sim, obrigado — Rhianna olhou pela janela. Baixas nuvens cinzas cobriam o céu, iluminadas por algum ocasional relâmpago. Sempre tinha amado as tormentas, os trovões, os relâmpagos, o som tranquilizador da chuva batendo no teto, golpeando contra os cristais.

— Descerá o senhor a tomar o café da manhã?.

Bevins negou com a cabeça — Sua Senhoria lhe ofereceu o refúgio de sua casa, disse olhando-a fixamente — Até que a tormenta passe.

—De verdade? — Era estranho, pensou, quando em realidade lhe tinha parecido ansioso para que se fosse.

— Ele nunca permitiria que você se resfriasse, senhorita. Há um fogo acolhedor na biblioteca, se por acaso deseja ler, e também na sala de música, se por acaso deseja tocar.

— Obrigado, Bevins — Sorveu o doce chocolate que lhe tinha servido, apreciando o sabor.

— Você me disse que Lorde Rayven não estava aqui.

— Fiz-o?.

— Sabe que o fez. Por que mentiu-me?.

Um rubor culpado subiu pelas bochechas do criado.

— A ultima vez que vim aqui, disse-me que ele tinha abandonado o castelo pouco depois de que enviasse a Paris.

Bevins trocou de posição com inquietação — Só lhe disse o que foi ordenado que dissesse respondeu silenciosamente — Teria sido melhor para todos que você me tivesse acreditado.

— Melhor? Por que?.

Bevins olhou para a porta; Depois, exalando um suspiro, sentou-se na mesa frente a ela. Rhianna o olhou surpreendida. Nunca tinha sentado à mesa com ela, nem tinha cruzado a linha que separa o criado do amigo.

— Senhorita Rhianna, sei que você se acha apaixonada por Lorde Rayven — Disse, falando rapidamente, como se temesse que o apanhassem falando com ela — É verdade que Sua Senhoria tem uma certo encanto que a maioria das mulheres encontram difícil de resistir .

— Não acreditei que meus sentimentos fossem tão transparentes — Rhianna resmungou secamente.

Bevins se recostou em sua cadeira, com voz sombria disse — Você deve me acreditar quando lhe digo que não está a salvo se ficar aqui.

Rhianna franziu o cenho. Rayven havia dito virtualmente o mesmo a noite anterior — Não entendo.

— Lorde Rayven é um homem apanhado por escuros apetites, senhorita. Apetites que não sempre pode controlar. Seria inteligente se abandonasse este lugar e nunca retornasse.

— Escuros apetites? — Rhianna negou com a cabeça — De que você esta falando?.

Bevins olhou para a porta outra vez, sua expressão cautelosa — Não posso explicar-lhe o único posso lhe dizer é que Lorde Rayven não é como outros homens. Esta guiado por instintos que você não pode compreender. É por isso que ele vive sozinho.

— Não acredito. Se ele for um monstro, por que nunca me fez mal? Por que me enviou a estudar e ajudou a minha família?

Bevins aspirou profundamente — Já falei muito, senhorita — Levantando-se, colocou uma mão paternal em seu ombro — Vá para sua casa, senhorita Rhianna. logo que a tormenta passe, vá para casa.

Oculto na escuridão, Rayven sentiu como a cólera saía borbulhante à superfície. Como se atrevia Bevins a interferir em sua vida pessoal! Que direito tinha o homem de advertir a Rhianna de que se afastasse dele?

Resmungando um juramento, aspirou profundamente, a cólera surgindo entre cada fôlego

entrecortado. Bevins não havia dito nada que ele, não houvesse já dito a si mesmo. Se Rhianna fosse inteligente, abandonaria sua casa e nunca retornaria.

Não se iluda a respeito do que ele era. Emprestava a maldade, a morte. Fazia coisas, coisas horríveis, atozes, atos que tinham condenado sua alma eternamente. Não importava que ele não tivesse escolhido esta vida por si mesmo. Uma vez que a ação tinha sido cometida, poderia ter terminado com isso. Podia ter caminhado sob a luz do sol e destruído à criatura em que se transformou.

Olhou fixamente a escuridão que o rodeava, recordando...

— Não quero!.

Gritou as palavras enquanto lutava contra ela, mas sua força era insignificante comparada com a dela.

— Mas o fará — Disse, seus sábios olhos escuros brilhando com uma sabedoria além de sua compreensão — É um lutador, Rayven de Millbrae. Não se submeterá. Não se renderá. Brigará com cada onça de força que possui para sobreviver — Riu suavemente, com segurança — Deixaria-me seca se lhe permitisse isso.

— Não! Nunca!.

— Mas o fará. A certeza de sua voz junto com seus olhos irradiando uma luz avermelhada, encheram-no de terror.

Sem esforço algum, aproximou-se dela enquanto riscava com a unha uma linha sangrenta através de sua bochecha — Marquei-o — Disse — Para que sempre me recorde.

E depois o pressionou para trás no sofá, segurando-o sem esforço algum apesar de sua violenta luta por escapar. Ele gritou quando sentiu a dentada afiada de seus dentes na garganta. A revolta aumentou em seu interior enquanto se deu conta de que estava bebendo seu sangue.

Quis lutar contra ela, mas não tinha força suficiente. Zumbiam-lhe os ouvidos, seu coração palpitava freneticamente, e uma névoa avermelhada cobriu seus olhos.

— Não, não o faça... A fraqueza o engoliu, os batimentos do seu coração se desaceleraram lentamente, e sentiu uma grande negrume decendo sobre ele. E com ela um medo anônimo, pior que o medo à morte.

— Por favor... Formou a palavra mas nenhum som emergiu de sua garganta.

— Quer viver? Sentia seu fôlego quente contra a orelha — Então bebe.

Estava muito fraco para mover-se e obedecer. Tentou vê-la, de enfrentá-la, mas não viu absolutamente nada — Bebe!.

Não queria submeter-se, mas a vontade de viver estava fortemente arraigada em seu interior. Era, depois de tudo, um lutador, nascido para brigar, para conquistar.

Abriu a boca, e ela pressionou seu pulso sobre seus lábios — Bebe.

Sua boca se fechou sobre sua carne. Um jorro de líquido quente e ligeiramente salgado alagou sua língua. deslizou-se para baixo por sua garganta como fogo líquido, e repentinamente se aderiu seu braço, sorvendo o sangue em sua boca, a repulsão e o deleite lutando em seu interior. Seus batimentos de coração retumbavam em seus ouvidos, robustecendo-se com a força da vida, palpitando ao mesmo ritmo que os dela. O poder despertou em seu interior, inflamando-o, desejando mais.

— Chega! — Ela apartou seu braço de seu agarre.

— Disse chega.

Ele ficou olhando-a deslumbrado, seu olhar apanhado durante muito tempo na cor vermelha carmesim ao redor de sua boca, no sangue que gotejava no corte de seu pulso. Um corte que estava fechando rapidamente, cicatrizando, enquanto o observava.

O horror desceu lentamente. Levantando a mão, limpou-se a boca, depois cravou os olhos nas manchas cor escarlate nas pontas de seus dedos. Seu sangue. Ele tinha estado bebendo de seu sangue.

Lentamente, tentadoramente, lambeu as manchas vermelhas de seus lábios —Agora é meu— Disse — Para todo sempre e para sempre.

— Não — Ele negou com a cabeça, atordoado pelo horror do que tinha feito, no que se transformou.

— Morreu esta noite — Disse com voz calma e tranqüila, como se as palavras não significassem nada — Quando despertar amanhã de noite, será como eu.

Não tinha querido acreditá-lo. Tinha recusado fazê-lo. Nem sequer quando os tremores devastavam seu corpo, nem quando com a saída do sol, experimentou um grande desejo de refugiar-se na escuridão que nunca antes havia sentido. Inclusive quando ao despertar na noite seguinte e ver o mundo com olhos diferentes, negou-se a acreditar Vampiro...

Mas era certo.

Transformou-se em um vampiro, destinado a passar o resto da vida na escuridão, a estar para sempre apanhado no lado escuro, forçado a viver nas sombras, a sobreviver alimentando-se do sangue de outros, ou perecer...

Vampiro... A palavra ressonou em sua mente quando a familiar escuridão o envolveu de

novo.

Quando despertou, ela ainda estava na casa. Sentiu sua presença com seu primeiro fôlego de consciência. Por que não partiu?

Levantando-se, Rayven se banhou e vestiu com roupa limpa. Abandonou a torre, apressando-se escada abaixo, só vagamente consciente de que ainda estava chovendo.

Rhianna estava sentada na biblioteca, com os pés enroscados debaixo de sua saia. Durante um momento, permaneceu no marco da porta, observando-a. Levava um traje de veludo verde escuro apertado com uma fita também verde escura. Seus sapatos eram da mesma cor. Seu cabelo solto sobre os ombros, brilhava tênueamente como fina seda de ouro à luz do fogo. Uma fina corrente de ouro rodeava sua garganta. A chuva golpeava contra os cristais das janelas proporcionando um agradável contraste com as rangentes chamas do fogo.

De repente consciente de sua presença, elevou o olhar, suas bochechas se cobriram de um ligeiro rubor ao encontrá-lo observando-a.

— Boa noite, Sua Senhoria — Deixou a um lado o livro que tinha estado lendo, desejando que sua mão não tremesse, e que sua voz soasse tranqüila.

— Boa noite, doce Rhianna — Entrou no quarto com passos silenciosos e se sentou na cadeira frente a ela. Sua capa envolta a seu redor, o envolvendo como as asas de um grande pássaro negro.

—Tinha intenção de ir, — Disse Rhianna sua cercania pondo-a repentinamente nervosa — Mas Bevins disse que deveria esperar a que se dispersasse a tormenta.

Rayven assentiu. Todo seu ser parecia querer tocá-la, desejava-a. Ardia de desejo por ela. Realmente queria que se fosse? Por que não deixar que ficasse? Ela poderia viver bem aqui. Sua riqueza lhe poderia dar tudo que desejasse. Asseguraria-se de que nada lhe faltasse...

Apertou com força sua mandíbula. Nunca poderia lhe dar as coisas que toda jovem desejava. Podia cuidá-la e protegê-la, mas nunca poderia dar filhos. Poderia ficar a seu lado, mas nunca compartilhar com ela a vida inteira. Poderia-a cuidar quando a idade e a enfermidade cobrassem seu preço, mas ele não envelheceria a seu lado. E ao final, acompanharia-a até sua tumba, com o mesmo aspecto que agora tinha.

— Pode me jogar se o desejar — Disse Rhianna, enervada por seu silêncio, pelo brilho agudo nas profundidades de seus olhos negros como o inferno — Pode-me jogar, ou você pode ir, mas sempre estarei aqui quando retornar.

— Não te dou medo? perguntou, em sua voz havia um tom de admiração.

Tiamat World

— Me dar medo? Você?. Ela negou com a cabeça. Algumas vezes o fazia sentir certa apreensão, mas em realidade nunca lhe tinha tido medo. Sabia no mais profundo de seu ser, que nunca lhe faria mal de forma intencionada.

— Deveria o ter — Disse serenamente, como se estivessem falando sobre o clima inoportuno.

— Você quer, que tenha medo?.

— Seria melhor que o tivesse.

— Melhor para quem? Fala em adivinhações, Sua Senhoria.

— Reza para que nunca os entenda.

Olhou-a fixamente, e ela, pesar de suas valentes palavras sentiu um repentino calafrio de ansiedade. Juntando as mãos sobre seu colo, suspirou profundamente —Tenho que partir?.

— Se deseja ficar, é bem-vinda — Disse, com uma mão acariciando ociosamente o veludo de sua capa — Até que termine a tormenta.

Ofereceria-lhe um suborno, pensou, ofereceria lhe conceder tudo que desejasse, tudo que a afastasse deste lugar. De sua presença.

Olhou-a escrutinadoramente memorizando — Vou conceder te um desejo, Rhianna. Um desejo. Pede algo que seu coração deseje por sobre todas as coisas, e será seu.

—Seriamente pode me dar tudo?

Um débil sorriso apareceu no canto de seus lábios.

— Surpreenderia-te do que posso fazer.

Rhianna franziu o cenho, possivelmente imaginava coisas, mas teria jurado que sua capa se envolveu mais apertadamente ao redor de seus largos ombros, como se isso o confortasse de algum modo.

— Tudo? Perguntou.

— Só me diga o que seu coração mais deseje.

— E você me concederá isso? Promete-me isso?.

Rayven assentiu.

— O que é? Perguntou com curiosidade — Riquezas? Uma bela casa com serventes? Retornar a Paris? Um grande dote para você e suas irmãs? Só pede e é seu.

— Desejo ficar aqui com você — Respondeu baixo — Tanto tempo como eu queira. Desejo viver em sua casa e passar cada noite um momento com você.

Rayven cravou os olhos nela. De todas as coisas que tinha suposto que pediria, o mais óbvio

nunca tinha ocorrido.

— Pede alguma outra coisa.

— Não. Deu-me sua palavra — Olhando-o fixamente adicionou —Tenta rompê-la?.

— Não. Sua voz saiu afogada, rouca, como se estivesse fazendo um esforço por poder falar

— Um ano. Darei-te um ano.

Com um triunfante e radiante sorriso disse.

— Obrigado. Ordenará a Bevins que amanhã pela manhã vá recolher minhas coisas? OH! Devo escrever uma nota para minha mãe informando- a de que ficarei aqui. Pode lhe dizer que venha a recolhê-la antes de ir-se?. Rayven assentiu de forma concisa. Sentindo-se como uma aranha apanhada em sua própria rede, ficou de pé com expressão sombria enquanto olhava pela janela como a chuva golpeava contra os cristais

— Rogo, que não tenha que lamentar sua escolha— Disse, e saiu do quarto, com sua capa formando redemoinhos ao redor de seus tornozelos como se fosse agitada por um vento furioso.

CAPÍTULO ONZE

Bevins subiu pelas escadas para a torre do leste, consciente do desassossego que incomodava a seu senhor. Tinha estado trabalhando para Rayven durante mais de cinquenta anos. Tinha quatorze anos quando o vampiro salvou sua vida. Em troca, Bevins tinha declarado sob juramento dedicar o resto de sua vida ao serviço de Rayven.

Cruzando a habitação, ficou na soleira da câmara interior da torre do leste, com expressão cuidadosamente neutra observava ao Rayven tirar a capa e depositá-la em cima de uma cadeira.

Bevins olhou à capa com cautela. Era um objeto estranho, freqüentemente parecia como se possuísse vida própria.

— O que vou fazer? — Rayven disse com voz encolerizada — Ela não pode ficar aqui! Não o poderei suportar.

Bevins permanecido silencioso, sabedor dele que não esperava nenhuma resposta. Nunca tinha visto seu senhor em tal estado de agitação.

Rayven passou suas mãos através de seu cabelo, uma fileira de cruéis juramentos escaparam de seus lábios enquanto caminhava incessantemente pelo quarto, suas pernas longas o levando de um lado ao outro em umas poucas pernadas.

Fez uma abrupta pausa, trocou de direção, e foi para à janela. Poderia sentir a tensão subir desde seu interior enquanto olhava ao jardim. Quantas noites se levantou e permaneceu ali, contemplando os muros do castelo, desejando que ela estivesse aqui, desejando passar uma noite mais, ou uma hora mais em sua presença? Mas todo um ano?

Gemeu suavemente. Tinha-a despachado porque estava perdendo o controle sobre seu desejo, sobre a fome aguda que corroía implacavelmente, urgindo a tomar o que necessitava, a trazê-la através do abismo que os separava a fim de que ela pudesse aliviar o isolamento de sua interminável existência. Sempre tinha sido arrogante e egoísta, mas nunca tinha sido cruel, e por isso a tinha jogado, para protege-la de seu desejo.

E agora ela estava aqui de novo, no castelo, em sua vida como se nunca tivesse partido. Seu perfume estava em toda a casa, em sua pele, em suas roupas, no mesmo ar que respirava.

— Desejará alguma outra coisa esta tarde? — Perguntou Bevins.

— O que? Rayven se girou rapidamente. Quase tinha esquecido que o outro homem estava no quarto — Não. Vá-se à cama. Espere um momento, amanhã pela manhã irá a casa de Rhianna e recolherá seus pertences. Ela também deseja lhe entregar uma nota para sua mãe.

Bevins assentiu — Encarregarei-me disso — Suspirou profundamente.

— Descerá amanhã de noite?

— Eu prometi a ela, não? Disse Rayven, sua voz em um tom lóbrego.

— Sim, Sua Senhoria. Também jantará com ela?.

— Sim. Rayven fechou com força suas mãos em apertados punhos, sua expressão sombria — Não esqueça o vinho.

Bevins assentiu concisamente, depois saiu do sombrio quarto da torre, fechando a porta. Ouviu o som do ferrolho que se passava.

la ser um longo ano, pensou. Para todos.

A noite seguinte, estava esperando na mesa para jantar. Vestida com um traje dourado, fazendo jogo com seu cabelo, estava tão formosa que lhe roubava o fôlego.

— Boa noite, Sua Senhoria — Disse Rhianna sorrindo. Ele ia vestido de negro da cabeça aos pés. via-se escuro e perigoso, e acelerava seu coração estremecendo suas vísceras de desejo.

— Estou muito contente de que tenha decidido reunir-se comigo esta noite.

Ele se sentou frente a ela.

— Disse-te que o faria, não é verdade?.

— Sim, mas pensei que talvez poderia ter trocado de idéia.

Seus olhos se entrecerraram — Me valha Deus, quando dou minha palavra, cumpro-a, tal e como faz qualquer homem.

— Mas você se sente como se eu lhe tivesse enganado de alguma forma.

— Pensei que me pediria algo benéfico para você ou sua família.

Ele agarrou a jarra de cristal e se serviu de um copo de vinho.

— Sim, minha família. Você foi muito amável com eles. Agradeço-lhe isso, e o dote tão abundante que entregou a minha irmã.

Ele fez um gesto vago com sua mão — Por que insiste em ficar aqui quando sabe que quero que vá?

Rhianna o observou esvaziar de repente seu copo, perguntando-se por que o bebia tão rapidamente. Não deveria saborear o vinho?

— Porque, neste caso, meu desejo significa mais para mim que o seu.

Ela afastou seu prato e se levantou, lhe oferecendo sua mão — Vamos à biblioteca? — Bevins acendeu o fogo, e tenho um novo livro que desejo ler.

Levantando-se, Rayven agarrou sua mão, sentindo a rápida faísca que salto entre suas mãos.

Ela ficou olhando-o fixamente com seus francos olhos azuis.

— Sua Senhoria — Exclamou, e ele soube que ela também o tinha notado.

Incapaz de conter-se, rodeou-a com seus braços. Olhou atentamente seus olhos durante um eterno momento, e depois a beijou. Foi um beijo brutal, violento, zangado, cheio de um agudo desejo que nunca poderia cumprir-se. Suas mãos apertaram seus ombros enquanto aprofundava o beijo, machucando seus lábios.

— Deveria estar em sua casa, doce Rhianna — Grunhiu — Vai agora, enquanto ainda posso te deixar partir.

Aturdida pela intensidade de seu beijo, só pôde negar com a cabeça.

Ele a beijou de novo, sua língua percorrendo a brandura de sua boca. Seus braços se moveram sobre ela, ardente e inquietantemente, moldando-a contra seu corpo para lhe fazer notar a prova rígida de seu desejo.

Sua cabeça caiu para trás sobre seu braço, expondo a curva magra de seu pescoço. Seu olhar fixo ficou cravado no pulso que pulsava grosseiramente na base de sua garganta. Podia ouvir as rápidas pulsações de seu coração, cheirar o sangue quente correndo por suas veias. E então sentiu a espetada de suas presas contra sua língua.

Abruptamente, afastou-a com força, suas mãos fechando-se em punhos apertados a seus

lados.

— Rhianna, lhe rogo isso, me peça qualquer outro desejo. Tudo. — Murmurou, sua voz cheia de desespero — Darei-te tudo. Este castelo, se o desejar, toda minha fortuna, tudo.

— Somente quero ficar aqui, com você, Sua Senhoria — Respondeu suavemente — Eu sei que quando tiver passado o ano, jogara-me, mas quero passar este tempo com você.

— Só espero que isto não seja sua perdição — Resmungou baixo, e lhe dando as costas, saiu da sala.

Caçou essa noite, foi em busca de uma presa como não o tinha feito durante anos, sabendo que esta noite, uns poucos goles do precioso sangue de Rhianna não seriam suficientes para aquietar a horrível fome que sua mera presença agitava em seu interior.

Um ano, filosofou enquanto se abatia sobre sua indefesa vítima. Comparado com os séculos que tinha vivido, com a eternidade que se estendia ante ele, doze meses eram menos que um momento em sua vida, mas temia que este seria o ano no que encontraria seu fim, ou o dela.

Rhianna começou sua sedução na noite seguinte, determinada a tê-lo em sua cama antes de que o ano finalizasse. Ele tinha deixado claro que não a amava, que nunca se casaria com ela, mas estava resolvida que seria ele, o primeiro homem que a levasse a cama.

Tinha sonhado e suspirado por ele durante quatro longos anos e agora tinha a intenção de tê-lo. Tinha ouvido conversa sussurradas sobre que tão fácil era seduzir um homem. Não todas as garotas na escola de monjas eram tão inocentes como ela, e essas que tinham intercambiado sua virtude com o conhecimento tinham estado mais que ansiosas por compartilhar o que tinham aprendido. Haviam-lhe dito que os homens se deixavam seduzir facilmente por um rosto bonito e pela promessa de uma conquista fácil.

Para seu pesar, Rayven parecia ser a exceção à regra. Não importava quão descaradamente paquerava com ele, não importava quão atrevidamente brincava e o tentava, ele se negava a sucumbir a suas tentações. Sabia que ele a desejava. Podia ver a fome em seus olhos, ouvi-la em sua voz, senti-la em seus braços nas contadas ocasiões nas que era débil e a rodeava em um abraço. Mas sempre, no último instante, ele a rejeitava com força e saía do cômodo.

O tinha feito assim durante muitas noites.

Esta noite não tinha sido uma exceção.

Permaneceu ao lado do fogo, seguindo-o com o olhar, perguntando-se se carecia de algum encanto feminino vital.

Com um suspiro, sentou-se na cadeira favorita de Rayven. Ele tinha deixado sua capa

pendurando no respaldo e ela a depositou em seu colo, acariciando ociosamente o veludo fino. Que viva parecia estar, ao estendê-la sobre suas pernas. De forma voluntária parecia pressionar contra dela, esquentando-a. Apaziguando-a.

Repentinamente cansada, fechou seus olhos sentindo-se arrastada para um mundo de escuridão.

Suas mãos se fecharam sobre o suave veludo enquanto cenas desarticuladas enchiam sua mente, viu Rayven andando por um caminho poeirento, escuro, sua capa flutuando atrás dele ondeando na escuridão da noite; Viu uma névoa cinza escura afogando o débil grito de terror de um bêbado e por cima de todo um manto de escuridão e o perfume do sangue; Viu um lobo negro sobre o esqueleto de um cervo morto, ouviu um comprido e solitário uivo ressonando em seus ouvidos...

Despertou com medo, sua testa coberta de suor, seu coração golpeando grosseiramente contra seu peito.

Atirando a capa ao chão, levantou-se e saiu correndo do quarto.

Dallon Montroy veio na seguinte tarde. Bevins o conduziu ao salão dianteiro, com uma clara expressão de desaprovação em seu rosto quando Rhianna lhe deu a bem-vinda.

— Bevins nos trará um pouco de chá, por favor? — Pediu Rhianna — E talvez uns pão-doces?.

— Como você deseje — Respondeu Bevins. Dirigiu-lhe outro olhar reprovador e saiu da sala.

— E então, senhor? — Exclamou Rhianna suavemente — O que o traz no Castelo Rayven?

— Você, claro — Montroy disse — Por que não faria uma viagem tão árdua.

— Nem tanto, certamente — Rhianna brincou.

— Teria escalado uma montanha de duas vezes esta altura para poder vê-la sorrir de novo — Respondeu Dallon valorosamente.

— Seriamente? — Rhianna filosofou — E também cruzaria águas infestadas por crocodilos, para poder ver-me?.

— Pode estar segura disso — Seu sorriso se desvaneceu enquanto agarrou suas mãos entre as suas — Por que retornou aqui, Rhianna? — Perguntou, com sua expressão grave. — Obrigou-lhe Rayven? Está ameaçando de alguma forma?.

— Claro que não. Estou aqui porque o desejo.

— Não o entendo.

— É muito simples, Lorde Rayven me disse que me concederia tudo que lhe pedisse, e lhe pedi para viver aqui. Deixou que fique durante um ano.

Montroy cravou os olhos nela como se falasse com uma linguagem que realmente não podia entender — Você lhe pediu para ficar aqui? Com ele? Mas, por que?.

— Temo-me que não posso explicar-lhe

— Por que não?

Montroy passou uma mão através de seu cabelo, pensando que por muitos anos que vivesse, nunca entenderia o funcionamento da mente feminina — Pois então tente-o!.

Rhianna negou com a cabeça — Não posso — Olhou-o durante um momento, depois franziu o cenho — Por que esta tão preocupado? Acreditei que era seu amigo.

— Rayven não tem amigos.

— por que não?.

— Porque não deseja nenhum. É um homem solitário.

— Você joga cartas com ele no Cotyer's.

Montroy assentiu — Isso é verdade, mas mantém as distâncias com todos, e não permite nenhuma familiaridade. Nunca aceitou nenhum convite, nem as tem proposto em troca.

— Encontro isso muito estranho.

— Igual a eu, o asseguro.

Montroy soltou suas mãos quando Bevins entrou na sala levando uma bandeja de prata com o chá.

Com as costas rígida, Bevins colocou a bandeja em uma mesa baixa, dirigiu um olhar de advertência a Rhianna e abandonou a sala.

Tomando assento, Rhianna serviu o chá a Montroy, e depois a si mesma.

Depois de um momento, Montroy se sentou em uma cadeira frente a ela —Temo que cortejá-la aqui vai ser realmente difícil.

Rhianna acrescentou leite e açúcar às duas taças, depois passou uma a Montroy. — você tem a intenção de me cortejar, senhor?

—Acreditei que a estas alturas já o teria adivinhado.

— Mas... Quero dizer... — Rhianna negou com a cabeça — Certamente você aspira a uma mulher de classe superior.

— Faço-o, certamente — Sorriu, a covinha em sua bochecha. Tinha a intenção de casar-se com Rhianna, e o diria chegado seu momento — Posso vir vê-la outra vez?.

—Dallon, deve saber que não pode haver nada entre nós, só amizade. Amo Rayven.

Montroy assentiu, convenceu de que poderia ganhar seu coração se lhe desse uma oportunidade.

Rhianna vacilou, perguntando se Rayven se oporia, mas refugou o pensamento. Ele nunca estava durante o dia. Por que deveria importar o que ela fizesse? Tinha-lhe deixado claro que não tinha nenhum interesse nela, que tinha intenção de jogá-la quando finalizasse o ano.

— Rhianna?.

Olhou a Montroy um momento mais, e depois assentiu — Dará-me muito gosto receber sua visita.

Montroy sorriu, obviamente agradado — Estréia uma nova peça teatral. Gostaria de ir?

— Sim, acredito que sim. — Sorriu amavelmente. Nada tinha sortido efeito. Talvez o ciúmes produziram quão resultados procurava.

— Rhianna, para mim não tem nenhuma importância, mas... — Montroy deixou sua taça sobre a mesa e passou uma mão através de seu cabelo — Não está preocupada com o que dirá as pessoas do povoado por viver aqui, com ele?.

— Não me importa absolutamente — Disse Rhianna. E, certamente, não se importava o que as pessoas pensasse. Queria ficar aqui, com Rayven, e estava disposta a sacrificar sua reputação por isso.

— Você esta segura de que é isto, o que realmente quer? — Montroy perguntou suavemente.

— Estou segura.

— Então, não falaremos mas disso.

Passaram a seguinte hora conversando animadamente até que Montroy se foi.

Rhianna acabava de sentar-se para jantar quando Rayven entrou no salão. Ficou de pé a seu lado com um semblante feroz em seu rosto.

— Que fazia Montroy aqui? Perguntou Rayven intempestivamente. Tinha cheirado o perfume do homem incluso antes de abandonar a torre do leste.

— Veio para ver-me — Rhianna continuou tentando que sua voz não soasse tremula — Não acreditei que se importasse, já que é seu amigo.

Os olhos de Rayven se estreitaram.

— —Disse-te ele isso?.

—Se me disse o que?.

—Que somos amigos.

Quis mentir, mas soube que não poderiam, quando os olhos escuros de Rayven se cravaram em seu rosto.

— O que disse? — Rayven perguntou, com voz baixa e sedosa.

— Disse... Disse que você não aceitava nenhuma amizade.

Rayven olhou por cima seu ombro a Bevins enquanto entrava na sala — Nunca mais permitirá que Montroy ou qualquer outro homem entre em minha casa. Esta claro?.

— Sim, senhor — Disse Bevins.

Com um brusco assentimento, Rayven voltou sua atenção a Rhianna — Esta também claro para você ?.

— Sim, Sua Senhoria, mas...

— Mas, o que?.

— Mas, por que? Por que se encerra neste castelo? Por que não deixa que lhe visite Lorde Montroy aqui? Acredito que ele seria seu amigo, se você o permitisse.

— Não tenho porque te dar explicações, Rhianna. Basta te dizendo que ninguém é bem-vindo aqui.

— Me incluindo?

— Especialmente você.

— Você é muito descortês, Sua Senhoria.

Ele sorriu. Foi um gesto inesperado e bem-vindo.

— Desculpo-me por meu comportamento, doce Rhianna, mas temo que deve aprender a tolerar meus estados de ânimo se insistir em ficar aqui.

— Certamente, o farei, Sua Senhoria — Rhianna replicou — Pois nem seu horrível temperamento nem suas más maneiras me afugentarão.

Rayven se sentou na cadeira frente a ela e tratou de alcançar a taça de vinho que Bevins lhe tinha preparado. Levantou a taça de cristal, estudando seu conteúdo durante um momento antes de esvazia-la de um gole.

Uma careta de prazer cruzou seu rosto enquanto depositava a taça em cima da mesa — Termina seu jantar, doce Rhianna, e logo desejaria dar um passeio pelo labirinto.

— Como você deseje, Sua Senhoria.

— Certamente, meu doce. Isto é exatamente o que desejo.

Era desconcertante jantar sob seus olhos vigilantes. Suas mãos tremiam, atirou o copo cheio

de água e derramou um pouquinho de molho em seu colo. E além disso, poderia sentir seu olhar fixo sobre ela, sem piscar, escura como o céu de noite.

Quando terminou de comer, ele colocou sua capa, depois lhe passou um xale pelos ombros.

O jardim estava silencioso sob a luz da lua cheia depois do equinócio de outono. Tomou sua mão e caminharam para o labirinto. Rhianna tratou de pensar em uma coisa divertida que dizer, um pouco de conversa intrascendente para aliviar o tenso silêncio entre eles, mas nada lhe veio à mente.

— Talvez, na primavera, criará de novo sua magia no jardim — Comentou Rayven ao cabo de um momento.

— Se você o desejar, mas deve me prometer que quando for, não deixará que de novo morra tudo.

— Prometo-lhe isso.

— Acredito que desta vez plantarei margaridas perto da casa — Disse Rhianna, pensando em voz alta — E mais rosas, é obvio.

— Vermelhas disse Rayven.

— E também amarelas.

— Não, só vermelhas. E brancas — Vermelho pelo sangue que o alimentava; E branco pela pureza da mulher a seu lado.

— Então plantarei margaridas amarelas.

Ele sorriu derrotado.

— Por que não cuidou das rosas do jardim, como o fez com as do labirinto?. Perguntou Rhianna enquanto andavam pelo sinuoso caminho.

— Adverti ao Bevins das horríveis repercussões que haveria se permitia que as rosas do labirinto se murchassem.

— Mas, por que se preocupou com essas e não pelas outras?.

Rayven parou. Voltando-a para ele, agarrou-lhe ambas as mãos — Plantou as rosas do jardim para seu prazer — Explicou-lhe, seus polegares riscando preguiçosos círculos sobre as palmas de suas mãos — Mas as rosas do labirinto as plantou para mim.

O olhar em seus olhos fez que de repente seu coração pulsasse rapidamente. Seu contato enviava tremores por seus braços. O som de sua voz fluía sobre ela e através dela. Sua voz. Nunca tinha ouvido nenhuma igual, profunda e rica, cheia de uma arrogância e poder.

— Por que vive tão sozinho? — Perguntou — Por que não deixa que ninguém se aproxime?.

Tiamat World

— Sou uma criatura solitária por natureza — Respondeu.

— Tem uma estranha forma sobre si mesmo — Disse — Como se fosse diferente todos outros.

— Acha que não sou?.

E nesse momento, ela soube que ele era diferente. Diferente a ela, diferente a qualquer que tivesse conhecido em toda sua vida, embora não podia dizer por que. E depois recordou um estranho comentário que tinha feito uma vez.

— Recorda você a noite antes de sair daqui com destino a Paris? — Perguntou-lhe enquanto continuavam caminhando.

— Lembro. Tinha sido a pior noite de sua vida.

— Disse algo aquela noite, algo que achei muito estranho.

— De verdade?.

— Sim. Disse que nunca antes, em toda sua vida, nenhum mortal tinha aproximado inadvertidamente.

Ele vacilou um momento antes de responder, e pareceu como se encerrasse em si mesmo um pouco mais.

— Disse?.

Rhianna assentiu — Você não acha que é estranho?.

— Se explique. — Disse Rayven, apesar de que sabia exatamente o que queria dizer.

— Usou o termo mortal como se aplicasse a mim, mas não a você.

— Sericamente o fiz?.

— Você sabe que o fez!.

Para distrai-la, estreitou-a entre seus braços.

— É a mulher mais bela que conheci em toda minha vida — Disse, com voz rouca — Seus olhos são tão azuis como um céu de pleno verão. Sua pele é como alabastro iluminado pelo sol. E seu cabelo... — Ele passou os dedos por seu cabelo — Seu cabelo é tão suave como a mais fina seda.

Com um suspiro, derreteu-se contra ele, seu rosto levantado para ele, convidando-o a que a beijasse.

Seus lábios roçaram os seus — Esta apaixonada pelo Montroy?.

Rhianna pestanejou.

— O que?.

— Esta apaixonada pelo Montroy? — Perguntou. Suas mãos apertando seus ombros, seus olhos ardiam com fria cólera.

— Não, Sua Senhoria.

— Não quero que volte a vê-lo.

— Acreditei que queria que me casasse e tivesse filhos. Jogou sua cabeça para trás para poder ver melhor seu rosto — Não foi isso o que me disse?.

— Não com Montroy — Disse como se lhe arrancassem as palavras a dentadas, negando-se a admitir que estava ciumento desse homem, de qualquer homem — Não com Montroy — Disse de novo, e odiou o homem porque podia dar a Rhianna todas as coisas que merecia.

— Muito bem, Sua Senhoria, não voltarei a vê-lo enquanto permaneça em sua casa.

Ele quis sacudi-la, lhe fazer prometer que nunca voltaria a ver esse homem de novo, não só agora, mas também jamais.

— Mas acontece que... — Disse Rhianna — Dei-lhe permissão para me visitar.

— Bevins o despachará.

Ela não o pôde evitar. Sorriu, contente, ante a idéia de que estava ciumento de seu afeto pelo Montroy. Certamente isso era um bom sinal.

Agarrando a mão, Rayven trocou de direção e voltou para o castelo.

— Pensei que íamos sentar nos um momento no labirinto — Disse Rhianna, apressando seus passos, para manter-se a seu mesmo ritmo.

— Esta noite não — Disse Rayven, com um grunhido em sua voz. Esta noite não, pensou, quando seu negro coração ardia de ciúmes, quando a fúria corria através dele acendendo sua fome até sentir-se quase enlouquecido diante a necessidade de caçar.

Na porta do castelo, estreitou-a entre seus braços, sua capa os envolvendo a ambos como um casulo de veludo exuberante e seda quente. Tremia quando sua boca cobriu a sua.

— É minha, doce Rhianna — Queixou-se. Seus olhos arderam nos dela, seu fôlego brincou em sua bochecha como uma chama — Durante este ano, pertence-me e a ninguém mais.

Na noite seguinte, não se reuniu com ela para jantar. Rhianna bicou sua comida, saboreando apenas o succulento rosbife que Bevins tinha preparado.

Elevou a cabeça, para ouvir o som de uns passos, com a esperança renascendo em seu coração para perdê-la imediatamente quando Bevins entrou na sala.

— Não esta a comida do seu gosto, senhorita Rhianna? — Perguntou Bevins solícitamente — Posso lhe preparar alguma outra coisa, se o desejar.

— Não, obrigado — Afastou seu prato — Esta noite não tenho muito apetite.

Bevins assentiu, com um olhar de compreensão em seus olhos.

— Traria-me um copo de vinho? — Perguntou — Talvez o vinho que prefere Lorde Rayven?.

Uma expressão horrorizada cruzou pelo rosto de Bevins, e depois negou com a cabeça — É de uma colheita muito forte, senhorita — Disse — Posso lhe recomendar algo mais... Refinado?.

— Não importa — Levantando-se, depositou seu guardanapo sobre a mesa — Suponho que não saberá onde esta ele?.

— No jardim, acredito.

— Obrigado, Bevins — Sorriu — Se me perguntar isso, não lhe direi que me há isso dito.

— Ele igualmente saberá — Disse Bevins, com uma nota de resignação em seu tom — Melhor pegar um xale. A noite é fresca.

Seus pés se sentiram repentinamente leves quando agarrou seu xale e saiu da casa.

O labirinto, pensou. Ele estaria no labirinto.

Seus passos se tornaram mais lentos ao aproximar-se da entrada do labirinto.

Atreveria-se? por que não? Todo o resto tinha falhado.

Sentindo-se de algum modo confortada pela escuridão, começou a despir-se e logo, envolta unicamente em seu xale, correu para o coração do labirinto.

Rayven aspirou profundamente. Sabia que ela iria o buscar, havia sentido sua presença muito antes de que se aproximasse.

Mas não estava preparado para a visão que apareceu diante seus olhos. A luz da lua se refletia em seu cabelo como pó de estrelas, acariciava seu rosto, iluminava suas esbeltas pernas. Um mísero xale de renda que revelava muito mais do que escondia, cobria-a dos ombros até os joelhos.

Levantou-se com o fôlego apanhado em sua garganta.

Ela deu um passo para ele, depois parou, sua coragem se esfumou agora que estava na guarida do leão.

A fome e o desejo rugiram em seu interior, mais ardentes que as chamas do profundo inferno.

Era Vênus saída do mar, Eva antes de provar a maçã.

— Rhianna —Murmurou seu nome entre seus lábios, suavemente como um suspiro. Como a última e desesperada oração de um moribundo.

Sua capa se envolveu mais apertadamente a ele.

— Boa noite, Sua Senhoria —Disse, e deixou cair o xale.

Este se deslizou ao chão, ficando enroscado ao redor de suas pernas, como uma branca nebulosa de espuma, e ele esteve tentado de fazer o mesmo, ficar de joelhos e adorar sua beleza, implorar seu perdão. Certamente essa deusa poderia absolver de seus pecados.

— Me deixe sozinho, Rhianna — Não foi uma ordem, e sim uma urgente súplica de salvação.

Lentamente, ela caminhou para ele, e pareceu que a luz da lua a seguisse.

— Rhianna...

— Amo-o — Disse suavemente.

— Não o faça — Tentou afastar seu olhar de seu rosto, da beleza e a perfeição de sua magra figura. Seus seios eram altos e firmes, seu ventre plano, sua cintura tão estreita que estava seguro de poder abrangê-la entre suas mãos.

Era a primeira mulher completamente nua que tinha visto em quatrocentos anos, a primeira mulher que tinha manifestado o amar desde que se transformou em Vampiro. A primeira mulher, que tinha suplicado por seu contato.

Manteve uma silenciosa batalha interior, os últimos vestígios de honra e humanidade lutando com o monstro em que se converteu.

— Sua Senhoria? — Sua voz era suave e docemente suplicante enquanto estendia uma insegura mão para ele — Rayven?

O som de seu nome em seus lábios foi como música para seus ouvidos.

— Rhianna, por favor — Ele luto por articular as palavras através de sua ressecada garganta

— Por favor não me faça isto, tenho medo...

Lentamente, ela baixou sua mão — Você? Assustado ?· A incredulidade brilhou em seus olhos.

Rayven fechou os olhos, a imagem da primeira e única mulher que em toda a vida levou a cama desde que tinha sido feito Vampiro surgiu em sua mente. So tinha sido uma rameira, uma mulher cujos favores tinha comprado facilmente para saciar a fome da carne. Era jovem, mas

sábia apesar de seus anos. Não havia sentido nada por ela, tinha acreditado que poderia satisfazer sua luxúria sem despertar sua fome.

Tinha estado equivocado, e seu engano no julgamento de seu controle, havia tirado à mulher sua vida. Isso tinha sido quase quatrocentos anos atrás, filosofou. Assustado das repercussões, após não havia tornado a procurar o afeto de uma mulher.

Tinha aprendido a dominar os desejos da carne, a manter sua luxúria controlada, até que chegou Rhianna. O saber que não se atreveria a possuí-la tinha facilitado sustentar sua paixão sob controle. Nunca, nem em seus sonhos mais descabelados, tinha esperado que o desejasse.

Certamente nunca tinha planejado vê-la nua ante ele em uma noite iluminada pela lua, suplicando silenciosamente seu contato.

— Não posso — Deu um passo para trás, e sua capa se enroscou mais apertadamente a seu redor, para defender de um possível mal — Não posso.

Quis partir dar meia volta, afastar-se dela antes de que fosse muito tarde, mas o desejo em seus olhos o tinha cativado. Nenhuma mulher em toda sua vida o tinha olhado com tal desejo, com tanta ternura.

Rhianna cravou os olhos nele, seu desejo dando passo à confusão — Está, esta ... ? Ela sentiu que um forte rubor alagava suas bochechas. É você... ? O fogo em suas bochechas ardeu mais quente — Quero dizer... — Aspirou profundamente e disse a toda pressa — É você impotente, Sua Senhoria?

O pensamento o divertiu ao mesmo tempo que feriu seu orgulho. O que era que ela tinha acreditado, que ele era um mequetrefe impotente? Se realmente o fosse, então, pensou torcidamente, seria tudo muito mais fácil para os dois.

Uma brisa bateu a terra, ondulando as folhas nas roseiras. Rhianna tremeu, não de frio, mas sim pela consciência de haver-se devotado a ele com toda sua alma e ter sido rejeitada.

Repentinamente teve frio por dentro e por fora, sentiu-se nua até nas profundidades de sua alma. Não se havia sentido tão vulnerável, nem tão exposta, desde essa horrível noite em Tavern do Cotyer quando permaneceu ao lado de seu pai diante de uma multidão de homens lascivos.

Realmente, nunca poderia olhar de novo a Rayven ao rosto, inclinou-se para recuperar seu xale.

E sentiu suas mãos nos ombros; Mãos firmes levantando-a, aproximando dele.

— Rhianna, se pudesse obter um desejo, esse seria fazer amor com você aqui e agora. Mas não me atrevo — Ele viu a pergunta em seus olhos, a dúvida — Não tem nada que ver com você.

Me acredite quando te digo que te desejo mais do que nunca desejei a nenhuma outra mulher.

As lágrimas brilharam em seus olhos, seguras em suas pestanas como gotas de rocio matutino. Lágrimas de vergonha e humilhação.

— Não acredito.

— Rhianna, por favor...

Ela negou com a cabeça — Estava errada ao vir aqui, equivocada ao pensar que poderia fazer que você me desejasse — Afastou-se dele, sentindo-se repentinamente vazia quando seus dedos se deslizaram de seus ombros — Irei daqui pela manhã, e não voltará a ver-me mais.

Era o que ele queria, o que sabia que era o melhor para ela, mas suas palavras atravessaram as regiões mais profundas de sua desprezível alma. E nesse instante, soube que não poderia enfrentar um futuro sem ela. Quatrocentos anos de solidão já tinham sido suficientes.

— Rhianna! Não vá — As palavras surgiram do mais profundo de seu coração.

— Sua Senhoria? — Uma diminuta chama de esperança começou a arder no peito de Rhianna, esquentando-a por dentro e por fora.

— Fica comigo, Rhianna. me dê o ano que te prometi.

— Será um prazer, Sua Senhoria — Com um só movimento, agachou para recolher seu xale, e o passou ao redor de seus ombros.

— É a mulher mas bela e desejável que conheci em toda mim vida. Suas mãos apertaram seus ombros — Teremos nosso ano, doce Rhianna. Um ano para nos conhecer.

Situou-se atrás dela. Lentamente, agachou sua cabeça, seus lábios raspando seu pescoço — Volta para casa — Disse, seu fôlego movendo o cabelo em sua nuca — Verei-te durante o jantar amanhã de noite. Depois de que tenha alimentado à besta em meu interior.

— Como você desejar, Sua Senhoria.

Observou-a partir dando meia volta e nesse instante, disse-se que nunca poderia deixá-la partir.

Tinha temido não poder olhá-lo de novo no rosto, mas se sentiu surpreendentemente tranqüila quando n seguinte noite se reuniu com ele para jantar.

Vestiu-se com esmero, com um vestido de lã azul suave. A cor fazia jogo com seus olhos. O vestido, embora era de corte singelo, realçava cada uma de suas curvas. Levava o cabelo solto caindo em suaves ondas pelas costas porque gostava desse modo.

— Boa noite, doce Rhianna.

— Boa noite, Sua Senhoria.

Sentou-se frente a ela e agarrou a taça de vinho que Bevins tinha preparado logo que entrou na sala.

Rayven tomou um gole, assentiu com aprovação para o Bevins, e depois se recostou em sua cadeira.

— Então? — Disse, olhando-a por cima de sua taça — O que fez hoje?.

Rhianna ficou olhando-o fixamente, incapaz de afastar a sensação de que ele sabia exatamente como tinha passado o dia.

— Apreendi uma nova peça musical esta manhã — Disse — E esta tarde, comecei a preparar o terreno para plantar as novas roseiras.

Assentiu, com uma sobrancelha arqueada convidando-a a continuar.

— Tomei uma sesta e depois li durante um momento — E olhando-o diretamente perguntou — O que fez você hoje, Sua Senhoria?.

— Como passo meus dias não é seu assunto, meu doce.

— Perdoe, Sua Senhoria — Disse com voz fria. — Não tinha intenção de bisbilhotar.

— Não a tinha?.

— Nunca o vi durante o dia. Simplesmente me perguntei o que era que o mantinha ocupado fora do castelo do amanhecer até a noite.

— Espero que nunca descubra.

Sua resposta deveria havê-la zangado, mas foi dita tão suavemente, e com tal amargura, que só pôde sentir pena por ele, e desejar poder fazer algo para apagar a repentina tristeza em seus olhos.

— Me fale do Montroy — Disse Rayven.

— Não há nada que dizer. Ele veio esta tarde, e Bevins o despachou.

— Sem dúvida me falará de disso a próxima vez que visite Cotyer's Rayven — Resmungou.

— Estou segura de que Lorde Montroy encontra uma descortesia, ser despachado como se fosse um desconhecido.

— Pode estar segura — Rayven acordou.

— Mas a você não importa.

— Não, nenhum pingaço.

— Não o entendo.

Deixando a um lado seu copo, apoiou-se através da mesa para passar seus dedos amavelmente sobre sua bochecha.

— Nunca poderá Rhianna — Disse calmamente — Há coisas que não posso te dizer, coisas que nunca deve saber — Ele sorriu, mas foi um sorriso amargo — Coisas que nem sequer quereria saber se lhe pudesse contar isso.

Mas ela queria saber. Queria saber desesperadamente onde estava durante o dia, que era o que havia atrás da tristeza que escurecia seus olhos, por que vivia nesse isolamento auto imposto em um enorme castelo sobre uma montanha rodeada de névoa.

— Pode me dizer por que nunca janta comigo?

Lentamente, ele negou com a cabeça.

— Você está doente? É por isso que vive aqui sozinho, porque nunca o vejo durante o dia ?

— Doente? — Ele sorriu de novo com esse sorriso melancólico — Acho que poderíamos chamá-lo assim — Pegou sua taça e tomou um gole — Termine o jantar, meu doce, e depois desejaria que lesse para mim algo triste e tragicamente romântico.

Um pouco mais tarde, retiraram-se para seu estudo. Rhianna estava sentada sobre o chão frente à lareira com suas saias espalhadas a seu redor. Raramente vinham aqui. O cômodo estava revestido com escuros painéis de madeira e estava escassamente mobiliado, só havia um grande escritório e umas quantas cadeiras. perguntava-se por que ele tinha preferido vir aqui esta noite.

Rayven se sentou em uma cadeira ao lado da lareira, sua capa amplamente envolta a seu redor. Bevins tinha enchido sua taça de novo, e estava olhando fixamente suas profundidades de cor rubi enquanto ela lia. Sabia que Rhianna não gostava, mas esta noite a escuridão o atraía.

Ocasionalmente, Rhianna o olhava, perguntando o por que de seu sombrio estado de ânimo. Esta noite parecia mais abstraído do normal, seus pensamentos vagando em seu interior sem compartilhá-los com ela. Perguntava se talvez tinha sido marcado por alguma grande tragédia em sua vida. Tinha sido vítima de alguma terrível enfermidade, ou o tinha machucado tanto uma mulher, que fez voltar as costas à vida e jurar não voltar a amar de novo?

Ao cabo de uma hora, fechou o livro e ficou de pé — Vou pedir ao Bevins que me traga uma xícaraz e chocolate quente disse — Queria você um pouco?.

Rayven a contemplou, um canto de sua boca curvando-se sardonicamente com diversão — O que você acha?.

— Acreditei que gostaria — Afastou o livro e assinalou para seu copo vazio —Gostaria de tomar um pouco mais de vinho?.

Com aprovação, ele ofereceu a taça de cristal.

Bevins estava sentado na cozinha, polindo uma panela de chá de prata. levantou-se ao vê-la

Tiamat World

entrar — Há algo que possa fazer por você, senhorita?.

— Sim. Eu gostaria de um pouco de chocolate quente, por favor. Assinalando o copo vazio disse — E Lorde Rayven gostaria de um pouco mais de vinho.

Um indício de algo — Desaprovação, talvez — Titilou nas profundidades dos olhos de Bevins enquanto tomava a taça de sua mão — Encarregarei-me disso imediatamente.

— Esperarei — Disse Rhianna. Sentando-a cadeira que Bevins tinha desocupado, agarrou o tecido que tinha estado usando e começou a polir a bule.

— Senhorita Rhianna...

— O que?.

— Não acredito... Isto é, você não deveria...

Rhianna franziu o cenho — Não deveria o que?.

Ele sacudiu com força seu queixo para a prata — Não deveria fazer isso.

— Não importa, quero fazê-lo. Durante quanto tempo esteve trabalhando para Lorde Rayven?.

— Durante mas anos dos que posso recordar.

— Você sabe por que está sempre tão triste?.

— Triste, senhorita?.

Rhianna assentiu — Nunca vi antes refletida tanta tristeza nos olhos de um homem. Algumas vezes me dá vontade de gritar.

Bevins a olhou de soslaio com expressão ao princípio surpreendida e depois incrédula, como se ela tivesse expresso simpatia por um animal selvagem. E depois se voltou para encher a caçarola com leite — Apesar de ser tão jovem, você é muito perceptiva — Comentou enquanto acendia o fogo e punha a caçarola a esquentar.

— Você sabe por que está tão triste, não é?

Bevins negou com a cabeça — Temo que não poderia dizê-lo.

— Não pode ou não quer?.

— Não sei, senhorita, realmente não sei.

— Esteve apaixonado alguma vez em sua vida? esteve casado?

— Não que eu saiba.

Rhianna deixou a um lado o bule. Com os cotovelos apoiados sobre a mesa, apoiou seu queixo sobre suas mãos dobradas.

— Desejaria poder fazê-lo feliz.

— Você o faz feliz. Estou seguro disso.

— Você acha realmente? ele tinha rogado que ficasse, mas não tinha parecido feliz por isso.

Bevins olhou para a porta da cozinha, com expressão cautelosa, como se temesse ser ouvido

— Ele a necessita, senhorita. Necessita-a, e não gosta disso.

— ele disse isso?

Bevins negou com a cabeça e depois evitando qualquer outra conversa, virou-se para ocupar-se dos fogões.

Rhianna o olhou assombrada enquanto tirava do fogo a caçarola do leite e a deixava a um lado, para agarrar outra caçarola da despensa, verter um pouco de vinho e pô-la a esquentar ao fogo.

— O que está fazendo? Perguntou.

— Lorde Rayven gosta do vinho quente.

Bevins preparou seu chocolate, depois verteu o vinho em uma taça de cristal e o colocou em uma bandeja — Deseja alguma outra coisa, senhorita? Uma bolacha, talvez?

— Não, isto é o suficiente — Tratou de alcançar a bandeja.

— Eu a levarei, senhorita.

— Não será necessário — Disse Rhianna sorridente, agarrando a xícara e a taça da bandeja

— Obrigado, Bevins. Boa noite.

— Mas, senhorita Rhianna...

— O que?

— Nada — Deu uma olhada à taça em sua mão, depois afastou o olhar — Boa noite, senhorita.

Rhianna abandonou a cozinha, retornando ao estudio com passos lentos. Vinho quente? parou no vestíbulo, deu uma olhada ao redor para assegurar-se de que estava sozinha, e tomou um gole da taça de Rayven. Nem quente nem frio, nunca tinha provado nada parecido a isso. Era mais espesso que qualquer vinho que antes tivesse provado e com um estranho sabor que fez que seu estômago se revolvesse.

Limpou os lábios, para que Rayven não soubesse que tinha saboreado sua bebida. Uma colheita de uvas especial, certamente, pensou, fazendo uma careta. Pois bem, se gostava assim, que o tomasse.

Ele estava de pé frente à lareira, olhando fixamente as chamas, quando ela retornou ao estudio. Estava de costas a ela com uma mão segurando sua capa. A capa caía em suaves dobras

por suas costas, e reparou de novo que parecia que o grosso veludo negro se pegasse a ele por própria vontade.

Não se voltou quando ela entrou. Parecia estar ensimesmado em seus pensamentos, e se perguntou se sabia que estava ali.

É obvio que sabia. Estava sintonizado com cada fôlego que ela emitia, com cada um de seus movimentos. Sem olhar, sabia exatamente em que lugar do estudio estava. Podia sentir seu olhar em suas costas, podia saber o momento em que deixou sua taça na mesa ao lado de sua cadeira, soube que estava exatamente cinco passos atrás dele, ligeiramente a sua esquerda. Soube que tinha estado falando dele com o Bevins.

— Aprendeu algo? — Perguntou, com voz enganosamente suave.

— Sua Senhoria?

— De Bevins. Disse algo que não soubesse?

— Não sei do que esta falando.

— Não sabe? — Girou-se lentamente para ela, sua capa formando redemoinhos ao redor de seus tornozelos.

— Eu... Perguntei se sabia por que você está tão triste — Rhianna respondeu, e depois o olhou — Como sabe que perguntei sobre você? Estava me espiando? Escutando às escondidas?.

Ele negou com a cabeça. Não tinha necessidade de espiá-la. Sua audição sobrenatural tinha permitido ouvir cada uma das palavras que tinham trocado ela e seu criado.

— Por que você está tão triste? — Perguntou Rhianna.

Seus olhos se transformaram em frestas enquanto a olhava fixamente.

— Bevins me disse que você me necessitava — Seguiu, determinada a não deixar que a assustasse com seu silêncio — Isso é certo?

Preciso de você, pensou. Preciso-te de mais formas das que você pode supor. Formas que se soubesse, causariam-lhe profunda repugnância.

Observou como seus olhos se abriram alarmados enquanto ele cortava a distância entre eles. Tomando a xícara de sua mão, deixou-a sobre a mesa, depois a rodeou com seus braços.

— Isto é o que necessito — Disse, e esmagando seu corpo contra o dele, beijou-a, sua língua entrando atrevidamente em sua boca.

Quase imediatamente, afastou-se. Ficou olhando fixamente, suspirou profundamente. Não, não se tinha enganado. Ela tinha sabor do seu vinho. E a sangue.

— O que fez? — Perguntou com voz suave, mas não por isso menos intimidante.

— O que o que fiz? Ficou olhando-o com o coração pulsando rapidamente.

Rayven aspirou profundamente e depois aproximou de novo sua cabeça saboreando o sabor de seu vinho em sua língua. Fechou seus olhos enquanto aprofundava o beijo. Ela sentia tristeza por ele, acreditava que tinha sofrido alguma horrível tragédia em sua vida.

Seus braços a apertaram mais fortemente enquanto a beijava de novo, e depois outra vez. Ensinaria-a a sentir tristeza por ele.

Rhianna gemeu suavemente quando sua boca a castigou com brutalidade. Tentou afastar sua cabeça, mas suas mãos seguravam seu rosto. Uma neblina vermelha flutuou diante de seus olhos e depois, dentro da névoa viu um homem escapando de uma sombra escura. Ouviu seu grito de terror enquanto a escuridão o engolia, viu uns olhos nos que ardia a mesma fúria do inferno...

O medo do homem se apoderou dela. Sentiu a morte gravitando sobre ela, monopolizando seu fôlego, sua vida, e começou a lutar grosseiramente por liberar do abraço de Rayven. Tinha que escapar, longe desses horríveis olhos vermelhos.

— Sua Senhoria! Rayven! Esta me machucando!.

Lentamente, suas palavras penetraram na vermelha neblina que se estabeleceu sobre ele. Resmungando um juramento, soltou-a.

Rhianna tropeçou para trás, com seu coração pulsando freneticamente enquanto olhava fixamente a Rayven. Sua capa ondeou, como se tivesse vida própria, e soube, soube, que a capa de Rayven tinha sido a sombra escura que tinha visto em sua mente.

— O que aconteceu? — Perguntou sem fôlego — Quem era esse homem? O que você fez?

Ele a olhou, seus negros olhos brilhando intensamente, como partes de vidros quebrado — Agora já sabe o que necessito — Disse.

Cravou os olhos nele, seus pensamentos agitando-se enquanto tentava decifrar seu significado. Tentou afastar seu olhar, mas só podia permanecer ali, débil e indefesa como um camundongo nas mandíbulas de um leão.

Apanhada na trama de seus olhos hipnóticos, incapaz de pensar ou falar, só pôde ficar olhando-o, silenciosa, vulnerável.

Abruptamente, ele virou sobre seus calcanhares, sua capa formando redemoinhos como fumaça negra ao redor de seus tornozelos, e se foi.

Rhianna caiu de joelhos, seus braços envoltos ao redor de seu corpo para acalmar seus tremores.

Não entendia o que tinha acontecido, mas sabia, que pela primeira vez estava realmente

assustada.

CAPÍTULO TREZE

Na noite seguinte não se reuniu com ela para jantar. Rhianna não pôde evitar sentir-se aliviada. Não estava preparada para confrontá-lo de novo, não até que entendesse o que tinha acontecido entre eles, não até que pudesse encontrar algum sentido à estranha visão que a tinha invadido enquanto Rayven a beijava.

Depois de passar uns minutos brincando com a comida, afastou a um lado seu prato e abandonou o salão, vagando pelo primeiro piso até chegar à biblioteca.

Com um suspiro, olhou os livros alinhados nas paredes, mas nenhum a atraiu. E depois, como se não pudesse evitá-lo chegou a seu estudio. Antes nunca tinha ido até ali sem ele e não pôde evitar sentir que entrava às escondidas enquanto passeava por ele.

E então o viu, um pequeno livro sobre seu escritório. Colheu-o com curiosidade e folheou as páginas. A maioria estavam em branco, mas umas quantas estavam escritas.

Fascinada pelas palavras, sentou-se, apenas consciente de que um momento mais tarde Bevins entrou no estudio e acendeu o fogo da lareira.

O livro estava escrito com uma letra elaborada e soube, sem saber como, que Rayven tinha escrito as palavras, palavras escuras, palavras aflitas... .

Durante a noite

Sou um homem diante de você

Pálido, alto e estático

Com meus escuros e acesos olhos te espreito

Analisando, controlando

Sou o silêncio e o poder

Um campo de neve suave, sem mácula, iluminado pela lua

Mas ele

Sim, ele, o outro eu

OH, ele tremeria diante seu toque

Sua inocente mão se desmoronaria diante seu contato

Faria tudo por sentir seus lábios sobre os seus
Acariciaria sua bochecha sedosa
E deslizaria seus lábios corroídos sobre os seus
Por seu inocente pescoço.

Mas não eu, me entenda, o outro eu
que olha de soslaio
E vacila
E fraqueja
À luz do dia.

Seu coração golpeava irregularmente em seu peito enquanto passava a página para ler o seguinte poema.

Posso senti-lo chegando
Através das lágrimas na escuridão
Rapidamente aproximando-se enquanto eu me escondo
Tremendo interiormente
As sombras na luz.

Calafrios atravessam minha úmida pele
Um premente comichão chega à superfície
me atormentando
me mantendo prisioneiro.
Passo minha língua por meus lábios
E sou eu, como sempre.

Depois começa
Minha resistência se desmorona
E estou cheio disso
A vacuidade de minha existência.
Minha consciência está cheia disso.

A dura prova concluiu

Satisfeito pela destruição

Sem consciência

por que permaneço vivo

Para a seguinte visita

A escuridão tomou um pedaço de minha alma.

Fechou o livro e ficou olhando fixamente as chamas dançando alegremente na lareira enquanto tentava entender o que tinha lido.

Lorde Rayven é um homem impulsionado por escuros apetites, senhorita. Ouviu as palavras de Bevins no fundo de sua mente. Agi compelido por Forças que você não pode compreender. Você seira inteligente, se abandonasse este lugar e nunca mais retornasse.

Ontem à noite, pensou que Bevins tinha tido razão. Tinha tentado abandonar o castelo pela manhã cedo, só para encontrar-se com todas as portas fechadas. Tinha ido em busca de Bevins, mas não pôde encontrá-lo por nenhuma parte.

Agora, sentada diante do fogo, seu corpo inteiro se esticou enquanto um calafrio percorria sua coluna vertebral.

Ele estava aqui.

Não tinha ouvido nenhum som que deixasse transluzir sua presença, nenhum ruído de passos enquanto entrava no estudio, mas de repente ele estava ali diante dela, uma figura alta toda vestida de negro. Permaneceu frente à lareira, o fogo crepitando atrás dele. Como um demônio ressurgindo das profundidades do inferno.

Elevou uma negra sobrancelha com diversão.

— Um Demônio, Rhianna? — Ouviu o tom doloroso em seu sorriso — Esta mais no correta do que acredita.

Tentou pensar em algo engenhoso para responder, mas não lhe veio nada à mente. Como um pássaro apanhado por um gato faminto, só pôde cravar os olhos nele, esperando que a atacasse ao mesmo tempo que se perguntava como sabia ele o que estava pensando.

Olhou o livro que sustentava nas mãos, perguntando-se quanto tinha lido, e se tinha

entendido a conexão entre suas escuras palavras e a negrume de sua alma.

— Agora te dou medo? — Perguntou, sabendo que seu medo não tinha nada que ver com o que tinha lido e tudo com o que tinha acontecido entre eles a noite anterior.

Não poderia falar pois tinha formado um nó em sua garganta.

— Não é verdade? Sua voz era cortante, exigindo uma resposta.

— Sim, Sua Senhoria — Cruzou os braços sobre seu peito — Agora deveria partir para minha casa.

— Deveria ir?

Assentiu vigorosamente. Sim, por favor. Por favor... As lágrimas encheram seus olhos e se derramaram por suas bochechas — Por favor deixe-me ir para casa.

A visão de suas lágrimas apagou sua cólera. Murmurando seu nome, chegou até ela, levantou-a da cadeira e a envolveu entre seus braços. O livro esquecido, caiu no chão.

— Nunca te farei mal, Rhianna — Disse humildemente — Por favor acredita em mim.

— Não. Quero ir a casa. Por favor, Sua Senhoria, por favor deixe-me ir para casa.

— Rhianna... Doce Rhianna — Amavelmente, acariciou sua bochecha.

Ela se sobressaltou diante seu toque, como se temesse que a golpeasse. Uma vez, ele tinha desejado que o temesse, que fosse cautelosa por seu bem. Agora, o saber que o temia atormentava sua alma, tão dolorosamente como a queimadura do sol em sua carne sobrenatural.

— Rhianna, uma vez te adverti que fosse enquanto podia. Agora temo que é muito tarde — Negou com pesar — Sinto muito, não posso te deixar partir.

Ela o olhou, seu rosto nublado por suas lágrimas. Mesmo assim, pôde ver o isolamento que expressavam seus olhos, a tristeza que uma vez tinha ansiado apagar.

Lentamente, ele agachou sua cabeça, e ela sentiu o toque de seus lábios, frescos, amáveis. Seus braços a seguravam ligeiramente, com afeto. Soltaria-a se ela se afastasse?

Com o coração martelando, deu um passo para trás. E ele a deixou ir, seus braços caíram aos lados, com um tortura interior em seus escuros olhos, que ela não podia penetrar.

— Uma vez me rogou que te deixasse ficar — Disse, sua voz deslizando-se sobre ela como um vento escuro — Agora rogo que fique.

Sentiu as lágrimas escorregando por suas faces — Mudei de idéia.

— Muito tarde, Rhianna — Terei que me ajoelhar e te suplicar, meu doce?.

— Não!. Não poderia suportar vê-lo ajoelhado a seus pés, sua arrogância humilhada, seu orgulho arruinado.

— Não terá piedade de mim, doce Rhianna? Um ano não é tanto tempo, depois de tudo.

— Se ficar, deixará-me partir quando o ano tenha finalizado?.

— Não tem outra alternativa, Rhianna. Ficaré.

— Então por que esta pedindo? Não o entendo.

— Quero que fique comigo por sua livre vontade. Quero que me acompanhe durante a solidão de minhas noites. Quero ver seu sorriso, ouvir sua voz, sua risada. — Sorriu arrependido, como se tivesse descoberto uma verdade a respeito de si mesmo, que não gostava absolutamente — Necessito de você.

Ele a necessita, senhorita. Ele a necessita, e isso não gosta absolutamente. Ouviu o eco da voz do Bevins em sua mente de novo.

— Ficaré comigo, Rhianna?.

Ela queria dizer que não. Queria ir para sua casa. Mas não pôde o rejeitar — Sim.

— Por que assim o deseja?.

Assentiu, assombrada ao descobrir que realmente queria ficar.

Entrando na câmara interior da torre do leste, Bevins deixou uma muda de roupa limpa para Rayven, depois recolheu a suja.

— Obrigado, Bevins. Isso é tudo — Enquanto saía Bevins vacilou no portal. Suspirando profundamente, deu a volta — Antes nunca tinha parecido que fosse deliberadamente cruel.

— Nunca acreditei que antes isso te importasse.

— Ela é uma boa moça. Eu não gostaria de vê-la destruída.

— Isso é o que acha que vou fazer?

— Não é?

— Destruí a alguma das outras?

— Ela não é como as demais, e você sabe. Não poderá esconder para sempre o que você é, Sua Senhoria. Ela se preocupa muito por você, para ser enganada durante muito tempo.

— Sim, o faz. — Rayven se voltou de costas diante a acusação nos olhos do outro homem. Embora tinha rogado que ficasse, não tinha esperado que ela estivesse de acordo. Ontem à noite, tinha estado aterrorizada dele, das imagens escuras que a tinham alagado enquanto se beijaram, uma visão atraída por seu contato, e pelo vinho que tinha ingerido de seu copo. Poderia acabar com todos seus medos, ligando-a a ele a fim de somente desejasse a ele. Só tinha que iniciá-la, e ela faria tudo que pedisse, ficaria com ele durante o resto de sua vida, e seria desgraçada quando

estivessem separados.

— Deixe levá-la a sua casa, Sua Senhoria.

— Não.

— Está erradol retê-la aqui.

Lentamente, Rayven deu a volta, olhando fixamente a seu criado.

O medo invadiu Bevins, o mesmo frio e paralisante medo que tinha invadido a primeira vez que tinha visto os olhos do vampiro uns cinqüenta anos atrás. Que claramente recordava essa noite. Tinha sido esfaqueado em uma briga de ruas e o tinham abandonado para que morresse em uma rua traseira das casas de jogo clandestino, sua vida escapava em uma mancha carmesim quando uma nuvem escura o rodeou. Havia sentido uma fina pontada de dor em seu pescoço, e depois uma voz, baixa, sedutora, ofereceu-se a salvá-lo.

Desesperado por viver, Tom tinha visto, sem compreender, como o desconhecido gravitando sobre ele tinha cortado seu pulso, e depois tinha pressionado sua carne sangrando sobre os lábios de Tom. Umas poucas gotas da escura e grossa sangue do desconhecido o tinham revivido milagrosamente. Em troca de sua vida, Tom tinha declarado sob juramento servir Rayven para sempre. A maioria das vezes tinha sido uma boa vida. Nunca tinha estado faminto de novo, nem passado frio e tinha concedido tudo que tinha pedido. Mas Rayven o possuía, em corpo e alma. E isso era um fato que em algumas ocasiões esquecia.

Mas não havia nenhum esquecimento agora.

-Não interfira — Avisou Rayven.

E em sua mente, Bevins ouviu a tácita ameaça: Dei-te a vida. Também posso tirá-la.

— Isto é tudo, Sua Senhoria? — Bevins perguntou. Depois da brusca inclinação de cabeça de seu mestre, dirigiu-se para a porta.

— Bevins.

— Sim, Sua Senhoria?.

— Não a machucarei.

Bevins assentiu. Era de uma vez uma promessa e uma desculpa.

— Não te entendo — Disse Ada. Olhando-a por cima da massa com a que trabalhava — Não posso acreditar que tenha decidido ficar com esse horrível homem!.

— Pediu-me que ficasse — Respondeu Rhianna, distorcendo ligeiramente a verdade — Foi muito amável comigo, com todos nós. Como podia recusar?

Desviou o olhar de sua mãe para a portal onde estava Bevins de pé, com os braços cruzados sobre seu peito. Tinha insistido em acompanhá-la. Para protegê-la, havia dito, mas ela não acreditava. Estava ali para assegurar-se de que ao anoitecer retornasse ao castelo.

Ada cravou os olhos na massa da terrina — Quando retornou de Paris, pensei que ficaria aqui, conosco, com sua família.

— Visitarei-as freqüentemente — Prometeu Rhianna — Depois de tudo, somente vai ser durante um ano. Só um ano, pensou, e já tinha passado um mês.

— Deixará você vir à bodas de sua irmã?.

— É obvio — Respondeu Rhianna alegremente, entretanto interiormente, não estava segura.

Ada olhou fixamente a sua filha, perguntando-se o que era o que Rhianna escondia.

— Tenho que partir — Disse Rhianna. Levantando-se, rodeou a mesa e deu um abraço em sua mãe — Diga às meninas que o sinto, teria gostado de vê-las, que sinto falta delas. Verei-a nas bodas.

Ada colocou sua mão sobre as de sua filha, maravilhando-se do suave e refinadas que as tinha. Uma vez, tinham estado ásperas e cheias de calos, com as unhas quebradas e desemparelha pelo árduo trabalho.

Agora, Rhianna tinha as mãos de uma senhora. Talvez estivesse errada ao preocupar-se tanto.

— Adeus, Mama — Rhianna deu a sua mãe um último abraço, depois abandonou a casa.

Fora, Bevins a ajudou a subir à carruagem. Tomando seu lugar no boléia, elevou as rédeas e açulou ao cavalo.

— Sua mãe é preciosa — Comentou Bevins.

Rhianna desviou o olhar em sua direção, surpreendida por sua observação, e mais assombrada de que o pudesse expressar em voz alta — Você acha?

Bevins assentiu enquanto dirigia o cavalo pela estrada — Você se parece com ela.

— Obrigado — Disse Rhianna, cruzou as mãos sobre seu colo e se recostou, desfrutando da beleza do campo enquanto passavam pelo caminho — Já foi casado alguma vez?

— Não, senhorita.

— Quanto tempo esteve trabalhando para Lorde Rayven?.

Bevins vacilou — Durante muito tempo.

— Certamente ele não teria nenhum inconveniente em que você forme sua própria família.

— Temo que isso não será possível.

Não será possível, filosofou. Que forma tão estranha de expressá-lo — Por que nunca o vejo durante o dia?

— Não poderia dizê-lo, senhorita.

— Mas você sabe?.

— Gostaria que parássemos no povoado para comprar algo? Bevins perguntou, trocando de tema.

— Sim, — Respondeu Rhianna — Eu gostaria de parar na confeitaria.

Viajaram em silêncio até chegar o povoado. Rhianna comprou uma pequena bolsa de caramelos de hortelã para ela, e outra, uma bolsa maior, para reparti-la entre sua mãe e suas irmãs em sua seguinte visita. Quando saiu da loja, viu uma menina de uns sete anos sentada perto da porta. O cabelo da menina estava sujo e despenteado, seu vestido descolorido e andrajoso.

— Esta perdida, pequena? — Perguntou Rhianna.

A menina a olhou com seus grandes olhos cor café, depois, timidamente, tirou um punhado de primulas — Quer comprar uma flor, senhora?.

— Claro — Disse Rhianna, e depois se precaveu que não tinha dinheiro — Bevins?.

— Vamos, senhorita.

— Quero lhe dar um pouco de dinheiro.

Bevins negou com a cabeça — A Lorde Rayven não gostará.

— Então, não diga — Rhianna sorriu à menina — Levarei todas.

Um músculo vibrou com força na mandíbula de Bevins enquanto introduzia a mão no bolso do casaco e tirava um punhado de moedas. Ele não teria que dizer nada a Rayven. O vampiro saberia.

O rosto da menina se iluminou quando deu o ramalhete a Rhianna, depois agarrou as moedas de Bevins.

— Obrigado senhora — Exclamou, apertando firmemente o dinheiro contra seu peito — OH, obrigado!.

Rhianna sorriu abertamente ao observar à garotinha descer correndo pela rua — Vamos?.

Quase tinham alcançado a carruagem quando ouviu Montroy chamando-a por seu nome. Mudando de direção, viu-o caminhar a grandes passos para ela.

— Vamos, senhorita — Urgiu Bevins.

— Em um minuto — Sorriu a Montroy enquanto estendia as mãos. — Olá, Dallan.

— Rhianna — Levantou uma de suas mãos e a beijou — como esta bonita.

— Você também se vê muito bem.

Montroy sorriu abertamente, a sua resposta, e a seu acolhedor sorriso — Venha — Disse — Tomaremos uma xícara de chá.

— Claro.

Bevins esclareceu a voz — Sinto muito senhorita Rhianna, mas temos que ir.

— Mais tarde — Disse posando sua mão no braço de Montroy.

— Recorda sua promessa, senhorita — Disse Bevins severamente.

— Que promessa é essa? Perguntou Montroy. Desviou o olhar do rosto de Rhianna ao de Bevins sucessivamente.

— Nada. Afastou a mão de seu braço e deu um passo para trás — Prometi estar em casa às... Às.... Sua voz se desvaneceu. Não tinha nem idéia de que hora era.

— Às três, senhorita — Disse Bevins rapidamente. — Já estamos nos atrasando.

— Sim, é verdade. Sinto muito, senhor, mas devo ir.

— Certamente terá um momento para tomar uma xícara de chá — Urgiu Montroy.

— Não posso. Sinto muito.

— Muito bem, não a entreterei — Montroy se inclinou de modo respeitoso sobre sua mão, certamente Rayven a tinha feito prometer que não voltaria a vê-lo — Se alguma vez se cansar dele, se fizer algum tipo de dano, recorra a mim.

— Obrigado, Senhor. É você muito amável.

— Tome cuidado, Rhianna — Disse Montroy seriamente — Rayven é... Simplesmente tome cuidado.

— Farei-o. Realmente devo ir.

Ele a ajudou a entrar na carruagem, olhando vigilante Bevins enquanto açolava o cavalo. Que poder tinha Rayven sobre ela, perguntou-se. De algum jeito, descobriria.

— É muito rico Lorde Rayven? — Perguntou Rhianna. Tinha permanecido sentada em silêncio durante um momento observando o campo ao passar. Os campos estavam verdes e dourados. As ovelhas pastavam nas ladeiras.

Bevins assentiu. Rico não era suficiente para descrever a riqueza de seu senhor.

— Ele deveria fazer algo com seu dinheiro — Filosofou Rhianna — Poderia aliviar o sofrimento de muita gente.

Bevins sorriu apesar de si mesmo enquanto imaginava Lorde Rayven caminhando por entre os camponeses do povoado, sua capa negra ondulando ao redor dele espalhando moedas de ouro

como confete.

— Você não acha? Perguntou Rhianna.

— Não me corresponde dizer a Lorde Rayven o que deve fazer com seu dinheiro, senhorita Rhianna — Bevins se voltou para ela — Nem a você.

Um pouco picada, Rhianna se recostou em seu assento com os braços cruzados sobre seu peito. De alguma forma, encontraria a maneira de convencer a Rayven para aliviar a pobreza no povoado.

Mais tarde essa mesma noite, Rhianna estava sentada na mesa, olhando fixamente seu prato de guisado de cordeiro sem vê-lo. Todos seus pensamentos de auxiliar aos pobres se esfumaram assim que voltou a ver de novo Rayven. Que estranha era a vida! Quando ela tinha querido ficar, ele queria que se fosse. Quando quis ir, ele pediu que ficasse.

Tinha imaginado tudo, perguntou-se, a desconcertante visão desse homem sendo açoitado pela escuridão, pelo sentido do mal? Seu medo tinha sido o suficientemente real, mas agora parecia tolo. Rayven não a machucaria.

Agora você sabe o que necessito. O que era que tinha querido dizer com essas estranhas palavras?

E agora estava aqui, enchendo a sala com sua presença. Vestido com uma camisa branca folgada, remetida em calções negros, e botas suaves de couro, cruzou silenciosamente a sala para tomar assento frente a ela.

— Boa noite, doce Rhianna.

Ela assentiu em sua direção.

— Sua Senhoria.

— Não tem apetite esta noite? — Disse assinalando o prato de guisado sem tocar frente a ela.

Rhianna suspirou — Não tenho muita fome.

Uma sombra de interesse passou por seu rosto e depois desapareceu — Encontra-se bem?.

— Bastante bem. Posso lhe perguntar algo?.

— Pode me perguntar o que quiser.

— Mas você não me responderá.

— O que é que você quer, Rhianna?

— Pedir um Favor.

Ele levantou uma sobrancelha negra — Outro desejo?

Tiamat World

— Quero ajudar às pessoas do povoado. Muitos deles tiveram um mau ano.

— E você quer ajudá-los? Como?

— Há um armazém vazio nos subúrbios do povoado. Eu gostaria de transformá-lo em um refúgio para alojar os pobres.

— Seriamente?.

Rhianna assentiu, expondo com entusiasmo — Não seria nada complicado. So algumas camas.

— E também quer que eu os alimente?.

— É obvio. Pensei que poderíamos pedir a John Duns se pode levar a comida de noite. E leite para os menores.

— E você quer que eu financie essa missão?

— Sim.

Ele sorriu fracamente, divertido pela idéia de alimentar a esses que em algumas ocasiões tinham alimentado sua fome.

— Deixa que Bevins se encarregue disso — Disse — Não quero que te envolva diretamente.

— Por que não?.

— Porque te quero aqui.

— Mas não tenho nada que fazer durante todo o dia.

— Acreditei que ia voltar a cuidar do jardim.

Tinha esquecido isso momentaneamente, mas não podia passar todo o tempo entre as flores.

— Quero-a aqui— Repetiu com firmeza — Você se encarregara do jardim, Rhianna, e eu farei que Bevins consiga o armazém e o encha de camas ou de qualquer outra coisa que acha necessária.

— Você muito é amável, Sua Senhoria.

— Não deve explicar nada a ninguém a respeito disto — Disse Rayven — Me dê sua palavra.

— O prometo.

— Vais terminar seu jantar?.

Rhianna negou com a cabeça — Não.

— Vêem, vamos — Disse, levantando-se —Desejo passear.

Bevins estava esperando-os na porta. Deu a Rayven sua capa, e passou um leve xale de algodão ao redor dos ombros de Rhianna.

Franziu o cenho ao sair fora. Como tinha sabido Bevins que saíam?

A noite era fresca, mas não fria. Uma lua amarela brilhava no céu. Milhões de estrelas brilhavam intermitentemente cintilando como diamantes diminutos contra um teto de veludo cor anil.

Um ao lado do outro, foram andando pelos estreitos caminhos. De alguma forma soube que terminariam no labirinto, e se perguntou o que havia ali que atraía tanto a Rayven.

— Como esta sua mãe? — Perguntou Rayven depois de um comprido silêncio.

— Está bem. Quer que volte para casa. Temo que não entende por que decidi ficar aqui.

Ele não disse nada.

— Minha irmã se casa logo. Virá à bodas?

— Não fui convidado.

— Eu o convido.

— Quando terá lugar o feliz acontecimento?.

— No domingo a tarde, depois da missa.

— Duvido ser bem-vindo.

— Claro que sim, será meu acompanhante — Sorriu — Estou segura de que Bevins gostaria de ter uma noite livre.

— Pensarei.

— Como você queira.

Agora estavam no labirinto. Como sempre, o lugar a encheu de apreensão, embora não podia dizer por que. Não havia nada a que temer.

Quando alcançaram o coração do labirinto, Rayven se sentou em um dos bancos de ferros forjados e indicou que se sentasse a seu lado.

Rhianna repentinamente nervosa, sentou-se, alisando suas saias.

Rayven se recostou contra o banco, com os braços cruzados sobre seu peito.

— Hoje viu Montroy.

A boca de Rhianna secou de repente — Sim, Sua Senhoria.

— Me diga o que aconteceu.

— Por que não me diz você? Que parece saber tudo o que digo e faço — Olhou com olhos entrecerrados — Eu gostaria de saber como o faz.

— Posso ler sua mente, meu doce.

— Isso é impossível.

—É?

— Não é? — Cravou os olhos nele, perguntando se dizia a verdade.

— Prometeu-me não se reunir com ele enquanto vivesse aqui, com comigo.

— Não nos reunimos. Vi-o na rua, e me saudou.

— E te convidou a tomar o chá.

— Bevins te contou?

Rayven negou com a cabeça — Posso cheirar Montroy em você — Disse baixo — Montroy cheira a cavalo, a tabaco caro e a uma forte colônia.

Rhianna sentiu que seu coração saltava um batimento de coração enquanto Rayven a estudava, as aletas de seu nariz alargando-se ao aspirar profundamente.

— Você cheira a chá, às torradas que tomou no café da manhã, e ao sabão de lavanda com o que se banhou — Disse, sua voz deslizando-se sobre ela como se fosse uma carícia — Comeu carne de cordeiro e batatas. Suas mãos cheiram a primulas e a hortelã. Há também um débil aroma a pó e a perfume. E seu aroma próprio — Seguiu, com voz baixa íntima — Essa fragrância única que é sua e só sua.

Rhianna só pôde cravar os olhos nele, estupefata diante suas palavras. Como podia saber algo assim?

Ele não contou tudo, que podia ouvir o rumor de seu sangue fluindo em suas veias, ou que se concentrava sua mente, podia ouvir as vozes do povoado, suas risadas, suas lágrimas, a respiração arruada dos doentes, as orações dos esperançados, os desesperados, os moribundos.

Podia ouvir seus pensamentos, sentir sua presença. Conhecer seus medos.

E apesar de tudo, ele estava para sempre afastado da vida, aparecendo.

Fechou os olhos, e seus sentidos se encheram da mulher a seu lado. Recordava o brilho de sol e a cor das rosas em um dia caloroso do verão. Seu cabelo, sua pele, levava milhares de perfumes que o atraíam, despertando à besta nele ao mesmo tempo que ao homem.

Rhianna. Com um gemido baixo, tentou alcançá-la, desejando poder atravessar as barreiras que os separavam, desejando poder ser parte de sua vida durante as vinte e quatro horas do dia. Murmurou seu nome enquanto a rodeava fortemente com seus braços. Seu beijo tingido de desespero. Rhianna, Rhianna.

Ela lutou contra ele, assustada pela necessidade que saltava de seus lábios aos dela. Um sentimento desesperado, de desolação, derramava-se sobre ela.

Soltou-a abruptamente. Levantando-se, deu-lhe as costas e envolveu sua capa mais

estritamente a seu redor. O pesado veludo se amoldou suavemente a sua figura — Não quis te assustar.

— Recentemente, roguei que fizesse amor comigo — Recordou — Me ofereci a você livremente. Não precisa tomar pela força.

— Me perdoe, Rhianna. Algumas vezes esqueço quem sou. O que sou.

— O que é você?.

— Seu pior sonho feito realidade.

— Fala de novo com adivinhações.

— Direi-te as respostas? — Perguntou em voz alta — Direi-te verdades que não poderá acreditar e me olhara com olhos cheios de repulsão? Tirarei a máscara que trago posta e te observarei gritar diante minha presença?

Ele deu a volta para enfrentá-la. Seus olhos brilhavam, inclusive na escuridão. Sua capa trocava de posição e se ondulava, como se tentasse o afastar.

— Necessito-te, Rhianna.

Com um só e eloquente movimento, ajoelhou-se diante dela e agarrou sua mão. Sua pele era firme e fresca, desmentindo o fogo que refulgia em seus olhos.

— Necessito-te — Disse outra vez, mais ferventemente desta vez — Tenha paciência comigo, Rhianna — Seu fixo olhar escuro apanhava o dela, silencioso, implorante — Juro pelo que mais quero, que não te machucarei.

— Você me preocupa, Sua Senhoria — Queixou-se — Por que não pode me explicar o que o perturba tanto?.

— Se pudesse. — A carga do segredo que tinha suportado durante mais de quatrocentos anos pesava muito. Que alívio seria dizer tudo. Como qualquer homem que se libera de seus pecados confessando-os ao um sacerdote; perguntou se podia aliviar sua tristeza, o isolamento de séculos confiando em Rhianna. Ela poderia entender? Poderia perdoar por quão vidas tinha tomado nos primeiros tempos em que tinha sido transformado, quando a fome havia o atormentando, quando tinha estado assustado e confuso?

— Me olhe — Disse — O que é que vê?

Ela olhou fixamente seus olhos, sentindo a dor em seu coração, a dor que invadia sua alma, provocando que seus olhos se enchessem de lágrimas — Escuridão, tristeza, solidão.

Seu olhar fixo ardeu na dela — Que mais vê?

— Não me pergunte isso — Implorou — Não posso suportá-lo.

— Rhianna...

— Vejo morte envolta de escuridão. E sangue. Tanto sangue. Em suas mãos...

Agachou sua cabeça para cravar os olhos em suas mãos entrelaçadas, depois lentamente elevou seu rosto — Quem é você? O que é você?

— Me jure pela vida de sua mãe que não me abandonara se lhe digo isso.

— Já prometi ficar durante ano.

Ele negou com a cabeça, seus dedos fechados hermeticamente ao redor de sua mão — Jure.

— Juro pela vida de minha mãe que não o abandonarei.

— Então olhe no profundo dos meus olhos, Rhianna, e vê a verdade por você mesma.

Seus olhos profundos e negros, cheios com os mistérios do universo a atraíram a seu interior, até que não viu nada mais, e depois emergindo de uma escura névoa viu Rayven. Parecia o mesmo de agora, mas não havia nenhuma cicatriz em sua face. Seus olhos, apesar de ser também escuros, pareciam mais vivos; Seu rosto e braços estavam bronzeados pelo sol.

E depois viu uma mulher. Sentiu a mão de Rayven apertando a sua e no fundo de sua mente soube, que estava vendo seu passado. Mas como era possível?

— Seu nome é Lysandra — Ouviu a voz de Rayven, sussurrando em sua mente.

Tinha-a visto pela primeira vez na corte. Ele tinha sido um cavaleiro durante esses dias, um guerreiro conhecido por seu orgulho e valentia no combate. Era o mais atrevido e valente, e estava orgulhoso disso. Nunca tinha sido derrotado em combate, nem em nenhum torneio.

Lysandra tinha estado casada com um conde, Rayven já não podia recordar seu nome. Ficou encantado por Lysandra a primeira vez que a tinha visto. Vestia um traje de noite de seda branca, seu cabelo negro recolhido sobre sua cabeça caindo soltos alguns suaves cachos, era a mulher mais bela que tinha visto em toda sua vida.

Não tinha estado preparado para a corrente de eletricidade que fluiu entre eles quando seus olhares se cruzaram. Seus olhos eram profundos lagos negros como de ébano líquido. Sua pele era pálida, quase translúcida, um pouco fria ao contato.

Como um louco embrutecido, tinha assistido a cada um dos bailes organizados com a esperança de encontrá-la de novo. Recordou a primeira noite que tinha falado com ela, que tinham dançado, que a tinha beijado. Seus lábios tinham sido tão suaves e frescos como o mais fino vinho.

Tinha estado enfeitiçado por sua beleza, fascinado pelo mistério que espreitava nas profundidades de seus olhos. Nunca tinha estado apaixonado por ela, mas sua luxúria tinha

ardido, alimentada por seus sedutores sorrisos. Seus beijos, roubados em escuros cantos e jardins iluminados pela lua, tinham-no apanhado como se tratasse uma droga e havia sentido desesperado desejo mais.

Ela tinha estado jogando e tentando-o durante meses, jogando um jogo no que ele nunca tinha tido nenhuma oportunidade de ganhar. Muito tarde, ele tinha sabido que não era um romance o que ela desejava, e sim sua vida.

— E assim é como fui feito Vampiro...

Sua voz ainda era baixa. O ouviu em sua mente, mas se negou a aceitar o que dizia. Não existiam tais criaturas. Não era possível.

— Ela me abandonou na noite em que me transformou — Rayven seguiu, sua voz sem emoção — Quando na seguinte noite despertei tinha uma fome voraz.

— Pare! — Disse Rhianna tampando-os ouvidos . — Não quero ouvir mais.

Ele continuou como se ela não houvesse dito nada. Suas palavras soando claramente em sua mente. Incapaz de expulsá-las, cruzou as mãos sobre seu colo.

— Não tinha ninguém que me explicasse o que estava ocorrendo, ninguém que me ensinasse como ser um vampiro. Nunca a perdoarei por isso — Disse, sua voz cheia de cólera — Não me dava conta dos impressionantes poderes que possuía. Somente estava invadido por uma fome atormentadora.

— Ao princípio, acreditei que enlouqueceria. Tudo o que sabia era que o sangue aliviava a dor, e que a luz do sol que uma vez tinha amado agora significava a morte. Mesmo assim, não podia acreditar. E depois, uma noite, olhei-me em um espelho

Ele nunca esqueceria o intenso horror que o invadiu ao olhar fixamente ao espelho esperando ver sua imagem refletida e só ver o quarto atrás.

— Afastei-me de minha casa, de todos que me conhecia. Tinha esperado poder viver em outra parte um pouco parecido a uma vida normal, que poderia me casar e ter filhos. Agora já se foram essas esperanças, mas ao princípio não me dei conta de que tinha perdido toda possibilidade de viver como um homem. Com o tempo, inteirei-me de que não era um homem de tudo.

Inquieto, levantou-se, seu olhar perdido, vendo algo que só ele podia ver.

— Estava na Itália quando me encontrei com outro vampiro. Salvatore era um dos mais antigos. Ensinou-me o que era ser Vampiro, contou-me que podia escolher ser um monstro, aterrorizando os corações dos mortais, ou podia me isolar das pessoas e viver com o sangue dos

animais, e podia viver em algum ponto entre meio, nem homem nem monstro.

— E isto é o que tenho feito. Nunca fiquei mais tempo que quinze ou vinte anos em qualquer lugar. Aqui já permaneci muito tempo. Logo irei a alguma de minhas outras moradas e ficarei ali até que as pessoas comecem a falar de minha estranha forma de viver, até que comecem a se dar conta de que não envelheço, e logo me mudarei de novo.

— Você está dizendo a verdade? Ou só inventa isto para me assustar?.

Rayven assentiu.

— E Bevins? Sabe ele o que você é?

— É obvio. Somos algo mais que amo e criado. Meu sangue corre por suas veias. Tinha havido vezes, quando tomara o sangue de Bevins tinha marcado a diferença entre a vida e a morte. Mas nunca tinha tomado o suficiente para passar a escura herança a seu criado. Durante seus quatrocentos anos, nunca tinha transformado a outro ser humano em Vampiro.

— Alimenta-se dele? — Não passou despercebida a sombra de repulsa no fundo de seus olhos.

Assentiu de maneira concisa, perguntando se faria a pergunta que tanto temia.

— Quando você me comprou de meu pai, pensava alimentar-se também de mim?

Bem, pensou, ali estava. Ele tomou um fôlego profundo e depois, muito lentamente, assentiu.

— Mas você não o fez? — Subiu suas mãos até seu pescoço, seus dedos explorando. Não havia marcas. O alívio alagou seus pulmões com um profundo suspiro. E Depois franziu o cenho. Uma vez tinha havido marcas, ao pouco tempo de chegar ao castelo. Tinha pedido a Bevins que as olhasse, e tinha assegurado que não havia nada pelo que preocupar-se.

— Raramente bebi de seu pescoço — Disse Rayven baixinho — E quando o fiz, passei minha língua por suas feridas para que não ficasse cicatriz. Mas uma noite esqueceu de fazê-lo.

— Você bebeu de meu sangue? — Ela cravou os olhos nele, perguntando-se por que a idéia não a repelia. A fazia desfalecer ou gritar histéricamente. Deveria estar horrorizada. Em vez disso, sentia-se notavelmente tranqüila, como se estivesse escutando uma história que não tinha nada que ver com ela.

— Não mais de umas gotas cada vez — Ele deu um passo para trás. Sua capa a seu redor, o envolvendo — Se trocasse seu sangue com o meu, estaríamos ligados.

— O que quer dizer ligados?

— Quer dizer que poderia ler meus pensamentos como eu posso ler os seus.

— Isso é o que você tem feito com Bevins, não é verdade? É ele seu escravo?

-Não. Só compartilhamos um laço. Um laço nascido do sangue e de um juramento.

Isso não parecia tão mau, Rhianna filosofou. Agora desejaria poder ler seus pensamentos. Então possivelmente poderia entendê-lo melhor.

— Há outra espécie de ligação — Disse Rayven — Uma Ligação mais profunda, uma atadura mais forte.

—OH...?.

Não estava segura de querer ouvi-lo.

— É uma ligação que somente pode ser quebrada pela morte. A minha, ou a sua. Não sabe como desejei te fazer minha, Rhianna, te atar a mim. Mas não pude fazê-lo, seria limitar sua liberdade, e não podia te fazer isso.

— Por que me explicou tudo isto?.

Rayven aspirou profundamente — Precisava contar a alguém. Depois de quatrocentos anos, queria que alguém me entendesse — Lentamente, negou com a cabeça — Agora sei que isso é impossível.

— Você viveu durante quatrocentos anos?.

Ele negou com a cabeça, com um sorriso de arrependimento em seus lábios. Estive vivo vinte e sete anos. Sou Vampiro durante quatrocentos e três.

— O que queria dizer é que você nasceu em...

— Mil quatrocentos e doze, meu doce.

— Não é possível.

Ele não disse nada, somente ficou olhando com seus negros e insondáveis olhos.

— E você deve beber sangue humano para sobreviver?.

— Raramente, e só um pouco cada vez.

— Como pode fazer isso? — perguntou, enojada.

Como explicar, como fazê-la entender que isso não eram tão horrível? Negou com a cabeça e depois suspirou, sabendo que merecia uma resposta, embora fosse abominável.

— Não sei como descrever isso Rhianna. Não há nada em sua experiência que possa comparar-se com isto. Quando bebo sangue, é como se me transformasse em uma parte dessa pessoa. Posso sentir as pulsações em seu coração; Sei seus pensamentos, seus medos. Não pode imaginar uma coisa parecida, o poder, a fome. antes de que aprendesse a controlá-la, quando acreditei que tinha que tomar uma vida para poder sobreviver... — Negou de novo com a cabeça

— Não posso explicar isso.

— Se já não bebe sangue humano, o que bebe? O que é isso que Bevins traz pelas tardes?.

— É vinho misturado com sangue. Normalmente é de ovelha, embora qualquer outra espécie de sangue pode servir — Mas também necessitava sangue humano, embora não o disse. Foi por isso para o que em um princípio tinha comprado a Rhianna. Havia um frescor, uma força, no sangue puro e doce de uma virgem que não podia ser encontrada em nenhuma outra parte.

— Você bebe o sangue das ovelhas?.

— Mantenho um rebanho no lado norte do castelo além dos muros.

— OH...?. — Cravou os olhos nele, com expressão aturdida.

— Causei repugnância?.

— Um pouco — Admitiu. Mas, em sua maior parte, sentia tristeza por ele. Quatrocentos anos de vida solitária, não sendo nunca capaz de confiar em outro ser humano. Fazia quatrocentos anos que ele não tinha podido ver o sol, nem sentir seu calor em seu rosto. Quatrocentos anos sem saborear uma comida, sem beber um copo de água fresca. Quatrocentos anos sem um amigo em quem confiar, ou uma mulher a quem amar.

Imaginou dobrado sobre ela, seus dentes perfurando a carne, bebendo de seu sangue. Tentou imaginar o que era viver como ele vivia, para sempre maldito obrigado a morar na escuridão, a privar-se dos prazeres simples da vida.

Querendo reconfortá-lo de alguma forma, olhou nas profundidades de seus olhos e ali, no escuro fundo, percebeu uma imagem de Rayven tal e como tinha sido quatrocentos anos atrás. A dor e o medo e a fúria que tinha experimentado quando foi primeiro transformado em Vampiro, os séculos de solidão que tinha sofrido, e por cima de tudo a interminável essência de sangue e morte. Ele era um vampiro. O senhor da escuridão. Um não morto...

A escuridão a engoliu, mais intensa que o inferno, mais escura que o negro mais profundo. Com um soluço estrangulado, sentiu como se afundava em uma espiral sem princípio nem final.

Rayven a apanhou antes de que caísse do banco. Sustentando-a com facilidade entre seus braços, percorreu-a com o olhar, notando instintivamente no pulso que pulsava em sua garganta. Talvez não deveria ter lhe dito. Se queria, poderia passar um pano sobre sua mente, fazendo que esquecesse tudo o que havia dito.

E apesar de tudo, sentia-se bem, dizer a verdade tinha desencardido de alguma forma. Tinha querido que soubesse, não queria que existissem mentiras entre eles durante o tempo que ficava. E quando seu ano juntos tivesse passado, abandonaria este lugar, e não teria nenhuma importância se ela contasse para alguém. Ninguém acreditaria. Apesar de todas as histórias e rumores que circulavam entre os aldeãos, em realidade, nenhum deles acreditava que era um monstro.

Rhianna tampouco o tinha acreditado, mas agora já sabia a verdade.

Amanhã descobriria se era o suficientemente forte para aceitá-lo, para viver com isso. E com ele.

E se não fosse...

Afastou o pensamento como se não fosse mais que um molesto inseto. Amanhã já haveria tempo suficiente para preocupar-se com isso. Esta noite, sustentaria-a enquanto dormia e simularia por um momento, que apesar de saber o que ele era, o amava.

Sem esforço algum, levou-a de retorno ao castelo, e subiu pela escada de caracol para sua câmara. Suavemente, depositou-a sobre a cama, a descalço e despiu. Depois tirando-as botas e a capa, sentou-se na cama com as costas apoiada no travesseiro. Enfermo de necessidade, rodeou-a com seus braços e os cobriu a ambos com sua capa.

Passou a noite ali sentado, observando-a dormir, escutando o suave e parecido som de sua respiração. A ternura o envolveu quando ela se aconchegou contra ele, seus braços enroscados ao redor de sua cintura.

Sabe? Ele se perguntou. Sabe que sou eu?

Ele levantou uma mão, para acariciar ligeiramente com seus nódulos a curva suave de sua bochecha, maravilhando-se da suavidade de sua pele, quente comparada com o frescor de seus dedos. Com seu dedo indicador, riscou a linha de sua boca, suave e doce. Seus lábios se entreabriram ligeiramente e emitiu um pequeno e sonolento gemido através de sua garganta.

— Rhianna — O desejo despertou através dele, doloroso em sua intensidade — Abre os olhos para mim, meu doce — Murmurou.

— Rayven... Suas pálpebras se agitaram ao abrir-se. Tinha estado sonhando com ele, e agora

estava ali, contemplando-a com seus profundos olhos negros, que anunciavam a grandes titulares o profundo fogo interior que os consumia.

— Me beije — Agachou sua cabeça até a dela — Me beije...

Jogou a cabeça para trás, soltando um suave gemido enquanto seus lábios a reclamavam em um beijo abrasador que afastou todo pensamento racional de sua mente fazendo que os dedos de seus pés se curvassem de prazer.

Mudou de posição para situar-se frente em a ele, seus corpos unidos dos ombros até as coxas. O desejo se enroscou dentro dela com o contato de seu corpo duro moldado tão intimamente contra o dela.

Sua língua entrou em seus lábios. Ouviu os rápidos batimentos de seu coração, sentiu rugir a fome em seu interior, sentiu que suas presas emergiam diante a necessidade de beber, beber e beber, para encher-se de sua doçura, de seu mesmo ser.

Rhianna gemeu suavemente. Instintivamente, pressionou-se contra ele, querendo estar mais perto. Suas mãos se deslizaram sob sua camisa, acariciando a linha suave de suas costas. Sentiu como se estivesse ardendo. Sua pele era fresca sob as pontas de seus dedos, mas sabia que ele estava tão excitado como ela. Sua respiração era arruda e errática, suas mãos inquietas se deslizavam acima e abaixo por seus lados, seus dedos roçando contra a curva de seus seios.

Sentiu que seus dentes raspavam sua garganta, e afastou o cabelo de seu pescoço, querendo sentir sua língua contra sua pele.

Sua mão se fechou sobre suas coxas, aproximando-a contra ele, deixando-a sentir a prova visível de seu desejo. O fato que seus beijos e sua proximidade tivessem o poder de excitá-lo, fascinava-a. Nunca antes havia sentido uma paixão assim, um desejo tão intenso, uma necessidade tão imperiosa.

Murmurou seu nome, querendo que ele a tocasse de uma vez em todas partes. Puxou sua roupa, querendo sentir sua pele nua a dela.

— Rhianna — Sua voz soou pesada, drogada — Temos que parar.

— Não — Ela se pegou a ele, os dedos acariciando suas costas, seus ombros, seus quadris movendo-se contra ele, urgindo a aliviar a doença que se propagava por todo seu corpo. — Me beije — Murmurou — Me toque.

— Rhianna... — A imagem da última garota com quem se deitou emergiu em sua mente. Tinham que esperar, esperar até que sua fome estivesse saciada e sob controle.

Mas ela não queria esperar. Seus ágeis dedos afastaram sua capa e sua camisa até que nada

separou só o suave tecido de sua camisola. Ele podia sentir o calor doce quente de seus seios contra seu torso.

Um grunhido baixo surgiu de sua garganta enquanto sua atrevida mão acariciava sua coxa.

— Rayven, por favor... — Ela se retorceu na cama, movida por uma urgência que não entendia, e a que não podia resistir.

Sentia sua necessidade como se fosse a sua própria. Seu corpo estava ardendo por ela. Noto o fio de suas presas contra sua língua, sentiu a fome rugindo dentro dele enquanto a despojava de sua roupa interior e tirava as calças.

Era bela, seu tentador corpo era terso e imaculado, com pernas magras e quadris suavemente arredondados, uma sereia com seios que tinham sido modelados para as mãos, só as suas.

Tremendo de necessidade, moveu-se sobre ela, seu peso sustentado por seus braços enquanto enterrava seu rosto no oco de seu ombro — Rhianna, está segura?.

Notou como ela assentia e enlaçava seus braços ao redor de seu pescoço atraindo-o mais perto.

A fome e o desejo rugiam em seu interior e com isso o conhecimento de que a espera de quatrocentos anos estava a ponto de finalizar. E depois, como se fosse uma súbita explosão, sentiu a saída do sol pelo horizonte.

Com um gemido se levantou, com seu olhar fixo na janela. Através de uma fina fresta nas pesadas cortinas, podia ver a luz trêmula do sol, sentir o calor de um novo dia.

— O que aconteceu? — Rhianna perguntou — O que está errado?

— Devo ir .

— Ir..? — Contemplou-o com os olhos cheios de confusão — Aonde? Por que?

— Chegou o amanhecer — Com graciosos movimentos, saltou da cama. Agarrou sua capa, a jogou sobre os ombros — Até esta noite, doce Rhianna — Disse com voz rouca pelo desejo não completo.

— Rayven, espera...

Mas ele já tinha ido.

Essa tarde, estava sentada frente a sua penteadeira, passando distraidamente a escova por seu cabelo. Ele era um vampiro. Dizia a si mesma que deveria estar agradecida de que o amanhecer o tivesse afastado de seu leito antes de que tivesse arrebatado sua inocência.

Um vampiro. Ontem à noite, narcotizada por seus beijos, a mercê da paixão que tinha fluido

através dela como se fosse mel líquido, tinha sido incapaz de ter um só pensamento racional. Só havia sentido uma urgente necessidade que a tinha deixado cega e surda a qualquer outra coisa.

Agora, à luz do dia, perguntava-se como pôde ter esquecido nem sequer por um momento.

Vampiro... Imagens de monstros esqueléticos com sangue gotejando de suas presas povoaram sua mente.

Vampiro... Horrendas criaturas sobrenaturais que espreitavam na noite em busca de presas, bebendo o sangue dos meninos.

Vampiro... Demônios necrófagos que dormiam em caixões durante o dia porque não podiam suportar a luz do sol.

Vampiro... Como podia ser certo? Se ele era verdadeiramente um vampiro, por que não produzia repulsa? Por que estava ainda viva? transformaria ela no que ele era?

Levantando-se, foi para a janela e afastou as pesadas cortinas. O sol se notava quente sobre seu rosto.

Nunca tinha visto Rayven durante o dia. Nunca o tinha visto comer.

Apoiou sua testa sobre o vidro. Estava agora dormindo em seu caixão?

O pensamento a fez estremecer.

A Torre do leste. Ali era onde ele dormia. Por isso era pelo que a tinha proibido ir para ali. Franziu o cenho. Não tinha encontrado nada quando foi ali, só um quarto vazio.

Estava atravessando o quarto, sua mão girando o trinco, antes que desse conta do que fazia. Fez uma pausa no vestíbulo, escutando, perguntando-o que Bevins estaria fazendo.

Levantando suas saias, passou correndo pelo corredor até a escada que conduzia a torre do leste.

Seu coração pulsava ruidosamente quando chegou ao quarto da torre. Aspirando profundamente, abriu a porta e entrou. Igual a antes, não havia nada que ver nenhum móvel, nenhum quadro, só uma janela coberta por grossas cortinas de veludo negro.

Afastou as cortinas, e permaneceu no centro do quarto, girando lentamente. A princípio não viu nada, mas depois encontrou um pequeno oco na parede de pedra frente à janela.

O coração pulsava rapidamente, suavam as palmas das mãos, sua boca estava seca, enquanto pressionava sua mão pela parede, movendo-a gradualmente sobre a superfície.

Ficou sem fôlego ao sentir que a parede se movia e logo uma parte dela se deslizava, revelando um quarto ao fundo.

Duvidando entre escapar ou ficar permaneceu no batente da porta e olhou para dentro

atentamente. Neste quarto não havia nenhuma janela. O brilho de sol do quarto atrás dela se introduzia através do aberto portal. Embora a luz era débil, poderia discernir a forma de um grande armário de madeira de cor cereja na parede em frente a ela. A imagem de uma cabeça de lobo estava esculpida em uma porta, e a de um corvo na outra.

No canto do quarto havia uma grande lareira.

Deu outro passo adiante e olhou para sua direita. Uma tapeçaria enorme cobria a parede. Tecido em tons de verde escuro e negro, mostrava várias cenas. Em uma havia um corvo posado sobre o ramo de uma árvore. Debaixo um lobo negro com olhos sanguinários estava sentado, uivando à lua. Outra cena retratava a vários homens armados com lanças perseguindo um lobo. Uma terceira cena ilustrava um lobo levantado sobre suas patas traseiras com seus dentes ao descoberto em uma cruel ameaça.

Afastando seu olhar da tapeçaria, girou sua cabeça para a esquerda, e sentiu que subia o coração à garganta. Uma enorme cama coberta com um negro dossel estava situada sobre um estrado. E descansando sobre a cama, com os braços cruzados sobre seu peito, estava Rayven. Só pôde permanecer olhando-o fixamente enquanto as imagens se gravavam em sua mente. As cobertas e o travesseiro eram negros. Uma colcha, também negra, estava dobrada aos pés da cama. Sua capa o cobria, envolvendo-o como se tratasse de um abraço carinhoso.

Suo rosto, emoldurado por seu cabelo negro, estava muito pálido. Não parecia que respirasse.

O alarme a atravessou. Tinha morrido durante o dia? A urgência de aproximar-se para comprovar se ainda seguia vivo surgiu fortemente em seu interior ao mesmo tempo que as lembranças sobre as histórias escutadas a respeito de como destruir a um vampiro.

Cortar totalmente sua cabeça. Encher sua boca de alhos. Afundar uma estaca através de seu coração e sepultá-lo clandestinamente a fim de que não pudesse levantar-se de novo.

Ontem à noite, ele tinha revelado o que era e ela tinha acreditado. Mas ouvir suas palavras não a tinha preparado para isto.

Os aldeões tinham estado correto todo o tempo, filosofou. Havia um vampiro em seu povoado, e ela sabia onde dormia.

— OH, Rayven murmurou — OH, Rayven, o que devo fazer?.

— Rhi... Ana.

Sua voz, apenas audível, soava em seus ouvidos forte como um trovão.

Estava acordado. Acordado e observando-a com olhos pesados, escuros e profundos como

negras piscinas de ébano líquido.

Permaneceu na porta, hipnotizada por seu olhar fixo, incapaz de mover-se.

—Veio me destruir? — Havia uma nota de amarga resignação em sua voz, mas era o perdão que aparecia em seus olhos o que chegou até seu coração.

— Não — Negou com a cabeça, a piedade fluindo através dela — Não.

— Vêem a mim — Sua voz era muito suave, cheia de um profundo desejo.

Não podia. Não o faria. Mas seus pés se moveram por vontade própria, levando-a através do quarto, subindo os degraus do estrado, até que ficou ao lado de sua cama.

— Rhianna... Por favor não... — Sua voz era baixa, como se falar fosse todo um esforço. Suas pálpebras revoaram fechando-se, depois se abriram de novo — Não me odeie.

—Não o faço — Levantou uma mão, querendo tocá-lo, mas assustada ao mesmo tempo — Sente-se mau? — Perguntou — Posso te trazer algo?.

O fantasma de um sorriso brincou sobre seus lábios — É o sol... A luz do dia... Não a posso suportar.

— É verdade — Disse assombrada — Tudo o que me disse. Tudo era verdade.

Ele assentiu brevemente —Se deite comigo.

Ela percorreu a cama com o olhar. Não era um caixão, depois de tudo, somente uma grande cama de madeira esculpida.

Vampiro... Envolveria-a ele em seu abraço maligno e beberia dela até deixá-la seca?

Era um tolo pensamento, e o separou de sua mente. Se ele tivesse querido matá-la, já o teria feito, pois tinha tido um montão de oportunidades anteriormente.

Com um suspiro, sentou-se no colchão, depois deitou a seu lado, e apoiou a cabeça sobre seu ombro.

Ele sorriu, passando seu braço ao redor dela, aproximando-a a seu lado. Houve um som suave como um assobio quando o painel se deslizou e se fechou. Depois suas pálpebras se fecharam e dormiu de novo.

Estava na guarida do monstro.

Deu um pulo quando sentiu como sua capa se deslizava sobre ela, notando a suave seda subir por seus braços nus até que cobriu a ambos.

Painéis escondidos que se fechavam sozinhos e uma capa de veludo negro que parecia quase viva. Estava tudo além de sua compreensão, além da realidade.

Repentinamente cansada, fechou seus olhos. E dormiu.

Ele era consciente de que ela tinha estado ali a seu lado durante todo o dia. Seu cabelo roçava sua bochecha como um novelo de seda dourada. Seu braço descansava através de seu peito, o calor de sua carne penetrava o frio que o envolvia em seu sono cadavérico. O perfume fresco, limpo de sua pele o envolvia, o som dos lentos batimentos do seu coração era tão reconfortante como uma canção de berço. Suas coxas pressionando intimamente contra as suas, proporcionaram sonhos eróticos a alguém que nunca sonhava.

Despertou quando o sol escondeu e seu rosto foi o primeiro que viu. As emoções brotaram nele, quentes, velozes e pouco familiares. Durante mais de quatrocentos anos, despertou sozinho na escuridão de seu quarto e agora um anjo estava dormindo a seu lado, seu cabelo esparsa pelo travesseiro refletindo os raios do sol, suas pestanas pareciam escuros leques contra suas bochechas.

E ele soube nesse momento que nunca poderia amá-la mais.

Moveu-se entre seus braços, suas palpebras revoando e um incerto sorriso em seus lábios.

— Parece surpreendida — Queixou-se — Acreditou que enquanto dormia beberia de você até te deixar seca?

Ela negou com a cabeça, mas até às escuras, podia ver o revelador rubor que subia por suas bochechas.

— Rhianna, não tem idéia do que significa para mim despertar e te encontrar a meu lado.

— Me alegro de que isto te agrade.

— Muitíssimo — Disse.

— Há aqui... Há alguma vela por aqui? Deu uma olhada a seu redor, inquieta pela escuridão. Não havia janelas no quarto, nenhum indício de luz — Esta tudo tão escuro.

Sentiu como se girava e um momento depois ouviu um suave som, enquanto na lareira brotava espontaneamente o fogo. Uma suave luz dourada encheu o quarto, criando sombras dançarinas sobre as paredes e o teto.

Rhianna cravou os olhos nas chamas como se surgiram do inferno de Satã — Como... Como fez isso?.

— Um pouquinho de magia vampírica — Respondeu. Bevins insistia em guardar um fornecimento de madeira na lareira, embora freqüentemente Rayven havia dito que era desnecessário. Mas por esta vez, estava agradecido de que o homem não tivesse feito conta.

— OH — Ficou olhando fixamente a lareira durante um momento, depois franzindo o cenho disse — Tinha esperado... Isto é... Não é... Não se supõe que os vampiros devem passar a noite

dentro de caixões?

— Alguns o fazem.

— Mas você não?.

— Os achos estreitos e limitantes. Ele podia sobreviver durante o dia fora de um caixão, mas uma grossa capa de sua terra natal estava espalhada sob o colchão.

Um músculo ondeou em sua mandíbula enquanto se levantava. A capa escorregou, posando-se em seu colo — Tem alguma outra pergunta a respeito de mi... Enfermidade?.

Rhianna se endireitou, seu ombro roçando o dele — Há alguma forma de... Matar a um vampiro?.

— Esta tramando minha destruição?

— É óbvio que não.

— Uma estaca de madeira cravada no coração dizem que é efetiva. Acredito que seria efetiva de qualquer madeira. O fogo certamente me destruiria. Outro método seguro de destruir um vampiro é cortar totalmente sua cabeça.

Ela tragou a bile que subia pela garganta, desgostada pelas imagens que suas palavras faziam surgir em sua mente — E o que há da água benta?

— A água benta tem um efeito bem desagradável, embora duvide que seja fatal a menos que caia em um lago cheio dela.

Rhianna franzido o cenho, procurando em sua mente retalhos de lendas populares sobre o tópico do vampiro que tinha ouvido comprido dos anos — E o alho?

Rayven sorriu abertamente — O aroma me é muito desagradável, mas não me dissuadirá.

— E as cruzes?

— Uma de prata me queimaria se a tocasse.

— E as de madeira?

— Não a salvarão.

As palavras produziram calafrios, mas não havia nenhuma ameaça em sua voz, só uma suave diversão.

Rhianna franziu o cenho profundamente — Por que está me explicando como te destruir?.

— Porque pode que algum dia precise sabê-lo.

Não quis aprofundar no que isso significava. Tentando encontrar algum outro tema de conversa, olhou fixamente sua capa. Estendia-se pela cama como uma ondulante piscina de ébano. Cravou os olhos nisso com prevenção durante um momento, recordando como a havia

coberto a noite antes.

Estendeu sua mão tentativamente, como se temesse que a atacasse. como sempre, o grosso veludo estava quente ao tato, parecendo pulsar com vida de seu próprio.

— Não te morderá — Comentou Rayven, uma sobancelha elevada com sardônica diversão.

— Está seguro? É o objeto mais estranho que vi em toda minha vida. Esta tarde... — Calou-se com um encolhimento de ombros — Não importa.

— O que? — Urgiu — Diga-me.

— Sei que isso é impossível! — Exclamou Rhianna — Mas juraria que se moveu. OH, sei que devia ter imaginado, mas pareceu me cobrir por vontade própria. — Negou com a cabeça, seus olhos aumentados com temor e incredulidade — E o painel na parede, fechou-se sozinho.

Olhou-o, esperando que dissesse que isso era impossível — Como é isso? Estou ficando louca?.

Rayven acariciou sua bochecha o dorso de sua mão — Esta muito certa, meu amor. Fiz que o painel da parede se fechasse e também fiz que se abrisse quando soube que estava no outro lado.

— Você fez isso? Mas, como?.

— Assim — Disse, e um momento mais tarde, o painel se deslizou e de novo, não deixando nenhum sinal de sua existência.

Rhianna o olhou com o medo refletido em seus olhos.

— Importaria-se abrir de novo o painel?

— Como quiser — Disse amavelmente, e a porta se abriu de novo — Assim esta melhor?

— Sim, obrigado — Ela olhou para a porta, e depois de novo para ele — Também fez que a capa se movesse?.

— Não.

— Não? — Dirigiu um cauteloso olhar para o atoleiro de veludo negro em seu colo.

Com um suspiro, Rayven acariciou o suave veludo — Eu não sei como explicar o de minha capa. Certamente, não sei se pode explica. Eu a desenhei, embora não posso recordar de que parecia, nem de onde tirei o material. A noite posterior depois de que fui feito vampiro, minhas mãos a criaram por própria vontade. Meu sangue, o mesmo ser de minha vida, esta tecida no tecido. E porque o sangue de minha mãe está em mim, uma parte sua mora dentro da capa.

— E é essa parte dela o que te reconforta, não é isso? — Ela sorriu, como se tivesse solucionado o mistério — Vi a forma em que a capa te envolve quando está zangado, ou cansado, para te consolar.

Ele assentiu, assombrado por sua percepção, e por sua plana aceitação do que na maioria dos casos, era completamente incompreensível.

— Tem uma bela alma, Rhianna McLeod — Disse baixinho — Acha-me tão cruel para te conservar aqui contra sua própria vontade? te fazer viver com um monstro quando você merece muito mais?

Um homem como Montroy, pensou, doente de ciúmes. Isso era o que ela merecia. Um marido que pudesse lhe dar filhos, que pudesse oferecer uma casa cheia de luz e risadas.

— É assim como se vê? Como um monstro?

— Não me vê assim?

— Não.

— Como me vê, doce Rhianna?

— Não estou muito segura. Mas você é muito amável para ser um monstro.

— Amável? — Emitiu um sarcástico som por sua garganta — Ninguém em toda minha vida me acusou de ser amável.

— Foi amável comigo, amável com minha família. E agora também manifestou bondade para com os habitantes do povoado.

— Essa foi sua idéia, não a minha.

— Poderia ter dito que não.

— A você não — Ele segurou sua face em sua palma, o calor de sua pele o esquentando — Rhianna, desejaria... — Afastou a mão de seu rosto e se levantou, girando-se para ficar de costas a ela.

— O que é o que deseja?

— Nada. Desejar é para tolos.

Levantando-se, situou a suas costas. Ele era tão alto, tão forte, e apesar disso tão vulnerável. Temendo ser repreendida, deslizou seus braços ao redor de sua cintura e pressionou sua bochecha contra suas costas — Não me dirá o que é o que deseja?

Ele cobriu seus braços com suas mãos e sob a cabeça — Desejo poder ser mortal por você, Rhianna, poder te amar, poder fazer amor com você, como um homem mortal. Desejo poder me levantar a seu lado em uma quente manhã de verão e observar a saída do sol, poder compartilhar seus dias e também suas noites. Te querer com cada fôlego de minha alma, te cobrir com todas as riquezas do mundo. Desejo poder ser o pai de seus filhos e poder vê-los crescer, poder trabalhar a seu lado, e envelhecer junto a você.

Suspirou profundamente, afastando as imagens que suas palavras tinham criado em sua mente — Não posso fazer nenhuma dessas coisas — Deu a volta para enfrentá-la — Se não fosse um monstro, então meu doce, liberaria-te de sua promessa. Tiraria-te daqui intacta. Mas toda minha vida fui um egoísta e sinto que não posso te deixar partir. Não agora. Não depois da alegria de vê-la descansar a meu lado. Seus olhos escuros ardiam enquanto a olhava — Talvez jamais.

Ela o contemplou com expressão serena — Pedi ser liberada de minha promessa?

— Deveria fazê-lo.

— Por que? Disse que não me deixaria partir.

Ele riscou a curva de sua face com seu dedo indicador — É verdade — Concordou — E apesar disso duvido de que possa te negar nada. Inclusive sua liberdade, se me pedisse isso.

— Prometi-te um ano e a menos que me jogue, tenho a intenção de cumprir essa promessa.

— Rhianna... — Ele não tinha palavras para expressar seus sentimentos, nenhuma palavra para dizer quão preciosa era para ele nesse momento enquanto o olhava com olhos cheios de aceitação, e confiança — Que estranha criatura é — Queixou-se.

— Esta muito pálido, meu senhor— Mmeditou — Chamo o Bevins?

— Não — Ele girou de novo de costas, para que não se desse conta da fome que ardia em seus olhos — Por que não vai se refrescar para o jantar? Reunirei-me com você mais tarde.

— Não me dará um beijo antes de ir?

— Não agora não. Sua voz soou rouca.

— Muito bem, meu senhor.

A dor em sua voz foi como uma bofetada — Rhianna, espera. — Aspirou profundamente; depois, quando esteve seguro de ter a fome sob controle, rodeou-a com seus braços e a beijou — Verei-te tão logo possa.

Ela notou a mudança nele quando entrou na biblioteca duas horas mais tarde. Seu rosto parecia menos pálido, seus olhos menos brilhantes, sua atitude mais relaxada.

Vacilou na porta, consciente de seu escrutínio — Terei que ir?

— Não. Por que nunca se deu conta de que havia vezes em que o via mais pálido, e outras em que sua cor era mais..Tragou... Normal? Tentou analisar seus sentimentos agora que sabia o que ele era, o que tinha que fazer para sobreviver. Esperou sentir repulsão; Em vez disso, somente sentiu compaixão.

Ele cruzou a sala e se sentou frente a ela. Ela levava um vestido rosa pálido debruado com um laço branco. Seu cabelo caía solto por suas costas como uma cascata de ouro resplandecente.

E seus olhos... Olhou fixamente seus olhos de azul escuro e neles viu refletido o céu diurno que não tinha visto durante quatrocentos anos.

Desejou estar junto a ela, mas não fez nenhum movimento para ela por medo de assustá-la. Necessitaria tempo para adaptar-se, para aceitá-lo.

— Como o suporta? — Perguntou depois de um comprido silêncio — Como pode beber... Não entendo como pode fazê-lo, como pode beber... O sangue de animais.

Tinham discutido isto antes, mas ele entendia sua necessidade tentar entendê-lo. — É necessário para minha sobrevivência respondeu pacientemente.

— Necessita... Bebê-lo todas as noites?.

— Não.

— Quanto tempo pode passar sem ele?

— Comodamente, durante uma semana mais ou menos. O estar mais tempo, transforma-se em algo... Estressante.

— Alimentou-se bem esta noite? Sua pele parece quase...

— Humana?.

Assentiu, pensando em quão estranha era essa conversa. Sabia o que ele era, sabia que era verdade mas algo no fundo de sua mente ainda se negava a aceitá-lo.

— Contou-me que normalmente bebe sangue de animais. Estava mentindo?

— Não — Vacilou, perguntando quanto dizer, quanto mais poderia aceitar — Posso sobreviver com sangue de animais, como você poderia sobreviver comendo lagostas e formigas, se fosse necessário. Mas quereria fazê-lo? Não é mais natural para você comer coisas assim, o que é para mim beber o sangue dos animais. Necessito sangue humano.

Necessito seu sangue. Ele não disse as palavras, mas ela as ouviu em sua mente, e em seu coração.

Rhianna cravou os olhos nele — Todas essas outras garotas — Disse lentamente. — As que estiveram aqui antes de mim. Você não as profanou do modo em que acreditavam os aldeãos, verdade? Bebeu delas.

Rayven assentiu, com expressão impassível. Viu o recuo em seus olhos, sentiu como se uma profunda brecha se abria entre eles, um abismo que nunca poderia cruzar.

— E para isso pelo que me comprou? Para... Para se alimentar de mim.

— O sangue dos animais satisfaz minha fome — Disse, com voz cuidadosamente neutra — Mas isso não me dá prazer, nem me sustenta indefinidamente. de vez em quando, necessito

sangue humano. Algumas vezes o desejo ardentemente. Passar sem ele durante longas temporadas me enfraquece — Aspirou profundamente e soltou o ar em um comprido suspiro, cansado — Não pode imaginar a dor que suporta a abstinência.

Percorreu com o olhar o pulso pulsando em sua garganta. O sangue de animais era vil, mas o sangue de Rhianna era como o mais fino vinho, o mais doce néctar.

— O que aconteceu às outras garotas que estiveram aqui antes de mim?

— Despachei-as.

Rhianna engoliu seco — Vivas?

— O que você acha?

— Não quero pensar que as matou. Se me disser que não o fez, então aceitarei em sua palavra.

-Não lhes fiz mal. Mas matei no passado, Rhianna. E o faria de novo se fosse necessário. Não tente imaginar que sou nobre. Ou amável. Sou um vampiro e somos, por própria natureza, assassinos. Não confiamos em ninguém, especialmente em outros de nossa classe, e guardamos nosso território zelosamente.

Ouviu a ênfase na palavra nós mas não podia fazer idéia de que podia haver outros como ele vivendo perto. Não agora, não quando estava fazendo um esforço tão grande para entender o que o fazia e o que ele era.

— Ainda esta tentando me assustar, meu senhor? — Perguntou, obtendo à força seu sorriso.

Rayven negou com a cabeça — Somente quero que se dê conta com o que esta enfrentando.

Ele ficou de pé — Pensa no que te disse, Rhianna. Se ainda continuar aqui amanhã de noite, então saberei que decidiu ficar até que se cumpra o ano. Se for, cuidarei de você e sua família enquanto viva.

Ela quis dizer que ainda o amava, que não importava o que pudesse dizer ou fazer que nada podia mudarr isso, mas não podia formar as palavras.

— Boa noite, doce Rhianna — Sua voz a roçou como um vento frio de inverno, e depois se foi como se nunca tivesse estado ali.

CAPÍTULO QUINZE

Não se foi. Passou a noite insone, recordando tudo o que ele havia dito, tudo o que tinha acontecido entre eles desde essa noite desafortunada em Cotyer's, e quando chegou o amanhecer, soube que não podia abandoná-lo.

Tinha esperado que ele se alegrasse, que passasse cada momento de vigília em sua companhia. Em vez disso, tinha a sensação de que a evitava. Embora durante o jantar se reunia cada noite com ela, parecia afastado. Acreditava que depois do que havia dito, depois do dia que tinha passado dormindo a seu lado, levaria-a a sua cama. Em vez disso, mantinha-a se separada de seus braços, com a advertência em seu olhar de que mantivera as distâncias. Era muito confuso.

Esta noite, atrasava-se. Beliscou um pouco de sua comida, perguntando se tinha sonhado tudo. À luz do dia, tudo o que havia dito parecia um conto... O poder de ler a mente, sua capa mágica, viver do sangue das ovelhas misturado com vinho, ver-se forçado a viver para sempre na escuridão... Era inconcebível.

Noto sua presença antes de que entrasse no salão. Elevou o olhar encontrando seus olhos fixos nela, e soube que tudo era verdade. Ele era um vampiro. Vivo e apesar disso morto. Isso o explicava tudo: o desespero que algumas vezes via em seus olhos, o por que nunca o tinha visto durante a luz do dia, por que nunca o via comer, por que sua pele estava sempre fria, sempre fresca ao tato.

Sentiu uma risada histérica transbordando-a. Tinha tido medo de que a tivesse comprado para envergonhá-la, violá-la, quando tudo o que ele queria, era beber seu sangue.

— Faminto, meu senhor? — Perguntou cruelmente. Reclinando-se em sua cadeira, deixando lenta e deliberadamente ao descoberto sua garganta a seu olhar fixo enquanto todos seus sonhos de um futuro com o Rayven se dissolviam em um vermelho oceano de impossibilidade. Ele não se casaria com ela. Nunca levaria a seus filhos em seu ventre.

— Rhianna, não faça isso — Voltou-se de costas diante a repulsa nos olhos dela, afastando a vista de sua garganta que tinha deixado ao descoberto, seu pulso palpitando grosseiramente. O aroma de seu desespero, de seu sangue, alagou seus sentidos.

— Sinto muito. Me perdoe — Murmurou e pôs-se a chorar. Deixaria este lugar dentro de uns poucos meses. Algum dia se casaria. Teria filhos e netos, mas Rayven ainda estaria aqui, encerrado em suas cadeias de escuridão eterna, para sempre só e triste.

— Rhianna! — Resmungando um juramento, ajoelhou-se diante dela e agarrou suas mãos — Rhianna, não chore. Por favor não chore. Não posso suportar suas lágrimas. Não tem por que ficar durante mais tempo aqui. Mandarei a casa amanhã. Esta noite, se o desejar. Mas por favor não

chore.

— Não choro por mim — Disse.

Ele ficou olhando-a fixamente estupefato ao se dar conta de que ela estava chorando por ele.

— Há algo que possa fazer por você? — Perguntou, sorvendo suas lágrimas.

— Fazer algo por mim? — Perguntou, franzindo o cenho.

— Pode ser mortal de novo?.

Lentamente, ele negou com a cabeça — Não.

— Ficarei com você — Prometeu — Ficarei enquanto me queira.

— Ah, Rhianna, não tem nem idéia como me soa isso. Não estar sozinho nunca mais. Ter a alguém com quem compartilhar sua vida. Mostraria-lhe o mundo, cobriria-a de diamantes e esmeraldas, concederia-lhe tudo o que desejasse. Nunca faltaria nada. Poderia dormir durante o dia a seu lado. Veria seu rosto ao dormir e daria a bem-vinda quando despertasse... — Lentamente, negou com a cabeça. Não a podia condenar a espécie de vida que ele levava, esperar que fugisse a luz do dia, que passasse sua vida com um homem que não era homem de tudo, simplesmente para aliviar seu isolamento. Podia ser um monstro, mas inclusive ele não podia ser tão cruel.

Sua solidão, a tristeza completa e absoluta nas profundidades de seus olhos, chegaram até o profundo de seu coração e fizeram chorar sua alma— Não me jogue — Implorou suavemente. Inclinando-se para frente, beijou sua testa.

Abraçou-a pela cintura, e pressionou seu rosto contra seus seios. Seu calor o engoliu, afugentando o frio que era seu constante companheiro como a luz do sol afugentava o frio da noite.

— Não o farei — Aspirou um tremulo fôlego — Que Deus me perdoe, mas não posso fazê-lo.

Um sentimento de paz, de sentir-se em casa, encheu sua alma enquanto ela acariciava seu cabelo.

— Minha irmã se casa amanhã — Recordou — Disse que viria comigo à bodas.

— Se o desejar — Parecia que já não tinha vontade própria, pensou com sardônica diversão.

Ela falava, e ele só aspirava a obedecê-la.

— Desejo — Ele elevou a vista, para vê-la sorrindo — É muito complacente, meu senhor.

— Parece que não posso te negar nada.

— Nada, meu senhor Rayven?

Tiamat World

— O que deseja agora, Rhianna? Um broche de safiras para rivalizar com a cor de seus olhos? De ouro para fazer jogo com a cor de seu cabelo?.

— O que quero é imensamente mais valioso, meu senhor.

— Não posso imaginar o que deve ser.

— Não pode imaginá-lo?.

Ela paquerava com ele, meditou. E muito descaradamente, por certo — Pede o que quiser meu amor e é seu.

— Um Beijo— Disse Rhianna, pronunciando a palavra como se fosse uma carícia. — Um beijo.

—Só um?.

—Ou dois.

— Ou vinte? —Murmurou Rayven, cobrindo sua boca com a sua.

Rhianna emitiu um sob som de aceitação através de sua garganta, enquanto passou seus braços ao redor de seu pescoço. Isto era o que queria, pensou quando seu tato nublou seus sentidos. Estar aqui, entre seus braços durante o resto de sua vida.

O tempo fico em suspense enquanto sua língua acariciava seu lábio inferior, enquanto suas mãos deslizavam por seus lados, seus polegares acariciando ligeiramente seus seios.

— Rayven... Por favor. ..

Ele se afastou olhando-a com atenção. Sua respiração era dificultosa, seus olhos flamejando com incandescentes fogos interiores.

— Não me rejeite de novo— Implorou suavemente.

— Rhianna, te desejo mais do que pode imaginar...

— Mas?.

—Tenho medo de te machucar, isso...

— O que?.

—Rhianna, nem sempre posso separar meu desejo da fome que me corrói. Temo que, no calor de paixão, a luxúria pelo sangue vença meu autocontrole.

— Sempre ocorre assim?.

— Não sei. Só levei uma mulher a minha cama desde que fui feito Vampiro.

— Só uma? Durante quatrocentos anos?.

— A luxúria pelo sangue é até mais poderosa que o desejo sexual — Até que encontrou Rhianna, pensou. Até que chegou e introduziu esperança em sua solitária vida.

Tiamat World

— O que aconteceu a essa garota?

— Morreu entre meus braços.

Rhianna se recostou na cadeira, incapaz para suprimir o estremecimento de temor que percorria a coluna vertebral.

— Rhianna, não poderia viver com a culpa de ter feito algo que possa te machucar.

— Se... Alimentou esta tarde?.

— Sim — Sabendo que a veria, e recordando o que havia sentido quando despertou a seu lado, alimentou-se, e tinha se alimentado bem.

— Tem fome agora?.

Ele negou com a cabeça, com a certeza do que ia vir excitando-o tanto como o atemorizava.

Ele a desejava, desejava-a tanto como ela a ele. Com a segurança que proporcionava esse conhecimento, afastou seu medo. Ficando de pé, tomou sua mão conduzindo-o atrás dela — Esperei por você muito tempo, meu senhor.

As palavras foram ditas tão suavemente, que duvidava de que as tivesse podido ouvir um simples mortal.

Rayven negou com a cabeça — Não posso, Rhianna. Por favor não me peça isso.

— Não tenho medo.

Seus dedos apertaram seus ombros — Mas eu sim.

— Amava a essa garota?.

— Não.

— Me ama?

Assentiu, incapaz de negá-lo.

Seu sorriso era tão brilhante como a luz do sol que ele nunca veria de novo, tão calida como o amor de uma mãe.

— Esta segura de que é isto o que quer, Rhianna?.

Por resposta, agarrou sua mão e se dirigiu para a porta.

Incapaz de resistir, seguiu-a para cima pela escada de caracol até seu quarto.

Uma vez dentro, sua coragem pareceu abandoná-la e ficou olhando-o fixamente, com olhos inseguros.

— Não temos por que fazer isto — Disse Rayven.

— Não, quero fazê-lo. Mas não sei que espera de mim.

— Poderíamos começar com um beijo — Propôs Rayven, esperando que isso os fizesse sentir

mais cômodos.

Atraiu-a entre seus braços, sentindo os pequenos tremores de ansiedade que a percorriam de pés a cabeça.

— Rhianna — Murmurou seu nome enquanto reclamava seus lábios.

Era mais doce que o mel, mais quente que um dia de verão. Era como estar exposto aos brilhantes raios do sol, pensou. Estreitá-la entre seus braços expulsava o frio que parecia persegui-lo sempre, a segurou mais perto, absorvendo seu calor, sua suavidade. Seus seios estavam esmagados contra seu torso; Podia sentir os rápidos batimentos de seu coração, a paixão florescendo dentro dela.

Ela respondeu a seu beijo apaixonadamente, apertando-se mais contra ele, seus braços deslizando-se ao redor de seu pescoço. Gemeu suavemente quando seus lábios se deslizaram por sua garganta, ao longo de seu ombro.

— Rhianna, Rhianna, sabe quantas vezes sonhei com este momento?.

Ela fez um som mudo de assentimento, afastando-se para poder ver seu rosto. O calor em seus olhos ameaçava abrasando sua própria alma e pensou em quão maravilhoso era que uma jovem inocente como era ela pudesse despertar tal paixão em um homem.

Ele a soltou só o suficiente para tirar sua capa. A observou enquanto a depositava sobre a cadeira, e ficou sem fôlego ao ver-se no espelho.

Por um momento, foi como se o mundo parasse: seu reflexo, seu cabelo ligeiramente desordenado, suas bochechas rosadas, seus lábios ligeiramente inchados por seus beijos. Viu sua capa, estendida como um rio de negro veludo sobre a cadeira. Viu a cama atrás dela. Mas não Rayven, quem estava a seu lado, não se refletia no espelho.

Sobressaltada, percorreu-o com o olhar para assegurar-se de que estava ali. Olhou de novo o espelho, sentiu que o sangue desaparecia de seu rosto.

-O que aconteceu? Rayven a olhou de esguelha e depois, lentamente, seguiu seu olhar. Sua imagem o olhava fixamente do espelho, seus olhos azuis aumentados, seu rosto cinzento — Rhianna?.

-Eu... Você... Aspirou uma baforada de ar, e depois deixou escapar com um comprido e tremulo suspiro — O espelho... Você não... Por que não posso vê-lo?

Ele estava repentinamente silencioso — Não estou seguro — Respondeu rigidamente — Há muitas teorias a respeito disso, a mais estendida é que os vampiros não se refletem no espelho, porque estão composto de carne sobrenatural.

Vampiro... Ela sabia o que ele era, mas tinha recusado aprofundar nisso, tinha tentado pretender que isso não tinha importância, que era como algum tipo de estranha enfermidade, não uma forma de vida. Agora sabia por que não havia espelhos no castelo, sabia porquê que as pesadas cortinas estavam estendidas sobre as janelas, não somente para impedir que passasse a luz.

Dando um passo para trás, contemplou-o. Com um inconsciente gesto de proteção, cruzou os braços sobre seus seios.

Rayven entendeu o significado de seu gesto. Endireitando-se em toda sua altura, afastou-se até canto do quarto — Expliquei o que sou — Disse, sua voz de repente na defensiva.

— Sei, mas acredito que até agora não havia realmente me dado conta do que significava. Não me importa. Realmente me dá igual. Somente me sobressaltei por um instante.

— Sobressaltada? — Elevou uma negra sobancelha com amarga diversão.

— Parece que esteja a ponto de desmaiar.

— De verdade o pareço? — Ela sorriu fracamente — Pode me culpar por isso?.

— Não. Isto não vai funcionar, Rhianna. Pela manhã farei que Bevins te leve para casa.

— Não! — Correu através do quarto e colocou as mãos em seus ombros — Não tem importância. Assinalou ao espelho — Somente era que não sabia. Você nunca me disse... — Cruzou os braços sobre seu peito de novo, recordando repentinamente que o havia dito quando falou de Lysandra e de como se transformou em um vampiro — Sinto muito, esqueci.

Pensou em todas as outras coisas que tinha contado a respeito dos vampiros. Pareciam todas tão irreais, tão improváveis. Agora sabia que apesar de sua habilidade para abrir e fechar portas, de ler seus pensamentos, de sua necessidade de beber sangue, realmente no mais profundo de seu ser não tinha acreditado que ele era um vampiro — Há alguma outra coisa que deva saber? Quer dizer, ouvi histórias a respeito de vampiros, mas... Mordeu o lábio inferior para deter seus absurdos balbuceios. Inclusive depois de tudo o que tinha visto, depois de tudo o que tinha contado, não podia acreditar que fosse certo. As lágrimas alagaram seus olhos enquanto o contemplava, esperando que esclarecesse que tudo tinha sido um tremendo engano.

— Ah, Rhianna, é tão jovem, e eu me sinto tão velho.

— Diga-me isso.

— Se você deseja.

— Acredito que te disse tudo o que precisa saber — Seu olhar fixou com desagrado até a magra coluna de seu pescoço, onde pulsava seu pulso tão apetitosamente. O perfume de seu

sangue alagava as aletas de seu nariz.

Cheio de ternura, agarrou suas mãos e beijou a cada um de seus dedos, seus lábios frios contra sua carne — Acredito que será melhor que vá.

— Mas... Acreditei que...

— Em outro momento, Rhianna.

Ele se sentiu ao mesmo tempo aliviado e decepcionado quando não replicou.

— Verei-te amanhã de noite, meu senhor?

— Se o desejar.

— Acompanhará-me à bodas de minha irmã?.

— Crie que é isso prudente?

— Não sei. Talvez fosse bom que passasse mais tempo com seres humanos e menos encerrado dentro deste castelo.

Ele parecia cético — A que hora é as bodas?.

— Às sete, na capela de Millbrae — Rhianna se mordeu o lábio inferior — Pode... Quero dizer, poderá... ?

Ele riu suavemente — Asseguro-te, que a igreja não se derrubara se entrar, meu doce. Nem desintegrarei em um montão de cinzas vermelho vivo — Agachando-se pressionou seus lábios sobre sua cabeça — Até manhã a noite.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Rayven esperava ao pé da escada, mudo, enquanto via como Rhianna descia a escada, uma visão de cetim rosado e marfim a faziam parecer um anjo com uma nuvem flutuante de cabelo dourado e olhos da cor de um céu de meio-dia no verão. O traje revelava a fina curva de seu pescoço e uma pequena parte de sua acetinada pele. Uns belos e diminutos sapatos rosados apontavam nas bordas de seu traje.

-Que bela é, meu doce — Disse Rayven. Agarrando sua mão com a dele, pressionou-a contra seus lábios.

Uma quebra de onda de cor arrasou as bochechas de Rhianna quando viu a admiração em seus olhos.

— Você também estas muito bonito meu senhor — Respondeu, sentindo-se repentinamente

tímida.

Vestido com umas rodeadas calças negras, suaves botas negras de couro, uma camisa branca, e um casaco negro de fino pano, cada polegada dele demonstrava que era um cavalheiro de qualidade e riqueza.

A palavra vampiro sussurrou em sua mente. Resolutamente, afastou-a à força. Agora não pensaria nisso.

-Ainda acha que isto é uma boa idéia? — Perguntou enquanto passada o xale de lã branca por seus ombros e depois recolhia sua capa.

— Não tem que me acompanhar se não quiser — Disse.

Seus dedos acariciaram sua face — Só pensava em você, em sua reputação.

— Não me importa o que outros pensem — Respondeu — Sempre que esteja com você.

Um pouquinho de calor, como o toque da luz do sol, enrosco-se ao redor de seu coração — Como você quiser —Dissee, e ofereceu seu braço.

A igreja, feita de pedra e de madeira esculpida, erigia-se ao pé da colina. A luz de várias dúzias de velas brancas alagava a sala, banhando as pintadas caras dos Santos de madeira com uma suave luz.

Os bancos da igreja estavam cheios de amigos e família, e Rhianna sorriu a sua mãe e irmãs enquanto ocupava seu lugar entre elas. Por um momento, conteve o fôlego, esperando. Esperando o que? filosofou. Que a igreja caísse? O que o sacerdote se aproximasse com uma cruz no alto e Rayven fosse expulso da igreja?

— Relaxe, meu doce — Murmurou Rayven. Agarrou sua mão e bateu reconfortadoramente — Minha presença não fará arder a capela. O sacerdote não renegará por mim como se fosse Satã.

Rhianna sentiu que suas bochechas ardiam enquanto ele expressava seus medos com palavras. Apesar de suas zombeteiras palavras, Rayven não estava tão tranqüilo como queria fazer acreditar. Seu olhar era atraído uma e outra vez para o crucifixo de madeira grande que estava atrás do altar. Por volta de quatrocentos anos que não tinha pisado em uma igreja. A última vez que tinha entrado em uma igreja tinha sido pouco tempo depois de ser feito Vampiro. refugiou-se dentro de uma pequena capela para escapar da luz do sol. Escondido dentro de um dos diminutos confessionários, tinha implorado perdão pelo sangue que tinha derramado, pelas vidas que tinha tomado.

Agora, sentado ao lado de Rhianna, tinha consciência aguda dos sussurros atrás dele enquanto os cidadãos expressavam sua surpresa ao vê-lo ali. Raramente abandonava o castelo,

exceto nas ocasiões nas que ia a Cotyer.

— Parece que nunca envelhece...

—O que acha que faz nesse castelo?.

—...Descaramento, o trazer aqui...

—... Não é natural, a forma em que vive...

Os sussurros e as especulações cessaram abruptamente quando o sacerdote e o noivo tomaram seus lugares no altar. Momentos mais tarde, a irmã de Rhianna entrou andando pelo corredor.

Era uma bonita moça, meditou Rayven, radiante no dia de suas bodas. Levava um traje cor marfim com um véu e um ramalhete de primulas e delicadas samambaias.

O noivo, Creighton York, era alto e bem magro, com cabelo de cor café escuro e olhos marrons.

Rayven deslizou um olhar para Rhianna quando o sacerdote começou a falar. Não teve que indagar em sua mente para saber o que pensava, para saber que se imaginava de pé no altar, repetindo os votos que a uniriam ao homem que amava. Uma só lágrima se deslizou por sua face quando o novo marido de sua irmã levantou seu véu e beijou a sua prometida.

Uma dor aguda perfurou o coração de Rayven. Algum dia, Rhianna estaria em um altar parecido e diria as palavras que a uniriam por sempre a outro homem. Não podia suportar o pensamento. A angústia de saber que ela seria de outro seria seu fim.

Esse dia, quando soubesse que a tinha perdido para sempre, sairia ao encontro do sol.

Houve uma festa depois da cerimônia. Creighton York era o único filho de uma família de classe média. Seu pai, Langston, era o ourives do povoado. A recepção foi no salão municipal.

Rayven permaneceu no fundo, aliviado de que não houvesse espelhos no grande edifício de madeira. ficou em um canto, na sombras enquanto via como Rhianna ia de um lado a outro da sala, fazendo brincadeiras com os convidados, rindo com suas irmãs, fazendo uma pausa para falar com sua mãe, ajudando à senhora York com a mesa.

Era uma visão, sua Rhianna, uma rainha das fadas com um redemoinho de saias rosadas. Havia outras mulheres presente, uma certa quantidade delas mais jovens, outras com mais velhas, mas nenhuma mais bela, nenhuma tão vibrante e viva como ela. Em um quarto cheio de seres vivos, seu perfume, seu sangue, atraíam-no como se tratasse de um brilhante farol através da meia-noite, tentando seus sentidos.

Rhianna olhou para trás, seu olhar escrutinadora buscando-o como uma abelha o pólen.

Rayven ficou olhando-a fixamente, a escuridão de seus olhos atraindo-a. Antes que se desse conta do que estava fazendo, dirigiu-se para ele, ignorando às pessoas que falava enquanto passava de comprimento.

O olhou com ansiedade.

— Meu senhor?

— Pode me conceder esta dança, doce Rhianna?.

— Dançar? Só depois viu que os músicos tocavam, que outros dançavam.

Deu um passo para ele, com um suspiro de satisfação saindo entre seus lábios enquanto ele a conduziu entre seus braços fazendo-a girar ao redor do salão. Nunca tinha dançado com um homem tão ágil, quem com seu só contato fizesse surgir desejos tão profundos e proibidos. Investigou em seus olhos, olhos negros insondáveis que a atraíam obsessivamente, até que não viu nada mais e a ninguém salvo o escuro senhor do Castle Rayven.

Vampiro.

O braço ao redor de sua cintura se esticou quando a palavra passou pela cabeça. Ele sabe, pensou, sabe o que estou pensando. Uma vez havia dito que podia ler sua mente, e se tinha resistido a acreditá-lo, mas agora acreditava.

Tornando-se um pouco para trás, contemplou as profundidades de seus olhos. *me beije, meu senhor, me beije agora.*

E, muito lentamente, ele agachou sua cabeça e posou seus lábios sobre os dela.

Regozizou-se com seu beijo ao mesmo tempo que sopesava o que significava viver com um homem que podia conhecer cada um de seus pensamentos. Um homem que não era um homem de tudo.

Quando o baile acabou, escoltou-a através do vestíbulo e alcançou um copo de vinho, depois se sentou a seu lado enquanto ela comia um pedaço de bolo das bodas. Mais tarde, houve um brinde pelos noivos e depois Aileen e Creighton se foram. Pouco depois disso, Rhianna se despediu de sua mãe e suas irmãs.

— Volta para casa conosco — Rogou Ada. Olhou em direção de Rayven e se estremeceu quando seus olhos negros como o inferno apanharam os seus — Por favor, filha, volta para casa onde tem um lugar.

— Não posso. Mama. Prometi ficar com Lorde Rayven durante um ano.

Ada negou com a cabeça — Não te entendo, filha. Que poder tem sobre você?.

— Amo-o — Rhianna disse baixinho — Esse é o poder que tem sobre mim. Ele me concedeu

um ano para estar junto a ele, só um ano, e não o deixarei nem um só dia antes.

Ada negou com a cabeça de novo — Temo que te enfeitiçou.

Rhianna conteve um sorriso — Asseguro-lhe mãe que não é nenhum bruxo.

— Apostaria que tampouco é um simples homem — Disse Ada — É mau, Rhianna. por que não se dá conta?.

— Ele não é mau, mama. foi amável comigo, com nossa família. esqueceu que Aileen não teria tido nenhum dote a não ser pela generosidade de Lorde Rayven? esqueceu que restaurou nossa casa, que ele é o que fez possível que conservássemos nossa terra depois de que papai morreu, que põe comida em nossa mesa e paga nossos vestidos?.

— Não o esqueci — Respondeu Ada em tom apaziguador — Mas temo que sua generosidade não nasce da bondade, Rhianna. Temo que somente seja questão de tempo o que conheçamos seus verdadeiros propósitos.

Rhianna negou com a cabeça. Começou a explicar a sua mãe sobre o refúgio no povo, mas fechou sua boca, recordando que tinha prometido a Rayven que não o diria a ninguém.

— Tenho que ir, mãe — Disse — Deu um abraço rápido a sua mãe e um beijo de despedida a suas irmãs — Voltarei a vê-las logo.

Ela guardou um comprido silêncio na carruagem enquanto retornavam ao castelo. Rayven olhou seus olhos entrecerrados, perguntando o que seria que a incomodava. Era a desaprovação de sua mãe? um pouco de melancolia porque sua irmã parecia felizmente casada? Ou estava tentando encontrar uma forma de dizer que tinha trocado de opinião a respeito de passar um ano em companhia de um vampiro?

— Rhianna?.

Ela girou seu rosto para ele, seu rosto nas sombras — Sim?

— O que é o que te incomoda?.

— Minha mãe. Acredita que é mau, e que há alguma escura razão pela qual esta sendo tão amável comigo e minha família.

— E que é o que pensa você?.

— Penso que morrerei se não me beijar logo.

— Ah, Rhianna...

— É que alguma vez vamos fazer amor, meu senhor?

— Casaria-se comigo, Rhianna?.

— Me casar com você? Ficou sem fôlego.

Tiamat World

— É isso tão repugnante?.

— Não, mas...

— Só durante o que fica de nosso ano, Rhianna. Se permanecer comigo o tempo que me prometeu, eu gostaria que fosse minha esposa.

— E depois?.

— Depois te liberarei de seus votos.

Sua proposta a deixou sem fala. Casar-se com ele?

— Deixarei que o pense durante um tempo, meu doce — Agarrou suas mãos, deleitando-se com o calor de sua pele — Quero-te, Rhianna, mais do que em toda minha vida tenha querido a alguém. mais do que desejo ver o sol de novo.

— Não precisa se casar comigo — Disse suavemente — Acreditava ter deixado claro que te amo sem condições.

— Ah, Rhianna, para minha surpresa, acabo de descobrir que ainda conservo dentro de mim um certo sentido da honra. Não tomarei sua virgindade, nem sua inocência, sem o respaldo do matrimônio — Beijou a palma de sua mão com sua língua acariciando a carne sensível, enviando calafrios de deleite através dela — Diga que sim, doce Rhianna.

Não poderia ver seu rosto na escuridão, mas podia sentir seus olhos fixos nela, esses olhos escuros, profundos acesos com um feroz fogo interior.

Vampiro.

— Não te machucarei, Rhianna McLeod.

— Sei — Olhou suas mãos, enlaçadas com as dele. Mãos fortes, mas que sempre tinham sido gentis com ela.

Lorde Rayven é um homem governado por escuros apetites. As palavras de advertência de Bevins, ditas com seriedade, advertiam-na que fosse cuidadosa.

Ele é mau, Rhianna. Por que não pode vê-lo? Ouviu o eco da voz de sua mãe no fundo de sua mente.

Indagou nos olhos de Rayven e soube que sabia de seus pensamentos, suas dúvidas.

— Rhianna...

— Casarei-me com você, meu senhor, quando você quiser.

— Amanhã de noite.

— Tão logo? Esperava...

— O que esperava, meu doce?

— Me casar em uma igreja, com um traje de seda branca e véu, com minha mãe e minhas irmãs a meu lado.

— Terá-as.

— Para amanhã de noite? Não acredito.

— Faz os preparativos para as bodas que sempre sonhou, Rhianna — Disse — Tudo o que te peço é que não me faça esperar muito tempo, e que a cerimônia se realize aqui na capela do castelo.

— Há uma capela aqui?

Rayven assentiu — Quanto tempo necessita?.

— Duas semanas deveriam bastar.

Bevins estava assombrado pelas notícias. A mãe de Rhianna estava horrorizada, suas irmãs mudas.

Montroy ficou aturdido.

Sentado frente a Rayven no Cotyer várias noites mais tarde, Dallon negou com incredulidade — Ela aceitou casar-se com você?.

Rayven assentiu. Podia sentir o ciúmes emanar do outro homem, a cólera, ver a mão do Montroy apertando fortemente a taça que sustentava — Nunca acreditei... Nunca acreditei que você se casaria.

— Nem eu — Respondeu Rayven. Passou o olhar ao redor do vestíbulo, saudando com um assentimento a Tewksbury e Jackson, que estavam jogando uma interminável partida de cartas.

— Suponho que a manterá presa nesse maldito castelo — Disse Dallon com voz tensa — Maldição Rayven, não pode mantê-la prisioneira!.

Rayven não se moveu, não trocou de expressão, mas Montroy soube que tinha ido muito longe.

Dallon esclareceu voz — Somente quis dizer que ela merece algo melhor que isso.

— Não será uma prisioneira — Disse Rayven — Será minha esposa. E como tal, terá liberdade de entrar e sair quando queira.

Dallon assentiu de novo. Sem passar por cima a advertência nos olhos de Rayven, ou a borda afiado de sua voz, e soube que seria sábio trocar de tema.

— Ela quer se casar na igreja com sua família a seu lado — Rayven comentou. Aspirou profundamente, e as aletas de seu nariz se encheram do aroma de uísque forte e à fumaça de seus

charutos puros e por cima de tudo à grossa e cálida essência de seu sangue.

Montroy se recostou em sua cadeira. Respirou profundamente, esforçando-se em tranquilizar-se — Não pode culpá-la por isso.

— Pediu a suas duas irmãs maiores que a acompanhem ao altar.

Rayven limpou sua garganta e passou o olhar ao redor da sala. Durante seus quatro séculos de existência, nunca tinha pedido um favor a outro homem.

Com um suspiro, olhou a Montroy de novo — Não tenho nenhum outro amigo a quem pedir — Disse sem matizes — Mas consideraria uma honra se você me acompanhasse.

Dallon o olhou de soslaio obviamente sem palavras e depois assentiu.

— Será um prazer para mim, Sua Senhoria — Respondeu Montroy seriamente, embora se perguntou como poderia suportar estar presente enquanto Rhianna entregava seu coração a outro — Quando se celebrará o matrimônio?.

— Dentro de dez dias.

Dez dias, Montroy pensou, e se perguntou se haveria algo que pudesse fazer para convencer Rhianna de que não se casasse, antes de que fosse muito tarde.

Durante a semana seguinte, o castelo de Rayven esteve mais agitado do que tinha estado durante quatrocentos anos. A mãe de Rhianna e as irmãs vinham freqüentemente a ajudá-la com a confecção do traje de bodas e a planejar o banquete de bodas.

Deveria ter sido uma ocasião feliz, Rhianna filosofou. Deveriam ter havido sorrisos e risadas enquanto se sentavam pelas tarde a trabalhar em seu vestido de noiva, mas qualquer que olhasse o rosto de sua mãe teria pensado que se preparavam para um velório. Ada resmungou repetidamente que nada bom sairia deste matrimônio, que havia maldade dentro do castelo, que Lorde Rayven não era o homem nobre que parecia. Rhianna fez o melhor que pôde para ignorar as horrendas advertências de sua mãe, entretanto algumas vezes, quando estava sozinha, perguntava-se quanto bom poderia sair ao casar-se com um vampiro.

Suas irmãs pensaram que era romântico que se casasse com o escuro senhor do castelo. Lançaram grandes exclamações de assombro enquanto lhes mostrava o castelo, maravilhando-se das tapeçarias que pendiam das paredes, das enormes lareiras nos salões, das pesadas espadas que penduravam cruzadas sobre a lareira. Atravessaram correndo os jardins; Estavam encantadas com o labirinto.

Bevins, por sua parte, estava encantado com a mãe de Rhianna. Usava qualquer desculpa para entrar na sala quando Ada estava ali, para uma pausa na porta cada vez que passava por ali,

detendo-se para perguntar se desejavam algum refresco. Ada fingia estar alheia ao interesse de Bevins, Rhianna se dava conta de que gostava pela forma em que os olhos de sua mãe brilhavam quando Bevins estava junto a ela, da forma em que suas bochechas se ruborizavam quando suas mãos acidentalmente se roçavam.

Bridgitte foi a primeira em mencioná-lo em voz alta. Estavam no quarto, costurando a barra do vestido de noiva de Rhianna, quando Bevins entrou no quarto com uma bandeja de chá e uns pãozinhos. Serviu um a cada uma, sorriu a Ada, e saiu do quarto.

— Acredito que gosta de você mama — Comentou Bridgitte — Sempre lhe dá a bolacha maior, e seus olhos sorriem quando a olha.

— Não sei de que esta falando — Replicou Ada.

— É certo — Brenna sorriu abertamente a sua irmã menor — Talvez logo tenhamos um novo pai.

— Se cale, Brenna — Admoestou Ada.

— Parece simpático — Mama adicionou Lanna — E seus olhos sorriem quando a olha.

— Tolices!.

— Não são tolices, mama — Disse Rhianna — Ele me disse que pensava que era uma mulher formosa.

— Quando? — Perguntou Ada, com suas bochechas ardendo — Quando te disse isso?.

— A primeira vez que me trouxe para casa.

Ada sobressaltada e adulada, agachou a cabeça sobre sua costura para que suas filhas não pudessem ver suas bochechas avermelhadas. Tinham passado anos desde que um homem a tinha olhado assim. Mais anos dos que podia recordar. Poderia ter encontrado o interesse de Bevins adulator se tivesse sido qualquer outro, mas ela não queria ter nada que ver com qualquer que trabalhasse para Rayven. Já era suficientemente duro estar aí vendo sua filha a ponto de cometer o que Ada acreditava que era o engano maior de sua vida. Passou a agulha através da malha, amaldiçoando silenciosamente a seu marido. Se não tivesse sido por Vincent, Rhianna e Rayven nunca teriam se conhecido.

Ao entardecer, a mãe de Rhianna e as irmãs se foram. Rhianna todas as noites as convidava para jantar, mas Ada sempre recusava. Dava todo tipo de desculpas, mas Rhianna sabia a verdade, sabia que a sua mãe dava medo estar no castelo depois do anoitecer. Havia muitas histórias de estranhos passos pelo castelo de Rayven, muitos rumores de fantasmas e de vampiros pelo local. Cada noite antes de ir, Ada desenhava o sinal da cruz na testa de Rhianna e recordava que rezasse

suas orações e deixasse seu rosário ao alcance da mão.

Esta noite não foi diferente. Rhianna permaneceu no batente da porta, sentindo ainda na testa o rastro dos calosos dedos de sua mãe enquanto observava como se afastava a carruagem.

Com um suspiro, Rhianna fechou a porta e se dirigiu para o salão. Sentou-se em seu lugar habitual, sorrindo a Bevins enquanto colocava um prato frente a ela.

Um momento mais tarde, Rayven entrou no quarto. Beijou-a na testa e depois tomou seu assento acostumado frente dela. Instantes depois Bevins pôs diante dele uma jarra e sua taça.

Rhianna olhou a jarra, o escuro líquido vermelho que brilhava tenuemente dentro do cristal. Afastou o olhar enquanto Bevins enchia a taça e a entregava a Rayven.

Sangue de ovelhas e vinho. Como tinha podido sobreviver tomando isso durante mais de quatrocentos anos?

Cravou os olhos em seu prato, na carne de cordeiro, as batatas e o pão recém assado e tentou imaginar como se sentiria se não pudesse comer comida sólida nunca mais, se se visse forçada a beber sangue de pessoas ou de animais para sobreviver.

Pensou em todas as coisas que adorava, o pão, queijo e o chocolate. O brilho do sol, a grama recém molhada pelo orvalho. Nadar no lago em um caloroso dia de verão. Trabalhar no jardim com o sol em suas costas e o perfume da terra fresca recém cavada enchendo as aletas de seu nariz. Vigiar aos meninos brincando... As coisas perdidas para sempre para o homem sentado frente a ela.

Assim seria quando estivessem casados, pensou. Nunca compartilhariam uma comida, ou caminhariam de mão pelas manhã no jardim quando o arvalho brilhava sobre a terra. Nunca conheceria a maravilha da maternidade. Trocaria sua vida para adaptar-se a dele. A lua se transformaria em seu sol, a noite seu dia.

Repentinamente se deu conta do silêncio na sala. Podia sentir seu olhar ardendo nela. Aspirando profundamente, obrigou-se a olhá-lo.

Viu uma grande dor. Uma dor sombria, implacável. E sob tudo isso, o isolamento de quatrocentos anos. Como o tinha podido suportar?

Ele não disse nada, só ficou olhando e soube que tinha adivinhado cada um de seus pensamentos, que havia sentido sua repulsão, sua piedade. Sentiu a fúria borbulhante sob a superfície, sua cólera, sua amargura.

Seu coração saltou uma pulsação enquanto ele se levantava. Por um momento, ficou olhando-a fixamente e depois, com um revôo de sua capa ao redor de seus tornozelos, saiu da

sala. Um momento mais tarde, ouviu o forte golpe de uma porta ao fechar-se e soube que tinha abandonado o castelo para vagar pelo jardim e também soube que cedo ou tarde, iria ao labirinto. Sentaria-se à sombra do lobo e o corvo e ficaria olhando à escuridão que era uma parte de si mesmo. Como tinha sobrevivido a séculos de escuridão?

Ficou sentada durante um momento e depois, lentamente, ficou de pé para o seguir.

— Não o faça, senhorita.

— Bevins, não o vi..

— Deixe-o, senhorita Rhianna.

— Não posso. Ele sofre...

Bevins assentiu — Sim, senhorita, mas está acostumado a isso a muito tempo tempo.

Cravou os olhos em Bevins como se o visse pela primeira vez — Todo este tempo, você soube o que ele era e nunca me disse. E logo um novo pensamento cruzou sua mente — Você, também é um deles?.

No mesmo instante em que fez a pergunta, soube que era impossível — Tem-no feito... ?. Tentou encontrar uma forma de expressá-lo delicadamente, e não encontrou nenhuma.

— Ele bebeu de mim no passado, senhorita, quando não havia ninguém e nada mais disponível.

— Sua lealdade é muito forte.

— Salvou minha vida, senhorita. Que menos poderia fazer?.

Rhianna olhou para a janela. Mais à frente só pôde ver a escuridão. Rayven estava ali fora, só e triste e era por sua culpa. Tinha-o conduzido para fora, de noite.

— Devo ir com ele — Encaminhou-se para a porta enquanto falava — Está no labirinto?.

— Não, senhorita.

— Não? — deteve-se virou — Abandonou as terras do castelo?.

— Não, senhorita.

— Bevins!.

— Sinto muito, senhorita Rhianna.

— Então o encontrarei eu sozinha — Exclamou, e saiu do castelo.

Fora, ficou quieta tremendo na escuridão. E depois, repentinamente, soube onde estava.

Custou vinte minutos encontrar o caminho para a portinhola na parede do norte. Tremia de frio, mas tinha chegado muito longe para retornar a procurar um xale. Uma fria névoa umedecia seu cabelo.

A portinhola se abriu facilmente sobre dobradiças bem engorduradas e se fechou cuidadosamente atrás dela. A erva úmida amorteceu o ruído de seus passos e molhou seus sapatos. E depois o viu, um pequeno rebanho de ovelhas amontoadas contra uma rocha. Enquanto se aproximava não fizeram o menor caso. Olhou atentamente na escuridão, tentando ver o que era o que monopolizava sua atenção.

Ao princípio não viu nada mas depois vislumbrou um tom de branco contra a grama úmida de orvalho, e por cima do corpo das ovelhas um par de olhos. Uns olhos que brilhavam intensamente na escuridão com uma luz vermelha sobrenatural.

E depois uma forma escura se elevou atrás da ovelha morta.

O lobo tinha o cabelo negro. O sangue gotejava de suas presas. Um grunhido baixo retumbou profundo em sua garganta, fazendo percorrer um arrepiou de terror por sua coluna vertebral.

Fora! A voz de Rayven ecoou em sua mente. Saia!

Lentamente, deu um passo atrás, e depois outro, e outro até que embargada por um horror sem nome, Virou-se e correu para a segurança do castelo.

Bevins a estava esperando na porta. Não fez nenhuma pergunta, simplesmente a envolveu uma quente manta de lã ao redor de seus ombros e a acompanhou até seu quarto. Como se fosse uma menina, ajudou a tirar a roupa e colocar a camisola. Trouxe-lhe uma xícara de chá quente e se sentou a seu lado enquanto bebia. Quando xícara se esvaziou, puxou suas mãos, e a meteu na cama. Endireitando-se, apagou todas as velas exceto uma, e depois, sentou-se em uma cadeira ao lado da cama, Bevins segurou sua mão e se dispôs a acompanhá-la durante a noite.

CAPÍTULO DEZESSETE

Rayven estava na janela da torre do leste, cravando os olhos no céu. Podia sentir o amanhecer aproximando-se, sentir o sono cadavérico tentando alcançá-lo, sentir-se transpassado pela escuridão que logo o envolveria como um sudário.

Tocou sua capa, sentiu como se enroscava mais fortemente a seu redor, envolvendo-o como se fosse um casulo em voltas de seda e veludo.

Rhianna o tinha visto em forma de lobo no campo, o cabelo arrepiado em seu lombo, suas presas deixadas ao descoberto e ensangüentados. A imagem de seu horror, seu asco, tinha ficado

gravada em sua mente, e cada vez que fechava os olhos a via de novo.

Pois bem, meditou, voltando as costas à janela, isso era o que havia. Agora não queria casar-se com ele. Sem dúvida abandonaria o castelo logo que despertasse e não a deteria.

Sabendo que nunca voltaria a vê-la, abandonou a torre e conseguiu chegar graças a sua firmeza até seu quarto.

Bevins se levantou imediatamente quando seu senhor entrou no quarto.

— Como está? — Perguntou Rayven.

— Dormindo tranquilamente, sua Senhoria.

Rayven assentiu — Quando hoje lhe pedir sair daqui, quero que a ajude a empacotar suas coisas, depois leve-a a sua casa, aonde pertence.

— Sua senhoria?.

— Fui um estúpido ao pensar que poderia haver algo entre nós.

— Ela o ama, sua Senhoria, estou seguro disso.

Rayven negou com a cabeça — Ela tem um coração suave. Temo que só é piedade o que sente por mim e não posso viver com isso. Não me casaria com ela, sabendo que somente sente pena por mim, ou teme me machucar — Negou com a cabeça outra vez — É hora de seguir adiante. Irei daqui na próxima semana.

— Vai partir?.

— Já permaneci aqui durante muito tempo. Comece a empacotar suas coisas, e as minhas, também.

— Como você deseje, sua Senhoria, mas...

A cabeça de Rayven se elevou rapidamente, olhando fixamente para a janela — Esta amanhecendo — Disse, com voz premente — Falaremos mais tarde.

Bevins suspirou enquanto via seu senhor abandonando o quarto. Era uma pena, que essa horrível maldição lhe negasse a única coisa que desejava quão único podia fazê-lo feliz. E nunca tinha havido felicidade na vida de seu senhor nem na sua. E provavelmente, nunca a haveria, filosofou tristemente.

— Nunca quis machucá-lo.

Bevins se virou abruptamente — Acreditei que estava dormindo, senhorita.

— Senti sua presença e despertei. por que ele... O lobo, era ele? — Disse-me que podia transformar-se em um lobo, mas realmente não acreditei.

— Sim, senhorita, é a pura verdade.

Rhianna se incorporou e segurou as mantas sob seus braços — Por que o fez? Matar a essas ovelhas, quero dizer?.

— É nesta forma no que se transforma quando tudo se volta muito doloroso para suportá-lo. Houve um tempo no que descarregava sua cólera contra os mortais, mas não matou a ninguém desde que estou com ele.

— Não quis machucá-lo — Disse Rhianna de novo — Tinha esquecido que podia ler minha mente.

— É natural que lhe cause repulsão o que ele é.

— Suponho que sim.

— Partirá esta manhã?.

— Não sei — Ficou olhando para fora da janela. As cortinas estavam abertas, e podia ver o começo de um novo dia. O céu era azul claro, salpicado com matizes vívidos de ouro, rosa e carmesim.

Ele não tinha visto o sol desde fazia quatrocentos anos...

— Bevins, necessitaria que me levasse a povoado. Necessito alguns pincéis novos.

Ele despertou como sempre, instaneamente, seus sentidos alerta explorando o castelo. Bevins estava preparando o jantar na cozinha. Um guisado condimentado com cebolas e tomilho.

Partiu-se? Incorporando-se, procurou sua presença. Sua força vital o atraiu como uma vela brilhando na escuridão. Durante um momento, fechou seus olhos, sentindo um alívio quase doloroso por sua intensidade ao saber que ainda estava ali. Perversamente, perguntou-se por que não se foi quando teve a oportunidade.

Levantando-se, vestiu-se rapidamente, depois descendo as escadas apressadamente, não sendo seu passo mais que um borrão de movimento na escura escada.

Quando chegou abaixo, fez uma pausa e aspirou profundamente.

Estava no salão.

Segurou sua capa, esfregando o suave veludo entre seu polegar e seu dedo indicador, perguntava-se como poderia enfrentá-la depois do de ontem à noite. Ainda não o tinha visto derrotado, quando a luxúria pelo sangue o vencia, quando seus olhos estavam afundados e ardendo pela necessidade. Não tinha visto depois quando se parecia mais a monstro que um homem, quando sua pele estava estirada em capas magras e a fome arranhava seus órgãos vitais, pedindo ser saciada.

Mas o que tinha visto a noite passada já era suficientemente mau. Com suas emoções feridas a flor da pele e seu profundo desejo tinha tomado a forma de um lobo e tinha matado uma das ovelhas. Tinha arrancado a garganta do animal, esperando assim aliviar sua frustração em um desdobramento de violência e derramamento de sangue. Em toda sua vida, até essa noite, ninguém, salvo Bevins, tinha-o visto fazer isso.

Aspirou profundamente, arreganhando a si mesmo por sua covardia. Em algum momento tinha que enfrentá-la.

Ea elevou a vista quando ele entrou no quarto. Seu sorriso era forçado e seus olhos refletiram um tumulto de emoções: medo, tristeza, compaixão, ansiedade.

— Boa noite, senhor — Disse Bevins, quebrando o pesado silêncio.

Rayven saudou com a cabeça de maneira concisa, e Bevins saiu da sala. Voltou um momento depois levando uma pesada jarra de prata e uma taça de cristal.

O olhar de Rhianna foi atraída para o grosso líquido vermelho enquanto Bevins enchia a taça e a deixava frente a seu senhor.

Rayven a olhou enquanto lentamente levantava o copo, deliberadamente, tomou um comprido trago, saboreando o grosso sabor, ligeiramente saboreou o líquido quente.

Embora o tentou, Rhianna não pôde deixar de sentir um estremecimento de repulsão enquanto ele bebia de repente o conteúdo da taça e depositava o copo vazio sobre a mesa.

Sem pronunciar uma só palavra, Bevins elevou a jarra e preencheu a taça.

Rayven levantou seu copo, seu olhar apanhando o de Rhianna enquanto cravava seus olhos nela sobre o cristal esculpido — Por que está ainda aqui? — Perguntou intempestivamente.

— Porque desejo estar aqui, meu Senhor — Respondeu, com voz apenas audível. — Porque você me necessita.

— Não preciso de você, nem a sua piedade — Disse, com voz afiada — Não preciso de ninguém.

— Não me necessita?.

Ele levantou a taça e consumiu o conteúdo em um comprido gole — Suma daqui — Disse intempestivamente — Se retire de minha presença. Fora de minha casa!.

Rhianna ficou olhando durante um momento, assombrada pela dureza no tom de sua voz, pela fúria mal reprimida que resplandecia nas profundidades de seus olhos de ébano. Não parou para perguntar-se se sua cólera estava dirigida a ela ou a si mesmo. Assustada e confusa, levantou-se e fugiu do quarto.

O leve som de seus passos subindo rapidamente as escadas ressonou em seus ouvidos como se fosse um trovão.

— O que eu fiz? — Murmurou roucamente — O que eu fiz?

— Sua Senhoria, as bodas terá lugar amanhã de noite.

Rayven ficou olhando absorto sua taça vazia. Umas poucas gotas do brilhante líquido ficaram aderidas ao cristal, recordando às lágrimas ensangüentadas — Não posso me casar com ela — Disse tristemente — Não posso permitir que se case comigo.

— Sua família vai vir esta tarde.

— Se ocupe de que se vá com eles.

— Como você desejar, Senhor.

Lentamente, Rayven se levantou e se dirigiu para a janela. Afastando a um lado as pesadas cortinas, olhou com atenção para fora, à escuridão. Nunca a noite tinha parecido tão escura, tão vazia.

— Não posso seguir sem ela. — Em resposta à tristeza em sua voz, sua capa se enroscou mais apertadamente a seu redor, mas desta vez, a suave carícia do objeto não conseguiu acalmá-lo — Bevins, o que devo fazer?.

— Sobreviva, Senhor, como sempre.

Lentamente, Rayven negou com a cabeça — Não posso — A lembrança do único dia em que ela tinha dormido junto ele, emergiu em sua mente atormentando-o. Recordou que quando despertou, foi seu doce e sereno rosto o primeiro que tinha visto. Não podia suportar o pensar que nunca voltaria a experimentar essa felicidade de novo.

Girou-se. Com sua capa formando redemoinhos a seu redor e logo posando-se suavemente sobre ele de novo.

— Não posso — Murmurou roucamente, e saiu da sala.

Misturando-se com as sombras, procurou abrigo na escuridão da noite, e soube que nunca mais voltaria a encontrar refúgio nas sombras.

Viajando a velocidade sobrenatural, deixou Millbrae Valley atrás, dirigindo-se para a cidade. Vagou na escuridão durante horas. Errando entre as ruas de Londres cheias de névoa, torturou-se observando aos casais passeando. Escutou sua risada, apareceu à janela de uma acolhedora casa para ver uma mãe cuidar de seu bebê, viu um pai consolando um menino choroso.

Seguindo adiante, viu um jovem casal abraçar-se à luz da lua. O perfume de seu sangue, sua paixão nascente, avivou seus sentidos.

Passeou ao longo de uma tranqüila rua residencial, fazendo pausas diante de uma casa atrás de outra para escutar as conversas de seus habitantes. Escutou as crianças rindo, a um marido brigando com sua esposa pelo preço de uma nova boina, ouviu uma mãe cantando uma doce canção de ninar a sua filhinha recém-nascida.

Sons comuns.

Sons ordinários.

Sons humanos.

E sobre tudo e por cima de tudo, viu o rosto de Rhianna, ouviu o suave tom de sua voz.

Nunca antes tinha desejado tanto ser mortal como esta noite. Nunca sua existência lhe tinha parecido tão vazia.

Passeou pelas ruas de East End, as fossas nasais cheias do perfume de seres humanos, o perfume enjoativo de uma rameira, o fedor de corpos sem lavar perto do cais, a fragrância a pó, sabão e tabaco fino enquanto caminhava até a parte rica da cidade.

Foi a Park Lane, odiando os ricos habitantes que comiam e dormiam em suas mansões, esses membros da alta sociedade que passavam seus dias na caça da raposa ou indo às compras pelo Bond Street. Desprezando-se por isso, invejou aos jovens ricos que se levantavam pela manhã cedo para ir passear a cavalo pelo Hyde Park, passavam a tarde em seus clubes, e suas noites na ópera em companhia de outros jovens igualmente ricos e mimados e belas mulheres.

E sempre o sangue chamando-o, tentando-o, grossa, substanciosa e quente, cheia de vida. Mas se recusou a caçar, recusou-se a ceder à necessidade vibrando através dele. Deu a bem-vinda à dor, que o recordava quem era, que para já muito tempo que tinha perdido o direito de amar a uma mulher mortal.

E depois cheirou o amanhecer.

Praguejou baixo, amaldiçoando sua estupidez, sua cólera, que o tinha mantido afastado de sua casa durante muito tempo.

O sol o perseguiu através das ruas, seu calor zombando dele, enchendo-o de terror enquanto pensava o que aconteceria se não alcançasse refúgio antes que a luz o encontrasse.

Por um instante, pensou em render-se ao amanhecer. Se não podia ter a Rhianna, então para que viver? Mas um raio de brilhante e quente luz dourada abasou sua bochecha esquerda, chamuscando a pele. A dor, o fedor de sua carne queimada, esporeou-o.

Sentiu o calor abrasador do sol em suas costas enquanto atravessava a porta do castelo fechando-a de repente atrás dele, depois correu a grande velocidade subindo as escadas para a

torre do leste.

Respirava pesadamente quando chegou a seu santuário. O lado esquerdo de seu rosto e sua mão esquerda abraçavam como se estivessem ardendo a fogo lento.

Com sinais de dor em seu rosto, fechou a porta atrás dele. E depois viu, a saída do sol sobre um lago na montanha. As fitas de seda de brilhante cor salpicando o céu do amanhecer, brilhantes tons alaranjados, ocre e escarlates. O lago, sua superfície lisa como um espelho, refletia as cores do céu. Muitas flores bordeavam a água. Brancas, vermelhas e amarelas, rosadas e de cor violeta, puras e frescas. Um pássaro azul estava posado sobre o ramo de um salgueiro, seus olhos escuros tão brilhantes que pareciam vivos.

Cravou os olhos na cena, esquecendo a agonia em sua carne chamuscada. O tinha presenteado com a saída do sol, uma da que poderia desfrutar sem temor.

Rhianna... Elevou a mão até sua bochecha, assombrado quando as pontas de seus dedos notaram a umidade. Cravou seus olhos nessa única lágrima vermelha em seu dedo. Rhianna...

— Meu senhor?.

Tinha atraído magicamente sua presença com suas lágrimas? Tampouco o lado esquerdo de seu rosto com sua mão direita e escondeu a esquerda nas dobras profundas de sua capa — Não te disse que fosse?.

— Não posso te deixar — Respondeu silenciosamente — Prometi ficar contigo durante um ano e você... — Moveu-se para ele — Você prometeu se casar comigo.

Passou silenciosamente por seu lado, com a mão cobrindo seu rosto — Está louca? por que não se foi?.

— O que aconteceu a seu rosto?

— Nada. Se virou de costas — Suma, Rhianna.

— Não te deixarei.

— Suma, agora — Sua mão esquerda se fechava com força baixo as dobras de sua capa. Fechou seus olhos e aspirou profundamente. A dor de suas feridas aumentava sua fome. Necessitava sangue para cicatrizar suas feridas e o sangue das ovelhas não o saciaria. Rhianna.

— Saia!. Sobressaltou-se diante o contato de sua mão nas costas. Podia sentir a escuridão envolvendo-o. Logo, sucumbiria ao sono escuro dos não mortos.

— Esta sofrendo! — Exclamou. Pressionando a mão contra suas costas — Posso sentir, o segurou pelo ombro, tentenado irá-lo para ela. Foi como tentar mover uma montanha — O que aconteceu?.

— Nada. Sai, Rhianna. O amanhecer... Devo descansar.

Decidida ou seja o que ocorria, virou a seu redor até ficar frente a ele. Seus olhos ardiam enquanto a olhava, mas não resistiu quando afastou a mão de seu rosto.

— Rayven!. — Um lado de seu rosto estava horrivelmente queimado. Sua pele estava vermelha e em carne viva — O que aconteceu?.

Soltou um longo suspiro que parecia conter todos os pesares do mundo — Andei sem cuidado.

— Sem cuidado? — Fechou com força as mãos para evitar o tocar.

— Ia atrasado para chegar a casa. O sol... — Suas palavras se desapareceram e encolheu os ombros.

— O sol te fez isto?.

Ele assentiu, cansadamente.

— O que posso fazer?.

— Me deixe sozinho, Rhianna. Cicatrizará sozinho.

—Seriamemente o fará? — Olhou-o duvidando.

Ele assentiu de novo. Desabotoou a capa e a lançou sobre o colchão — Vai, Rhianna — Caminhou cegamente para a cama, sua força acabando enquanto o sol se levantava mais alto no céu. Caiu sobre o colchão e fechou os olhos — Diga ao Bevins que o necessito.

— Se me disser o que necessita, proporcionarei-lhe isso eu mesma.

Gemeu como se sofresse uma grande dor e depois negou com a cabeça — Traz o Bevins.

— Necessita sangue, para se curar, não é? — Não soube o que a impulsou a fazer essa pergunta, mas sabia que era a verdade.

— Rhianna... Por favor vá procurar o Tom.

Era a primeira vez que tinha ouvido usar o nome de batismo do outro homem. Em certa forma, isso fez que sua necessidade parecesse até mais urgente. Ele necessitava sangue, e repentinamente precisou lhe dar o seu, ser ela a que aliviasse seu sofrimento.

Foi para a cama e se sentou na borda. Amavelmente, afastou uma mecha de sua testa e depois acariciou sua face ilesa.

As pálpebras de Rayven se abriram de repente. Por um momento, acreditou que a despediria e depois, com um suspiro se virou para ela e tomou sua mão. Seus movimentos foram lentos, seus olhos com as palpebras entreabertas enquanto beijava sua palma. Seus lábios estavam frios e secos, enviando calafrios que percorriam sua coluna enquanto lambia a suave pele

de seu pulso. Contemplou-a, seus olhos escuros acesos com um fogo interior, e depois a rodeou com seus braços segurando-a, imobilizando-a como se fossem frias barras de aço.

Sentiu uma repentina apreensão enquanto seus lábios rastream seu pescoço, tremeu incontroladamente quando sua boca se fechou sobre a carne suave. Houve uma dor repentina, bem definida, mas antes que pudesse emitir um só gemido, a dor foi absorvida de repente por uma quebra de onda de prazer raramente sensual.

Ele estava bebendo seu sangue. Deveria sentir-se enojada, aterrorizada, desgostosa. Em vez disso, sentiu uma corrente de satisfação. Estava necessitado e ela satisfazia sua necessidade da forma mais íntima possível.

Uma estranha frouxidão se apoderou dela. Sua boca era calida, estranhamente erótica, e se apertou mas a ele, querendo estar mais perto. Sua língua acariciou sua pele, uma vez, duas vezes. Ela gemeu suavemente quando a afastou.

— Rhianna? Rhianna! — Sacudiu-a ligeiramente — Me responda!.

— Não pare — Queixou-se.

O temor por sua vida, tirou-o da letargia que o arrastava para a escuridão. Com um esforço, levantou-se segurando Rhianna contra ele. Ficou olhando fixamente com horror as duas marcas iguais que arruinavam a perfeição de sua garganta. O que tinha feito?

Bevins! Sua mente gritou o nome.

Uns momentos mais tarde, Bevins apareceu no portal.

— Traga algo para beber. Se apresse!.

Bevins saiu tão rapidamente como tinha chegado. Minutos mais tarde, retornou levando uma xícara de chá quente com um bom jorro de brandy.

— Rhianna, bebe isto — Rayven segurou a delicada xícara de porcelana da China contra seus lábios, sua testa enrugada com preocupação enquanto observava como tragava o conteúdo.

Rhianna ficou sem fôlego enquanto tomava um gole de conhaque. Nunca tinha provado o álcool, e o brandy deixou um rastro ardente em sua garganta para seu estômago.

— Bebe tudo — Urgiu Rayven.

O calor a invadiu enquanto obedientemente bebia o resto.

Rayven sorriu ao retornar a cor às bochechas de Rhianna — Está bem? — Perguntou ansioso.

Ela soluçou, depois sorriu.

— O que aconteceu?.

— Temo que tomei mais da conta.

Bevins olhou indignado a Rayven, seus olhos cor café cintilando coléricos enquanto compreendia por que Rhianna se via tão pálida quando tinha entrado no quarto, do por que se mostrava desorientada e débil.

— Você não devia! — Exclamou Bevins — Me diga que você não usou a esta menina para apagar sua diabólica sede!.

Rayven afastou o olhar, incapaz de enfrentar a censura no rosto de seu criado. Pela primeira vez durante seus quatrocentos anos de vida, sentiu-se envergonhado pelo que tinha feito.

— Por que não me chamou? — Bevins perguntou, sua voz com tom acusador. Olhou as avermelhadas bochechas de Rhianna — Uma coisa é tomar um pouco de vez em quando. Isso, posso entender. Mas isto, usá-la como se fosse uma de suas malditas ovelhas

A cabeça de Rayven se elevou de repente, seus olhos escuros cheios de advertência — Cale-se — Disse concisamente — Ou te silenciarei para sempre.

Bevins tragou a aguda réplica que estava a ponto de surgir por sua boca.

— Foi minha idéia — Disse Rhianna, alarmada pela tensão que vibrava entre os dois homens — Pediu-me que o chamasse, mas não o fiz.

— Veja o pálida que esta — Bevins deu um passo adiante, com a preocupação enrugando sua testa — Você tomou muito.

Rayven negou com a cabeça. Ele não tinha tomado o suficiente para pô-la em perigo. Somente era, que esta era a primeira vez que tinha tomado um pouco mais de umas gotas.

Resmungando um juramento, voltou para cama, incapaz de opor-se durante mais tempo à escuridão que o envolvia — Se encarregue dela... Ordenou, e depois o negrume o reclamou.

CAPÍTULO DEZOITO

Ela estava dormindo a seu lado quando o crepúsculo o liberou de sua prisão de escuridão. Seu cabelo estava estendido pelo travesseiro, um atoleiro de ouro contra a negra seda. Seu braço descansava sobre seu peito, sua cabeça sobre seu ombro como se fosse um travesseiro. Uma magra perna se enroscada entre as suas.

O calor de sua suave carne contra a sua, a fragrância de seu cabelo, o perfume de seu sangue, despertou com dor entre um fôlego e o seguinte.

O que ia fazer com ela? Recusava a deixar se intimidar por ele, recusava abandoná-lo quando

lhe dava a oportunidade. Ontem à noite, quando deveria ter saído fugindo de sua presença, tinha-lhe devotado o mesmo ser de sua vida. Em toda sua vida, nenhuma outra mulher tinha ido a ele voluntariamente, nem o tinha cuidado com amor. Nenhuma tinha visto mais à frente do monstro, somente o homem que ansiava liberar-se da escuridão que se deu procuração dele.

Rhianna... Tinha procurado em seu coração e sua alma e tinha dado um presente que não podia comprar, o sol ao que não se atreveu a olhar durante quatro séculos.

Girando a cabeça, Rayven estudou a pintura. Inclusive na escuridão, podia vê-la; Os matizes de tons quentes que refletiam a saída do sol, o azul do lago, as brilhantes e atrevidas cores das flores, os pássaros posados sobre os ramos das árvores. Fazia tanto tempo que não tinha visto as flores à luz do dia, a água de um lago cintilando à luz do sol. Tinha visto pinturas criadas por artistas magistrais, mas nenhum mais belo que esta.

Rhianna...

Beijo suavemente sua face. Tinha uma agradável nova visão do sol. Se ficava alguma pinga de honradez em seu ser, em troca lhe daria sua liberdade. Deixaria-a agora, enquanto dormia. Partiria e nunca a voltaria a ver.

Mas não o faria. Não podia. Em todos estes quatrocentos anos, ela era sua única oportunidade de ser feliz. Esta noite seria sua esposa. Mimaria-a e a amaria durante tudo o que ficava deste ano, e depois a enviaria de retorno a seu mundo, onde tinha seu lugar. Seu coração, que acreditava ter duro como as paredes de pedra de seu castelo, parecia desmoronar-se de só pensar.

Com um sonolento suspiro, moveu-se entre seus braços, abriu seus olhos, e sorriu. Tinha uns olhos tão belos, meditou, de um azul como um céu do verão.

— Boa noite, meu senhor — Disse. Sua voz áspera pelo sono o acariciou como se fosse suave veludo.

— Boa noite, Rhianna.

— Podemos ter um pouco de luz?.

Com um grunhido suave de aquiescencia, olhou fixamente para a vela ao lado da cama, a qual instantaneamente resplandeceu com uma suave luz — Assim esta melhor?.

— Sim, obrigado.

— Não disse obrigado pela pintura.

— Gostou?.

— Muitíssimo — As pontas de seus dedos acariciaram a suave curva de suas bochechas —

Por que não foi, quando te pedi que o fizesse?.

— Porque me necessita, meu Senhor, não importa quanto o negue.

— E por que ainda esta aqui, a meu lado?.

— Uma vez me disse que tinha encantado ver que estava a seu lado quando despertou —

Replicou candidamente — Deveria partir?

— Não. — Seu braço se apertou mas fortemente a seu redor — Não te assusta meu sono cadavérico?

— Um pouco.

— É uma menina assombrosa.

— Não sou uma menina, meu senhor — Embora supôs que comparada com seus anos, realmente devia parecer muito jovem — Seu rosto — Posou sua mão sobre sua face, seus olhos aumentados pela estranheza. Sua pele, embora ainda vermelha, não se via tão mal como a noite anterior — Esta muito melhor.

Rayven olhou sua mão. A horrível vermelhidão da queimadura tinha desaparecido, embora a pele ainda não se regenerou completamente. Outras lesões cicatrizavam totalmente durante a noite, enquanto dormia, mas as queimaduras sempre tomavam mais tempo.

— Sem dúvida quando ver meu rosto, ainda assustarei mais a sua mãe.

— As bodas! — Rhianna se ergueu de repente — Que horas são?.

— Perto das seis.

—As seis! Devemos estar casados às sete! Por que não despertou mais cedo! — Exclamou, e depois se ruborizou furiosamente.

Rayven riu suavemente quando a cor alagou suas bochechas — Então, não mudou de opinião?.

— Não, mas tenho que ir — Levantou-se e passou uma mão por seu cabelo —Não poderei estar pronta a tempo. Ainda tenho que me banhar, me vestir, me pentear... — Agachou-se para depositar um suave beijo em seus lábios — Tenho que ir ;

— Tome todo o tempo que queira, doce Rhianna. Ainda não houve nenhuma bodas em que não se teve que esperar à noiva.

A capela estava localizada no outro lado do castelo. Estava construída com pedra branca e brilhava tenuemente à luz da lua cheia. Uma cruz de madeira esculpida estava situada a um lado do arco das duas portas de entrada. Os salgueiros agitados, murmuravam segredos na noite, enquanto as sombras jogavam esconderijo com a lua.

Permaneceu na escuridão, seu olhar fixo na capela. Durante todos os anos que havia possuído o castelo, somente tinha estado uma vez em seu interior

Girou-se rapidamente quando um familiar perfume alagou seu nariz — Senhora. — Inclinou-se respeituosamente.

— Não posso dizer nada para o persuadir de que suspenda estas bodas?

Rayven negou com a cabeça — Nada. Ela será minha.

— O que é você?.

Ele afastou o olhar, para depois voltar a olhá-la fixamente — Amo a sua filha, senhora McLeod. Juro que não lhe farei nenhum dano.

— Não acredito.

Ele encolheu os ombros — Achoo sua preocupação bem intencionada, mas bem tardia.

— Por que?.

— Esqueceu que seu pai me vendeu ela?.

Um rubor ardente subiu pelas bochechas da Ada McLeod — É obvio que não o esqueci!.

— Poderia conservá-la comigo pelo resto de sua vida — Disse Rayven — Não só um só ano — Levantou sua cabeça, seus sentidos examinando a brisa — Está aqui — Disse, e passando rapidamente pelo lado da mãe de Rhianna, desapareceu na escuridão.

Entrou na capela por uma porta lateral e tomou seu lugar no altar. A luz de uma dúzia de altas velas enchia o edifício de uma suave luz alaranjada.

Dallon Montroy permanecia a seu lado, com expressão solene. Montroy, quem preferia levar casacos com matizes brilhantes de verde e ouro, via-se quase apagado com um casaco azul escuro, uma gravata a raia, e calças de cor marrom.

Tom Bevins, estava solene e muito arrumado com seu escuro traje de cor café com gravata de veludo negro, estava sentado sozinho no lado esquerdo do primeiro banco. A mãe de Rhianna estava sentada à direita. Brenna e Bridgitte, vestidas com trajes de cor lavanda e azul, estavam sentadas a ambos os lados de sua mãe.

A Rayven não passaram despercebidas as olhadas furtivas que Bevins dirigia a Ada, ou o débil rubor que cobriu suas bochechas quando apanhou Bevins olhando-a.

O sacerdote tomou seu lugar no altar. Uns momentos mais tarde, Aileen chegou caminhando pelo corredor central, seguida pela Lanna. Ambas levavam vestidos de cor rosa, debruados de escuro veludo vermelho.

Depois viu a Rhianna. O marido de Aileen, Creighton, conduzia-a até o altar, mas Rayven só

tinha olhos para a Rhianna.

Levava um vestido de brocado de seda branca. O sutiã era de corte quadrado, as mangas largas e rodeadas. Um fino véu cobria seu rosto. Parecia um anjo, pensou, a mesma essência da pureza e a luz.

Ele era consciente das lágrimas de Ada McLeod, do ciúmes que irradiava Montroy em ondas de calor fora que pareciam areia ardente do deserto. Sentia os desejos de felicidade de Bevins, as dúvidas do sacerdote.

A pequena capela parecia ressonar com o som mistura de seus batimentos de coração e os pensamentos de outros, retumbando em sua cabeça, como um coro de vozes não desejadas.

—...Por que está fazendo isto, filha? No que te falhei?

—...Quero-te, Rhianna. Rezo para que seja feliz.

—...Sabe o que está fazendo? É muito tarde para adverti-la?

— Perdi-te, Rhianna. Por favor vêem ver-me frequentemente.

Sentiu a preocupação da Ada McLeod, o coração quebrado de Montroy, a ansiedade de Bridgitte, a sensação de perda do sacerdote, a curiosidade de Brenna enquanto se perguntava que é o que tinha acontecido em sua face, a esperança de Aileen de que sua irmã maior fosse feliz, a certeza de Lanna de que nem por toda a riqueza no mundo viveria no castelo de Rayven, com seu escuro senhor.

Aspirou profundamente e seu nariz se encheu do perfume do sangue fluindo por suas veias.

Mas esta noite se alimentou bem e a fome estava dormida em seu interior.

E então Rhianna estava ali, a seu lado, e bloqueou sua mente a tudo o que não fosse a beleza de quão jovem estava a ponto de transformar-se em sua esposa. Podia ouvir os rápidos batimentos do seu coração enquanto o olhava. Sua pele era suave e quente, seus olhos brilhavam com amor quando colocou sua mão sobre a dele.

Juntos se giraram para o sacerdote.

A cerimônia foi breve. Escutou as palavras que os uniam e pensou que em toda sua vida nunca tinha ouvido palavras mais belas.

Logo finalizou a cerimônia e ela era dele. Não pôde evitar o tremor em suas mãos quando afastou o véu de seu rosto. Nunca, em todos seus quatrocentos anos, tinha imaginado um momento como este. O tempo perdeu todo significado enquanto a contemplava, gravando sua imagem em sua mente e em seu coração para assim poder recordar a serena beleza de seu rosto quando se foi.

— Pode beijar à noiva — Repetiu o sacerdote com um forte sussurro.

Rayven inclinou a cabeça. E depois, com um profundo sentimento de adoração, rodeou a Rhianna com seus braços e a beijou. *Amo-te, doce Rhianna. Juro te amar e te respeitar enquanto for minha.*

Rhianna o olhou quando ele finalizou o beijo. Tinha imaginado sua voz em sua mente?

-Amo-te, doce Rhianna — Disse amorosamente — Juro te amar e te respeitar enquanto for minha.

Repetiu as palavras com serena intensidade, as mesmas palavras que ela tinha ouvido em sua mente. Antes que pudesse refletir sobre o que queria dizer, sua mãe e suas irmãs a rodearam.

— Felicitações, Sua Senhoria — Disse Dallon, oferecendo a mão a Rayven — Espero que você e sua esposa sejam felizes juntos.

— Obrigado, Montroy — Rayven respondeu sinceramente — Sei o duro que isto é para você.

— Certamente — Montroy fixou seu olhar em Rhianna. Nunca a tinha visto mais bela nem mais jovem. Nem mais desejável — Importa-se que beije à noiva?

— Essa é a tradição, acredito.

Com um assentimento, Dallon se encaminhou para a Rhianna — Desejo muita felicidade — Disse, agarrando a das mãos.

— Obrigado, Dallon.

Seu olhar sustentou o seu — É feliz? É isto o que você quer, ou o que quer ele?.

— Na verdade, Dallon, é o que eu quero. Nunca fui tão feliz.

— Então me alegre, por seu bem — Inclinou-se para beijar sua face e depois murmurou— Se alguma vez necessitar algo, somente tem que me enviar uma mensagem e estarei aqui imediatamente.

— Obrigado, Dallon.

Depois de um breve assentimento, girou-se e abandonou a capela.

Bevins tinha preparado um jantar para os convidados. Se alguém pensou que era estranho que o noivo não comesse nada, ninguém fez nenhum comentário.

Quando a comida teve finalizado, Aileen insistiu em mostrar o castelo a Creighton e rogou a Rhianna, sua mãe e suas irmãs que os acompanhassem, embora estas já o tinham visto.

Com um indefeso encolhimento de ombros, Rhianna se foi com eles.

Só no salão, Rayven se recostou em sua cadeira, uma mão sujeitando sua taça de cristal. Esvaziou-a de um só gole, encheu-a e a bebeu de novo.

Ela era sua esposa. Logo, faria-a sua esposa no mais íntimo sentido da palavra. A só idéia o assustava como nenhuma outra coisa nunca o tinha feito.

Encheu sua taça pela terceira vez, determinado a afogar sua fome em muito sangue com a esperança de que assim sua esposa estivesse segura entre seus braços. — Fiz o correto, Tom?.

Bevins ficou quieto na porta. Algumas vezes, inclusive depois de cinquenta anos, ainda o assombrava que seu senhor pudesse ler seus pensamentos, e sentir sua presença antes de entrar no quarto.

— Sua Senhoria?.

— Estou... — Aspirou profundamente enquanto contemplava as gotas vermelhas que brilhavam tenuemente no fundo de sua taça — ... Assustado.

— Ela o ama. Confia em você.

Rayven inclinou a cabeça — Mas, eu posso confiar em mim mesmo?.

Bevins cruzou a sala. Ajoelhou-se diante seu senhor e arregaçou a manga de sua camisa estendendo o braço — Tome tudo o que você necessite, Sua Senhoria.

Rayven assinalou a taça vazia — Isto deveria ser suficiente.

— Esta noite, o sangue das ovelhas pode que não seja o suficientemente forte para manter sua fome sob controle.

Rayven inclinou silenciosamente a cabeça, admitindo a verdade das palavras de seu criado. E depois, humilhado pela compreensão nos olhos de Bevins, envergonhado pela necessidade que o controlava, seus dedos se fecharam ao redor do pulso do homem.

— Foram-se todos? — Rayven se levantou quando Rhianna entrou no estúdio.

— Sim. Por que não saiu para se despedir?

Ele bufou suavemente, recordando como o tinha olhado a mãe de Rhianna, como se fosse um inseto que precisasse ser esmagado — Duvido que me sentissem falta.

— Rayven, que coisa a dizer!.

— Sua mãe não me suporta, meu doce, e suas irmãs se separam de mim como se fosse uma mistura de ogro e feiticeiro. Pensei que seria melhor, lhes economizar o ter que suportar minha odiosa presença.

Ela quis replicar, mas soube que seria inútil. Sua mãe passou os últimos dez dias tentando fazer mudar a decisão de casar-se com o Senhor do castelo; Suas irmãs embora tinham admitido que era realmente bonito, também temiam que estivesse cometendo o maior engano de sua vida.

— Esta maravilhosa, minha doce Rhianna. O branco te senta perfeitamente, Mas que outra

cor poderia levar um anjo?

— E o negro também asenta bem a você — Respondeu ela.

Sorriu enquanto o olhava. Seu casaco de fino pano negro acentuava a largura de seus ombros; As lapelas de veludo acrescentavam um toque de elegância. Levava uma gravata negra, calças negras, e botas negras. O branco de sua fina camisa de linho fazia um maravilhoso contraste.

-Em realidade, nunca em toda minha vida, conheci um homem tão arrumado como você.

Ele riu, suavemente enquanto a levantava em braços e a levava escada acima até a torre do leste — Conheceu muitos homens em sua curta vida?.

— Não, nem desejo. Você é o suficientemente homem para mim, meu senhor.

— Não sou um homem de tudo — Disse, e enfatizou esse fato abrindo a porta da torre com o poder de sua mente.

Rhianna pôs a mão sobre sua boca enquanto entrava em seu quarto, e a depositava no chão — Não nos obcecamos pensando isso esta noite, senhor meu marido.

Afastou a mão e a substituiu com seus lábios, o beijando profundamente, apaixonadamente. Agora não precisava ser cuidadosa. Era seu marido, e podia comover com o conteúdo de seu coração. Para demonstrar-lhe se pressionou contra ele, a seda de seu traje rangendo contra sua roupa.

Suaves gemidos subiram pela garganta de Rayven quando sua língua roçou seu lábio inferior, ficando sem fôlego diante a surpresa quando o mordeu.

-Tome cuidado, amor — Avisou— Você não gostaria do que meu sangue poderia te fazer.

Ela se afastou um pouco para poder ver seu rosto — O que me faria?.

— Suficiente quantidade te faria o que eu sou, uma criatura maldita para a eternidade, condenada a viver para sempre na escuridão. E você não quer ser isso, meu doce.

Não mencionou que para transformá-la no que ele era, primeiro teria que beber dela, levá-la até a borda da morte, ou que logo teria que beber seu sangue maldito para retornar da eternidade.

— Seguro que um pouco não me fará mal — Comentou, repulsada mas intrigada pelo pensamento de degustar seu sangue imortal.

— Não — Um pequeno tremor de excitação percorreu pelas costas enquanto imaginava seus dentes em seu pescoço.

-Ajuda-me a tirar o vestido, meu senhor? — Pediu, seus olhos brilhando com travessura.

— Será um prazer.

— Isso espero — Replicou, e deu as costas para que pudesse desabotoar os diminutos botões de seu pescoço e desce-lo até a cintura.

Surpreendeu-o notar que seus dedos tremiam enquanto começava com a tarefa. Agachou a cabeça, beijando sua nuca, a suave cavidade entre seus ombros, enquanto tirava o vestido e a roupa interior até que ficou de pé diante dele com somente suas meias e seus sapatos.

Ajoelhando-se tirou os sapatos e depois deslizou suas mãos sobre a curva de sua pantorrilha. Fez uma pausa para massagear o oco atrás de seu joelho, depois deslizou sua mão até sua coxa, atrasando-se ali um momento antes de tirar lentamente a meia. Depois fez o mesmo em com sua outra perna.

Rhianna estremeceu de prazer enquanto suas mãos acariciavam suas pantorrilhas e suas coxas. Suas mãos, embora frias, fizeram rugir o desejo em suas vísceras.

Quando ficou de pé, começou a despi-lo com mãos ansiosas e curiosas, enquanto tirava o casaco, o colete, a gravata e a camisa.

Sorriu ao notar que sua respiração se acelerava com cada peça de roupa que ia tirando. Tremia visivelmente quando ficou nu diante dela.

Com a cabeça inclinada, estudou o homem que agora era seu marido. Era alto e magro, de ombros largos e estreitos quadris. Sua pele era da cor de creme claro, imaculada, exceto pelas queimaduras meio curadas na mão e sua bochecha esquerda. Suas pernas eram largas e seu estômago liso e musculoso. Seu fôlego ficou apanhado em sua garganta, e sentiu suas bochechas arder quando seu olhar examinou rapidamente a parte que fazia dele um homem. Por alguma razão, não tinha esperado que estivesse tão bem dotado.

Rayven se deleitou com o calor do olhar de Rhianna em sua carne nua. O toque de seus olhos era como o fogo, desterrando o frio e a escuridão. Tinham passado mais de quatrocentos anos desde que uma mulher o tinha olhado com desejo em vez de terror... .

Dirigiu seu olhar para a cama, e veio à mente a imagem da última mulher que tinha levado ali. Inclusive agora, depois de mais que quatrocentos anos, podia ver seus olhos cor café totalmente abertos, cheios de terror. Seu corpo, sem sangue, tinha estado quase tão branco como as cobertas sobre as que jazia. As gotas de sangue vermelho, brilhante que tinham caído de seus lábios acrescentavam uma nota de cor à macabra cena.

Seu desejo perdeu vitalidade ao recordá-lo.

— Por que isto? — Rhianna perguntou — O que aconteceu?

Ele olhou, olhou-a, seus olhos atormentados, cheios de pânico — Rhianna... Não posso...

Ela soube imediatamente do que tinha medo. Passando seus braços ao redor de seu pescoço, atraiu sua cabeça e o beijou.

— Estarei bem, esposo meu — Disse — Não tenho medo.

— Rhianna...

Beijou-o de novo, suas mãos deslizando-se sobre seu peito, cada carícia um pouco mais atrevida, até que ele esteve disposto para ela, até que seu temor foi afogado pelo amor que sentia por esta mulher que o tinha recebido em seu coração e no santuário de sua alma.

Levou-a para cama e a depositou respeitosamente. Durante um eterno momento, ficou olhando-a fixamente, gravando sua imagem em sua mente para recordá-la através do tempo, quando já não estivesse ali e depois suavemente se situou sobre ela e se inundou no abraço que o brindava. Sentia-a entre seus braços como o mais suave e doce vinho, era como o vinho, calida, intoxicante e doce, soube que embora vivesse durante mil anos, nunca esqueceria esta noite.

Rhianna sussurrou seu nome quando todo pensamento, toda razão, abandonou-a, inundada em um redemoinho de sensações. Sentiu-se amada, protegida, e inclusive mais que isso e soube que o que compartilhava com Rayven ia além de qualquer experiência que pudesse sentir nos braços de um homem mortal.

O amor e o desejo se misturaram. Notou que se continha, soube que tinha medo de machucá-la. Fechando seus olhos, sentiu como sua alma se emparelhava como a dele e como sua paixão florescia, deixou que seu coração falasse assegurando seu amor, prometendo que nunca mais estaria sozinho.

Por um momento, sentiu-se sobressaltada por uma avalanche de sentimentos que sabia eram os dele, o medo de causar dor, a solidão de quatro séculos, o constante desejo por isso que estava proibido, e depois, tudo foi varrido pelo mar de necessidade que surgiu nela, mergulhando-se nesse abismo de êxtase, gritando seu nome enquanto se convulsionava baixo ele.

Depois, sentiu também o corpo de Rayven convulsionar-se, ouviu-o murmurar seu nome enquanto enterrava seu rosto no oco de seu pescoço.

Segundos depois sentiu a rápida e afiado dentada de seus dentes em sua garganta, sentiu uma quebra de onda de calor em seu interior que a fez estremecer de prazer em cada fibra de seu ser. Nunca havia sentido um êxtase tão delicioso. O calor se propagava através dela. Ia à deriva, flutuando em um mundo nebuloso de sensações, afogando-se em muito seda acarminada...

— Rhianna? Rhianna?.

Sua voz a trouxe de retorno à realidade. Balançou a cabeça, querendo afundar-se mais profundo no casulo de larva de cor escarlate.

— Está bem? — Rayven perguntou ansiosamente — Machuquei-a? Rhianna? Rhianna, me fale!.

Lentamente, suas pálpebras se abriram e sorriu, seus olhos azuis resplandecentes de prazer — Melhor que em toda minha vida, meu senhor esposo.

Fraco de alívio, cravou os olhos nas duas diminutas feridas de seu pescoço. A fome não o tinha avassalado. Ele tinha tratado docemente sua garganta, não a tinha esgotado até o extremo da morte. Tinha tomado só um pouco, um pequeno gole, e isso tinha sido suficiente. Um só gole de seu doce ser tinha sido suficiente para apaziguar sua sede infernal, igual a fazer o amor tinha satisfeito seu desejo.

O alívio fluíu através dele. Talvez houvesse esperança para eles depois de tudo. Meigamente, passou sua língua sobre as diminutas feridas de seu pescoço. Desapareceriam pela manhã.

Rodando a seu lado, abraçou a Rhianna, sustentando-a contra ele. O perfume almiscarado do amor alagava o quarto.

Rhianna suspirou com satisfação enquanto riscava preguiçosos círculos em seu peito — Me diga como foi o princípio — Disse — Quando foi feito Vampiro.

— Já te disse como fui feito.

Ela se moveu em seus braços, deixando ao descoberto seus seios que roçavam contra seu peito — Quero saber mais. Quero saber tudo.

Distraídamente, sua mão acariciou seu cabelo — A princípio, a fome me possuía. Estava aterrorizado pela fome, da dor que me engolia quando me abstinha. Matei e matei, uma e outra vez.

Olhou a Rhianna sem vê-la, recordando o começo como se tivesse sido ontem, lamentando as vidas que tinha tomado, as que poderia ter economizado.

— Uma vez fui um cavalheiro, um homem de honra. Então, não era nada a não ser um monstro absorvido pelo medo. Cada vida que tomei acrescentava uma carga de culpa a minha alma, ou ao que ficava dela. Odiava no que me tinha convertido, odiava assassinar, à fome que era minha proprietária. Desejei a morte, mas tive medo — Ele riu suavemente, cruelmente — Eu, que uma vez tinha sido um cavalheiro sem igual, careci da coragem para sair ao sol e acabar com o inferno no que vivia — Não foi até uns anos mais tarde, quando encontrei Salvatore, de que aprendi que não tinha que matar para sobreviver, que podia tomar sangue de um mortal sem

acabar com sua vida. Lysandra nunca me tinha contado isso, nunca tinha tomado a moléstia de me explicar que não teria que matar para apaziguar a fome. Ela desfrutava da caçada, o aroma do medo. A matança.

Sentiu a velha cólera surgir em seu interior quando mencionou seu nome. Ela podia ter explicado muito mais, fazer sua transição de mortal a imortal mais fácil de suportar.

— Me alegre de que se transformasse em vampiro — Sussurro Rhianna enroscando mais perto dele.

— Alegra-se? — Perguntou, com evidente surpresa em sua voz.

— Sim — Rhianna olhou seus olhos e se viu refletida nas negras profundidades — Se não tivesse feito o que é, teria morrido faz muito tempo, e nunca teria te conhecido.

— Amo-te, Rhianna — Murmurou, sua voz cheia de emoção — Nunca poderá imaginar quanto significa para mim.

— Me poderia demonstrar isso meu senhor esposo — Disse com sorriso sedutor.

Seus braços se apertaram a seu redor, como se tivesse medo de que pudesse desaparecer de sua vista.

— Farei o melhor que possa — Murmurou, roçando seus lábios — Sempre que for capaz.

CAPÍTULO DEZENOVE

Rhianna despertou pouco depois das quatro da seguinte tarde, seus lábios curvados em um sorriso ao recordar a noite anterior. Fazer amor com Rayven tinha sido tudo, e mais, pelo que tinha esperado.

Rayven. Seu marido. Depois de acender a vela sobre a mesinha de noite, girou-se e sentiu o sorriso desaparecer quando o viu dormindo a seu lado.

Mal respirava, jazia como se estivesse morto sob as cobertas. A pele de sua bochecha esquerda, uma vez devastada pela luz trêmula do sol nascente, quase estava curada.

Olhou-o durante um comprido momento, uma parte de sua alegria diminuída ao dar-se conta do que significava estar casada com um vampiro. Nunca madrugariam pela manhã, nem veriam sair o sol juntos; Nunca vadiariam durante o café da manhã; Nunca compartilhariam a alegria de ver seus filhos crescer. Nunca poderia acompanhá-la quando fosse de compras ao povo, ou a passear por uma rua central em metade da tarde.

Desde este dia em diante, teria que passar as horas diurnas sozinha, e ajustar seus dias aos dele.

Inclinando-se para frente, pressionou seus lábios sobre sua bochecha. Sua pele, sempre fria, agora ainda o parecia mais.

Afastando-se, olhou a seu redor. Não havia janelas no quarto, nenhuma espécie de luz, exceto a solitária vela ardendo inconstantemente em sua mesa de noite.

Sentindo-se repentinamente prisioneira Rhianna, deslizou-se da cama e se dirigiu até onde pensava que poderia estar a porta. Passou suas mãos sobre a suave pedra, seus movimentos se voltaram espasmódicos pelo desespero quando não pôde encontrar a saída. Tinha que estar ali! A não ser onde? Sentiu uma quebra de onda de pânico quando se deu conta de que não podia sair, que embora a câmara continha uma cama e uma mesa, era não mais que uma cripta.

Olhou Rayven, imóvel como a morte coberto por uma coberta de seda negra.

Vampiro. Não morto.

Sabia que nunca a machucaria, sabia que não tinha nada que temer. Recordou-se quanto o amava, o êxtase que tinha encontrado em seus braços a noite anterior, mas foi em vão. Um pânico irracional surgiu em seu interior, e não pôde pensar em nada mais salvo em escapar.

— Me ajude! — Golpeou com suas mãos a fria parede — Me ajude! Bevins, por favor, quero sair!.

A histeria subjacente em sua voz, o rápido tamborilar de seu coração, penetrou no sono cadavérico de Rayven. Rhianna! Ela tinha medo, estava em perigo...

— Rhianna...

Girou-se rapidamente para ouvir sua voz, assustada ao perguntar-se como podia estar acordado quando o sol estava no alto — Não posso sair!.

Com um esforço, enfocou a atenção na trêmula luz da vela, brigando através de estratos de escuridão para a consciência. Reunindo toda a energia que pôde enfocou sua mente para a porta, e ouviu seu suspiro de alívio quando esta se deslizou abrindo-se, e logo ela se foi.

Durante um eterno momento, cravou seus olhos na porta aberta e ao quarto vazio de mais à frente. E depois a escuridão o envolveu de novo.

Mais tarde, sentada em seu quarto depois de um relaxante banho, Rhianna se deu conta de quão tola tinha sido ao escapar de sua presença. O quarto onde ele passava o dia, era só um quarto, depois de tudo.

Com um sentimento de acanhamento, colocou uma camisola de seda azul claro, envolveu-

se em um robe combinando, e subiu pela escada até a torre do leste. Passaria tudo o que ficava do dia a seu lado, assim estaria ali quando despertasse.

Sorria com antecipação ao entrar, pensando no contente e assombrado que estaria ao encontrá-la ali, mas a porta que conduzia à câmara interior estava fechada.

Cruzando o quarto, encontrou o sinal na parede e colocou sua mão sobre ela, mas nada ocorreu. Empurrou e depois golpeou suavemente, esperando que ele a ouvisse, e depois o chamou por seu nome.

-Rayven? — Pressionou sua orelha sobre a parede, mas somente pôde ouvir os batimentos de seu próprio coração.

Franzindo o cenho, chamou-o várias vezes. Desalentada, foi até a janela e observou as chamas carmesim do sol sumindo. A cor recordou o sangue e a morte, à cor do vinho tinto em sua taça. Casou-se com um vampiro. Esse pensamento, que devia ter repellido, em realidade a enchia de alegria. Era dela e logo despertaria para estar com ela de novo. A antecipação revoou profundamente em seu coração.

Girou-se velozmente, quando ouviu abrir a porta. Rayven apareceu no portal. Ia vestido todo de negro da camisa até as botas, e sua capa caía formando dobras a seu redor.

Rhianna sorriu quando o viu, seu coração saltando um batimento enquanto o inspecionava atentamente. Que aparência agradável era, e quanto o amava!

— Boa noite, meu senhor — Avançou para ele, mas congelou o sorriso nos lábios ao perceber sua gelada expressão.

Seu olhar a percorreu friamente, como se fosse uma desconhecida — O que faz aqui?.

— Queria estar com você quando despertasse.

Elevou uma negra sobrancelha, em um gesto de incredulidade — Acho tão difícil acreditar, senhora, considerando sua ânsia desta manhã por escapar de minha presença.

Rhianna levantou seu queixo, determinada a fazê-lo compreender — Não era de você do que queria fugir.

— Seriamente? Preciso te recordar que não havia ninguém mais no quarto?

— Era do quarto do que queria escapar, não de você.

Ele a estudou durante um momento, depois girou a cabeça, para olhar sobre seu ombro ao quarto atrás dele.

— O que foi o que te assustou? — Perguntou, com voz sarcástica — A cama? O armário? — Seu olhar era duro e frio enquanto a analisava — A mesa, talvez?

— Foi o quarto — Repetiu — Senti-me presa porque não podia sair. Não podia encontrar a porta, e não há janelas, e... Eu... Foi uma estupidez, sei, mas não o pude evitar.

Ele cruzou os braços sobre seu peito, seus olhos como poços escuros cravados nos dela. Quando falou, sua voz fluiu sobre ela como uma amarga onda de escura água — Está segura de que não foi o cadáver que havia na cama o que te assustou tanto?

Estudou-o durante um momento, desalentada por sua cólera, e depois se precaveu de que não era cólera o que via, e sim um forte sentimento de decepção e de ofensa — Rayven, não o faça! Por favor, não o faça.

— Não posso trocar o que sou, senhora, nem sequer por você.

— Não te pedi que troque.

— Me olhe, Rhianna. Isto é o que sou.

Quis afastar o olhar, sair do quarto, afastar da dor que tinha causado. Em vez disso, manteve-se firme e lhe devolveu seu olhar.

E o deixou ver como o via, como um homem que vivia mas não envelhecia, o que era e o que não era. Durante quatrocentos anos tinha sido um vampiro, e a fome era ainda sua proprietária. Tinha aprendido a controlá-la, mas não a dobrá-la. Agora a desatou, deixou que surgisse dentro dele até que soube que seus olhos ardiam pela necessidade. Afastou para trás seus lábios para que pudesse ver as presas brancas afiadas que tinha mantido até agora cuidadosamente escondidos de sua visão.

Era uma visão que tinha aterrorizado a muitos. E também aterrorizou a Rhianna. Cada instinto que possuía a urgiu a correr, a escapar de sua presença, de sua casa e nunca retornar.

Em vez disso, apertou os punhos a ambos os lados e se manteve firme, determinada a provar que não tinha medo, para assim convence-lo de uma vez por todas de que o amava, que não importava o que ele era, sempre que também a amasse.

Um som estrangulado que poderia ter sido um grunhido ou um soluço retumbou profundo em sua garganta. Avançou um passo para ela, perguntando se escaparia do quarto. Viu seus olhos aumentar-se enquanto cortava a distância entre eles, sentiu seu desassossego. Podia ouvir os acelerados pulsar de seu coração, via o pulso pulsando no oco de sua garganta, mas ela permaneceu firme. Tudo o que sentia se refletia nas profundidades azuis de seus olhos.

Aspirando profundamente, Rayven dominou a besta voraz de seu interior. Tinha deixado que ela o visse tal como era. Abandonaria-o agora? Uma parte dele, essa que temia por sua segurança, desejava que se fosse, mas ao mesmo tempo a parte mais egoísta de sua natureza esperava que

ficasse. Poderia fazer que fique. Descartou o pensamento antes de que se formasse completamente. Não a reteria contra sua vontade.

— Rhianna, vai vir para mim?.

— Sempre, meu senhor — Respondeu trémulamente.

Mal atrevendo-se a acreditar, estendeu-lhe seus braços e esperou.

Com mais valentia da que acreditava que ela possuía, avançou os passos que a situaram dentro de seus braços.

Olhou-o, com o amor e a confiança brilhando em seus olhos enquanto ele a rodeava com seus braços e depois, com um suspiro que parecia surgir das mesmas profundidades de sua alma, descansou sua bochecha contra seu peito e fechou seus olhos.

— Deixaria-me ter a porta do quarto aberta? — Perguntou-lhe ao cabo de um momento.

Meigamente, acariciou seu cabelo — Se o desejar, que assim seja meu doce. Farei que Bevins instale uma fechadura a ambos os lados da porta da torre, e você terá as únicas chaves. Deve me prometer que fechara com chave a porta exterior se abandonar a câmara interior durante o dia.

— Como quer.

Ele a sustentou entre seus braços por um interminável momento, deleitando-se de sua cercania, repreendendo-se a si mesmo por seu anterior arranque de fúria. Havia demorado muitos anos adaptar-se a ser Vampiro; Era um estúpido ao pensar que Rhianna poderia adaptar-se ao que ele era em somente uns dias. Mas tinham tão pouco tempo...

Sorriu quando ouviu seu estomago grunhir — Vêem — Disse, tomando sua mão, — Descemos e vejamos o que preparou Bevins para seu jantar.

— Tenho fome — Admitiu — Não comeu nada durante todos estes anos?

—Nada.

— Tentou?

Ele assentiu concisamente. Somente o tinha tentado uma vez. Essa tinha sido suficiente. Ao pouco tempo depois de ter sido transformado, antes de ter aceito completamente o que era, tinha entrado em um botequim e tinha ordenado uma comida. forçou-se a comer, embora o aroma da carne guisada o enojasse. E depois tinha vomitado e se havia sentido muito doente. Não se tinha empenhado em comer comida sólida nunca mais.

Rhianna suspirou e encolheu os ombros — Não tem importância.

— Preferiria jantar sozinha?.

—Não — Disse rapidamente — Por favor não pense isso. É simplesmente que Bevins é tão bom cozinheiro, que eu gostaria que pudesse desfrutar do que prepara.

Quando chegaram ao salão, Rayven afastou sua cadeira e depois tomou seu lugar habitual frente a ela.

Poucos minutos mais tarde, Bevins entrou na sala levando uma grande bandeja de prata que continha um prato abafado, uma jarra, uma taça de cristal, uma bule de prata, e uma xícara de delicada porcelana da China. Pôs diante de Rayven a jarra e a taça, depois serviu o jantar a Rhianna.

— Obrigado, Bevins — Disse Rhianna sorrindo — Cheira maravilha.

— Obrigado, senhora.

— Bevins, quero que instale um ferrolho na porta da torre, de ambos os lados e dê a chave a Rhianna.

— Sim, Sua Senhoria. Farei-o amanhã a primeira hora.

Rayven tinha esperado que sua esposa introduzisse mudanças sua vida, e assim o fez. Durante as semanas seguintes, transformou o interior do castelo, de um lugar escuro, lúgubre, a uma casa acolhedora.

A lareira de seu quarto, que raramente era usada, ardia alegremente cada tarde, acrescentando calor e iluminando o quarto que sempre tinha sido frio e escuro.

Tirou o negro dossel e as escuras cobertas da cama. O novo dossel era de veludo azul escuro com adornos de ouro. As cobertas novas eram de fino linho branco, os almofadões do mesmo veludo azul escuro do dossel.

Pôs um delicado abajur de azeite com cristal de cor âmbar para assim poder ler na cama.

Comprou uma pequena mesa de madeira de cor cerejeira e duas cadeiras alegremente estofas para poder sentar-se diante da lareira pela tarde.

Gradualmente, suas roupas foram depositadas ao lado das suas no armário, ao igual a seus sapatos, encontrava alegres meias de seda misturadas com suas luvas e gravatas.

Seu quarto, uma vez frio e solitário como uma tumba, logo se transformou em um quarto vibrante cheio de vida como estava sua esposa.

Um anoitecer sentando diante da lareira, esperando a Rhianna, se deu conta de novo de quão só e isolado do resto da humanidade tinha vivido.

E se perguntou se alguma vez em toda sua vida poderia deixá-la partir.

Ela tinha expresso o desejo de visitar Londres, onde nunca tinha estado, alojar-se em um

luxuoso hotel, ir ver uma peça de teatro e jantar em um dos restaurantes mais de moda da cidade. E Rayven, mais profundamente apaixonado com cada dia que passava, não pôde negar-lhe. Decidindo que fariam disso uns dias de férias, empacotaram uns poucos pertences e duas noites mais tarde abandonaram o castelo.

Ela estava emocionada diante a idéia de passar uns dias em Londres. Rayven havia dito que podia passar o dia indo às compras, sempre que levasse Bevins com ela, e que podia comprar tudo que desejasse para si mesma ou para sua família.

Era o mais generoso dos homens, pensou enquanto observava a paisagem passar como um borrão de árvores salpicadas de cinza pela lua e as arredondadas colinas. O refúgio do povoado alojava agora a cinco mulheres, dois bebês, um velho aleijado, e um menino órfão de dez anos, dando um teto onde viver, camas limpas e comidas decentes. Porque Rayven tinha declarado que não acreditava nos indigentes, Rhianna tinha encontrado a forma em que todos aqueles que viviam no refúgio se ajudassem uns aos outros. As mulheres se alternavam para lavar e engomar, os velhos cuidavam dos bebês quando suas mães estavam ocupadas, e o menino maior recolhia lenha. Era um acerto que satisfazia a todo mundo.

Deixando a um lado, os pensamentos sobre o refúgio, olhou a seu marido. Estava-a observando com um sorriso inclinado.

— Por que me olha assim? — Perguntou.

— Assim, como, meu doce?.

— Como se eu fosse um camundongo, e você um gato faminto.

— Possivelmente porque tenho fome, e te vê muito saborosa.

Um tremor de antecipação desceu por sua coluna, seguido por um pequeno calafrio de apreensão — Não comeu nada antes de sair de casa?.

— Um copo de vinho.

— E isso não te satisfaz, meu senhor?.

Negou lentamente com a cabeça. Ela podia sentir seu olhar cravado no pulso que pulsava em sua garganta, podia sentir como seu coração começava a palpitar mais rápido ao imaginá-lo inclinado sobre ela, seus dentes cravando-se em sua tenra carne.

— Rhianna... — Sua voz era baixa e rouca, e por debaixo, como uma sombra escura, sentiu um débil indício de dor.

— Meu senhor? — Escondeu suas mãos nas dobras de sua saia para dissimular seu tremor.

Seu olhar escuro encontrou o seu. Viu o rogo implícito nas profundidades de seus olhos,

soube que ele não tomaria o que não oferecesse livremente. Faziam o amor freqüentemente durante as duas semanas de seu matrimônio, mas não tinha bebido dela de novo. Recordando que uma vez havia dito que necessitava ocasionalmente sangue humano para sobreviver, perguntou se tinha procurado a nutrição em algum outro lugar. O pensamento de Rayven recorrendo a outra mulher para satisfazer sua necessidade de sangue a encheu de ciúmes. Depois de tudo, ela era sua esposa. Se ele necessitava sustento, então ela o daria.

Inclinou sua cabeça para um lado, concedendo acesso fácil a sua garganta.

Suavemente, seus dedos se fecharam sobre seus ombros enquanto a rodeava com seus braços. Suspirou com deleite enquanto seus lábios roçaram a sensível pele ao longo de seu pescoço. Fechou os olhos quando sentiu a afiado espetada de suas presas, abandonou-se ao prazer sensual que fluía através dela.

Afastou-se antes de tempo, seus escuros olhos cheios de preocupação — Rhianna?

Ela o olhou com olhos nublados pelo desejo — Certamente não pode tomar o suficiente em tão pouco tempo.

-É suficiente — Acariciou sua bochecha, amando-a por sua vontade de lhe dar o que necessitava, desprezando a si mesmo por estar a mercê do que era, por ter que tomar a mesma essência de sua vida para sobreviver — Rhianna... — Quis dizer quão preciosa era para a ele, quanto significava sua generosidade, mas não havia palavras suficientes para expressar o que sentia.

Se aconchegou contra ele — Amo-o, Rayven — Disse e com um suspiro, ficou adormecida em seus braços.

Observou-a enquanto dormia, acariciando seu cabelo. Nunca antes se deu conta da enorme responsabilidade que conduzia o amor.

Rhianna olhou a seu redor, incapaz de acreditar o esplendor que a rodeava. Rayven tinha alugado duas suítes contíguas no hotel mais luxuoso de Londres.

Enquanto Bevins desempacotava seus pertences. Passeou, admirando as pinturas, os luxuosos tapetes, os ostentosos cortinados. Rayven estava sentado, enquanto a observava, com sua boca torcida em sardônica diversão.

— Você gosta? — Perguntou.

— OH, sim. É precioso. O que faremos primeiro?.

— O que você queira, meu doce.

— Podemos dar um passeio?.

— Sim, se assim o deseja. Levantando-se, jogo a capa sobre seus ombros, depois a ajudou a colocar seu casaco. Era novo, feito de veludo de uma profunda cor Borgonha.

Rhianna se olhou no espelho, agradada com sua imagem. Parecia uma mulher da alta sociedade. Ninguém, vendo-a agora, suspeitaria jamais que tinha nascido em um povoado pequeno e remoto, ou que era a filha de um pobre camponês que tinha tido que leiloá-la para poder manter ao resto de sua família.

Estava repentinamente ansiosa por sair às compras, por comprar presentes a sua mãe e suas irmãs. Vestidos novos, chapéus e possivelmente alguma pequena ninharia. Quão único arruinava sua excitação era o fato de que Rayven não poderia ir com ela.

De pé, atrás de Rhianna, Rayven sentiu seu coração cheio de umas emoções que não tinha experimentado durante séculos amor, ciúmes, ternura e um desejo quase entristecedor por protegê-la. Fechou fortemente suas mãos em punhos as deixando cair a ambos os lados de seu corpo, com o conhecimento de que do mais precisava protegê-la, era de si mesmo.

— Preparado? — Aproximou, com as bochechas acesas e seus olhos resplandecendo.

Com aprovação, ofereceu seu braço e abandonaram o hotel.

Passaram as seguintes duas horas perambulando pelas ruas da cidade. A maior parte das lojas de Knights estavam fechadas de noite, por isso ela se surpreendeu enormemente, quando, cada vez que Rayven se dava um golpe na porta de uma loja, eram convidados a entrar.

-Enviei Bevins com antecedência a fazer alguns preparativos — Esclareceu Rayven.

Sentia-se como a realeza enquanto passeava pelas lojas mais exclusivas de Londres. Somente tinha que olhar algo, perguntar o que custava, se a sua mãe gostaria, ou o que sua irmã pensaria, e era dela. Comprou um vestido para sua mãe a raias de cor marrom e ouro, um chapéu para a Aileen, um guarda-sol para a Lanna, uma pulseira para a Brenna e um ursinho de pelucia para Bridgitte.

— Mas não comprou nada para você — Comentou Rayven.

— Já tenho tudo o que necessito.

— Escolherei algo para você — Disse, e guiando-a até uma joalheria, comprou um pequeno coração de ouro com um relicário pendurado de uma fina corrente.

— É belo — Rhianna exclamou suavemente virou enquanto ele pendurava a corrente em seu pescoço.

Seus lábios roçaram sua nuca.

— Isto é para recordar que meu coração te pertence — Sussurrou. Seu fôlego brincando em

sua pele, fazendo-a estremecer-se com antecipação desejando estar sozinhos de novo.

Os dedos de Rhianna abriram o relicário — Eu gostaria de ter nosso retrato para pô-lo dentro — Comentou ao abandonar a loja.

Rayven esteve a ponto de recusar categoricamente, mas então viu a anseia em seus olhos — Talvez algum dia.

Bevins estava esperando quando retornaram ao hotel.

— Minha esposa tem feito numerosas compras — Comentou Rayven. Ajudou a Rhianna a tirar o casaco e a sentar-se, depois tirou a capa e a depositou aos pés da cama — Deveram chegar amanhã pela manhã.

— Sim, sua Senhoria. Encarregarei-me de tudo. Deseja alguma outra coisa?.

— Não. Pode retirar-se, não o necessitarei mais em toda a noite.

— Sim, Sua Senhoria — Com uma leve reverencia em direção a Rhianna, Bevins partiu.

Rayven se situou atrás de Rhianna e começou a desabotoar seu vestido. Ela se estremeceu de prazer quando seus dedos roçaram sua pele.

— É tão bela — Gemeu, depositando suaves beijos em seus ombros. Seu vestido caiu no chão — Tão cálida, tão viva... — Tirou sua roupa interior até que ficou nua diante ele — Não posso acreditar que esteja aqui, que seja minha.

Ela se virou, passou seus braços ao redor de seu pescoço e aproximou seu rosto.

— Pode acreditá-lo, meu senhor Rayven — Murmurou com voz rouca, e cobriu sua boca com a sua.

Os braços de Rayven rodearam sua cintura, atraindo-a mais perto, deleitando-se com o calor de seu corpo, o fresco aroma de sua pele, a suavidade de seu cabelo. Seu pulso pulsava cheio de calor e vida, embriagando-o com sua cercania. Seus batimentos do coração aumentaram quando ele aprofundou seu beijo. O perfume de seu desejo alagou suas fossas nasais; Podia cheirar o sangue doce e quente fluindo por suas veias.

Suas mãos tremeram de ânsia quando tirou a roupa até que não houve nada entre eles exceto o desejo.

— Rhianna... — Só pronunciou seu nome, mas ela ouviu as palavras que não podia dizer, percebeu o amor em sua voz, a necessidade, o medo. Sempre o medo, pensou, entristecida de que seu amor estivesse manchado por isso.

Com um tranqüilo sorriso, puxou pela mão e o guiou até a cama. Afastou as cobertas e se sentou no colchão atraindo-o a seu lado.

— Me ame, meu amor — Acariciou sua face — Acredito que morrerei se não me beija.

Lamentou a escolha das palavras logo que estas saíram de seus lábios. Embora em silêncio, ouviu o eco de sua resposta em sua mente — E poderia morrer se o faço.

Aproximou-se mais a ele, amando o tato de sua pele nua contra a sua. Ele se recostou no colchão, levando-a com ele, seus braços rodeando sua cintura em um abraço desesperado, sua boca fechando-se sobre a dela, sua língua roçando a sua.

O desejo surgiu dentro dela, como uma flor abrindo-se ao sol. Afundando seus dedos em seu cabelo, beijou-o com todo o amor e a paixão de seu coração. Suas mãos exploraram seu corpo atrevidamente, tocando, aprendendo o que o fazia sorrir, o que o fazia gemer com deleite.

Olhou nas profundidades de seus olhos, sentiu o calor de seu desejo esquentar até o mesmo centro de seu ser. Com um suave gemido, deu a volta, levando-a com ele até que ela jazeu debaixo.

Com os olhos resplandecendo com negros fogos, sepultou-se dentro dela. O mundo pareceu girar quando seus corpos se uniram. Suas mãos a acariciaram, acendendo brasas de prazer onde a tocavam. Ele murmurou seu nome, com voz rouca.

Gritou ao ser absorvida por uma voragem de sensações, o frio tato das cobertas debaixo dela, o calor dos beijos de Rayven, a suavidade de sua pele, o fogo em seu toque, o som rouco de sua voz enquanto murmurava em seu ouvido palavras em uma língua que não entendia. E sempre tinha a sensação de que ele se continha, que dava medo abandonar-se ao prazer por medo a machucá-la.

Gritou seu nome quando as ondas de êxtase a levaram a cúspide em uma explosão de calor e cor, fechou seus olhos quando rios de prazer ondearam em seu interior.

Sentiu os dentes de Rayven raspando sua garganta, sentiu sua última convulsão de prazer. Uma fervente alegria surgiu dentro dela enquanto estremecimentos de prazer percorriam seu corpo. O suspirou profundamente, e ela sentiu como se relaxava.

— Machuquei-a? — Perguntou bruscamente.

— Não, meu senhor — Obrigou-o a olhá-la — Amo você, Rayven. Por favor não deixe que seu medo ao que possa ocorrer arruíne o que temos.

— Rhianna, você não entende... — Como podia explicar como era, que tão estreitamente ligada com seu desejo ia sua luxúria pelo sangue, que nunca se livraria do medo que o mortificava, que durante toda a vida temeria que a fome dominasse seu autocontrole, que uma noite seu controle se rompesse e ele beberia e beberia até que a tivesse destruído.

— Amo-te com todo meu coração e minha alma — Disse de novo, mas energicamente esta vez — Por favor acredita nisso.

Ele se incorporou sobre seus cotovelos e ficou olhando-a fixamente. Era possível que seu amor por ela fosse mais forte que a fome, que seu amor pela Rhianna a protegesse de sua luxúria pelo sangue? Talvez ela estivesse certa, filosofou. Um pequeno gole de seu precioso sangue aquietava a fome que seu desejo avivava.

— Não me dá medo o que você é, meu senhor. Acredito no poder de nosso amor, mas você também tem que acreditá-lo.

Suas palavras apaziguaram sua alma atormentada, como nenhuma outra coisa pôde fazê-lo. Rodando sobre ela, embalou-a entre seus braços e a segurou fortemente.

— Reza para que tenha razão, meu amor — Gemeu.

— Sei que a tenho. Amo-o.

— E eu a você. Cobriu a ambos com sua capa, e a rodeou com seus braços de novo.

Tinham passado vários séculos desde que se atreveu a rezar, mas agora fechou seus olhos e implorou ao Deus de sua juventude que protegesse à mulher que descansava tão confidencialmente entre seus braços, embora isso significasse protege-la de si mesmo.

CAPÍTULO VINTE

Fazia já duas semanas que estavam em Londres a noite em que Rayven alugou uma carruagem e foram passear pelo Hyde Park, Rotten Row. Uma vez tinha sido conhecida como a rota do rei, explicou Rayven. O caminho do rei. O parque uma vez tinha pertencido à abadia de Westminster, adicionou, mas Henry VIII o tinha fechado ao público, tinha-o enchido de veados, e o tinha usado como lugar de caçada real. O rei Charles, tinha-o aberto de novo ao público em 1635.

Rhianna inclinou a cabeça enquanto contemplava o grande espaço verde. Rayven tinha estado vivo durante o reinado de Henry VIII. E também tinha estado vivo quando Charles abriu Hyde Park.

— Rhianna. Rhianna?.

— Hmmm?.

— Você gostaria de ir jantar?.

— O que?.

Rayven girou seu rosto para ela — Parece ausente, meu doce. Algo está errado?

— Não, não aconteceu nada.

Incapaz de evitá-lo, Rayven deixou que sua mente encontrasse a sua. Reprimiu um suspiro quando seguiu o caminho de seus pensamentos, perguntando se alguma vez aceitaria totalmente o que ele era.

— O que é isso que te incomoda tanto? — Perguntou.

— Me incomodar? — Negou com a cabeça — Nada meu senhor. Mas deve compreender, quanto me assombro ao me dar conta de quanto tempo viveu, e o muito que viu.

Rayven assentiu. Os reis e as rainhas tinham chegado e partiram, mas ele tinha permanecido igual.

— O que tinha me perguntado antes?

— Perguntei se tinha fome.

— Sim, um pouco.

Levou-a a jantar no The King's Arms. Era um restaurante elegante, o mais luxuoso que ela tinha visto em toda sua vida. As mesas estavam cobertas de finos jogos de mesa de linho branco. Cristaleiras debruadas em prata cintilavam, acrescentando um toque de opulência a tudo. Cortinas de escuro veludo vermelho penduravam das janelas; As cadeiras estavam estofadas do mesmo vermelho escuro.

Ao percorrer com o olhar o seu redor fixando-se nos homens e mulheres elegantes que ocupavam as mesas circundantes, Rhianna se perguntou o que sua mãe pensaria se pudesse vê-la agora.

Sentada ali, esperando ser servida, deu-se conta do olhar fixo de Rayven sobre ela. Sentindo-se coibida, passou sua mão por seu cabelo, logo manuseou o relicário de ouro de sua garganta — Aconteceu algo?

— Não — Negou com a cabeça, pensando em quão preciosa era. O traje de noite de cor malva que tinha posto fazia jogo com a cor de seu cabelo e sua pele. A sala estava cheia de mulheres vestidas na última moda, mas ela as eclipsava a todas.

— Esta me olhando fixamente.

O canto de sua boca se curvou em um sorriso enquanto se aproximou através da mesa — Temo que não posso evitá-lo. É a mulher mais encantada de toda a sala.

Um débil rubor subiu por suas bochechas — Obrigado.

Ele levantou sua mão e seus lábios beijaram as pontas de seus dedos, e se perguntou como

tinha podido viver durante quatro séculos sem ela. Ela sorriu, e já não sentiu falta do sol. Ela riu, e esqueceu que a solidão tinha sido sua constante companheira. Tocou, e aquietou a fome que o tinha atormentado durante tanto tempo que mal podia recordar quando não o tinha feito. Rhianna.

Nunca tinha sido tão consciente do passar do tempo, como era agora. Cada dia aproximava mais ao momento de perdê-la, aproximava-lhe mais ao momento em que ele retornaria a sua vida vazia, sua cama vazia.

E apesar disso, do mesmo modo em que cada dia fazia que sua separação futura fosse mais dolorosa, sabia que devia deixá-la partir. Seria cruel arrastá-la a uma vida com ele. Ela já começava a mudar sua vida, para adaptar à sua. Mantinha-se levantada até o amanhecer para poder estar com ele até que o sono cadavérico o reclamava. Embora uma vez foi madrugadora, dormia até mais tarde cada dia, perdendo as horas preciosas da luz do dia. Não queria obrigá-la a passar sua vida na escuridão. Não queria priva-la da beleza do mundo diurno. Ela amava o brilho do sol, as flores. Não havia luz do sol na escuridão de seu mundo; As flores de brilhantes cores que amava se desvaneciam em escuros tons cinzas à luz da lua.

Rhianna pediu o jantar; Ele ordenou um copo de vinho tinto.

Justo tinha acabado de jantar quando Rayven ouviu uma voz familiar. Olhando para cima, viu Dallon Montroy abrindo-se caminho até sua mesa.

— Rayven — Disse o visconde, inclinando sua cabeça.

— Montroy.

— Rhianna — Dallon tomou a mão que oferecia e passou seus lábios sobre seus dedos.

— Como vai, Dallon? — Perguntou, sorrindo. Como sempre, ele ia vestido impecavelmente, camisa negra com escuras calças a raias em um tom cinza.

— Muito bem, obrigado. Não preciso perguntar como esta você — Dallon disse, olhando-a com admiração — Parece que a vida de casada lhe cai admiravelmente bem, e também a você — Disse, dirigindo seu olhar a Rayven — Importa-se que me sente com vocês?.

— Claro que não — Disse Rhianna.

Montroy se sentou na cadeira ao lado de Rayven — O que os traz para Londres?.

— Viemos às compras — Disse Rhianna com um aberto sorriso — Temo que Lorde Rayven estará arruinado quando retornarmos a casa.

— Não se preocupe absolutamente por isso — Disse Dallon, rindo — Estou seguro de que poderia comprar toda a roupa da metade de lojas da cidade. Não é isso certo, Sua Senhoria?.

Rayven grunhiu suavemente — Talvez.

— O que o traz a Londres? — Perguntou-lhe Rhianna.

— Negócios — Respondeu Montroy com uma careta de desgosto — Felizmente, logo estarão concluídos. Descidi ir ao teatro mais tarde. Se não estiverem ocupados, poderiam vir comigo a meu camarote.

Rhianna olhou interrogativamente a Rayven.

— O que você quizer, meu doce — Respondeu serenamente.

— Acredito que não — Disse Rhianna — Mas muito obrigado pelo convite.

Dallon assentiu, muito consciente do ciúmes de Rayven. Estava a ponto de ir quando a melodia de uma valsa encheu a sala. Com um repentino sentimento de imprudência e curiosidade por ver se podia alterar a conduta eternamente fria de Rayven, disse — Com sua permissão se dirigiu a Rayven — Eu gostaria de dançar com a Rhianna.

Um músculo se moveu na mandíbula de Rayven enquanto lutava por reprimir seu temperamento — Talvez deveria perguntar a ela.

Rhianna olhou a seu marido. A tensão crepitava entre os dois homens como um tenso arame — Meu senhor?

— Como você queira, meu doce — Disse Rayven.

— Eeu adoraria dançar, se não se importa.

Com uma brusca inclinação de cabeça, Rayven deu seu consentimento. Não queria que dançasse com outro, especialmente não com Montroy, mas não podia dançar com ela, não aqui, onde o pequeno salão de dançante estava forrado com espelhos dourados de cima a baixo.

Montroy se levantou e ofereceu a Rhianna seu braço. Com um meio sorriso a Rayven, ela ficou de pé e colocou sua mão no braço de Dallon.

Com as mãos fechadas fortemente em punhos, Rayven os observou ir para a pista de baile. O ciúmes atendiam seu estomago enquanto vigiava como Montroy para girar a Rhianna ao redor da sala. As saias de Rhianna formavam redemoinhos ao redor de seus tornozelos; A luz dos abajures para brilhar sob seu cabelo como se fosse de ouro. Que bem se viam juntos, dois mortais na flor da vida, sua pele avermelhada transbordante de saúde, jovens corações pulsando ao uníssonos enquanto giravam com o quarto. Não lhe passou despercebido a admiração nos olhos do visconde, ou a forma em que o homem sorria a Rhianna.

Está apaixonado por ela, pensou Rayven. O saber o encheu de um profundo desejo de matar, arrancar o coração do Montroy e atirá-lo a um poço profundo.

Aspirou profundamente, abrindo e fechando suas mãos, enquanto observava como voltavam caminhando para a mesa. As bochechas de Rhianna estavam rosadas, seus olhos brilhavam, quando tomou assento frente a ele.

Com expressão neutra, Rayven levantou sua taça e a esvaziou de um só gole.

— Obrigado, Dallon — Disse Rhianna.

Sorriu a Montroy, e Rayven foi consumido pelo desejo de golpear ao outro homem, agarrar a Rhianna pelo braço e gritar a todo mundo que lhe pertencia.

— Já vou — Disse Dallon. Beijou a mão de Rhianna e depois esboçou uma reverência em direção ao Rayven — Boa noite, Sua Senhoria.

— Montroy.

Dallon sentiu um calafrio repentino, como se uma capa de fino gelo se formou em sua coluna vertebral, quando seu olhar encontrou o de Rayven. Durante um momento, não pôde mover-se, não pôde respirar, mal pôde pensar.

Depois Rayven afastou o olhar, e o mundo esteve de novo em seu lugar.

Dallon negou com a cabeça, perguntando se tinha imaginado o frio, ou a advertência tácita que havia nos escuros e diabólicos olhos de Rayven.

— Boa noite — Disse outra vez. Dando meia volta, reprimiu o desejo de escapar correndo do salão.

— Desfrutou de sua dança? — Perguntou Rayven.

— Sim, muitíssimo — Respondeu Rhianna — Embora tivesse preferido dançar com você.

— Outra vez será — Disse ele — Está pronta para ir?

Rhianna assentiu, assombrada por seu tom cortante e suas bruscas formas. Certamente não podia estar furioso porque tinha dançado com o Dallon.

Bevins estava esperando fora com a carruagem. Deu uma olhada à expressão no rosto de Rayven e rapidamente abriu a porta da carruagem. Sentiu um espionismo de compaixão pela Rhianna enquanto as ajudava a subir ao carro, inclinou a cabeça para o Rayven e logo fechou a porta atrás deles.

Foram em silêncio até o hotel. Rhianna permaneceu olhando pela janela, perguntando-se o que tinha feito para que ele estivesse tão zangado.

— Está apaixonado por você.

— O que? Quem?.

— Montroy.

— Isso é absurdo. Ele não sabe nada de mim.

— O amor não se apóia no conhecimento — Respondeu Rayven em silencio — Se assim fosse, não estaria sentada aqui comigo.

Rhianna se girou para o enfrentar. Apesar da luz tênue, podia ler claramente sua expressão. Seus olhos se encheram de confusão e compaixão. Que idiota era, ao pensar que o conhecia porque tinha contado algumas poucas coisas a respeito de sua vida, porque tinham feito amor. Fazia coisas das que estava envergonhado, coisa pelas quais sua alma estaria para sempre condenada.

Seu olhar se posou nela, seu coração enfermo pela grande distancia que os separava. Ela não tinha nem idéia do mal que subjazia nele. Se a tivesse tido teria saído fugindo, gritando antes de permitir que a tocasse pela primeira vez. Era o epítome da inocência e da bondade.

Cheio de auto-repulsão, fechou suas mãos em punhos apertados. Nunca deveria havê-la manchado com seu contato, nunca deveria ter interferido em sua vida.

Rhianna tratou de alcançar sua mão e a apertou — Sinto muito, meu senhor, não quis fazê-lo.

Rayven franziu o cenho.

— O que?

— O que seja que tenha feito para te contrariar tanto.

— Me interpretou mau, Rhianna.

— O que é o que ocorre então? Não me dirá isso?.

Ele contemplou a confusão em seus olhos, cheios de um amor que viu refletido em suas profundidades azuis cristalinas apaziguando sua cólera, suas dúvidas. Era dele. Durante um ano. E já tinham passado mais de três meses. Nunca antes tinha passado o tempo tão rapidamente.

— Diga-me — Urgiu suavemente — Me explique quanto me ama.

Ela se aproximou dele, rodeando a cintura com seus braços enquanto o olhava fixamente — Amo-te — Disse ferventemente — Nunca o duvide, meu senhor. Amo-te mais do que nunca acreditei que poder amar em toda mim vida.

Com um silencioso gemido, esmagou-a contra seu peito, sua boca fechando-se sobre a dela em um beijo furioso que deixou os lábios arroxeados. Sua língua se introduziu profundamente em sua boca, enquanto suas mãos acariciavam seu cabelo, suas coxas, atrasavam-se sobre as curvas docemente arredondadas de seus seios.

— Desnuda sua alma — Murmurou roucamente — Mm diga que é minha para sempre.

— Você sabe que o sou — Ela respondeu, apenas capaz de falar pelos rápidos batimentos do seu coração — Rayven, por favor, me diga o que é o que tanto te incomoda.

— Agora não — Recostou-a sobre o assento, suas mãos explorando sob suas saias, levantando suas anáguas, afastando seus calções.

— Meu senhor... Rayven... — Ficou sem fôlego quando as pontas de seus dedos roçaram a sensível carne ao longo do interior de sua coxa — O hotel... Logo chegaremos.

— Não me faça esperar, Rhianna. Preciso-te. Agora. — Ele se tornou para trás procurando seu olhar, esperando que o rejeitasse.

Ela, com silenciosa aceitação, atraiu sua cabeça e o beijou. Não sabia que demônios o atormentavam; só sabia que não podia rejeitá-lo.

Desabotoou nervosamente suas calças, e imediatamente estava em cima dela, seu peso descansando sobre seus cotovelos enquanto se mergulhava em seu interior. Seu fôlego roçou seu rosto e sua língua varreu sua boca, entrando em suas profundidades.

Foi rápido e feroz. Ela gemeu uma só vez e depois se agarrou firmemente a seus ombros como quando o prazer a varreu por inteiro. Suas mãos e seus lábios eram como relâmpagos, deixavam brasas ardentes onde quer que tocassem, até que a tormenta que tinha desatado em seu interior, culminou em um êxtase que a deixou sem fôlego.

Ele sentiu a mesma tormenta interior que ela, seus lábios acariciando-a, sua voz cheia de adoração enquanto murmurava palavras de amor. Ela sentiu a espetada afiada de seus dentes como se fosse uma carícia, a repentina doçura sensual explodiu em seu interior, enquanto ele se estremecia convulsivamente, depois ficou imóvel, sua respiração áspera e desemparelha contra a curva de sua garganta.

Acariciou seu cabelo cheio de ternura, com um sentimento de plenitude. Era suave e sedoso. Sentiu-o tremer enquanto suas mãos acariciavam sua nuca, ouviu-o resmungar algo ininteligível baixo enquanto se endireitava.

Grampeou as calças e reajustou sua roupa interior, rapidamente e eficazmente, como se todos os dias fizesse isso.

— Sinto muito — Disse bruscamente. — Me perdoe.

— Não há nada que perdoar.

— Tomei-a como um bruto.

Endireitando-se, alisou sua saia — Sinto muito que não o tenha encontrado satisfatório, meu senhor esposo.

Ele cravou os olhos nela — Te satisfez?

Rhianna assentiu. Olhou pela janela para fora, assombrada pelo descobrimento de que estavam em um caminho vicinal — Onde estamos?.

— Fora da cidade.

— Mas... — Sentiu que a cor subia por seu rosto. -Como sabia Bevins...

— Falei com sua mente, meu doce, e disse que desejávamos dar um rodeio até a casa.

— OH — Suas bochechas ardendo com um rubor aceso ao descobrir que Bevins sabia o que tinham feito.

Um sorriso brincou sobre os lábios de Rayven enquanto golpeou o teto da carruagem. Momentos mais tarde, o carro deu meia volta, retornando a Londres.

Rayven passou os braços ao redor dos ombros de Rhianna, e esta se aconchegou contra ele, suave e confiada como uma criança. Um momento mais tarde já estava adormecida.

Quando alcançaram o hotel, levou-a até sua suíte. Ela murmurou algo ininteligível mas não despertou enquanto a despia e a deitava.

Por um momento, observou-a como dormia, admirando a espessura de suas pestanas, a sensualidade de sua boca, o halo dourado de seu cabelo.

Despiu-se, com a intenção de unir-se a ela na cama; Depois, resistente de deitar-se quando estava tão próximo do amanhecer se aproximou da janela e ficou olhando a noite. Uma vez, a escuridão tinha sido sua única companheira. Tinha dado a bem-vinda, sabendo que seu silêncio escondia sua fealdade do mundo. E depois Rhianna tinha chegado a sua vida, expulsando a escuridão e a solidão, fazendo desejar uma forma de vida que estava para sempre perdida para ele, arrebatada desde os séculos.

Fechando seus olhos, pressionou sua testa contra o frio cristal e imaginou como seria ser mortal de novo. Em sua imaginação, viu-se caminhando da mão de Rhianna à luz do sol, viu-a amamentando a seu filho, rodeado de meninos.

Uma forte dor atravessou seu coração enquanto dava as costas à janela e golpeava a mesa fortemente com sua mão. A mesa caiu quebrada. E uma lasca se cravou profundamente em sua palma.

— Rayven! — Rhianna se incorporou na cama, as cobertas fortemente agarradas sobre seu peito enquanto esquadrihava na escuridão — Rayven!

— Estou aqui — Respondeu — Volta a dormir.

— O que foi esse ruído?.

— Nada.

Acendeu o abajur, depois deslizou da cama e se aproximou apressadamente. Olhou com preocupação a linha tensa de sua mandíbula, depois ficou sem fôlego ao ver a lasca incrustada em sua carne.

— O que aconteceu? — Ficou olhando-o fixamente esperando uma explicação.

Ele negou com a cabeça, não querendo dizer nada, certamente não podia explicar.

— Me deixe te ajudar — Disse ela, tentando alcançar sua mão.

— Não! — Resmungando um juramento, tirou bruscamente a lasca de sua carne. O sangue vermelho, escura fluiu abundante pela palma de sua mão.

Sangue maldito. Sangue malvado.

Não sabendo o que foi o que imbuía a fazer tal coisa, cavou sua mão e bebeu o sangue de sua palma, sentindo um prazer perverso ao ver a expressão de horror que se refletia o rosto dela.

Rhianna deu um passo para trás, olhando fixamente. Ele tentava assustá-la. Por que?

Dando meia volta, foi até a cômoda e encharcou um pano na água, depois volta até ele. Sem nenhum comentário, agarrou sua mão ferida e pressionou o tecido frio contra sua palma, segurando-a com força entre suas mãos.

— Não me dirá que aconteceu ? — Perguntou.

Enquanto a olhava, sentiu como se diluía sua cólera, vencida pelo amor que viu brilhando em seus olhos.

— Estava desejando — Disse bruscamente — Desejando coisas que nunca poderão ser — Acariciou sua face com sua outra mão, seus dedos roçando sua carne. — Desejando poder estar a seu lado à luz do dia, poder te dar... — Ele suspirou profundamente — Desejando poder te dar um filho.

— OH, Rayven — Sussurrou — Isso é o que eu também espero com ilusão.

Lentamente, ele negou com a cabeça — Isso nunca ocorrerá, Rhianna. Não posso ter filhos.

— Por que não? — Perguntou com perplexidade — Você pode... — Um débil rubor subiu por suas bochechas — Você já sabe.

— Você ainda não entende, meu doce? — Ele negou com a cabeça — Os mortos não podem criar vida.

Ela o contemplou, entristecida pelo amargo pesar que havia nas profundidades de seus olhos. Certamente não havia nenhuma palavra que pudesse consolar, levou-o de volta até a cama, envolveu-o entre seus braços e o embalou até que o amanhecer o absorveu em seu profundo

sono.

Não saiu em todo o dia. Não gostava de ir às compras, nem gostava de encontrar-se com outras pessoas. Sempre tinha dado por sentado a vida que teria, assumindo que se casaria, teria filhos e os veria crescer e ter a seus próprios filhos. Observaria o passo das estações, contaria os anos passar, até que sua vida finalizasse.

Como era para Rayven, permanecer sempre igual enquanto o mundo mudava a seu redor, ao igual às pessoas? O que faria quando Bevins se fosse? Quem cuidaria dele? Quem guardaria sua casa enquanto dormia seu sono cadavérico? Havia dito que logo teria que abandonar o vale, que já ficou muito tempo. Como devia se sentir, vendo os outros ficar velhos e morrer, não atrevendo-se a permanecer muito tempo em um mesmo lugar, não fosse que as pessoas se dessem conta de que ele alguma vez trocada, que os anos que passavam não faziam racho nele?

Sabia sem dúvida nenhuma que as pessoas do vale destruiria Rayven se soubessem o que era. Um vampiro. Não morto. Supunha-se que era um monstro, mas somente a tinha tratado com bondade. Diante seus rogos, havia provido um refúgio para os pobres e os sem lar, insistindo que não dissesse a ninguém o que tinha feito. Podia ter caçado os aldeãos sem piedade, tomando o que necessitava para sobreviver, mas sobrevivia com o sangue das ovelhas misturado com vinho, tomando sangue humano só quando era necessário, e só em pequenas quantidades.

Deveria estar assustada dele, estar consternada pelo que era, mas somente sentia piedade e compaixão, e um entristecedor sentimento de amor que desafiava a lógica ou a razão. Amava-o e queria passar o resto de sua vida com ele.

Passou o dia em seu quarto, o observando dormir, pensando em quão belo era, precisando tocá-lo se recostou a seu lado na cama, sua cabeça apoiada sobre seu ombro.

Rayven despertou ao entardecer e encontrou a Rhianna adormecida em seus braços. Ainda se assombrava por encontrá-la ali quando despertava, especialmente depois do que tinha acontecido a noite anterior. Durante séculos, não tinha havido ninguém a seu lado quando despertava de seu sono cadavérico. Ninguém em sua cama. Ninguém em sua vida que realmente importasse, exceto Bevins. E então tinha comprado ela de seu pai uma jovem de sujo rosto, e seu mundo inteiro se alterou. Tinha levado outras mulheres ao castelo. Nenhuma que tivesse deixado rastro algum em sua mente. Transformaram-se em um borrão sem rosto em sua memória. Não tinha movido nada em seu interior, nem o afeto e menos o amor. Não tinham feito que nada mudasse em sua vida, não tinham despertado nenhum interesse nele, a parte do sustento que sem se dar conta o havia provido.

Rhianna. Não tinha sido a primeira jovem que tinha levado a seu castelo, mas sabia que seria a última.

CAPÍTULO VINTE E UM

Rhianna caminhava lentamente, ensimesmada, pela rua.

Durante as três semanas anteriores, Bevins a tinha levado de excursão a vários lugares de interesse. Tinham ido ao museu de cera de Madame Tussaud. A Rhianna tinha surpreso inteirar-se de que o museu tinha sido baseado em 1776. Tinha ficado fascinada pela semelhança que tinham as figuras de cera com os personagens reais e repelida diante a câmara dos horrores que refletia horripilantes episódios da batalha do Trafalgar.

Bevins a tinha levado a catedral do St. Paul, que tinha cem anos de antigüidade. A cúpula era impressionante, a nave de uma beleza deliciosa.

Ficou olhando com admiração a abadia de Westminster. Era ali, nesse magnífico edifício onde todos os reis e rainhas da Inglaterra tinham sido coroados.

Tinham ido visitar a Torre de Londres, onde tinham sido executadas duas das esposas do rei Enrique VIII, e Sir Thomas More e William Penn. Rhianna tinha tremido ao imaginar-se presa dentro da Torre de Londres aguardando sua execução. Tinha imaginado o medo de estar ajoelhada na forca, esperando cair a foice.

Tinham passado pela ponte de Traitor, tinham visto a Torre Sangrenta e a Wakefield Tower.

Tinham ido de excursão ao Trafalgar Square, a ver as mudanças de guarda em Buckingham Palace, e todo o tempo tinha desejado que fosse Rayven o que caminhasse a seu lado, lhe mostrando os lugares.

Londres era uma cidade assombrosa, completamente diferente do tranquilo povoado onde tinha passado a maior parte de sua vida. Cheia de atividade e bulício –os sons incessantes de rodas e cascos de cavalos sobre o pavimento, os sinos dos padeiros, os gritos dos vendedores ambulantes, que vendiam de tudo, ovos, facas, bonecas, veneno para ratos, livros etc. Os meninos da rua estavam por todos os lugares, transportando pacotes, segurando os cavalos a elegantes cavalheiros, indo procurar carruagens ou fazendo rodar rodas de carreta na rua sempre com a esperança de ganhar algum penique.

Fez uma pausa para olhar uma das cristaleiras. Parecia estranho estar sozinha, sem o Bevins

acompanhando-a silenciosamente. Tinha saído para efetuar um encargo, e aproveitou essa oportunidade para sair sozinha. Sem dúvida Bevins estaria furioso com ela quando retornasse ao hotel, mas não tinha ido muito longe e não planejava afastar-se muito.

Inclinou sua cabeça para um lado, admirando um dos chapéus exibidos na cristaleira da chapelaria. Era muito lindo, feito de palha, adornado com flores de diversas cores, debruado com uma fita de cor lavanda. Não necessitava outro chapéu; tinha comprado vários nas últimas semanas. Mas queria este, e não havia nenhuma razão pela que não pudesse o ter. Rayven tinha dado carta branca para comprar tudo que desejasse.

Estava a ponto de entrar na loja quando viu Dallon Montroy avançando pela rua para ela. As mulheres de ambos os lados da rua se detinham a olha-lo enquanto passava e não podia as culpar por isso. Velhas e jovens por igual observaram enquanto caminhava para ela. Apresentava uma imagem realmente elegante com seu casaco de cor verde e calças cor marron. O sol formava reflexos dourados sobre seu cabelo, fazendo-o parecer um príncipe de conto de fadas.

— Rhianna! — Exclamou, pegando suas mãos entre as suas — Ditosos os olhos. Que bela esta. — Sorriu, com olhos brilhantes — Leva um bonito vestido.

Ela se ruborizou com prazer, enquanto ele a olhava com admirado atrevimento — Obrigado, Dallon. Eu também me alegro de vê-lo.

Olhou para a cristaleira.

— Vê algum que você goste?.

Rhianna assentiu. — Aquele — Disse, assinalando-o — O de palha com os nós e as flores. É muito lindo.

— ois então deveria o ter — Sorriu enquanto lhe oferecia seu braço.

— Na realidade não necessito outro chapéu — Disse, mas não protestou quando a conduziu ao interior da loja.

Dallon pegou o chapéu da cristaleira, e ficou a seu lado cruzado de braços enquanto ela o provava.

A atendente, uma mulher com muito busto e rosto avermelhado, resplandecia diante a perspectiva de uma nova venda, enquanto Rhianna se olhava no espelho.

— É perfeito, senhora. Importado da França. — A atendente olhou a Dallon, e Rhianna pensou que a mulher acreditava que era seu marido — Senta-lhe de maravilha à senhora, não acha?.

— Certamente — Disse Dallon — Levamos ele.

Rhianna olhou seu reflexo no espelho, e negou com a cabeça — Não, Dallon.

— Quero comprar — Disse, e ignorando seus protestos, pagou o chapéu, insistindo em que o tivesse posto.

Contente, Rhianna se atou as fitas sob seu queixo.

— Vamos — Disse Dallon, tomando-a pelo braço — Vamos tomar um chá, para que todo mundo possa ver o bonita que te vê com seu novo chapéu.

Rhianna negou com a cabeça — De verdade, eu gostaria muito, mas não posso.

— Claro que pode.

— Tenho que voltar para casa. Olhou para o sol poente. Rayven despertaria logo e esperaria que estivesse ali — Rayven estará...

— Rayven estará o que?.

— Me esperando.

— O deixe que espando, Rhianna. Ter um pouco de ciúmes é bom para um homem.

— Você acha? — Perguntou duvidosamente.

— Uma só xícara de chá — Urgiu — Que mal pode fazer?.

— Não posso Dallon. Por favor, devo ir .

— O que ele fez com você Rhianna? — Perguntou Montroy com voz preocupada — É sua esposa, não sua escrava. Tem direito a uma vida própria, a amigos próprios.

— Você não entende

— Esperava ser algo mas que um amigo para você, Rhianna — Disse Dallon em baixinho — Mas agora isso é impossível.

— Dallon, não deve me dizer estas coisas. Não é correto.

— Sei e o sinto. Mas não posso evitar sentir o que sinto — Segurou sua mão, deslizando seu polegar sobre seus dedos — Por favor não me negue o prazer de estar uns poucos minutos em sua companhia.

Soube que deveria recusar, soube que Rayven estaria zangado se descobrisse, mas não poderia ignorar a súplica nos olhos de Montroy, nem ignorar sua oferta de amizade.

— Esta bem — Disse — Mas devo estar de retorno ao hotel antes de que escureça.

— Estará prometo — Disse Dallon.

Passaram uma hora agradável falando de coisas corriqueiras. Contou a Dallon suas excursões pela cidade; falou da nova carruagem que tinha comprado, junto com um par de belos cavalos cinzas para arrastá-la.

Sentindo-se feliz e relaxada em sua presença, Rhianna se esqueceu da hora, até que se deu conta de que o sol já se pôs.

— É muito tarde — Exclamou.

— Levarei-te de retorno ao hotel.

— Não! Adeus, Dallon. Obrigado pelo chapéu, e pelo chá — Ficando rapidamente em pé, agarrou sua bolsa e saiu do café.

Seu coração golpeava rapidamente e sua testa estava cheia de suor, quando chegou ao hotel. Forçando-se a tomar um profundo fôlego para tranquilizar-se abriu a porta de seu quarto e entrou.

Rayven estava de pé na janela, olhando para fora. Deu a volta enquanto ela fechava a porta. Seu escuro olhar a percorreu da cabeça aos pés.

— Sinto muito ter me atrasado — Disse Rhianna. Deixando sua bolsa sobre uma cadeira, alisou sua saia e tirou as luvas — Onde está Bevins? Eu gostaria de pedir algo de jantar.

— Fiz o pedido por você.

— OH? — Cruzou suas mãos para acalmar seu tremor — Obrigado.

— Onde esteve?

— Fui às compras... Comprei um chapéu novo. Você gosta?.

Assentiu, seu escuro olhar concentrado em seu rosto.

— Acredito que me refrescarei um pouco.

— Não me diga mentiras, Rhianna.

Ela engoliu seco, seus dedos apertaram as dobras de sua saia — Mentiras, meu senhor?.

— Esteve com Montroy de novo.

Não havia forma de negá-lo — Sim. Tomamos o chá juntos.

— Onde?.

Ele a observava fixamente, seus olhos escuros sem piscar. Sua frieza a intimidava.

— Em um salão de chá rua abaixo. Frente à chapelaria.

Seus olhos se estreitaram furiosamente enquanto cruzava o quarto até ela, tão perto que podia sentir o calor de seu fôlego — Ele comprou o chapéu?.

Tragou, o medo apertando a garganta — Por... Por que me diz isso?.

— Seu perfume está no chapéu, em suas mãos. Comprou-lhe isso, Rhianna?.

— Viu-me admirando-o na cristaleira e o comprou para mim. Eu não queria mas ele insistiu.

Um músculo se moveu em sua mandíbula. Tinha passado a tarde com Montroy. Sozinhos.

— Não aconteceu nada — Disse Rhianna. Posou sua mão sobre seu braço para o acalmar — Tomamos chá, isso é tudo. Sinto não ter estado aqui quando despertou. Por favor me perdoe.

Ele se voltou de costas, não querendo que visse o ciúmes que carcomiam sua alma — Não há nada que perdoar. Não é prisioneira aqui, Rhianna. É injusto de minha parte esperar que esteja encerrada até o anoitecer.

— OH, Rayven — Aproximou-se dele. Rodeando com os braços sua cintura, e recostando sua face contra suas costas, desejando poder aliviar o dano que tinha causado.

— Sinto muito — Disse rigidamente.

— Não há nada pelo que deva se desculpar.

— Queria matá-lo — Disse bruscamente — Estou ciumento de cada hora, cada minuto, que possa passar com qualquer outro homem.

— Não há nada pelo que deva estar ciumento. Dallon é simplesmente um amigo, nada mais. E isso é o que será toda minha vida.

— Sei — Rayven aspirou profundamente e soltou o ar em um suspiro longo, lento — Nunca tinha estado apaixonado antes — Disse, como se confessasse um terrível segredo — Olho Montroy e vejo o que eu poderia ser se não tivesse desejado a Lysandra. De que vale viver durante quatrocentos anos se a gente tiver que viver sozinho?

Uma de suas mãos cobriu a sua, seu polegar roçando suavemente seu dorso.

— Quando era jovem, tive sonhos de glória. Era o melhor do lugar. Tinha um nome que os homens respeitavam e temiam. Tinha terras e riquezas, podia ter todas as mulheres que desejava. Poderia ter tido uma boa vida, uma esposa e filhos. Mas joguei tudo pela murada por perseguir uma mulher que parecia um anjo e resultou ser o diabo.

— Sinto tanto, Rayven — Beijo o oco em meio de suas costas — Mas lhe disse isso antes, e o direi outra vez. Me alegro de que seja um vampiro. Se não tivesse encontrado Lysandra, teria morrido faz centenas de anos e nunca teria te conhecido.

Rodeou-o e o enfrentou de cara — Amo você, senhor meu marido — Disse ferventemente — Me alegro de que me comprasse de meu pai. Deste-me uma maravilhosa educação, ajudado a minha mãe e a minhas irmãs muitos mais do que fez meu pai — Amo-o — Disse de novo — Não há ninguém mais, somente você.

Com um suspiro, ele a atraiu a seus braços — Não tem nem idéia de quanto significa para mim, Rhianna — Queixou-se — E temo que não tenho suficientes palavras para explicar isso, me perdoe por meu ciúmes. Não tenho nenhuma desculpa exceto nunca amei antes ninguém.

Estava nas pontas dos pés, querendo beijá-lo, reconfortá-lo, mas se afastou rapidamente, quando ouviu que baterem na porta.

— Seu jantar já está aqui — Disse Rayven.

— Eu o pegarei. Dando um apressado beijo na face foi abrir a porta.

Um jovem vestido de garçom levava uma bandeja coberta — Deseja alguma outra coisa, senhora?

— Não, obrigado — Fechando a porta, levou a bandeja até a mesa — Se sentará comigo enquanto como?

Assentindo, Rayven cruzou o quarto e se sentou frente a ela.

— Não me disse onde esta Bevins.

— Pediu-me a noite livre.

— OH? — Levantou a bandeja, e o aroma de carne de cordeiro assada e batatas encheu o quarto.

— Rhianna.

— Olhou-o e imediatamente seu sorriso desapareceu — O que?.

Olhou-a durante um comprido momento e depois lentamente negou com a cabeça — Faz que me envergonhe do que sou.

— Se envergonhar? por que?.

Negou com a cabeça. Como podia explicar quando nem ele o entendia? Fazia tempo que se resignou a ser o que era. forçava-se a beber sangue das ovelhas, mesmo que não obtinha nenhum prazer disso, negando-se aquilo que desejava ferventemente, negando o que ele era. Encerrava-se em seu castelo, ou em alguma outra de suas propriedades, mantendo-se afastado dos mortais, para proteger os de si mesmo, permanecendo assim encerrado em sua própria prisão. Orgulhava de si mesmo por ter aprendido a controlar a fome aguda que o possuía, que o impelia a matar para alimentar-se, havendo assim encontrado uma certa paz consigo mesmo.

E depois tinha comprado a Rhianna e se deu conta novamente de quão profundo era o abismo que o separava do resto do mundo. Sua bondade e sua luz faziam até maior o contraste com a escuridão que morava em seu interior.

Envergonhava-se de quão vidas tinha tomado, o sangue que tinha derramado, do mal que habitava em seu interior, sob controle mas nunca completamente vencido. Inclusive não poderia acreditar que o amasse, sabia que não merecia seu amor.

Só este ano. Por favor, somente me permita ter este ano, e depois a deixarei ir.

— Rayven, diga algo.

— Não há nada que dizer.

— Esta pensando nisso de novo, preocupando-se por mim, por nós?.

— Acredito que está começando a me conhecer muito bem.

— Teve algum momento de felicidade em sua vida durante estes quatro séculos?.

Ele se recostou, repensando e depois assentiu — Sim.

— Me fale deles.

Com um suspiro, começou a falar de seu passado.

Ao princípio, depois de que teve aprendido a controlar a fome, quando se tinha reconciliado com o que era, tinha dado a volta ao mundo. Viajado às selvas africanas, as pirâmides do Egito. Tinha visitado a França, Espanha e Grécia, passado um ano na América do Sul errando entre as ruínas das antigas culturas. Durante todos esses anos tinha aprendido a ler e se havia aficionado a apreciar as palavras escritas.

Também tinha aprendido a apreciar as belas artes, tinha desenvolvido afeição pela música e pelo teatro. Tinha cortejado muitas mulheres belas, embora não se permitiu intimidade com nenhuma. E quando se cansou de ser um vagabundo, tinha retornado aqui, à terra onde tinha nascido, ao lugar em que uma desafortunada noite, sua vida tinha mudado para sempre.

Fazia cem anos que era Vampiro quando tinha comprado o castelo no alto do Devil Tree Mountain e se afartou do resto de mundo. E cada vinte ou trinta anos, quando as pessoas começavam a perguntar-se a respeito dele, ia a outro lugar. Mas sempre retornava.

Rhianna se recostou, suspirando — Viveu tanto — Queixou-se — Fez tantas coisas — Negou com a cabeça — Acreditava que estaria contente por todas as oportunidades que teve.

Ele grunhiu suavemente — Seriamente? — Como ela o fazia, pensou que deveria ser capaz de ver o bom e ignorar o resto. Possivelmente tinha vivido muito tempo. Talvez fosse a hora de terminar com sua existência, antes que a amargura que crescia em seu interior o devorasse.

Com a mandíbula fortemente apertada, levantou-se e tratou de alcançar sua capa.

— Aonde vai?.

— Fora — Assinalou seu prato — Você já teve seu jantar, e agora eu devo ir caçar o meu. Algo denso e quente.

— O esta fazendo de novo — Disse Rhianna acusadoramente — Esta tentando me impressionar, me fazendo acreditar que é um monstro. Por que? Por que contínuas fazendo isso?

— Porque isso é o que sou — Passou uma mão por seu cabelo, enquanto a culpa, o

arrependimento e os remorsos cresciam em seu interior. Ela tirava o melhor dele, pensou arrependido, e também o pior. Queria ser digno de seu amor e por alguma escura razão que não chegava a entender, estava tentando provocar seu ódio.

— Muito bem, meu senhor — Disse coléricamente. Afastando a bandeja, levantou-se e permaneceu em frente a ele — Se acha um monstro — Inclinou sua cabeça e lhe mostrou seu pescoço, expondo a curva de sua garganta — Demonstra-o.

Ele a olhou como se tivesse perdido a razão — O que está fazendo?.

— Quero que me demonstre a espécie de monstro que é. Vamose, me arranque a garganta. Bebe até que não possa mais.

Ficou olhando-a fixamente, as janelas de seu nariz enchendo do aroma de sua cólera. Podia ouvir o sangue circulando por suas veias, quente e espesso, ouvir os rápidos batimentos cardíacos.

Seu olhar ficou cravada no oco do pulso em sua garganta. Lambeu os lábios, recordando o doce sabor de seu sangue em sua língua.

— Estou esperando — Ficou olhando-o, seus olhos azuis desafiando-o a tomar o que oferecia.

Sentiu como suas presas se alargavam, sentiu elas raspando contra sua língua. Sua respiração se fez áspera, suas mãos apertadas em fortes punhos enquanto sentia como a fome surgia em seu interior, urgindo a envolvê-la em seus braços, para beber e beber e beber.

Isso é o que você é, urgia sua fome. Por que lutar mais?

Suas mãos tentaram alcançá-la. Como se pertencessem a outro, observou como seus dedos se curvavam sobre seus ombros. Ela era tão frágil, facilmente a poderia partir em dois. Lentamente, atraiu-a mais e mais perto, até que seu rosto ocupou toda sua visão. Seus olhos eram grandes, profundas piscinas azuis cheias de amor, compaixão e aceitação.

Aspirou profundamente, e cheirou o aroma de seu medo. Isso o golpeou duramente, vencendo a fome em seu interior.

— Rhianna — Se sentou com um abrupto soluço. Atraindo-a para seu colo, esmagou-a contra dele — É uma moça insensata.

— Somente me demonstrou que tenho razão, meu senhor — Disse, com sua mão acariciando sua face — Não é um monstro absolutamente.

Olhou por cima seu ombro quando a porta se abriu e Bevins entrou no quarto.

— Ah — Disse, esclarecendo-a voz — Me perdoem. Não tive intenção de incomodar.

— Está tudo bem — Disse Rayven. Depositou a Rhianna no chão e ficou de pé — Ia sair.

— Necessitará de alguma outra coisa esta tarde?.

— Não, Bevins. Boa noite.

— Boa noite, Sua Senhoria. Senhora Rhianna — Com uma reverência entrou no pequeno quarto junto a sua suíte e fechou a porta.

— Você disse que não gosta do sangue das ovelhas — Comentou Rhianna — Por que não tira de mim o que necessite em vez disso?

Rayven negou com a cabeça — Não. Sua voz era rouca, não pela cólera, mas sim pela gratidão.

— E se insistisse?.

— Não, Rhianna. Nunca te usaria assim — Poderia ocorrer que alguma vez necessitasse seu sangue para sobreviver, um tempo quando ele poderia necessitar mais que a pequena quantidade da que se dava o gosto quando faziam o amor, mas não beberia dela como bebia de outros, não a usaria para satisfazer sua fome, inclusive embora estivesse tentado a fazê-lo.

Ela colocou suas mãos sobre seu peito — Permitiria-me que comesse lagostas e formigas se fosse desnecessário?

— Não é o mesmo, meu doce — Disse com arrependimento.

— Por favor não me rejeite, Rayven. É algo que quero fazer por você. Algo que preciso fazer. Sem poder emitir nenhuma só palavra, ele negou com a cabeça.

— Rayven...

— Não, Rhianna. Agradeço sua oferta, estou mais agradecido do que possa imaginar, mas não posso aceitar.

Estudou seu rosto, perguntando-se por que era tão teimoso — Muito bem, meu senhor— Disse — Mas a oferta continua em pé.

Ele assentiu — Estarei um tempo fora — Disse e recolhendo sua capa, saiu do quarto.

Estava adormecida quando retornou. Havia levado mais do usual encontrar a alguém adequado para seus propósitos; depois de que teve apagado sua fome, tinha passeado pelo Hyde Park, cômodo com a escuridão.

Agora, permaneceu ao pé da cama, observando-a durante um comprido momento, maravilhando-se novamente por sua generosidade de espírito. Nenhuma outra mulher em todo mundo teria feito tal oferta pensou e a amou mais por isso. Em ocasiões desesperadas tinha tomado sangue de Bevins, mas isso era em pagamento de uma velha dívida. Rhianna a tinha devotado por amor.

Com um suspiro, permaneceu diante da lareira, agasalhado em sua capa enquanto olhava fixamente a apagada lareira. Um fogo nasceu a uma piscada de seus olhos e permaneceu com o olhar cravado nas chamas sem as ver.

Quem teria pensado que uma jovem poderia efetuar tais mudanças em sua vida em tão pouco tempo?

Como poderia alguma vez em toda sua vida, deixá-la partir?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Permaneceram em Londres outras duas semanas, e depois retornaram a Millbrae.

Rhianna sentia uma crescente antecipação enquanto a carruagem subia pela alta colina rodeada de névoa para o castelo. Uma vez, a casa se erigiu como algo ameaçador, frio e proibido; Agora era sua casa.

Rayven a ajudou a descer da carruagem, seu olhar percorrendo as altas torres. Tinha tido grande quantidade de residências durante os últimos quatro séculos; De todas elas, Devil Tree Mountain e seu sombrio castelo sempre tinham sido sua morada favorita, mas nunca tinha pensado no Castle Rayven como sua casa até agora. Até Rhianna.

Levando Rhianna nos braços, abriu a porta principal e a depositou no vestíbulo. — Bem-vinda a casa, Lady Rhianna.

Rhianna ria suavemente enquanto a levava até o estudio.

As semanas que tinham passado em Londres tinham sido maravilhosas. As melhores de toda sua vida. Tinha dormido ao lado de Rayven durante o dia, e ido a teatros e concertos com ele de noite.

Duas vezes tinha pedido que tomasse seu sangue, não só um gole, e sim o suficiente para apaziguar sua fome. Ele não tinha querido, tinha discutido em contra, mas, ao fim, tinha o convencido de que era algo que precisava fazer, que queria fazer. E porque odiava negar algo, ele tinha acessado. A experiência a tinha deixado fraca como um bebê recém-nascido, mas tinha encontrado uma profunda satisfação em poder alimentá-lo com a própria essência de sua vida.

Deixando-a no chão, Rayven depositou um beijo em sua testa; Depois, com um olhar, acendeu os abajures e o fogo da lareira.

Podia ouvir Bevins mover-se pela casa, levando suas coisas e as malas de Rhianna ao quarto

da torre, fazendo outra viagem à carruagem para descarregar as coisas que ela tinha comprado para sua família.

Rhianna permaneceu diante da lareira, tremendo no cômodo frio até que Rayven passou seus braços a seu redor, atraindo-a sob as sedosas dobras de sua capa.

Com um suspiro de satisfação, descansou sua cabeça contra seu peito e fechou seus olhos. Aqui era onde ela queria estar, onde tinha seu lugar.

— Cansada? — Perguntou.

— Na realidade, não — Rodeou-o com seus braços, querendo estar mais perto, desejando com toda sua alma penetrar em seu interior e descobrir quão segredos recusava compartilhar.

— Faminta? — Acariciou seu cabelo ligeiramente, seus sentidos vibrando por sua cercania.

— Não — Se afastou um pouco para poder ver seu rosto — E você?

Ele sorriu, seus olhos cheios de tanto amor que fez seu coração se saltar um batimento do coração.

— Não — Tinha tomado duas vezes seu sangue nas últimas duas semanas. Não se atrevia a tomar mais tão cedo, nem havia nenhuma necessidade.

Ao princípio, tinha recusado beber dela. Uma coisa era saborear sua doçura no calor da paixão, outra era utilizar seu precioso sangue para aquietar a fome que ardia em seu interior. Ao fim, porque não podia lhe negar nada que estivesse em seu poder, tinha-o feito quando ela o suplicou. Saborear a doçura de seu sangue tinha feito que se precavesse de novo de quanto odiava o sangue das ovelhas.

Agora, era difícil recordar que a tinha comprado para o só propósito de aplacar sua fome. Milagrosamente, uns poucos goles de seu precioso sangue apaziguavam sua fome muito mais eficazmente do que tinham feito as incontáveis mulheres, mulheres cujos nomes e rostos já não podia recordar.

— Você necessita de alguma coisa esta noite? — Perguntou Bevins.

Rayven negou com a cabeça.

— Importaria a você que eu... — Bevins esclareceu a voz. — Importaria se usar a carruagem esta tarde?.

— Claro que não — Rayven disse, depois franziu o cenho — Aonde vai?.

— Eu... — Bevins esclareceu voz — Acredito que passarei para ver a Senhora McLeod.

Rhianna olhou por cima seu ombro — Você vai ver minha mãe?.

— Se você não tiver nenhuma objeção, sim senhora?

Tiamat World

— Não, claro que não — Disse Rhianna.

— Eu, E... — Bevins passou um dedo ao redor do interior de seu pescoço — Pensei que talvez gostaria de saber que você está bem.

— É claro — Disse Rhianna — Dê minhas lembranças. E diga que irei vê-la logo.

— Assim o farei — Disse Bevins — Boa noite, Sua Senhoria. Senhora Rhianna. — Com uma leve reverencia, saiu do estudio.

— E então? — Disse Rhianna — O que pensa disto?.

Rayven negou com a cabeça. Pela primeira vez, ocorreu que desconsideradamente, tinha condenado Bevins a viver a mesma vida em solidão que ele.

— Nunca tive intenção de privar Tom de levar uma vida normal comentou — E isso na realidade é o que tenho feito. passei tanto tempo me preocupando em proteger minha existência, que nunca me dei conta de quão sozinho devia sentir-se durante todos estes anos.

— Tinha boas razões para preocupar-se, meu senhor — Disse Rhianna.

Rayven balançou a cabeça — Foi um abuso de minha parte. Porquê não me dei conta disso antes?.

Ada McLeod se afastou assustada diante a surpresa quando viu Tom Bevins na soleira de sua porta. Seu primeiro pensamento foi que algo tinha ocorrido a Rhianna.

— O que é o que aconteceu? — Perguntou ansiosa — O que é o que esse monstro fez a minha filha?.

— A Senhorita Rhianna está muito bem, senhora.

Graças a Deus — Olhou atentamente por cima de ombro do Bevins — Veio com você?.

— Não, senhora McLeod. Eu, justamente quis lhe fazer uma visita e assegurar que esta bem e... — Ele puxou de seu pescoço, depois esclareceu voz — Bastante bem.

— Gostaria de entrar e sentar um momento, Sr. Bevins? — Perguntou Ada, alarmada pelo repentino rubor de suas bochechas.

— Sim, obrigado, senhora.

— Então, entre.

Bevins a seguiu até a cozinha, sentando-se na mesa diante seu convite.

— Gostaria de tomar uma xícara de chá, Sr. Bevins?

— Sim, obrigado.

Tirando o pote do fogo, Ada encheu duas xícaras. Pôs uma diante de Bevins, e depois se

sentou frente a ele. Não se encontrava a gosto tendo o homem em sua casa, mas estava ansiosa por ouvir notícias de sua filha — Açúcar? — Perguntou — Leite?.

— Não, obrigado, senhora.

— Então senhor, o que o traz por aqui a estas horas?.

— Perguntava-me se você poderia me dar permissão para, uh...

— Para que?.

— Eu gostaria muitíssimo poder visitá-la, senhora McLeod.

— Me fazer visitas? — Ada cravou os olhos nele com incredulidade. Tinha quarenta anos e era a mãe de cinco filhos. Para tempo que tinha ultrapassado a idade em que os homens a cortejavam.

— Sim, senhora.

Ada cruzou as mãos em seu colo, suas bochechas ardendo pela vergonha — Não sei o que lhe dizer.

— Diga que sim, senhora McLeod.

Ada negou com a cabeça — Não posso lhe dar permissão para me visitar, senhor. Bevins.

— Entendo-o — Ele negou com a cabeça — Não, não o entendo. Acreditei que, isto é... Por que não?.

Ada levantou seu queixo e o olhou diretamente nos olhos — Eu não gosto do homem para o que trabalha. Não confio nele. É mau. enfeitiçou a minha filha.

Bevins negou com a cabeça — Senhora McLeod, eu lhe asseguro que os rumores que ouviu a respeito de meu senhor são falsos.

— Não acredito. Há algo estranho nele — Negou com a cabeça — Desconheço o que é, mas sei que não é como outros homens.

Bevins deixou escapar um suspiro de resignação.

— Então você também o admite?.

— Os costumes de Sua Senhoria podem parecer estranhos, senhora McLeod, mas é um bom homem.

— Nunca escutei nada a respeito de sua bondade.

— As histórias que se contam no povoado são mentiras — Disse Bevins, perguntando-se como evitar falar de seu senhor.

— Não podem ser tudo mentiras — Replicou Ada — E inclusive se o forem, sei por experiência que a maioria das mentiras estão apoiadas em algum elemento de verdade. Há algo

estranho nele, algo que não parece de verdade. Eu vivi no vale toda minha vida, e nenhuma só vez vi esse homem no povoado à luz do dia, nem sei de ninguém que o tenha feito. É um mau homem o que foge a luz, que não tem amigos. — Ficou olhando tristemente sua xícara de chá — Temo pelo bem-estar de minha filha.

Bevins se moveu nervosamente em sua cadeira — Senhora McLeod, pode que meu senhor Rayven não possa viver como outros homens, mas ama a sua filha, e enquanto esteja com ele não sofrerá nenhum dano. Posso prometer.

— Você é muito leal.

— Ele salvou minha vida faz muitos anos.

— Seriamente?.

— Sim, senhora — Bevins ficou de pé — Sinto muito havê-la incomodado, senhora McLeod.

— Boa tarde, senhor.

Bevins caminhou para a porta, depois se voltou, sabendo que se não o dizia, nunca teria coragem de fazê-lo outra vez.

— Senhora McLeod, vim aqui esta noite porque... — Tomou um profundo fôlego e concluiu rapidamente — Porque estou sozinho, e pensei que talvez, você também esta sozinha, poderia lhe agradar minha companhia. Sei que você não aprova a meu senhor, mas não pode deixar isso à parte e me julgar, a mim pelo que eu sou?.

Ada se afastou assustada, surpreendida por sua apaixonada declaração — Não sei o que dizer.

— Voltarei — Disse Bevins sua coragem o abandonando tão rapidamente como tinha chegado — Minha senhora me pediu que dissesse que viria a visitá-la muito em breve.

— Obrigado — Disse Ada. Levantando-se, seguiu Bevins até fora da cozinha à porta principal da casa — Dê a Rhianna minhas lembranças.

— Assim, o farei.

— Sr. Bevins?

— Sim, senhora?

— Sentiria-me muito honrada se viesse a me visitar.

Bevins se inclinou respeitosamente — Será um prazer, senhora.

Ada o seguiu estudando-o com o olhar. O senhor Bevins sabia muitas coisas do Castelo Rayven e seu escuro senhor. Se fosse cuidadosa e preparada, poderia saber os mistérios que se ocultavam dentro das paredes cobertas de névoa do castelo.

Tiamat World

— Ele está em casa — Disse Rayven.

Rhianna desviou o olhar do trabalho que estava bordando, seus olhos cheios de curiosidade

— Não ouvi nada.

Rayven sorriu; Um momento mais tarde, Bevins entrou no estudio.

— Sim, Sua Senhoria?.

— Acredito que Rhianna deseja te fazer uma pergunta.

— Sim, senhoria?.

Rhianna olhou a seu marido. Estava-a observando, seus olhos escuros brilhando travessamente.

— Perguntava-me se tudo foi bem.

Bevins assentiu — Muito bem, senhora.

— Quer sentar-se, Tom? — Perguntou Rhianna assinalando a cadeira frente a Rayven.

— Não, obrigado, senhora.

— Foi bem a visita que fez a minha mãe?.

— Sim, senhora. Ela disse... — O homem esclareceu voz — Disse que poderia visitá-la de novo.

Rhianna se encontrou com o divertido olhar de Rayven.

— Isso, se você não tem nenhuma objeção, senhora.

— Não, claro que não — Rhianna sorriu a Bevins — Acredito que você e minha mãe fazem um bom casal.

— Obrigado, senhora. Necessitará alguma outra coisa esta tarde?.

— Não — Respondeu Rayven pelos dois — Pode retirar-se.

— Obrigado, Sua Senhoria — Bevins se inclinou respeitosamente e saiu do estudio.

— Sempre é tão formal? — Perguntou Rhianna.

Rayven assentiu — Por que me pergunta isso?.

— Como estiveram juntos durante tanto tempo, parece-me um pouco estranha tanta formalidade, isso é tudo. A estas alturas pensava que eram amigos.

— Esclareci-lhe desde o começo que sua amizade não era bem-vinda.

— OH? Por que?.

— Não deixei que ninguém se aproximasse de mim desde que me converti em Vampiro — Respondeu — Ninguém, exceto você.

Levantando-se de sua cadeira, Rhianna foi sentar se em seu colo — Eu gostaria de poder

fazer com que esquecesse o passado — Murmurou, acariciando sua face — Desejo poder te fazer feliz.

— Você me faz feliz, meu amor — Respondeu — Não duvide nem um momento.

— Como posso te ajudar, quando sempre parece tão triste?

Sorriu fracamente — Pareço triste?

Rhianna assentiu — Tenta me esconder isso mas posso vê-lo em seus olhos, inclusive agora.

O que é que tanto te preocupa senhor meu marido?

Com um suspiro, envolveu-a entre seus braços e a aproximou mais a ele, apoiando seu rosto sobre seu peito. O que era o que mais doía? Perguntou. O pensar que logo teria que liberá-la de sua promessa? A certeza de que algum dia se casaria com outro? Ou o saber que se faria velha e morreria enquanto ele permanecia igual para sempre?

— Meu senhor?.

Aspirou profundamente, as janelas de seu nariz enchendo-se com o doce aroma de seu perfume, de seu cabelo, de sua pele, do sangue que era a mesma essência de seu ser. A fome e o desejo se agitaram em seu interior.

— Rhianna? — Sussurrou seu nome suavemente, como um suspiro.

Ele depositou um beijo na parte superior de sua cabeça — Sim, meu senhor?

Soltou-a de entre seus braços enquanto amaldiçoava a escuridão de seu interior, a fome que o fazia ser fraco. Perguntava-se como podia amá-lo, quando pedia tanto dela e em troca, devolvia-lhe tão pouco.

Rhianna se afastou um pouco para poder ver seu rosto — Rayven?

— Necessito-te.

Sorrindo, inclinou sua cabeça para um lado, depois afastou seu cabelo sobre seu ombro, deixando ao descoberto sua garganta — Toma o que necessite, meu senhor.

Ele se levantou da cadeira em um ágil movimento, levando-a em seus braços como se ela não pesasse nada.

— Necessito mais que isso, meu doce — Respondeu com voz rouca de emoção.

Posou seus lábios sobre os dela, depois a levou velozmente acima pela escura escada de caracol, sua capa ondulando atrás dele como se fosse o mesmo diabo.

Logo foi óbvio que Bevins estava apaixonado pela mãe de Rhianna. Seu passo era mais ligeiro, e sorria freqüentemente sem nenhuma razão aparente. E cada sexta-feira pela tarde

Tiamat World

perguntava a Rayven se podia lhe emprestar a carruagem na sábado de noite.

— Talvez logo teremos outras bodas — Rayven filosofou enquanto permaneciam na mesa depois de jantar.

— Talvez — Respondeu Rhianna. Bevins tinha estado vendo sua mãe todas as semanas fazia três meses.

— Não pensa o mesmo?

Rhianna fez um gesto vago com sua mão — Eu acredito... Quer dizer, parece como se... Negou com a cabeça, não sabendo como explicar exatamente o que pensava.

— Continua.

— Acredito que ela o esta usando.

Rayven franziu o cenho — Usando Bevins? Para que fim?

— Não me faça conta.

— Diga-me Rhianna.

Não havia forma de ignorar esse tom de voz, ou o olhar em seus olhos.

— Pois bem, ambos sabemos que nunca gostou de você. Nem confia em você. Ouviu todos os falatórios. Acredito que vá a Bevins porque espera que lhe conte... Olhou para a delicada taça de cristal na mão de Rayven — Você sabe.

— entendi — Comentou Rayven e se perguntou por que essa possibilidade não lhe tinha ocorrido antes.

Deixou a taça sobre a mesa, tornou-se para trás, seus cotovelos apoiados nos braços da cadeira, seu queixo descansando sobre suas mãos dobradas. Ele escrutinou a Rhianna pensativamente durante um longo momento — O que acha que deveria fazer a respeito?.

— Não sei. Talvez deveríamos ir daqui.

— Quer partir?

Rhianna negou com a cabeça — Não.

Sua família estava aqui, a única família que tinha. A única família que teria em toda sua vida, deveria Rayven permitir que ficasse quando o ano finalizasse?

— E se Bevins trair minha confiança, pensa que sua mãe acreditaria?

Um leve sorriso brincou sobre os lábios de Rhianna — Acredito que minha mãe acreditaria que é o proprio demônio, senhor meu marido.

— E você o que pensa, meu doce?.

O sorriso desapareceu dos lábios de Rhianna — A respeito de que?

Ele se odiou por perguntar, odiou as contínuas dúvidas que o assaltavam — viveu comigo aqui durante seis meses. tomei sua inocência, a essência de sua vida. Se te permitisse partir, iria?

Lentamente, negou com a cabeça — Ainda dúvida de mim, meu senhor? Por que não pode acreditar em meu amor e em mim?.

Uma fugaz imagem de Rhianna e Montroy dançando juntos apareceu na mente de Rayven, dois jovens mortais, vibrantes de vida, saúde e força.

Ele baixou seus braços, suas mãos fechadas fortemente em seu colo enquanto imaginava a sua esposa e a visconde juntos, aborrecendo a idéia do mesmo modo que admitia que pareciam um para o outro. Montroy amava a Rhianna. Poderia lhe dar tudo o quisesse e necessitasse, tudo o que merecia. Uma casa, uma família, e um título tudo envolto em um manto de riqueza e respeitabilidade.

Rhianna olhou como as emoções faziam racho no rosto normalmente impassível de Rayven. Viu as dúvidas que continuamente o assaltavam. Tinha-o amado sem reservas, tinha devotado com toda sua alma, inclusive o mesmo sangue que corria por suas veias e isso não era suficiente. Como podiam passar toda a vida juntos se negava a aceitava o amor que oferecia?

Levantando-se, deixou seu guardanapo sobre a mesa e abandonou a sala e saiu do castelo.

Fora, ficou um instante olhando a escuridão, depois pos-se a correr pelo caminho do jardim que conduzia ao labirinto.

Nunca acreditaria que o amava, nunca se acreditaria digno de seu afeto. Quando chegasse o momento, jogaria-a. Tinha esperado conseguir que a amasse tão profundamente que permitisse ficar toda a vida. Apenas agora se dava conta de quão tola era essa esperança. Por que queria ele ver como envelhecia? Sua pele se enrugaria, seu cabelo ficaria cinza, mas ele permaneceria para sempre tal como era agora, jovem e viril, com os desejos de um jovem.

Estava ofegando quando chegou ao coração do labirinto, sentindo uma forte espetada em seu flanco ao respirar. Sem fôlego se sentou no banco de pedra e enterrou o rosto entre suas mãos.

— Rhianna.

Elevou súbitamente seu rosto, sobressaltada ao encontra-lo de pé diante dela, uma silhueta alta vestida de negro na escuridão da noite. — Como... Como fez para... Vir assim... Tão rápido?.

Elevou uma escura sobranceira com gesto divertido. — De verdade quer sabê-lo?.

É obvio, pensou. Era um Vampiro. Uma criatura da noite. Capaz de viajar a velocidade sobrenatural.

Ajoelhou-se diante ela, sua capa ondulando a seu redor — Amo-te, Rhianna, — Disse, pegando suas mãos — Com cada fibra de meu ser, com cada fôlego de meu corpo, amo-a.

— Mas entretanto não acredita que eu também te amo.

— Não mereço seu amor.

— Mas o tem de todos os modos.

— Sei — Sorriu amargamente— E é uma pesada carga que suportar.

— Uma carga? — A dor que se refletia em seus olhos, destroçava seu coração.

Assentiu — Nunca devia te trazer aqui, nunca deveria ter te tocado tocado. Acariciou sua bochecha, deixou que as pontas de seus dedos se deslizassem pela graciosa curva de sua garganta — Atormenta-me te amar tanto, saber que logo terei que te deixar partir — Aspirou profundamente — Saber que algum dia se casará com um homem que seja digno de seu amor e dará a luz a seus filhos.

Rhianna negou com a cabeça — -Não tem porque ser assim.

— Ah, mas é, meu doce. Sua proximidade me prova enormemente. Está errado que te mantenha aqui, fazendo que viva nas sombras. Precisa viver tal como deve ser e eu.... Olhou o pulso que pulsava no oco de sua garganta — Neguei-me durante muito tempo a ver o que em realidade sou.

— Rayven, não nos faça isto — Aproximou suas mãos de seu peito, assustada pelo desespero que via em seus olhos, pela resignação em sua voz.

Ela é uma mortal. Toma-a. Toma o que quer. O que necessita.

Afastou-se, opondo-se à fome que aumentava em seu interior, opondo-se ao desejo de beber e beber e beber, até embebedar-se com seu sabor, admitindo, pela primeira vez, que tinha estado jogando um jogo perigoso. Enganou a si mesmo pensando que tinha vencido a fome.

Tinha bebido o sangue das ovelhas e havia dito a si mesmo que tudo estava bem.

Tinha comprado mulheres jovens e as tinha conservado no castelo, bebendo delas enquanto dormiam, enviando as de volta quando já tinha tomado tudo que podiam lhe dar.

Tinha tomado frugais goles do sangue de Rhianna e felicitou a si mesmo por seu autocontrole.

E durante todo o tempo se esteve enganando, dizendo a si mesmo que já não era um monstro porque já não matava para sobreviver.

Olhou a Rhianna, com olhos ardendo a fogo lento na escuridão de sua mente. A necessidade e a fome rugindo em seu interior, quente e veloz como lava ardente. Tentou lutar contra isso, e

soube que, desta vez, não seria o suficientemente forte. Soube que se tomava agora, destruiria-a e ao fazê-lo, destruiria a si mesmo também.

— Meu senhor? Rayven? Está bem?

— Necessito de Bevins.

— Esta doente, meu senhor? — Olhou seu rosto, alarmada pelo brilho febril em seus olhos, sua dificultosa respiração, a linha tensa de sua mandíbula.

— Bevins — Contraindo o rosto com um gesto de dor, balançou-se para trás sobre seus calcanhares, suas mãos fechadas em punhos com força — Bevins!.

Rhianna cravou os olhos nele, seu coração pulsando rapidamente com temor. Sua capa se enrolava fortemente a seu redor, como um casulo de veludo negro grosso. À pálida luz da lua, podia ver que a malha ondeava suavemente sobre suas costas e seus ombros, como se tentasse confortá-lo.

Assustada pelo que via, levantou-se. Virou rapidamente para ouvir passos que se aproximavam, deu um suspiro de alívio quando viu o Bevins correndo para eles.

— O que aconteceu? — Perguntou.

Rhianna balançou a cabeça — Não sei.

Bevins olhou Rayven, depois se ajoelhou a seu lado — Volte para a casa, senhora — Disse enquanto arregaçava a manga de sua camisa — Vá. Agora.

— Não — Negou com a cabeça — Quero ajudar.

Bevins elevou o olhar para ela e viu seu olhar preocupado — É o que ele quer — Disse Bevins em silêncio.

Quis replicar, rogar a Rayven que recorresse a ela para o ajudar. Se necessitava nutrição, então ela queria ser quem a provesse. Quis gritar diante quão injusto era tudo, diante o que ele era.

— Rhi... Ana. Vai — Sua voz era áspera, devido à dor que atravessava como finas adagas — Por favor vai.

— Sim, meu senhor — Deu meia volta e partiu, sua vista nublada pelas lágrimas que nem sequer se deu conta que derramava.

Bevins esperou até que Rhianna esteve fora de sua vista, depois aproximou seu antebraço de Rayven, fez uma careta quando sentiu a afiada dentada das presas do vampiro que perfuraram seu pulso. Apertou com força seu punho, perguntando-se, como sempre o fazia quando a loucura invadia a seu senhor, se Rayven poderia deixar de alimentar-se antes de que fosse muito tarde.

Vislumbrado a luxúria do sangue que ardia como um fogo infernal nos olhos do vampiro, Bevins partiu dando meia volta, sabendo que o seu senhor não gostava que o observasse, não gostava que ninguém o visse quando a fome vencida, quando o verniz de humanidade se diluía sob a poderosa necessidade, o desejo por sobreviver.

Era uma visão que Tom Bevins já tinha visto com antecedência, quando esteve a ponto de morrer em um beco escuro cinquenta anos atrás.

Uma visão, impossível de esquecer.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Rhianna se amassou sob as cobertas, escutando o relógio dar a hora. Eram quatro e quinze da manhã, e Rayven ainda não tinha vindo à cama.

A meia-noite, tinha descido, esperando o encontrar no estudo, mas o quarto estava escuro e vazio.

Tinha encontrado Bevins na cozinha. Sentado na mesa, com uma manta sobre seus ombros e um grande copo de brandy em suas tremulas mãos. Sentindo seu olhar, tinha elevado a cabeça e logo afastado o olhar. Mas sua expressão tinha silenciado as perguntas que prenavam em seus lábios. Era a expressão de um homem que tinha vislumbrado as insondáveis profundidades do inferno, aproximou-se o suficiente para sentir o calor das chamas.

Virou-se e se dirigiu correndo para a torre. Isso tinha acontecido fazia quatro horas.

Onde estava Rayven?

Logo amanheceria.

Por que não vinha à cama?

Levantando-se, envolveu-se uma colcha ao redor dos ombros e abandonou a torre. O piso estava frio sob seus pés nus enquanto descia pela escada de caracol até o primeiro piso.

Não havia nenhuma luz acesa.

Agarrando fortemente a manta ao redor de seus ombros, foi lentamente para o estudo.

Soube que ele estava dentro logo que pôs sua mão sobre o trinco.

— Meu senhor? — Abriu a porta e olhou atentamente para a escuridão — Rayven? — Entrou no quarto e fechou a porta atrás de si — Sei que estas aqui dentro.

— vá para cama, Rhianna.

Tiamat World

— Estou sozinha sem você.

— Não posso estar com você esta noite.

— Está doente?

Ele riu suavemente, cruelmente — Nunca estou doente, meu doce. Só estou doente de mente e espírito.

Ela deu outro passo para ele — Me deixe te ajudar.

— Não há nada que possa fazer, Rhianna.

— Mas...

— Se seriamente se importar tanto como diz, retornasse à cama — Aspirou bruscamente e depois soltou o ar pouco a pouco — Vai agora, que estou disposto, e sou capaz de deixar ir.

— Rayven, por favor...

— Me deixe!

Ele falou com os dentes apertados fortemente, sua voz áspera pelo esforço em manter o controle em seu interior.

Com um grito estrangulado, deu a volta e fugiu do quarto.

Na manhã seguinte seu lado da cama estava vazio. Alarmada, colocou a bata e baixou correndo. — Bevins! Bevins!.

— Sim, senhora? — Saiu da cozinha, visivelmente melhorado com respeito à noite anterior.

— Onde está? Não veio à cama. O sol... — Balançou a cabeça, seus olhos aumentados diante o medo a algo que não se atrevia nem a mencionar.

— Está bem, senhora.

— Onde está? Ele não há... — Aspirou profundamente — Não abandonou o castelo, não é? Não me abandonou. As palavras, tácitas, pareciam estar no ar entre eles.

— Não, senhora.

Ela franziu o cenho — Mas se não estar aqui, então onde está?

Bevins vacilou um minuto, como se perguntasse se devia ou não dizer.

— Diga-me.

— Está no porão.

— No porão!.

O olhar de Bevins se separou do seu — Às vezes descansa ali.

— No porão? Mas por que?

— Temo que isso só sua senhoria pode explicar-lhe.

Dirigiu-se para a porta, mas então sentiu a mão de Bevins segurando-a — Não gostará que vá até lá.

— Sou sua esposa e a senhora do castelo — Disse Rhianna, surpreendida pelo tom imperioso de sua voz — Não permitirei mal-entendidos entre Rayven e eu.

Bevins afastou a mão de seu braço e se inclinou respeitosamente — Como você quiser, senhora Rhianna.

Olhou-o arrependida, com uma desculpa a ponto de sair de sua boca. Nunca tinha tratado Tom como um criado e se envergonhava de havê-lo feito agora.

Bevins negou com a cabeça — Não precisa se desculpar, minha senhora — Tirou uma grande vela de uma gaveta e a acendeu para ela — Preicará disso — Colocou a mão em seu bolso e tirou uma grande chave de latão — E este outro.

Tomando a vela e chave, Rhianna partiu, seu coração pulsando acelerado em seu peito enquanto descia o estreito lance de escadas que conduzia até o porão.

Uma quebra de onda de ar frio a invadiu quando abriu a porta. Durante um instante parou em seco, olhando a escuridão reinante. Por que preferia descansar ali abaixo? O que é o que encontraria ali?

Reunindo coragem e recordando-se que ele era seu marido, desceu os últimos degraus. Segurando a vela no alto, viu vários porta-garrafas bem sortidos, dúzias de barris e caixas, e uma enorme caixa coberta de pó.

Levantando a ponta de sua camisola com uma mão, entrou no porão. O ar estava viciado, úmido e mofado. As poeirentas dúvidas penduravam das paredes. O chão era de dura terra calcada, e estava frio sob seus pés. Imagens de peludas aranhas e ratos surgiram em sua mente.

Quando chegou ao extremo mais afastado do porão, parou. E logo viu , uma estreita porta de ferro a sua esquerda.

Ele estava ali.

Com uma mão tremula deslizou a chave no ferrolho. Guardando-a depois no bolso de seu robe, aspirou profundamente e abriu a porta.

Reunindo coragem, atravessou a soleira.

O quarto estava vazio exceto pelo caixão contra a parede ao fundo. Um caixão negro, com a tampa fechada. Esculpido na parte superior da tampa havia a imagem de um corvo voando.

A bÍlis subiu por sua garganta quando cravou os olhos no caixão.

Não se supõe que os vampiros devem passar as noites dentro de um caixão? Tinha

perguntado ela uma vez.

E ele tinha respondido que os encontrava estreitos e limitantes.

O terror se enroscou em seu estômago como uma parte de gelo no inverno. Isto é o que ele era. O havia dito de forma suficientemente explícita. Tinha deixado ver seu rosto desprovido de toda humanidade. E mesmo assim não o tinha entendido completamente, nem o tinha podido acreditar até agora.

Com uma determinação que nunca teria acreditado possuir, forçou a si mesma a cruzar o quarto e levantar a pesada tampa para poder ver dentro.

Estava deitado sobre um leito de branco veludo. Sua capa envolta a seu redor, o negro de sua capa e de seu cabelo formavam um vívido contraste com o forro do ataúde.

Seu marido. Um vampiro.

Ele se moveu, como se fosse consciente de sua presença, e sua capa se enroscou mais firmemente a seu redor, para o proteger.

Um gesto de dor cruzou seu rosto, e depois uma só palavra murmurada saiu de seus lábios.

— Rhianna.

As lágrimas afluíram a seus olhos e desceram por suas faces. Provocadas por um esmigalhado sentimento de pesar e piedade, lágrimas de compaixão pela profunda angústia de sua alma. As lágrimas fluíram abundantemente, molhando seu robe, gotejando em cima da capa de Rayven. As lágrimas recusavam deter-se. Um rio de lágrimas silenciosas que temeu que afogasse a ambos.

Tinha a sensação de que ele sabia que estava ali. Podia sentir seus esforços na escuridão, brigando por sair do sono cadavérico que o apanhava e ela soube que agora não poderia enfrentá-lo.

No mesmo momento Bevins estava ali a seu lado, lhe oferecendo seu braço, levando-a longe de ali.

Ele despertou quando o sol se ocultou, as janelas de seu nariz se encheram de seu perfume. Saiu do caixão, suas mãos fechadas em punhos com irritação. Ela tinha estado aqui. Não tinha sonhado sua presença enquanto jazia indefeso às escuras, nunca sonhava. Ela tinha estado ali.

Bevins! Vêm aqui! Agora!

Andava ansiosamente pelo quarto enquanto esperava seu criado, com a certeza do que devia fazer, atormentando-o em seu interior como se tratasse de uma afiada faca. Cruzou rapidamente a porta aberta do porão.

Bevins o olhou com apreensão — Sua Senhoria?

— Vou embora daqui. Esta noite.

— Empacotarei suas coisas.

— Não. Não vou levar nada — Olhou atentamente a Bevins — Nada.

— Muito bem. Em seguida estarei preparado.

Rayven balançou a cabeça — Não. Quero que fique aqui, com... Com ela — Não podia dizer seu nome em voz alta, não agora.

— Não entendo.

— Não sou como outros homens, e já não posso enganar a mim mesmo durante mais tempo.

— Sua Senhoria, talvez se não se mantivesse tão afastado. Possivelmente se fosse ao povoado alguma tarde e passasse mais tempo junto à demais pessoas, se os deixasse aproximar. Talvez se soubessem que você é o que financia o refúgio, ajudaria a afugentar os rumores.

— Não. Será melhor para a Rhianna e para todos nós, se for — Rayven partiu dando meia volta, com os braços cruzados sobre seu peito — -Quero que fique com ela enquanto precise. Quando ela ... — Suspirou profundamente — Quando tiver encontrado outro, reunirá-se comigo.

Algum outro, pensou cruelmente. Alguém como Montroy.

— Sim, Sua Senhoria — Bevins esclareceu voz — Explicará tudo isto você mesmo?.

— Não — Rayven negou com a cabeça, desprezando-se por sua covardia — Precisarei de lápis e papel.

— Sim, Sua Senhoria.

Rhianna elevou a vista do livro que estava lendo, sorrindo impacientemente, mas não era Rayven que estava no portal. Era Bevins.

-O que aconteceu? — Perguntou alarmada pela sombria expressão no rosto de Bevins — Aconteceu algo errado?

Bevins estendeu uma folha de papel — Isto é para você, senhora.

— Uma carta? — Levantou-se enquanto esquecido livro caía de seu colo, pegou rapidamente a missiva da mão de Bevins. Receber uma carta de noite só podia indicar más notícias.

Cravou os olhos no papel como se nunca antes tivesse visto uma carta, depois lentamente a abriu, seu coração caiu em picado quando viu o selo de Rayven.

Com uma reverência, Bevins saiu do quarto.

Cruzando o quarto, Rhianna se sentou na borda da cama, a cama que tinha compartilhado com o Rayven, e permaneceu olhando no branco, com a cabeça de um corvo impressa com lacre vermelho como o sangue.

Finalmente, com mãos tremulas rompeu o selo.

Rhianna

Não posso fingir mais. Estes passados seis meses com você foram os mais felizes de minha existência. Nunca saberá a alegria que trouxe para minha existência, mas não posso ficar mais tempo com você. Sua proximidade apazigua minha alma do mesmo modo que aviva a demoníaca fome dentro de mim, uma fome que temo já não posso controlar.

O castelo é seu. Faz com ele o que quiser. Bevins ficará com você enquanto o necessite. É meu desejo que me esqueça e encontre outro homem. Montroy seria um bom marido, um homem que pode te dar a espécie de vida que merece.

Me perdoe por lhe dizer isto em uma carta, mas sou tão covarde, que não posso dizer isso pessoalmente por temor que me convença a ficar. Fazer isso poderia pôr sua vida e sua alma, em perigo, e isto é algo que nunca faria.

Sei que te recordarei sempre e te amarei até meu último fôlego.

Sempre seu, Rayven

Ela cravou os olhos nas palavras, imprecisas pelas lágrimas, incapaz de acreditar que a tinha abandonado, que nunca voltaria a vê-lo.

Não soube quanto tempo esteve sentada ali, enquanto silenciosas lágrimas corriam por suas faces, manchando o escrito que tinha em suas mãos. Partiu-se.

— Senhora?

Custou-lhe grande esforço levantar a cabeça. Bevins estava esperando no vão da porta, sua expressão sombria, seus olhos cheios de compreensão.

— O Visconde Montroy está lá abaixo, senhora.

— Agora não posso vê-lo.

— Temo que ele insista.

— Joga-o.

— Ele não irá — Bevins aspirou profundamente — Diz que Rayven pediu que viesse.

Rayven! Talvez Montroy saberia aonde tinha ido — Esta bem.

Levantou-se, uma mão segurando fortemente a carta. Seguiu Bevins pelas escadas, sem importar que seus olhos estivessem vermelhos e inchados pelas lágrimas. Estava além da vergonha, de que importasse o que qualquer pudesse pensar.

Montroy estava no salão dianteiro, de costas para a lareira. Praguejou baixo quando Rhianna entrou, depois velozmente cruzou a sala e a sustentou entre seus braços.

Ela não resistiu, simplesmente ficou ali, desesperada como uma menina perdida.

— Rhianna — Tomando sua mão, conduziu-a até uma cadeira perto da lareira. Até sabendo que ia contra as normas do decoro se sentou e a depositou em seu colo, embalando-a como se fosse um bebê que necessitasse consolo.

Ela se aconchegou contra dele, seu rosto sepultado no oco de seu ombro.

Amortecidos soluços sacudiram seus magros ombros; Suas lágrimas molharam seu casaco. Murmurando suaves palavras de consolo, acariciava suas costas, amaldiçoando interiormente Rayven por seu cruel abandono.

Tinha encontrado a Rayven no Cotyer a noite anterior.

— Abandono Millbrae — havia dito sem nenhum preâmbulo — Quero que você cuide de Rhianna.

Havia levado um instante encontrar a voz para perguntar — Aonde vai?

— Isso não importa.

— Quando voltara?

— Não sei. Talvez nunca.

— Não entendo.

Um brilho de sardônica diversão havia cruzou pelos olhos de Rayven — Não posso explicar, Montroy, mas quero que me de sua palavra de que cuidará dela.

Dallon tinha ficado olhando nos olhos de Rayven, esses escuros olhos que o tinham inquietado tanto durante anos. Não havia nenhum indício de perigo espreitando agora, nenhuma arrogância, só uma profunda dor que não podia ocultar.

— Você sabe que o farei.

Rayven tinha inclinado a cabeça — Seja bom com ela — Havia dito, e depois, com sua capa ondulando a seu redor tinha abandonado o local.

Dallon assombrado perguntou se tudo isso era real.

— Abandonou-me.

A voz de Rhianna trouxe Montroy de volta ao presente.

— Sei.

— Por que? — Olhou-o, a dor de seus olhos recordava a angústia que tinha visto refletida nos de Rayven.

— Não sei — Montroy respondeu suavemente. Tirando um lenço de linho do bolso do seu casaco, secou as lágrimas de suas bochechas.

— Acreditei que me amava — Olhou a carta ainda fortemente apertada em sua mão — Disse-me que me amava.

— Ele o faz — Disse Montroy — Estou seguro disso.

Ela o olhou como se o visse pela primeira vez — Por que estas aqui?

— Rayven me pediu que viesse. Não queria que estivesse sozinha.

— Ele te enviou? Você o viu? — A esperança brilhou em seus olhos — Quando? Onde? Onde está agora?

— Foi-se, Rhianna. Não me disse aonde ou por que, só que ia.

Sofreu ao observar como a esperança morria em seus olhos, e o desespero a alagava de novo. Sofreu por saber que amava outro.

— Rhianna, o que posso fazer?

— Fazer? — Cravou seus olhos nele inexpressivamente.

Estremeceu em seus braços quando uma nova quebra de onda de lágrimas alagou seus olhos. Observou-a chorar com impotência, viu como as silenciosas lágrimas alagavam de novo seus olhos e caíam por suas faces.

Ao cabo de um momento, desmaiou contra ele, e ele a sustentou, suas mãos acariciando seu cabelo, suas costas, perguntando se em toda sua vida voltasse alguma vez a sorrir de novo.

Esquadrinhando as sombras que se elevavam no exterior, Rayven olhou pela janela, vigiando. Uma dor atravessava seu coração como se tivessem parecido uma estaca enquanto escutava suas lágrimas e sabia que ele era a causa.

— Amo-te, minha doce Rhianna — Gemeu.

E tinha sido o amor o que tinha feito partir, escapar através da noite longe da única mulher que tinha amado em toda sua vida.

Os dias passaram, mas Rhianna apenas se dava conta disso. Passava-os caminhando pelo jardim, recordando as noites que tinha passeado à luz da lua com o Rayven. Comeu diante a insistência de Bevins, embora não tinha apetite. Tomava longas sestas e se deitava cedo porque

somente era ali e em sonhos quando seu marido vinha a ela.

Montroy ia visitá-la a cada dia, evidentemente preocupado diante o aspecto de seus olhos, sua voz, o toque distante de sua mão. Não se entrometia em sua tristeza, não dizia que não chorasse nem se angustiasse. Aceitava seus desejos quando queria estar sozinha, abraçava-a quando pedia consolo, enxugava suas lágrimas quando chorava. E durante todo o tempo, esperava que aceitasse seu amor, somente rogava que chegasse um dia em que o amasse tão profundamente como tinha amado o escuro senhor do castelo.

E algumas vezes quando chorava, quando a dor em seus olhos fazia que seu coração se contraísse de angústia, sabia que com gosto aceitaria vê-la reunida de novo com o Rayven se isso a fizesse sorrir de novo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caçava entre as sombras da noite, desafoando sua fúria e sua tristeza no derramamento inverificado de sangue inocente. Espreitava sua presa implacavelmente, alimentando-se de seu medo, deixando que sua presa visse o que era, deixando ver o desejo de matar em seus olhos, sorrindo enquanto deixava a descoberta suas presas. Sofria, como nunca o tinha feito durante os quatro séculos de sua existência, e queria lançar um golpe atrás de outro, esperando que ao infligir dor nos outros, poder aliviar ele seu próprio.

Caçou presas como não o tinha feito desde que foi feito Vampiro, caçou até que o aroma a sangue e medo se pegou a sua pele, a sua roupa, infiltrou-se em cada um de seus poros.

Tinha esquecido quão embriagador era, beber e beber e beber, até que se saciava do sangue da vida, até que seu coração pulsava ao mesmo ritmo que a desafortunada alma em seu abraço, até que seu corpo se elevava pletórico pela força vital do outro. Ah, o beber até não poder mais, beber a vida de alguém, suas esperanças e seus sonhos e suas memórias, seu mesmo ser.

Negava-se a considerar os princípios morais disso. Que necessidade tinha ele de ter princípios morais? Não era humano, era um Vampiro, uma raça à parte. As leis dos homens não significaram nada para ele. Os homens capturavam e matavam animais indefesos para alimentar-se. Os vampiros faziam de seus homens vitima. Ninguém fazia presa do Vampiro.

Durante muito tempo tinha tentado negar o que era, negar a necessidade que ardia em seu interior, negar o delicioso prazer que só podia obter ao beber o sangue dos mortais. Quão próximo

se sentia todos aqueles que caçava quando os embalava em seu abraço escuro. O que agradecido se sentia pela forte quebra de onda de energia que fluía por suas veias, enchendo o de vitalidade, fazendo-o sentir de novo como um vampiro jovem, recém feito.

E apesar de que bebia até saciar-se, nunca esgotava a suas vítimas até o extremo da morte. Embora era forte sua sede, não podia fazê-lo. Rhianna tinha a culpa. Ela poderia entender sua necessidade de sangue; mas nunca aprovaria que tomasse uma vida. E embora nunca voltasse a vê-la, não podia ser pior do que ela acreditava que era.

Deleitava-se na escuridão que o alagava, todos seus sentidos alertas, sons da noite que os mortais nunca ouviam a suave salpicadura de uma gota de chuva caindo sobre a erva úmida pelo orvalho, o som de um camundongo andando sigilosamente entre as sombras. Via a beleza escondida na escuridão da noite, as sombras e formas cambiantes de um mundo dormido.

Durante semanas, vagou pelas sombras da noite, uma figura obsessiva silenciosa fazendo presa de qualquer o suficientemente incauto para cruzar seu caminho.

Agora estava caçando. Nuvens escuras cobriam a lua e as estrelas, prometendo chuva antes do amanhecer. Havia pouca gente nas ruas, um casal de anciões dirigindo-se a sua casa, um pai e um filho parados em um portal, um jovem casal caminhando de mãos dadas, olhando-se fixamente aos olhos ignorantes da tormenta que se mora.

E então viu uma jovem que descia correndo por uma escura rua, seu cabelo ondeando ao vento, os saltos de seus sapatos golpeando as pedras.

Voou com as asas da noite, silencioso como uma coruja espreitando sua presa, até que esteve a seu lado sua mão tampando o grito que escapava de sua boca.

O aroma de seu medo se misturava com o de sua essência . Podia ouvir os frenéticos batimentos do seu coração, ouvir como o sangue flua através de suas veias.

Dobrou-se sobre ela, sua capa envolvendo-os, como as asas de um grande pássaro negro. E então viu seus olhos. Olhos azuis cheios de um inexprimível terror. Olhos de um azul como o céu do verão, azuis como os de Rhianna...

Com um juramento, afastou-se, sacudido no mais profundo de seu ser. —Viu-se tal como Rhianna o veria, não melhor que um monstro mascarado em forma humana, uma besta selvagem incapaz de controlar o desejo horrível de seu interior.

Cheio de vergonha e odiando a si mesmo, apagou sua visão da mente da jovem, depois desapareceu de sua vista como se fosse um borrão de veludo negro.

Depois dessa noite já não caçou nenhum humano mais. Refugiou-se em uma cripta cheia de

um pestilento aroma de carne putrefata e flores secas. Aconchegado em um canto, com a capa envolvendo-o permaneceu olhando fixamente a escuridão.

Era um Vampiro. Um não morto. Estava aonde pertencia.

Os dias passaram em um sonho sem discernimento, as noites pareciam mais longas do que recordava. As noites quando a fome ardia em suas veias, quando rasgava seus órgãos vitais, quando, procurando alívio, cortava profundamente sua carne procurando nutrição.

No mundo exterior, o tempo seguia seu curso. As estações passavam uma atrás de outra. Os mortais nasciam e morriam. Mas ele sempre permanecia igual.

A dor se transformou em sua constante companheira, danificando-o em seu interior, urgindo-o a sair a caçar. Os fantasmas surgiam a seu lado na tumba com agudos gritos de dor que rasgavam sua alma, seus rostos distorcidos pelo medo quando olhavam seus olhos e só viam a morte neles. Muitos fantasmas vieram atormentá-lo, com seus olhos vazios cheios de acusação. Realmente tinha matado a tantos em tempos passados?

Seus rostos fazia muito tempo que tinham sido esquecidos, todos menos o do primeiro mortal que tinha matado. Então era um vampiro jovem dominado pela fome aguda queurgia ser saciada, ignorante do modo de existir dos de sua espécie. Tinha encontrado a mulher caminhando apressadamente por uma rua escura. Ela tinha notado sua presença muito antes de que sua mão se fechada ao redor de seu braço. Nunca esqueceria o horror que viu em seus olhos, ou o som de sua voz, desesperada pelo medo quando rogava por sua vida. Ele não tinha querido machucá-la, não tinha querido matá-la, mas a fome o tinha dominado, produzindo uma dor insuportável. Torpe em sua pressa, suas presas se cravaram na carne suave de sua garganta. Seu sangue tinha fluído a jorros para sua boca, quente com vida. E junto com o sangue, tinha saboreado uma de suas lágrimas. Horrorizado e envergonhado, tinha depositado seu corpo no chão. A expressão de seus olhos o tinha atormentado durante mais de um século.

Envolveu-se mas fortemente entre as dobras de sua capa, procurando escapar, procurando paz. Amaldiçoou a fome que carcomia seus órgãos como se estivessem ardendo sob as chamas do mesmo inferno, amaldiçoou-se pelo que ele era, amaldiçoou a Rhianna por enfeitiçá-lo, para dar o sabor que nunca poderia ter. E, por cima de tudo, amaldiçoou a Lysandra...

Lysandra!

Durante todos estes anos, ela se tinha mantido afastada, mas sempre próxima. Frequentemente tinha notado sua presença mas como todos os vampiros, ela era desconfiada com outros de sua espécie. Nunca o tinha procurado, nem ele tampouco tinha ido procura-la, mas

nos primeiros dias depois de que ele tinha sido transformado, freqüentemente tinha pensado em encontrá-la, em destruí-la pelo que lhe tinha feito. Lysandra...O tinha transformado no que era; Se havia alguma cura, então ela a conheceria. Em caso de que não a houvesse, procuraria sua destruição em mãos da que o tinha transformado.

Resmungando um juramento, fechou seus olhos e enviou seus pensamentos a noite.

— Rayven — Lysandra sorriu precavidamente, gratamente surpreendida ao encontrá-lo esperando-a em seu salão depois de levantar-se — O que é o traz por aqui?.

Sentiu um ondulação no ar enquanto ela reunia todo seu poder — Não quero te machucar.

Cruzando a sala, agarrou suas mãos. Ela era o vampiro mais velho que conhecia, mas se via exatamente igual à última vez que a tinha visto, seu lustroso cabelo negro recolhido em grossas mechas frisadas sobre sua cabeça, seu olhar escuro como negras piscinas de ébano sob grossas pestanas, sua pele pálida como o alabastro, com uma resplandecente translucidez.

— Sempre tão bela — Murmurou.

— Como você ela — Respondeu. Elevou uma pálida mão até seu cabelo, alisando-o por cima de sua testa — Mas por outro lado, nós nunca mudamos, não é?

— Não — Disse ele secamente — Nunca.

— Mas entretanto... Esta muito magro, mon petit. O que aconteceu?

— Nada — Soltou suas mãos rapidamente, e colocou as suas nos bolsos de suas calças — Quero saber se houver uma cura para o que somos.

— Uma cura? — Elevou uma delicada sobrancelha em interrogação — Faz que isto pareça uma atroz enfermidade.

— É uma maldição e quero me liberar dela.

Lysandra franziu o cenho — Para que? Vê-se suficientemente próspero, se excetuarmos essa pequena questão de sua alimentação. Seus olhos se estreitaram —Não se alimentou recentemente?.

— Esse não é um assunto de sua incumbência — Disse agudamente. Aspirou profundamente — Me diga — Disse — Há alguma forma de acabar com isto?

— Talvez um passeio à luz do sol? — Ela sugeriu, com o indício de um sorriso bordeando seus lábios.

— Não jogue comigo, Lysandra. Quero uma resposta.

— Não sei de nenhuma cura.

Suas mãos se fecharam em apertados punhos enquanto ela falava — Então quero que me destrua.

Ela passou um dedo sobre sua face — Realmente chegou a ser tão desagradável a vida?

— Já não posso suportar o que sou. Há-me tirado muito.

Ela o estudou com um direto olhar e depois sorriu — Apaixonou-se por uma mortal.

Não era uma pergunta, e sim uma afirmação sem nenhuma aprovação nem condenação.

Ele não se incomodou em negá-lo — Sim.

— Não há necessidade de acabar com sua existência, Rayven. Simplesmente transforma-a.

— Não.

— Abandonaria a imortalidade por essa mulher?

— Não zombe de mim, Lysandra. Você alguma vez esteve apaixonada?

— Deixa-me assombrada, Rayven. Não acreditava que nossa espécie fosse capaz de sentir nada semelhante a uma emoção humana.

— Oxala fosse certo — Passou uma mão por seu cabelo — Já não posso suportá-lo mais. Quero que acabe comigo. Agora.

— Em vez disso, por que não fica aqui comigo? — Sugeriu — Poderíamos caçar juntos — Pôs as mãos sobre seu peito e o contemplou com olhos ardentes e escuros. Suas mãos deslizaram tentadoramente até sua cintura — E brincar juntos.

A afastou lenta e deliberadamente suas mãos de seu corpo — Não vim aqui a procurar um companheiro de caça nem de cama, só uma forma de acabar com o que sou.

Cravou os olhos nela, observando a diversidade de emoções que cruzaram por seu rosto, a decepção porque ele não caçaria de noite com ela, irritação porque tinha desprezado seu afeto e um pingo de confusão porque não podia entender seu desejo por acabar com sua existência.

E também a luxúria pelo sangue aumentando em seus olhos, superando todas as outras emoções. Seus lábios se retraíram com um feroz sorriso, expondo suas presas.

Pensou em um repentino instante de temor e arrependimento, que nunca voltaria a ver Rhianna, e depois mostrou sua garganta, perguntando-se como seria sentir os dentes de Lysandra rasgando sua carne de novo depois de tantos anos.

— Não! — Rhianna despertou gritando — Rayven, não o faça!.

Um instante depois Bevins irrompeu no quarto com uma vela enfocando o rosto de Rhianna. Nestas últimas semanas, desde que Rayven a tinha abandonado tinha perdido muito peso. Tinha sombras escuras sob os olhos, olhos cheios de tristeza. Bevins temia por sua saúde, mas nada do

que ele nem Montroy fizessem ou dissessem, tinha podido apaziguar sua tristeza.

— O que aconteceu? — Perguntou, esquadrinhando as sombras do quarto, procurando a causa de seus gritos.

— Rayven... — Olhou-o com grandes olhos aterrorizados — Ele está em perigo.

Bevins depositou o candelabro sobre a mesa ao lado da cama — Foi só um pesadelo, senhora.

— Não — Negou com a cabeça — Não, era real.

— Não é nada. Estou seguro de que ele está bem.

— Não — Negou com a cabeça outra vez — Não pode senti-lo?

— Sentir o que?

— Ele quer morrer — Gritou o nome de Rayven em voz alta — Não viverei sem ele. Fico olhando a noite com olhos vazios, seus punhos fechados fortemente — Ouviu Rayven, não viverei sem você!

Soluçou seu nome uma vez mais e depois desmaiou sobre a cama.

— Senhora — Bevins se aproximou assustado pela falta repentina de cor em seu rosto, a palidez de sua pele. Sacudiu-a ligeiramente, sacudiu-a de novo ao não obter resposta — Rhianna!.

Tremeu quando uma fria brisa varreu o quarto e soube em seu coração, que ela tinha razão. Rayven tentava acabar com sua existência.

E Rhianna ia encontrar se com ele.

— Aqui não — Disse Lysandra. Passou suas longas unhas ao longo de seu pescoço — Vêem.

Ele seguiu Lysandra até sua guarida, estendeu-se no sofá de veludo vermelho que era o único adorno do quarto excetuando o caixão de mogno polido.

Lysandra se sentou a seu lado, suas presas ao descoberto, respirando com dificuldade e antecipação. Beberia seu sangue, reduzindo-a drasticamente até o extremo de sua morte, e ao fazê-lo obteria a força que ele tinha acumulado durante os últimos quatro séculos. E quando estivesse muito fraco para poder resistir o levaria fora e o deixaria ali. O sol faria o resto, consumindo com chamas qualquer prova de que ele tivesse existido jamais.

Ele ficou olhando fixamente a Lysandra. Seus olhos negros ardiam com fome. Sua capa se atou mais quando sentiu a mão da Lysandra sobre seu cabelo, acariciando-o ligeiramente e imaginou que era outra mão, a mão de Rhianna.

Rhianna... Rhianna...

Notou o suave bater das asas do fôlego da Lysandra contra sua face, sentiu seus lábios, frios como um vento de inverno, quando o beijaram. Frios pensou, quando os de Rhianna sempre tinham sido tão quentes.

Sobressaltou-se quando as mãos da Lysandra se fecharam sobre seus ombros, imobilizando-o. Esqueceu-se de quão forte era ela.

Rhianna... Rhianna...

—Faça-o — Disse fechado seus olhos.

Agüentou o temor que se elevou em seu interior quando sentiu a espetada das presas da Lysandra em sua garganta. Houve uma dor aguda, a sensação do sangue sendo extraído de seu corpo. orçou-se a relaxar. Isto era o que queria, um fim para sua miserável existência, o doce esquecimento da eternidade. Sentiu como se afundava em um redemoinho de névoa vermelha, como ia enfraquecendo mais e mais. A escuridão ia envolvendo prazenteiramente e agradeceu o que ela tivesse decidido ser amável e não cruel. Era justo, que ele encontrasse o esquecimento nos braços de quem tinha feito o que era.

Pequenos tremores atravessaram seu corpo. O frio o devorou. Rhianna... Rhianna... Nunca a veria de novo, nunca voltaria a sentir seu calor, nem a vê-la sorrir. Começou a lutar contra o instinto de conservação que queria assumir o controle de seu corpo. Sentiu que as mãos de Lysandra se fechavam fortemente sobre seus ombros quando tentou escapar de seu agarre, sentiu sua capa envolvendo-se mais a seu redor, embalando-o e soube que o fim estava próximo.

Rayven! Rayyen! Não viverei sem você. Sua voz, abriu passo em sua mente, gritando. *Rayven, retorna para mim.*

Tentou abrir seus olhos, tentou abrir passo com a força através das capas de sufocante escuridão que o arrastavam para a eternidade, mas carecia da força suficiente. Seus batimentos de coração eram lentos e pesados em seu peito. De longe, ouviu voz da Lysandra.

-Espero que do outro lado encontre a paz que buscas.

Quis falar com ela, dizer que tinha mudado de opinião, que Rhianna o necessitava, mas estava exânime, indefeso. Teve a sensação de estar em movimento e soube que Lysandra o levava fora. Levou-o sem esforço algum, mudando a velocidade sobrenatural através das escuras ruas.

Sentiu o vento friu em seu rosto como a mesma morte, enquanto o levava longe de sua casa, fora da cidade, a um cemitério abandonado fazia muito tempo. O sol o encontraria ali, encontraria-o e o destruiria, não deixando nenhum rastro.

Deu-se conta de que Lysandra se agachava sobre ele, sentiu o roce de seus lábios pela última

vez. Pôde ouvir o som de seus passos quando se virou e se afastou deixando-o só na quietude da noite, para encontrar o amanhecer em solidão.

Rhianna...

Flutuava leve, indefeso, em muita escuridão que não tinha nem princípio nem fim. O perfume da terra úmida invadia as janelas de seu nariz, recordando a essência da vida, tudo aquilo que agora estava perdido para sempre.

Rayven! Volta para mim.. Não viverei sem você... .

A voz de Rhianna ecoou em sua mente, repetidas vezes, enchendo sua alma de um profundo arrependimento ao compreender que ao tentar acabar com sua vida, tinha-lhe falhado.

As horas passaram. Começou a tremer incontrolavelmente. enroscou sobre si mesmo, envolvendo-se mais apertadamente em sua capa. A voz de Rhianna martelada em sua cabeça, rogando que não a abandonasse.

Rayven, não me deixe... . Por favor... . Volta para mim.. ..

Os batimentos do seu coração retumbavam em sua mente, fazendo-se cada vez mais fracos, até que pulsaram a seu mesmo ritmo e soube que quando a morte chegasse, também chegaria a ela.

Rhianna... Rhianna... — Me perdoe...

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Durante um tempo, pareceu como se ela fosse recuperar-se. Seu apetite tinha aumentado. Levantava-se da cama durante períodos de tempo cada vez mais longos; Pediu a Montroy que a acompanhasse até o labirinto onde passava horas contemplando as roseiras, e as estátuas do corvo e o lobo.

Ali parecia que se sentia em paz e durante um tempo, Montroy acreditou que ela tinha aceito o fato de que Rayven se foi. Agora, pensava, agora virá para mim e podemos começar nossa vida juntos.

Mas não foi assim.

Sem razão aparente, e repentinamente começou a enfraquecer-se cada vez mais. À medida que passavam os dias cada vez estava mais débil. Sua mãe e suas irmãs vieram a vê-la, traziam-lhe doces que tentassem seu apetite, fazendo quente, sorrindo sem vontades enquanto lhe contavam

notícias sobre a gravidez da Aileen, esperando que o pensar em uma nova vida a tiraria das profundidades de seu desespero.

Mas tudo foi em vão. Ela os olhava com olhos sem vida ao mesmo tempo que assegurava que logo estaria melhor.

Montroy chamou seu médico, mas o homem só negou com a cabeça, afirmando que seu mal não era físico.

Ada chamou o sacerdote, quem primeiro pôs uma mão sobre a cabeça de Rhianna, e depois se afastou prometendo que acenderia uma vela e rogaria pelo bem-estar de sua alma.

— Ela deseja morrer — Ada se levantou do lado da cama de sua filha, olhando fixamente seu pálido rosto.

Montroy assentiu — Temo que tem razão, senhora — Amaldiçoou suavemente, perguntando se quando Rayven a abandonou tinha previsto que isto ocorreria.

— Tudo é por culpa desse monstro — Disse Ada cruelmente — Jogou-lhe uma maldição.

Montroy ia começar a objetar algo. Não acreditava que magia fosse branca ou negra. Mas pensou em todos os rumores que tinha ouvido a respeito de Rayven, os falatórios, as especulações. Alguma vez, riu de tudo isso não lhes fazendo caso. Não havia seres monstruosos espreitando na noite, bebendo o sangue de outros. Mas então olhou o pálido rosto de Rhianna no escuro quarto, com sombras sob seus olhos, suas bochechas afundadas e se perguntou se depois de tudo não poderiam ser certos todos esses rumores.

Sentou-se sobre sua cama, segurando sua mão, enquanto Ada McLeod urgia a sua filha para que tomasse um pouco de chá, sentiu como seu ódio aumentava até transformar-se em algo com vida própria quando viu o vaziou no que uma vez era o brilhante olhar de Rhianna. Ouviu-a sussurrar o nome de Rayven, com voz apenas audível, antes de que caísse desabada sobre os travesseiros.

Reprimindo um soluço, Ada se voltou de costas para a cama. Beve-se materializou entre as sombras. Durante um momento, observou-a chorar e depois, precisando consolá-la, adiantou-se para abraçá-la. Por um instante ficou rígida entre seus braços, mas depois se afundou neles desconsolada. Sentindo-se um pouco envergonhado, acariciou-lhe o cabelo e limpou as lágrimas de seu rosto.

Montroy sentiu um nó em sua garganta quando escutou a Ada McLeod chorando por sua filha.

Levou a mão de Rhianna aos lábios e beijou a palma, temendo no mais profundo em seu

coração, que ela nunca se recuperasse.

— Maldito seja Rayven — Resmungou — Espero que sua alma queime no inferno.

Ele despertou quando o sol se ocultou. Ficando olhando a escuridão da cripta, recordou como tinha saído a procurar sua morte e quando quase já o tinha conseguido, tinha descoberto que queria viver.

Tinha estado gravitando ao bordo da morte sua pele começando a ficar rígida. Próximo à eternidade, havia sentido o novo amanhecer, tinha ouvido a voz de Rhianna, cada vez mais fraca, ecoando em sua mente, rogando que não a abandonasse e tinha sabido que, se morria, ela também o faria. E era uma carga muito pesada para suportar. Tinha estado preparado para acabar com sua vida, mas não podia acabar com a dela, não quando ela mal tinha começado a viver.

Com uma força de vontade que acreditava não possuir, arrastou-se até a cripta na qual agora jazia. A porta estava parcialmente aberta e tinha passado com dificuldade através da estreita fresta. As dobradiças oxidadas tinham chiado ruidosamente, gritando como uma alma atormentada, enquanto arrastava a porta para fechá-la por dentro e depois ao respirar as janelas de nariz se encheram de um mofado aroma de morte, tinha engatinhado até um canto e tinha caído em um sono profundo.

Quantas vezes teria saído o sol desde que se refugiou aqui? Perguntou. Dez? Vinte? Tinha perdido a conta.

Seu estômago rugiu faminto quando viu os pequenos corpos peludos de ratos e ratos que jaziam espalhados no chão da tumba. Seu sangue, repulsivo que pudesse ser, tinham o mantido vivo, isso e sua necessidade em contínuo aumento por ver a Rhianna de novo.

Ela estava morrendo. Podia senti-lo, sua vitalidade perdendo-se junto com sua vontade por viver, e soube que ele era o culpado. Estavam vinculados pelo sangue que compartilhavam. Mas, a diferença dele, ela estava submetida à debilidade da carne.

Salvatore, me ajude...

Fechou seus olhos, e viu a imagem do Vampiro em sua mente. Salvatore. Magro, com cabelo negro penteado para trás, seus olhos cor café escuro cheios da sabedoria que dá a idade.

Rayven sorriu fracamente. Salvatore não se parecia absolutamente a que alguém se espera deve ser um Vampiro. Um homem tranquilo, com um fino bigode e traços distinguidos. Um homem que sabia o que era e o aceitava.

Ser Vampiro não é para os fracos, havia dito Salvatore uma vez. A eternidade pode ser muito

aborrecida se não conserva seu bom humor. Deve se manter ao mesmo passo que o mundo, ou se quedará ancorado no passado. Pode ser um monstro, e beber todo o sangue e tirar a vida de outros, ou não. A escolha depende de você..

Com um esforço, levantou-se, passou uma mão por seu cabelo, segurou sua capa ao redor de seus ombros.

Esta noite, pela primeira vez desde que tinha procurado a morte, caçaria pelas ruas da cidade. E depois voltaria para ela e rogaria seu perdão.

Se não chegava muito tarde.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

As torres do Castelo se elevavam ameaçadoras diante ele, cobertas como sempre com uma espessa capa de névoa cinza. Escuras nuvens se deslizavam no céu, prometendo tormenta antes de que a noite chegasse a seu fim.

Durante um momento, descansou entre as cinzas sombras. Antes tinha caçado pelas ruas do povoado, mas tinha sido em vão. Pela primeira vez em quatrocentos anos, seus poderes tinham falhado. Desesperado por conseguir alimento, nutriu-se de uma cabra fraca e ossuda que tinha encontrado atada atrás de uma das casas de campo.

Muito fraco para usar seus poderes sobrenaturais, tinha ido andando a passo lento pela estrada sinuosa até o topo da montanha de Devil Tree, quando chegou ao topo apenas ficava nada da pouca força obtido ao beber da cabra.

Fechando seus olhos, apoiou a cabeça contra a úmida parede de pedra do castelo. Por um momento, pensou em sair de novo ao campo e matar algumas ovelhas, mas o desejo de ver Rhianna, certificar-se de que ainda vivia, era maior que sua fome.

Afastando-se da parede, subiu as escadas até a porta do castelo. A porta se abriu ao bater.

Entrou no escuro vestíbulo, seus sentidos procurando nos quartos. Bevins estava na cozinha. Rhianna estava acima. Aspirou um profundo fôlego e seu perfume o envolveu com uma sensação confortável e familiar, ao igual a faziam as dobras de sua capa.

E depois ouviu as vozes. De Montroy. De Ada. A voz de um homem que não reconheceu.

Caminhando silenciosamente, subiu as escadas passando pelo corredor tenuemente iluminado até o quarto que Rhianna tinha usado antes de mudar-se a seu quarta da torre.

Parou diante a porta. Sentiu-se decepcionado, ao ver que ela já não dormia em sua cama no quarto da torre, e ao mesmo tempo agradecido de que não tivesse revelado seu lugar de descanso a outros.

— Não vai melhorar — Era a voz de Montroy, cheia de um frio desespero.

— Talvez deveríamos levá-la ao hospital de Londres — A voz da Ada estava enrouquecida pelas lágrimas.

— Não podem fazer mais por ela ali, do que nós estamos fazendo aqui — Disse o desconhecido — Poderia ser perigoso movê-la, especialmente com a tormenta ao cair. Se não estiver melhor pela manhã, sangrarei-a de novo.

Sangrá-la! Resmungando um juramento, Rayven pôs sua mão no pomo e abriu a porta.

As conversa terminaram abruptamente ao entrar na câmara. De uma simples olhada se fez cargo da situação: Ada McLeod de pé a um lado da cama, passava o rosário com gesto preocupado; Montroy e outro homem que Rayven assumiu devia ser o médico estavam aos pés da cama.

Rayven cruzou o quarto, sua atenção enfocada na Rhianna. O fedor a alho, com o que se acreditava afugentava os maus espíritos, alagou as janelas de seu nariz enquanto se aproximava da cama. Acreditava-se que também afugentava os vampiros, mas pensou que nada poderia lhe afastar de seu lado.

Ela jazia como se já estivesse morta, seu rosto tão pálido como o travesseiro em que repousava. Seu cabelo esparsos sobre o travesseiro como se fossem raios de sol. Havia sombras púrpuras sob seus olhos; Suas bochechas estavam afundadas. Um forte aroma de sangue se desprendia de um tigela que havia sobre a mesa ao lado da cama. O sangue de Rhianna, ainda quente. Seu estômago rugiu dolorosamente quando a fome aumentou em seu interior.

— É ele! — Ada exclamou, com voz cheia de repulsa — É quem lhe fez isto.

O médico colocou sua mão sobre o ombro da Ada — Senhora McLeod...

— Bruxo! — Afastou a mão do doutor de seu ombro e fez o sinal da cruz para acautelar o mal — Filho do demônio! Sai fora daqui!.

Muito tarde, Rayven se deu conta de que Montroy ficou atrás dele. Ao tentar virar-se, sentiu um forte golpe sobre sua cabeça quando o visconde golpeou com o atizador da lareira. Grunhiu enquanto caía de joelhos.

Montroy o golpeou de novo com o atizador, atirando-o ao chão e lutando conseguiu imobilizá-lo com a ajuda do doutor.

Sabendo que era inútil, Rayven lutou contra o visconde que o segurava. Com uma feroz careta em seus lábios, amaldiçoou grosseiramente quando sua vista começou a empanar-se, até que não houve mais que escuridão, uma escuridão interminável que o levava a inconsciência.

Despertou em uma profunda escuridão como uma tumba. Durante um momento, não soube onde estava e depois se deu conta de que era seu caixão. O sentimento de alívio foi rapidamente seguido por um profundo medo quando tentou levantar a tampa e não pôde. Empurrou a tampa de novo, com o pânico dando mais força, mas a tampa permaneceu fortemente fechada. Enrugou seu nariz ante o forte aroma de alho.

Bevins! Vêem a mim!

Quanto o sinto, Sua Senhoria, mas não posso.

se explique.

Sabem o que é você. Durante sua enfermidade, Lady Rhianna sofreu uma febre muito alta. Enquanto esteve inconsciente, falou de você, pelo que você é. Tentei lhes dizer que isso era absurdo, delírios de uma mente febril, mas a senhora McLeod acreditou. Quer destruí-lo quando chegar a manhã.

E Montroy?

Rayven amaldiçoou interiormente, recordando como o visconde o tinha golpeado com o atizador da lareira.

Não parece que esteja muito convencido disso.

Rhianna? Me fale de Rhianna.

Não lhe disse nada de sua volta, Sua Senhoria.

Está Montroy, com você?

Sim, Sua Senhoria.

Deve o convencer para que me solte. Diga que Rhianna morrerá sem minha ajuda.

Tentarei-o, Sua Senhoria. Você está bem?

Rayven grunhiu suavemente. *Preciso me alimentar um pouco*, respondeu, pensando que esse era certamente o eufemismo maior de todos os tempos.

Cortou a ligação entre eles, depois fechou os olhos. Suspirou profundamente várias vezes, tentando reprimir o pânico que aumentava em seu interior. Nunca tinham gostado dos lugares escuros e pequenos; Era uma das razões pelas que nunca descansava em seu caixão. O pensar que poderia estar apanhado para sempre dentro dele, enchia-o de terror, mas depois sorriu com arrependimento, se Ada McLeod saía com a sua, então o de sempre acabaria com a chegada de

amanhecer pela manhã.

Seus olhos se abriram de repente quando ouviu o som de passos que se aproximavam enquanto desciam pelas escadas do porão. Montroy! Houve uma pausa diante a porta, e o ranger da madeira contra a pedra quando porta se correu ficando aberta.

— Rayven, pode-me ouvir?

— Ouço-te.

— Então é verdade?.

— O que você acha?

— Acredito que isto explicaria muitas coisas — Disse Dallon concisamente.

— Deve me deixar sair.

— Acredito que não.

— Vamos, Dallon, na verdade não pode acreditar que seja um vampiro — Rayven apertou seus punhos em um esforço ao tentar que sua voz soasse tranqüila — Certamente, se fosse o monstro que acredita, então nada que que você pudesse fazer me deteria.

— Nunca te vi comer — Disse Montroy — Nunca te vi à luz do dia.

— Posso explicar facilmente.

— E isto... ? — Montroy estremeceu enquanto cravou seus olhos na negra e brilhante superfície do caixão, com o corvo a tamanho natural esculpido na madeira. Era sua imaginação, ou eram os olhos do pássaro que o seguiam? — Pode também me explicar facilmente o deste caixão?

— Deve me liberar, Montroy. Rhianna me necessita.

— O doutor diz que está morrendo — A voz do visconde vacilou na última palavra — Que perdeu a vontade de viver.

— Eu posso ajudá-la — Disse Rayven com voz cheia de desespero — Mas deve me deixar sair daqui. Agora.

— Como? — Dallon perguntou — Como pode ajudá-la quando o médico diz que está despejada?

Rayven amaldiçoou a debilidade que tirava seus poderes. Se estivesse o suficientemente forte, facilmente poderia ter dominado a vontade de Montroy à sua. Mas em primeiro lugar se o tivesse estado o suficientemente forte, o homem não o teria derrotado na luta anterior.

— Dallon, deve me soltar antes que seja muito tarde — Antes que o sol se eleve no horizonte. Antes que Ada McLeod venha por minha cabeça — Me escute — Disse — Conservando a calma — Faz anos que me conhece. Falou com Rhianna muitas vezes. queixou-se alguma vez de

mim? Acusou-me que maltratá-la? Disse ou fiz em toda minha vida algo para te fazer pensar que a machucaria ou a qualquer outra pessoa?

— Não — Dallon respondeu lentamente — Ela sempre te elogiou.

— Ela me necessita — Disse Rayven incapaz de ocultar mas a urgência em sua voz — Precisa saber que estou aqui.

Esticou-se quando ouviu Montroy cruzar o quarto, vacilando com cada passo que dava.

— Ninguém mais pode ajudá-la — Disse Rayven — Por favor, rogo-lhe isso. Deve me deixar sair daqui antes de que seja muito tarde.

Conteve o fôlego quando sentiu a mão de Montroy sobre a tampa de seu caixão. Sim, pensou. Faz-o, maldição!

Dallon ficou olhando fixamente o caixão. Era um homem instruído. Não havia lugar em seus pensamentos para nada que não pudesse ser explicado pelos fatos ou pela lógica. Nunca tinha acreditado nos falatórios que corriam pelo povoado sobre vampiros, nunca tinha acreditado nem em fantasmas nem em duendes. Em algumas ocasiões, tinha sentido calafrios ao olhar diretamente os olhos de Rayven, uma sensação de poder controlado, de perigo esperando ser desatado. Mas isso não tinha nada que ver com que Rayven fosse um monstro e tudo com o fato de que o senhor do castelo era um homem rico, poderoso, crédulo e arrogante.

Dallon tomou um fôlego profundo, desejoso de arriscar sua segurança, se com isso havia alguma oportunidade de salvar a vida de Rhianna.

— Quero sua palavra, Rayven, me jure que não a machucará.

— Tem-na.

— Ou qualquer outra coisa.

Rayven vacilou só um momento — Dou minha palavra — Esperou, abrindo e fechando as mãos nervosamente enquanto Montroy tomava uma decisão.

Depois de uns minutos que pareceram horas, ouviu o ruído inconfundível de pesadas correntes arrastando-se e o rangido dos pregos ao arrancá-lo da madeira.

Tinham selado bem seu lugar de descanso, Rayven filosofou. Tinham enrolado o caixão com pesadas correntes, depois tinha pregado a tampa selando-a com pregos de prata, sem dúvida. Ele sorriu torcidamente. Também o tinham orvalhado com água benta?

Rayven entrecerrou os olhos diante o brilhante resplendor de uma vela quando Montroy levantou a tampa.

Dallon praguejou suavemente, cruzando-se frente a Rayven quando este se levantou.

Sentindo-se como se tivesse sido resgatado do mesmo inferno, Rayven saiu do caixão.

Grunhiu quando o aroma de alho encheu seu nariz. Olhando para baixo, viu o chão cheio deles.

Dallon Montroy se afastou, sentindo como a cor abandonava seu rosto quando os profundos olhos negros de Rayven encontraram seu olhar.

— É verdade — Exclamou Montroy, sua mão fechando-se ao redor do martelo — Tudo é verdade.

— Certamente — Conveio Rayven. Olhou a grossa cruz de ouro pendurando ao redor do pescoço do Montroy — Isso não te protegerá.

— Deu-me sua palavra.

— Assim o fiz — Rayven passou sua capa ao redor de seus ombros, depois se aproximou ameaçador de Montroy. Podia ouvir o sangue fluindo nas veias do homem, ouvir os rápidos batimentos de seu coração.

Aspirou profundamente, cheirando o aroma do sangue, despertando sua fome.

Montroy se afastou para trás até que roçou a parede — Deu-me sua palavra — — Repetiu, com seu pulso pulsando grosseiramente enquanto escrutinava os olhos de Rayven. Olhos avermelhados como carvão ardendo com fogos infernais, ardendo em sua mente, consumindo em chamas seus esforços por resistir. Tentou se afastar o olhar, tentou elevar seu braço para golpeá-lo com o martelo. Mas não podia afastar seu olhar nem reunir a força necessária para levantar seu braço.

— Me perdoe — Gemeu Rayven e segurando o braço esquerdo de Montroy, afundou suas presas na suave carne do pulso do visconde.

Montroy indefeso, fechou os olhos, surpreso de mal sentir dor. O martelo se deslizou inadvertidamente de sua mão.

A fome bramou no interior de Rayven, mas reuniu a suficiente força de vontade para dominá-la. Três longos goles, uma quantidade suficiente para apaziguar a fome antes de ir até a Rhianna.

Aspirou profundamente, tranqüilizado ao diminuir sua fome. Depois de lamber a ferida no pulso do visconde, e umas poucas gotas de sangue caído, soltou o braço de Montroy e partiu.

Subindo as escadas do porão de dois em dois, apressou-se até a câmara de Rhianna.

Bevins estava ali, amarrado braços e mãos a uma robusta cadeira de madeira. Recebeu com um sorriso Rayven quando entrou no quarto — Me alegre de vê-lo, Sua Senhoria.

— E eu também a você — Respondeu Rayven de maneira concisa. Com um movimento de pulso, pôs em liberdade Bevins — Desfaz-se de Montroy e depois me traga um copo de vinho.

— Sim, Sua Senhoria.

Elevando a Rhianna em seus braços Rayven abandonou o quarto, subindo velozmente pela escada que dava a torre do leste. Tinha emagrecido muito, pensou. Seu batimento de coração eram lentos, seu pulso desigual.

Entrou no quarto fechando a porta atrás de si, depois depositou cuidadosamente a Rhianna em sua cama. Cobriu-a com os lençóis, seu coração esmigalhado pela dor mental e física que tinha causado.

— Rhianna? Rhianna!.

Ela gemeu suavemente, depois suas pálpebras se levantaram — Rayven?

— Estou aqui, meu amor.

Ela tentou sorrir, mas o esforço foi muito grande — Fique... Por favor...

— Nunca te abandonarei de novo. Juro isso — Sentado sobre a borda da cama, aproximou seu pulso a sua boca e abriu sua veia com os dentes — Toma deve beber isto.

Ela cravou os olhos nele, sem compreender.

Resmungando um juramento, pressionou o pulso sangrando sobre sua boca — Bebe, Rhianna.

Seus olhos se aumentaram quando se deu conta do que ele queria, e depois negou com a cabeça.

— Bebe, Rhianna. É a única maneira.

Sua voz a envolveu, suave como algodão, exigindo sua conformidade. Ela não queria obedecer, mas estava indefesa contra o escuro poder de seus olhos. Quando aproximou seu pulso de seus lábios de novo, tomou várias vezes.

O suficiente para restaurar sua saúde, entretanto ele ansiava lhe dar mais, para passa-la pelo caminho da mortalidade à imortalidade, para conservá-la a seu lado para sempre. Mas no mesmo momento em que cruzou o pensamento por sua mente, soube que o odiaria por isso. E apesar disso... Fechou seus olhos, ao sentir o calor de sua boca em sua carne, a sensação de seu sangue fluindo através dela. Que êxtase seria beber dela até levá-la ao extremo da morte e a fazer depois beber o seu em troca, para assim ser sua para sempre. Com um gemido, afastou seu pulso e passou sua língua sobre a ferida para fechá-la — Agora dorme.

— Não.

— Estarei aqui quando despertar.

— Você... Promete-me?

—Prometo-lhe.

— Me abrace.

Com um gemido estrangulado, rodeou-a com seus braços e a sustentou até que dormiu — Me perdoe sussurrou. Uma só lágrima ensangüentada caiu sobre sua bochecha, e a enxugou, desprezando tudo o que ele era, a dor que tinha causado — Por favor, meu amor, me perdoe.

Quando esteve adormecida, recostou-a de novo sobre a cama e a tampou com sua capa.

Um momento mais tarde, Bevins entrou no quarto levando uma jarra e uma taça. Sem palavras, encheu o copo e o deu a seu senhor.

— Onde está Montroy? — Perguntou Rayven.

— Enviei a sua casa. Mas não quis ir.

— Está bem?.

— Parecia um pouco aturdido.

Rayven assentiu — Falarei com ele mais tarde. Onde está Ada?.

— Foi a sua casa cedo esta tarde — Disse que voltaria amanhã para, ah... . — Bevins passou um dedo por sua garganta —Fechei as portas do castelo, Sua Senhoria. Ninguém o incomodará.

— Bem feito — Rayven bebeu um gole da taça, olhou fixamente o copo, e depois tomou outro gole — O que é? — Perguntou.

Bevins esclareceu sua garganta, perguntando se tinha cometido um grave engano — Um pouco de vinho, Sua Senhoria — Vacilou, enquanto um arrepiou o percorria quando devolveu o olhar a seu senhor — Misturado com uma grande quantidade de sangue.

— De quem?

— Da senhora Rhianna. O doutor me pediu que me desfizesse dele.

Rayven ficou olhando fixamente a taça durante um longo momento e depois, lentamente, quase respeituosamente, bebeu o líquido vermelho e quente. Ele sentiu como sua força e seus poderes retornavam, enquanto seu sangue se dispersava em seu interior, o enchendo de um familiar calor. Mas isso não era suficiente para substituir as semanas de passadas sem alimentar-se.

Seu olhar se concentrou em Bevins, Rayven depositou a taça sobre a bandeja.

— Sua Senhoria?

— Sinto muito.

Com aprovação, Bevins se arregaçou a manga de sua camisa e estendeu seu braço.

Estava sonhando, sonhando com Rayven. Sonhando que ele estava ali a seu lado, sustentando-a perto. Podia sentir seu fôlego sobre sua bochecha, ouvir sua voz murmurando que a amava, mendigando seu perdão.

Com um suspiro, se aconchegou sob as cobertas, esperando que o sonho nunca acabasse.

— Rhianna?.

Sorriu enquanto o som de sua voz a acariciava. Tinha sonhado com ele todas as noites desde que a tinha abandonado, mas nunca como agora. Parecia tão real.

Passou a manta sobre sua cabeça para bloquear a luz, franziu o cenho quando seus dedos tocaram veludo e seda.

Ficou sem fôlego enquanto seus olhos se abriram repentinamente e ficou olhando fixamente seu rosto — Rayven!.

Ele sorriu, seus belos olhos escuros cheios de amor.

— Esta aqui? Estas realmente aqui? — Tentativamente, passou a mão por sua face. Sua pele era fresca e suave sob as pontas de seus dedos — Me diga que não estou sonhando.

— Não esta sonhando, meu doce — Agarrou sua mão e a levou a seus lábios.

— Estava em perigo — Apanhou sua mão entre as suas e a pressionou sobre seu coração — Podia senti-lo, aqui dentro. Queria morrer. Estava morrendo.

— E você decidiu morrer comigo.

Rhianna assentiu — Não quero viver sem você, meu amor.

Ele fechou seus olhos como se estivesse sofrendo profundamente.

— Rayven? O que acontece? O que é que aconteceu?

— Nada, meu doce. Tenho a intenção de me assegurar de que faça tudo o que deseje, tudo o que merece.

— Meu senhor? — O contemplou, perguntando-se por que suas palavras de segurança a tinham deixado repentinamente inquieta.

— Durma, Rhianna.

— Abraçará-me?

Ocultou a dor que o embargava enquanto a atraiu entre seus braços e a segurou até que dormiu, com a certeza de que breve deveria deixá-la partir.

Na última hora antes do amanhecer, Rayven conseguiu chegar por meio de vontade até a fazenda de Montroy.

Um trovão retumbou no céu; a chuva começou a cair com intensidade. Apertou-se mais sua capa a seu redor, desejando estar de retorno a seu quarto, sustentando Rhianna entre seus braços. Mas já teria tempo suficiente, quando tivesse terminado com o assunto que o trazia até ali.

A casa de Montroy estava escura, todas as portas janelas fechadas.

— Não me deixara entrar facilmente — Rayven resmungou. Sorrindo abertamente, foi à parte de trás da casa onde, com um movimento de sua mão, fez saltar o fechamento da porta traseira.

Andando silenciosamente, subiu pelas escadas até o quarto onde dormia Montroy e entrou.

Durante um momento, contemplou Montroy e depois, usando seu poder, falou na mente de Dallon, ordenando que esquecesse tudo o que tinha ocorrido com Rhianna, que esquecesse que Rayven tinha tomado seu sangue, e que alguma vez na vida tivesse acreditado que Rayven era um vampiro.

Recorda só que somos amigos, e que amo a Rhianna, ordenou Rayven. Se alguém te perguntar, viu-me jantar em sua mesa, convidou-me a sua casa, e nos encontramos no clube, e nunca me viu fazer nada diferente que a outros homens.

Sentiu-se momentaneamente arrependido ao assegurar-se de apagar todo o necessário na mente do visconde, mas não havia outra opção. A outra alternativa era destruir o homem, e não podia fazer isso.

Deixou a casa de Montroy tão silenciosamente como tinha chegado. Sua seguinte parada foi na casa de Ada McLeod. Não era tão fácil manipular a mente da Ada. Seu ódio e sua desconfiança levantavam uma barreira que foi difícil de derrubar, mas, ao final, Rayven o conseguiu, apagando de sua memória a enfermidade de sua filha e sua intenção de destruí-lo.

Satisfeito tendo feito o correto, saiu da casa e retornou ao castelo.

Fez uma pausa antes de alcançar o topo da montanha. O castelo se levantava como uma alta fortaleza de pedra cinza escura e madeira envelhecida, a névoa sempre presente gravitava sobre ele como se fosse o fôlego de uma fada, brilhando a luz de lua sobre as torres de cor prata.

Fechou a porta do quarto, despiu-se, e deslizou na cama ao lado de Rhianna. Atraiu-a até seus braços, seu coração transbordando de emoção quando ela murmurou algo ininteligível e depois se aconchegou confidencialmente junto a ele, o calor de seu corpo esquentando seu corpo, afastando o frio da noite.

Ah, Rhianna, pensou enquanto acariciava suavemente seu cabelo. Sabe quanto te amo?

Quanto te necessito?

Gemeu brandamente enquanto ela se aproximava mais a ele. Sua cercania excitou seu desejo, avivou sua fome, a fome maldita, que cada vez surgia com mais força desde que tinha retornado a seu lado. Estava perdendo o controle porque tinha dado seu sangue, ou era que o monstro já controlava sua alma?

Depositou um beijo em sua bochecha e sentiu como suas presas se alargavam. Seria tão fácil tomá-la enquanto dormia e beber e beber, para transformá-la no que ele era. Então seria realmente sua companheira por sempre, para sempre.

Não! Gritou a palavra em sua mente. Não podia, não a condenaria a uma vida de escuridão.

Com grande esforço, aquietou a fome, perguntando-se, como o tinha conseguido e por quanto tempo mais poderia mantê-la sob controle.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Rhianna despertou lentamente, com uma maravilhosa sensação de bem-estar em seu interior quando abriu os olhos e viu Rayven deitado a seu lado. Anteriormente o ver deitado a seu lado, como se estivesse morto a tinha assustado um pouco. Mas nunca mais. Ele não estava morto, só dormindo.

Um sorriso esquentou meigamente seu coração quando acariciou sua bochecha com as pontas de seus dedos, e depois se inclinou e beijou seus lábios. Ele estava aqui, e isso era tudo o que importava.

Olhou-o placidamente durante um momento, sua visão a enchia de uma alegria inimaginável. Separou de sua testa uma negra mecha de cabelo, riscou a linha de suas sobrancelhas, a fraca e pálida cicatriz de sua bochecha.

Ele não se moveu, mas, em seu coração, sabia que se dava conta de seu toque, de sua presença.

— Dorme tranquilo, senho meu marido — Murmurou.

Levantando-se, colocou um robe sobre sua camisola e abandonou o quarto, detendo-se antes de sair da torre para fechar a porta por fora.

Encontrou Bevins abaixo, sentando na mesa de cozinha, sorvendo uma xícara de chá.

— Senhora! — Sobressaltado ao ser tomado por surpresa, Bevins se levantou imediatamente

Tiamat World

— Sinto muito, não me dava conta de que você estava acima. — Preparo-lhe o banho?

— Depois. Por favor, sente-se, Bevins. Importa se te faço companhia?

Bevins franziu o cenho — Não é correto senhora.

— OH. — Com os ombros afundados se virou para partir.

— Senhora, espere! — Bevins aproximou uma cadeira — Por favor, sente-se. Gostaria de tomar uma xícara de chá? Um pão-doce?

— Sim, obrigado — Sorriu enquanto preparava o chá com açúcar e acrescentava leite — Acha Bevins que são realmente necessárias tantas formalidades entre nós?

— Perdoe, senhora?

— Por que não me chama somente Rhianna?

— Temo que isso não seria o correto — Respondeu Bevins, sentando-se frente a ela — Lorde Rayven... — Agarrou sua xícara e ficou olhando seu conteúdo — Temo que não gostaria.

— Talvez poderia me chamar Rhianna quando estivermos sozinhos.

— Não acredito, senhora.

— Esta bem, Tom. Não quero que se sinta incômodo.

Rhianna terminou seu chá e depois se levantou — Se importaria de me preparar o banho?

— Será um prazer, senhora. Quererá tomar o café da manhã depois?

— Sim, obrigado.

Mais tarde, Rhianna pediu a Bevins que a levasse para ver sua mãe.

Ada os recebeu na porta de sua casa — Rhianna, que bem está — Disse. Deu um abraço a Rhianna e sorriu calorosamente ao Bevins — Entrem, entrem.

Rhianna olhou a Bevins e que franziu o cenho desconcertada pelo alegre estado de ânimo de sua mãe.

Ada os levou a sala — Sentem os dois. Posso te trazer algo de beber? Limonada, uma xícara de chá?.

— A limonada estará bem, mama. Onde estão as garotas?

— Foram ao povoado visitar Aileen. Sentirão não ter estado. Sr. Bevins, posso lhe trazer algo de beber ?

— Sim, muito obrigado, senhora McLeod. Limonada também estaria bem.

— Quer que te ajude, mama? — Perguntou Rhianna.

— Não, filha. Somente será um minuto.

Rhianna olhou a Bevins e negou com a cabeça — Acreditei que estaria zangada.

Bevins assentiu. Era óbvio que algo estranho estava acontecendo. E cada vez que ocorriam coisas estranhas, Lorde Rayven sempre estava por trás deles.

Passaram uma hora com Ada, conversando do clima, da gravidez da Lanna e do novo amor de Aileen. Ada perguntou pelo Rayven, expressando seu pesar de que não tivesse podido acompanhar a Rhianna, urgindo-a a que o trouxesse na próxima vez.

— Não entendo — Comentou Rhianna quando Tom e ela partiram para sua casa. — Minha mãe nunca ocultou o fato de que Rayven a desagrada. A você que lhe pareceu tudo isto?.

— Não sei, senhora — Bevins respondeu — Possivelmente Lorde Rayven saiba algo.

— Por que teria que sabê-lo?.

— Talvez deveria lhe perguntar.

— Você esta muito misterioso Tom.

— Sim, senhora.

— O que é que não quer me dizer?

Uma expressão aflita se refletiu em seu rosto — Senhora, por favor.

— OH, esta bem — Resmungo Rhianna e depois o olhou astutamente — Ele disse algo?.

Bevins emitiu um profundo suspiro — Ele tem poderes, senhora.

— Poderes para fazer o que?

— Acredito que talvez Lorde Rayven apagou certas coisas da memória de sua mãe.

Rhianna se tornou para trás com assombrou — Ele pode fazer isso?

Bevins assentiu — Por favor não lhe diga que eu o contei.

— Não o farei. Faz-o muito freqüentemente?

— Não poderia dizê-lo, senhora.

Rhianna se recostou sobre o assento ensimesmada, até sua casa. Colocou um traje de veludo verde escuro para jantar. Era um de seus vestidos favoritos, com um profundo decote em v e mangas bufantes debruadas com fino fio irlandês. A saia era suave e rodadas e oscilava graciosamente a seu redor quando se movia.

Antes de sair de seu quarto, olhou-se ao espelho estudando sua imagem. Diante a expectativa de encontrar-se com ele, seus olhos brilhavam de excitação e suas bochechas estavam suavemente rosadas. Tinha deixado seu cabelo solto porque uma vez Rayven havia dito que o preferia desse modo.

Voltando as costas ao espelho, saiu correndo de seu quarto e subiu pelas escadas da torre. Ele despertaria em um momento, e queria estar ali.

Entrou correndo em seu quarto. Ainda estava dormido. Sentou-se na borda de sua cama e pegou sua mão.

Os batimentos de seu coração se aceleravam à medida que o sol descia e ela sentiu como a força da vida fluía através dele, forte e segura como um rio rugente. Um momento mais tarde, suas pálpebras se abriram.

Rhianna sorriu —Boa noite, meu marido — Disse suavemente, e se inclinou para beijá-lo.

Sua mão passou ao redor de sua nuca, aproximando-a enquanto ele aprofundava seu beijo. Com um suspiro, Rhianna se derreteu contra ele, suas mãos roçaram seu peito nu, deslizando-se lentamente por seu ventre para baixo.

Ele ficou sem fôlego enquanto sua mão o acariciava e imediatamente sem saber exatamente como podia tê-lo feito tão rápido, ela estava nua debaixo dele sentindo o roce das frias cobertas sob suas costas e seu fôlego acariciando sua bochecha.

— Rhianna... Rhianna... — Repetia uma e outra vez seu nome, incapaz de deter-se, incapaz de resistir o desejo de enterrar-se profundamente em seu interior, de fazê-la sua. O aroma de seu sangue o tentava, inflamando sua fome.

Ela gemeu brandamente, suas mãos movendo-se desasosegadamente sobre suas costas e seus ombros enquanto ele se movia em seu interior. Sentiu que seus lábios acariciavam seus seios, e depois a afiada espetada de seus dentes em sua pele.

Experimentou uma quebra de onda de prazer sensual e quando ele não se deteve, e bebeu e bebeu de novo, ela se esfriou de repente com temor.

— Rayven...

— Rhianna, me peça que pare!

Ele a contemplou através de uma névoa vermelha enquanto a fome e o desejo se misturavam como uma só coisa, rugindo em seu interior como se surgissem do mesmo inferno ameaçando arrasando tudo o que encontrasse em seu caminho.

Rhianna se tornou para trás para olhá-lo, indefesa e vulnerável. Olhou seus olhos, negros como a noite, refulgindo sobre os seus e soube nesse momento, que estava olhando à morte frente a frente.

— Rhianna!.

Ouviu o medo em sua voz, a dor subjacente enquanto a fome se enroscava em seu interior, ameaçando consumindo-os a ambos. Temendo por sua própria vida, recuou ao ver a agonia em seu rosto.

— Rhianna... me ajude! — Agora ele respirava pesadamente, aterrorizado por que a fome o vencesse e a destruía.

-Amo você — Murmurou repetidamente as palavras, sabendo que nunca tinham significado tanto. Sabendo ele que nunca tinha necessitado tanto as ouvir e acreditar nelas.

Com um grito rouco, separou-a dele, agarrou sua capa, e saiu do quarto.

— Rayven!.

O som de sua voz o seguiu escada abaixo. Fez uma pausa para passar a capa ao redor de seus ombros, e depois saiu correndo, mais rápido do que os olhos mortais podiam apreciar, escapando da única mulher que tinha amado em toda sua vida, do aroma de seu sangue, da confiança de seus olhos.

— Estúpido! — Gritou ao vento a palavra que o perseguia através da noite — Estúpido!.

Era um idiota ao pensar que poderia tê-la, que podia tomar seu sangue e lhe dar o seu e apesar disso poderia negar o que era. Que idiotice, ao pensar que poderia viver como um mortal, que poderia manter a fome sempre a raia. Não era um homem, não tinha sido um homem desde fazia quase quatrocentos anos. Era um vampiro, e todos os desejos do mundo não poderiam mudar isso.

Agora sabia o que tinha que fazer. Só havia uma forma de manter Rhianna a salvo do monstro. Só uma forma de protegê-la do que ele era. Levantaria-se cedo amanhã de noite. Alimentaria-se bem para que a doçura de Rhianna não o tentar. Apagaria a sua memória, e Depois sairia ao encontro do sol. diante a impossibilidade de viver sem ela, daria a bem-vinda à morte.

Procurou proteção em uma profunda cova ao lado da montanha da árvore do Diabo. Coberto com sua capa, permaneceu olhando ao vazio. Ao entardecer, sairia a procurar Rhianna. Passaria uma última noite em sua companhia, sustentaria-a entre seus braços e depois enquanto ela estivesse dormindo apagaria sua memória. Montroy lhe daria todas as comodidades que o dinheiro podia comprar. Cuidaria-a e a amaria; Com o tempo, daria-lhe um filho. O pensar na Rhianna acariciando Montroy causou uma profunda dor no fundo de seu coração. Mas era a única maneira de assegurar-se de não destruí-la. Já não confiava em si mesmo, não se sentia o suficientemente forte para resistir ao desejo de passá-la ao lado escuro.

Com a chegada do amanhecer, acomodou-se na terra úmida, passou sua capa sobre sua cabeça, e esperou a que a escuridão o envolvesse pela última vez.

— Salvatore? — Pensou na borda do sono — Como sobreviveu durante tanto tempo sem perder a razão?

Despertou uma hora depois de pôr-do-sol e imediatamente soube que não estava sozinho na caverna.

— Nunca teria acreditado que fosse tão dorminhoco.

A voz, despreocupada e familiar, flutuou sobre ele — Salvatore? É você?

Uma suave risada encheu a cova — Rayven, meu amigo, passou muito tempo.

Rayven se levantou e tampou sua nudez com a capa. Agora podia ver o outro vampiro apoiado negligentemente contra a parede da cova, seus braços cruzados sobre seu peito — O que te traz por aqui?.

— Você, é obvio. Que outra coisa me traria até este lúgubre lugar?

— Não te entendo.

— Você me chamou, não é verdade?.

Rayven franziu o cenho e depois assentiu.

— Teria vindo antes, mas.... — Salvatore encolheu os ombros enfaticamente — Estava descansando quando ouvi sua chamada. Sorriu — Você me entende, tomou algum tempo para recuperar minhas forças.

Rayven assentiu. Isso era o que faziam os mais velhos, repousar na terra cada cem anos mais ou menos.

— Então, meu amigo, me diga que é o que tanto te perturba.

Com poucas palavras, Rayven falou de Rhianna a Salvatore, de seu temor por sua segurança, de seu desejo crescente de transformá-la no que ele era, e a segurança de saber que o odiaria se o fazia.

— Para ela já não é seguro estar a meu lado — Olhou a seu amigo com olhos atormentados — E tenho pouca vontade de seguir vivendo sem ela.

— Então tem a intenção de se destruir?

— É a única forma.

— Não — Salvatore respondeu suavement — Há outra — Explique-me isso — Desejas renunciar à escuridão, ser mortal de novo?

Ser mortal outra vez. Era isso possível? Realmente queria sê-lo? Ainda o amaria Rhianna se ele fosse mortal? Ela conhecia a sedução de seu sangue de vampiro, o poder subjacente que envolvia tudo o que fazia e dizia. Seria possível que o quisesse se só fosse um homem?

— Sim, se você verdadeiramente o deseja.

Ele pensou em sua vida sem ela, e logo em como seria compartilhar uma vida inteira com

ela, cada um de seus dias — Como? Como posso fazê-lo?

— É muito perigoso, meu amigo, e freqüentemente fatal.

— É um perigo que estou disposto a correr.

— Na verdade deseja abandonar a imortalidade por essa mulher?

Rayven assentiu — Por favor, Salvatore, me diga o que devo fazer.

— Primeiro eu gostaria de conhecer esta mulher.

— Salvatore...

— Não pode fazer-se agora mesmo, meu amigo. Temos tempo.

Rhianna desceu correndo as escadas para reunir-se com ele. Passou os braços ao redor de seu pescoço, aproximando-o, sem se dar conta da presença do outro homem.

— Onde estava? Onde esteve? estive tão preocupada.

— Estou bem, meu doce — Disse Rayven. Olhou por cima de seu ombro a Salvatore.

— Por favor, sigam, como se não estivesse aqui.

— Desculpe — Disse Rhianna olhando fixamente o homem de pé entre as sombras do portal

— Não tinha visto você.

Salvatore se inclinou respeitosamente — Senhora.

— Rhianna, este é Salvatore. Recorda que te falei dele?.

Ela assentiu, enquanto um repentino arrepiou lhe percorreu a coluna. Salvatore era um vampiro, o havia dito Rayven, um vampiro muito velho e muito poderoso.

Um débil sorriso brincou nos lábios de Salvatore — Incomoda-a que esteja aqui, minha senhora?.

— Não — Era uma mentira, e todos sabiam.

— Vêem comigo, Rhianna — Disse Rayven — Salvatore se nos desculpas, só será um momento.

Rhianna seguiu seu marido escada acima, com mil perguntas em sua mente.

Sentou-se na borda da cama, olhando ao Rayven enquanto ele se vestia — Por que esta aqui?.

— Necessito-o — Vestiu-se rapidamente, depois se ajoelhou a seus pés e a seugro pelas mãos — Rhianna, amaria-me igual se eu fosse mortal?

— O que é o que quer dizer?

— Se eu pudesse ser humano de novo, ainda me amaria, quereria então passar toda a vida comigo?

— É obvio — O olhou franzindo o cenho — Por que não teria que fazê-lo?

— Há um certo poder intangível e inerente nos vampiros. Você não pode se dar conta, mas ali está. A algumas mulheres atrai o poder, mas não o homem em si.

— Rayven, o que é o que esta tentando me dizer?

— Salvatore me explicou que há uma forma de poder voltar a ser mortal de novo.

Ela cravou os olhos nele por um momento, depois passando os braços ao redor de seu pescoço e o abraçou fortemente — Isso seria maravilhoso! Como pode fazê-lo?

— Não sei — Ele segurou seu rosto entre suas mãos e a beijou docemente, sentindo agitar a fome em seu interior diante o aroma da vida — Vamos descobrir.

— Na realidade é surpreendentemente simples — Disse Salvatore — Umas poucas palavras, um derramamento de sangue... — Seus escuros olhos cor café se posaram com aborrecimento em Rayven — A fé é a que o faz possível.

— Parece muito fácil.

— Aqui é onde entra a fé, meu amigo.

— Devemos fazê-lo agora, esta noite — Disse Rayven. Já não podia esperar mais. Não sabia por que a fome o atormentava tão fortemente. Era porque tinha dado seu sangue a Rhianna? Tinha acreditado que, depois de quatrocentos anos podia controlar a fome, mas agora sabia que isso nunca tinha sido certo. A fome sempre seria sua proprietária. Podia detê-la, podia ser saciada, mas nunca seria dominada.

— Deve fazer-se em uma igreja, tão perto do amanhecer como é possível — Disse Salvatore.

Rayven assentiu, embora não pôde evitar pensar que um cemitério seria um lugar mais adequado aonde levar a cabo um ritual para um não morto.

Salvatore colocou sua mão sobre o ombro de Rayven — Devo fazer uns poucos preparativos. Encontraremos na capela uma hora antes da saída do sol. Olhou a Rhianna — Deve vir sozinho.

— Não — Disse Rhianna — Eu também quero estar ali.

— Sinto muito, senhora, mas nenhum mortal pode estar presente.

— Mas...

— Vocês certamente quererão passar juntos estas horas.

— Quer dizer, que poderiam ser as últimas, não é verdade?.

— Cabe essa possibilidade, minha senhora — Salvatore pôs a mão sobre seu ombro, em um gesto de simpatia e afeto, depois olhou a Rayven — Uma hora antes do amanhecer, meu amigo. Não se atrase.

— Ali estarei.

Rhianna esperou até que estiveram a sós, depois agarrou Rayven pela mão — Não faça isto.

— Devo fazê-lo.

— Não. e transforme no que você é. Faz-o agora.

— Não, Rhianna. Você não o deseja, e me odiaria por isso.

— Então sigamos como até agora. Por favor, Rayven, estou muito assustada.

— Não podemos continuar tal como estamos — Disse Rayven com a forte convicção em seu interior — Já não posso continuar controlando minha fome. — Inclusive agora podia senti-la crescendo, elevando-se em seu interior, urgindo a passá-la ao lado escuro, a beber de sua doçura até que se saciou dela. Sentia à besta rugindo profundamente em seu interior, sentia suas garras arranhando por sua liberdade.

— Não permitirei que o faça — Disse Rhianna — Disse que é perigoso.

— Você também estas em perigo, Rhianna.

Ela ficou olhando-o fixamente, seus olhos brilhavam avermelhados com uma luz infernal — Não o entendo. Quem te tem feito isto?

— Isto é o que sou, Rhianna, o que sempre fui. Não posso resistir a isso por muito tempo mais.

— Rayven...

Ele levantou sua mão, roçou com seus lábios a palma. Teria desejado lhe fazer amor, mas não se atrevia a aproveitar esta última oportunidade. A fome sempre despertava com maior intensidade nos momentos de paixão.

— Vá procurar Bevins — Disse, com sua voz rouca — Fica com ele. Ele te cuidará.

— Não. Por favor deixe ficar com você até que chegue a hora.

— Vai, Rhianna. Rogo-lhe isso, se me amar o suficiente, me deixe sozinho.

— Amo-te. Sempre te amarei — Chorou ela.

— Então vai. Por favor, Rhianna.

Odiando-se por sua covardia, assustada pelo que poderia ocorrer se o desafiava, abandonou o quarto.

Salvatore estava esperando dentro da capela. Levava posta uma capa de um profundo azul escuro com um grande capuz. Segurava uma pequena taça de madeira entre em suas mãos.

— Deve confiar em mim para poder fazer isto — Disse Salvatore — Qualquer duvida de sua parte pode ser fatal.

Tiamat World

Rayven assentiu.

— Bebe tudo isto.

— O que é?.

— Uma antiga mistura feita de alho, um pouco de dedalera, um beliscão de musgo, as pétalas secas de uma rosa branca, mil ramas e lavanda e umas gotas de acónito. É suficiente quantidade de vinho tinto para poder fazê-lo saboroso.

— Espera que o beba?

Salvatore assentiu com expressão solene.

Rayven tomou a taça, a cheirou, enrugou seu nariz com desagrado, e bebeu de um gole o conteúdo — Pronto?

— Isto é só o começo. A poção deve desencardir seu sangue. Agora vem a parte mas dura. Tire a camisa, e se deite sobre o altar.

Com o coração pulsando desbocado, Rayven fez o que pedia. O altar, de mármore branco, estava frio debaixo dele. As palavras, frias como uma tumba, revoaram no fundo de sua mente.

Com rapidez, Salvatore acendeu todas as velas da igreja. Um débil resplendor rosado encheu a capela. A luz de lua passava através do cristal sobre o altar, refletindo pontos de luz avermelhada sobre os braços e peito de Rayven. Salvatore se situou ao lado do altar — Esta seguro de que é isto o que deseja fazer?

— Sim. Não, espera um momento! — Rayven se levantou, suas mãos agarrando fortemente a túnica do Salvatore — Antes devo ver Rhianna, devo apagar minha memória de sua mente.

— Se isto tiver êxito, não será necessário. Se não o obtiver, eu mesmo farei que ela não recorde nada de você nem desta noite.

Com aprovação, Rayven se recostou sobre o altar de novo.

Introduzindo a mão entre as dobras de sua capa, Salvatore tirou uma fina adaga. O punho era feito de madeira, o fio de prata maciça brilhava à luz das velas.

Rayven cravou os olhos na adaga — Um sacrifício de sangue, velho amigo?

— Sim. Como se sente?

— Fraco.

— É pelas ervas. Limpam seu sangue.

Rayven cravou os olhos na faca, incapaz de afastar seu olhar da afiada folha pratiada. A prata. Mortal para os vampiros. Um pequeno tremor de ansiedade percorreu a coluna vertebral — Vai me ferir?

— Aqui é onde entra sua fé. Quando chegar o momento oportuno, vou sangrar te até o extremo da morte, e depois vou devolver te à vida, sua vida verdadeira.

Rayven negou com a cabeça. Tentou levantar-se, mas sentia suas extremidades pesadas, inchadas — Não...

— Deve confiar em mim, meu amigo. As ervas são a primeira parte do processo. Neutralizarão o componente vampírico de seu sangue e o permitirão resistir a chegada do amanhecer.

— Mencionou a fé...

— Certamente. Se, no profundo de seu coração, tem verdadeiramente o desejo de deixar de ser imortal, então se levantará com o amanhecer sendo um mortal em todos os aspectos. Se tiver alguma dúvida, o sol te destruirá.

Multidão de perguntas alagaram sua mente, mas carecia da força suficiente para as expressar em voz alta. Seu corpo estava intumescido; Não podia manter os olhos abertos. Seu sangue circulava lentamente, quente e pesado por suas veias.

— Relaxe — A voz de Salvatore parecia chegar de muito longe.

Sentiu uma repentina dor, bem definida em seu pulso esquerdo e soube que Salvatore tinha cortado a veia. Podia sentir o sangue como abandonava seu corpo, podia ouvir os batimentos do seu coração, palpitando rapidamente pelo medo, desacelerando-se à medida que o sangue era reduzido drasticamente de seu corpo.

Rhianna...

Salvatore aproximou uma taça aos lábios de Rayven, forçando-o a beber. Ele soube que era sangue, seu sangue, mas parecia como água fresca e cristalina. Bebeu da taça uma e outra vez, até que um nada sobrou, flutuando em estratos de brancas e brilhantes nuvens. Tinha esperado sentir o fogo do inferno, perder-se na escuridão. A luz queimou seus olhos e chamuscou sua alma.

Isto é como o deve sentir-se ao nascer, pensou. Rhianna...

Rhianna passeava de um lado a outro da sala, seu olhar desviando-se para a porta uma e outra vez. Olhou Bevins, mas ele negou com a cabeça. E então ouviu a voz de Rayven chamando-a por seu nome. O som de sua voz era cada vez mais fraco, até que desapareceu.

Com um grito, saiu do castelo, e correu para a capela.

A luz do sol se refletia no edifício, iluminando-o com tons dourados e avermelhados, lhe dando um aspecto sobrenatural.

Parou abruptamente, o medo fazia que se coração pulsasse rapidamente e sua boca secasse. Deu um passo adiante, e depois outro. A porta estava aberta. A luz do sol se filtrava através dos cristais, refletindo-se sobre o corpo deitado inerte sem mover-se sobre o altar. Raios vermelhos manchavam o mármore branco.

— Rayven... — Seu nome saiu como um murmúrio de sua boca — OH, não...

Não soube como se aproximou, mas de repente estava ali, a seu lado. Seu olhar esquadrinho seu corpo. Havia sangue no altar. Tinha que ser seu sangue, mas não podia ver nenhuma ferida.

Pôs uma tremula mão sobre seu peito. Sua pele estava suave e fresca. Mas não podia detectar nenhuma batimento em seu coração.

— Rayven! Prometeu-me que não me abandonaria. Prometeu-me!

Jogou-se sobre seu peito, as lágrimas ardendo em seus olhos — Você prometeu.

Pôs-se a chorar, as lágrimas caindo sobre seu peito, misturando-se com o sangue do altar — Por favor não me deixe.

— Rhianna...

Sua voz, retumbou em sua mente. Mas era real. Lentamente, levantou sua cabeça, abriu seus olhos — Rayven? Esta vivo!.

— Parecer ser que sim — Ele soube instantaneamente que tinha perdido seus poderes. As cores eram menos brilhantes. Não podia ouvir nada mais além das paredes da capela. Aspirou profundamente, e as janelas de seu nariz se encheram do aroma das velas de cera, do orvalho e do perfume de Rhianna. Nenhum rastro de sangue avivou seus sentidos. As pulsações de seu coração não retumbavam em seus ouvidos.

Levantou-se lentamente. Sentiu-se estranhamente leve, tranquilo. E depois sorriu. A fome se foi. Pela primeira vez em quatrocentos anos, era livre... Livre da escuridão que tinha sido sua constante companheira, livre da fome que tinha o dominado. Olhou a Rhianna. Ela era bela, a visão mas formosa que tinha visto em toda sua vida. Pela primeira vez desde que a tinha encontrado, seu sangue não o tentou.

Rhianna o observava cuidadosamente — Está bem?

— Sou mortal de novo — Respondeu — Parece que não posso te prometer nunca mais a eternidade.

— Nunca quis um para sempre — Disse, a felicidade brilhando em seus olhos — Só o tempo de toda uma vida com o homem que amo.

— E isso terá, minha doce Rhianna — Ele percorreu com o olhar o portal, olhando mais à

frente a brilhante luz dourada. A luz o atraía, tentando-o com seu calor, sua pureza. O mundo que ele queria, estava fora esperando-o além dessa porta. Um mundo que poderia compartilhar com a mulher que amava.

— Rayven...

Rodeou-a com seus braços e beijou as lágrimas de seus olhos — Ah, minha doce Rhianna, Salvatore afirma que foi a poção e minha fé que fez o milagre, mas eu tenho melhor critério. Foi seu amor, que me liberou da escuridão.

A felicidade borbulhava em seu interior e a beijou de novo com alegria, levantando-se pegou a mão de Rhianna e saiu andando à luz do sol de um novo dia, a uma nova vida.

EPÍLOGO

O Castelo de Rayven

Um ano mais tarde

Apareceu à janela, enquanto observava como saía o sol. Era uma visão da qual nunca se cansava, um milagre pelo que nunca se sentiria o suficientemente agradecido.

Durante os primeiros dias depois de ter recuperado sua humanidade, tinha passado longas horas gozando do calor do sol, sentindo sua calidez em seu rosto enquanto passeava pelos jardins, ou se sentava no banco no centro do labirinto, refletindo sobre seu passado, esperando com ansia o futuro.

Observou como o céu se iluminava pela luz do dia, vencendo de noite. O sol, tão brilhante e belo. Seu calor tinha banido as últimas escuridões de sua alma.

Tinha mudado muitas coisas durante o último ano. A irmã de Rhianna, Aileen, tinha dado a luz a gêmeos. Montroy tinha decidido efetuar uma viagem ao redor do mundo. Bevins tinha casado com a mãe de Rhianna e se mudou para sua casa.

Um suave arrulho distraiu Rayven de sua observação do amanhecer. Voltando-se de costas à janela, cruzou o quarto.

— Shh, pequena. Sua mamãe precisa dormir — Sorriu enquanto levantava do berço a sua filha recém-nascida — Como amanheceu, minha bela Alisha? dormiu bem?.

Ela era outro milagre, pensou com seu coração transbordante de amor enquanto estreitava com suavidade o bebe entre seus braços. Ainda não podia acreditar que fosse dele, que depois de quatrocentos anos de escuridão, tivesse podido engendrar uma menina forte e saudável, com o

cabelo loiro e olhos azuis como um céu do verão.

Quantos milagres em sua vida, refletiu. Certamente, sua vida era o maior milagre de todos. Recordou-se deitado sobre o altar, afogando-se na escuridão, ouvindo a voz de Rhianna o chamando de volta da borda da eternidade, o sentir suas lágrimas como se fossem chuva sobre seu corpo.

O milagre de seu amor. Ainda o assombrava que ela pudesse amar o homem que tinha chegado a ser. Não sentia falta da escuridão, mas sim algumas vezes o ter perdido a habilidade de ler os pensamentos de Rhianna, o poder saber o que é que ela estava pensando. Agora era um mistério para ele, como cada mulher era um mistério para o homem que a amava.

Rhianna. Seu amor era para ele o maior milagre de todos.

Com um sorriso, depositou a sua filha adormecida em seu berço, depois agarrou o diário no qual uma vez tinha escrito seus escuros pensamentos. Era hora de escrever uma nova entrada:

A redenção

Os séculos de escuridão
Haviam coberto minha alma como um manto
Tinha esquecido o calor
E a beleza do sol;

Em solidão
Vaguei pela terra
Esperando
Desejando
Sonhando
A redenção;

Indo em busca de um só fim
Mitigar a fome
Só isso
Engolido pela dor
isso Só
Atormentado;

Durante séculos
A noite foi meu dia
O dia foi minha noite
Não havia nada mais
Esse era todo meu mundo;

Tiamat World

Até que chegou você...

Em seu sorriso encontrei esperança

Em seu amor

O perdão

E agora a luz

Que uma vez foi negada

Brilha para sempre

Em seus olhos

FIM

